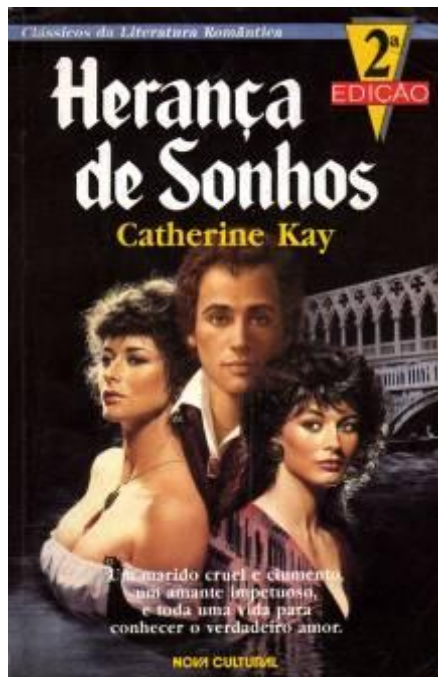


Herança de Sonhos

(Legacy of passion – parte 1)

Catherine Kay



Título original: **Legacy of Passion**

Copyright © by Catherine Kay

Publicado originalmente em 1982 pela Worldwide Romance, Toronto, Canadá.

Tradução: José Batista de Carvalho

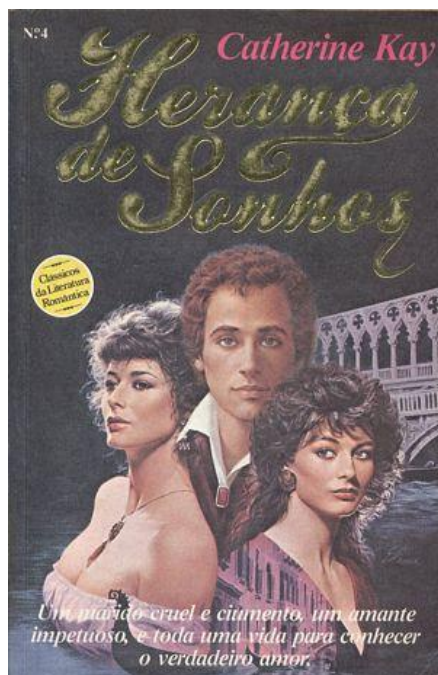
Copyright para a língua portuguesa: 1991
(2ª edição)

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar
CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento no Circulo do Livro S.A.



Clássicos da Literatura Romântica n° 4

Destinos que se cruzam para viver um grande amor.

No campanário da Basílica de São Marcos, soaram os sinos, indicando a meia-noite. Allegra abriu a porta do palácio, desceu depressa as escadas e entrou furtivamente na gôndola que balançava nas sombras do canal. O amor palpitava em seu peito, brilhava em seus olhos, latejava em suas têmporas.

Ah, Byron, Byron... poeta sensível e terno, homem ardente e apaixonado...

Por ele iria esquecer os rígidos princípios morais, trair o marido que odiava, escapar ainda que apenas por instantes da sombria mansão de prata e viver uma noite de sonhos nos braços sedutores do único homem que a poderia fazer feliz.



CATHERINE KAY

A autora e sua obra

Catherine Kay, na verdade, é o pseudônimo literário de duas escritoras: Catherine Dees e Kay Croissant. Muito amigas, elas vivem, por coincidência, na mesma rua de Pasadena, Estado da Califórnia, em casas construídas segundo o estilo espanhol dos anos 20. Juntas, elas viajaram pelo mundo inteiro, tendo inclusive permanecido no Egito durante três meses, para fazer pesquisas para um filme sobre arqueologia.

Kay, viúva de um professor universitário, não tem filhos e vive na companhia do gato Nabi Daniel, que trouxe do Oriente, há muitos anos. Catherine, divorciada, tem duas filhas. Educadas em conceituados colégios da Califórnia, Kay e Cathy desenvolveram um gosto especial pela História, o que fica evidente em seus textos de ficção.

Apesar de terem temperamentos bem diferentes — Kay adora cozinhar, é uma excelente desenhista e pinta razoavelmente, mas é incapaz de pregar um botão; Cathy costura muito bem, mas detesta cozinhar e dificilmente esboçaria o mapa da rua onde mora —, quando se trata de escrever as duas se entendem perfeitamente, e o resultado é sempre excepcional.

A forma como trabalham é bastante organizada. Primeiro, discutem muito bem a história que pretendem contar. Só depois começam a redigir, sempre na biblioteca da casa de Kay. Cada uma se encarrega de um capítulo, mas o entrosamento é tão bom que a trama se mantém consistente e o texto é fluente, tanto nas narrativas quanto nos diálogos, não importa de qual das duas tenha sido a redação. Normalmente, enquanto elas trabalham, fica circulando pela sala o velho gato Nabi. Kay acredita que o trabalho só está bom quando o gato anda por cima das laudas e solta um miado de aprovação. A julgar pela qualidade dos romances que as duas escrevem, isso sempre acontece.

CAPÍTULO I

Veneza, 3 de dezembro de 1817

A imponente figura do conde Barretto di Rienzi produzia sombras nas paredes do quarto iluminado por velas. Por alguns instantes, ele permaneceu de pé ao lado da pesada porta. Em seguida, com passadas vagarosas, caminhou em direção ao leito nupcial. O brasão da família, uma cabeça de leão bordada em prata no peito do roupão de seda, emitia reflexos a cada passo que ele dava. Brilhavam também os detalhes em prata aplicados por toda a roupa.

Deitada na cama, Allegra tremia. Os olhos dela se fixaram nos enfeites prateados da roupa do conde como se estivessem vendo naquele momento os últimos reflexos da vida.

Tudo era prata para o senhor da Ca' d'Argenti, a Casa de Prata. Todos admiram o ouro, que em seu brilho afogueado parece conter o próprio calor do sol, mas ele preferia os reflexos gelados da prata. A expressão no rosto do conde era tão fria quanto a do leão bordado no peito.

Deitada por baixo do cobertor de veludo vermelho, Allegra estava cercada de um luxo desnecessário: a fragrância de lavanda nos lençóis, todos com o monograma prateado, e as pétalas de rosa que alguém havia espalhado pela cama. Aquele era uma noite de núpcias, que para toda mulher costuma ser uma das mais felizes da vida. No entanto, no coração de Allegra havia apenas amargura.

A sombra do conde parou aos pés da cama e os olhos dele pousaram na figura encolhida sob os cobertores.

— *Ebbenne, contessa* — ele falou, com voz rouca. — Agora, você e eu cumprimos o nosso dever para com a casa dos Di Rienzi.

Allegra ergueu os olhos para aquele rosto de traços angulosos, encimado por uma coroa de finos cabelos brancos. As feições eram vigorosas, um vigor que se via também no corpo esbelto e aprumado. Três meses antes, ao conhecê-lo, no escritório do pai, ela o julgara um homem bonito e conservado para a idade. Mais velho que o pai dela, o conde lhe pareceu um homem cortês, um verdadeiro aristocrata. Naquele dia, ele a olhara com interesse enquanto ela servia o vinho nas delicadas taças de cristal. Seria um absurdo imaginar que, tão pouco tempo depois, Barretto di Rienzi seria seu marido. Marido! Talvez aquilo fosse apenas um sonho, um pesadelo. Não podia estar realmente acontecendo.

No entanto, era verdade. O conde estava ali e agora se desfazia do roupão, que jogou sobre o genuflexório, perto da cama.

— Sei que você é virgem, mas não precisa ter medo — ele disse. — Sou um homem experiente e não vou machucá-la.

Num relance, Allegra percorreu com os olhos o corpo nu do conde. Era um corpo envelhecido mas ainda forte, como uma árvore frondosa que houvesse suportado o açoite de muitas tempestades. Quando ele subiu na cama, a jovem fechou os olhos e fez uma prece muda.

As mãos dele começaram a tocá-la nas partes mais íntimas do corpo, fazendo com que todos os músculos se retensassem. Era impossível

corresponder aos beijos lascivos do conde. O dever mandava que ela participasse do ato amoroso, demonstrasse estar sentindo prazer, mas o corpo se recusava a obedecer.

— Percebo que não está querendo me dar prazer, *madonna* — ele disse, com impaciência. — Quero crer que seja por causa do problema da virgindade.

Depois disso, o conde deixou de lado os modos gentis e a delicadeza. Allegra queria chorar de dor, mas se conteve.

Tentando esquecer a dor, ela se lembrou do espaçoso e sombrio quarto de criança da Ca' d'Argenti. O conde a levara lá poucas horas antes, logo depois de saírem os últimos convidados da cerimônia de casamento. Naquele quarto sem vida, as janelas estavam cobertas por pesadas cortinas e, por serem poucos os móveis, os passos deles ecoavam. Num dos lados, perto da lareira, havia um berço de madeira muito velho, posto sobre uma estrutura de prata mal polida. O conde tinha acendido a vela de um castiçal de parede e levado Allegra até perto do berço.

— Precisamos produzir ocupantes para o berço dos Di Rienzi, minha cara. Muitos.

Ao dizer aquilo, ele passou a balançar o berço. Em seguida, pegou na mão dela para que fizesse o mesmo. Devia ser um momento de enternecimento, mas Allegra estava assustada.

Agora, tudo estava consumado. Quando se sentiu livre do peso do conde, a jovem mordeu o lábio inferior e abriu os olhos. Ele a olhava fixamente, aparentemente consternado.

— Pobre criança — disse o conde. — A partir de agora ficará mais fácil. Você tem um corpo saudável e me dará filhos fortes. Não sou ingrato, Allegra, mas você deve se lembrar, acima de tudo, de que pertence à casa dos Di Rienzi. Não tolerarei nenhum jovem *cavaliere servente* circulando à sua volta. Não sou como outros maridos que conheço.

Ele desceu da cama, vestiu o roupão e caminhou até a porta, onde parou para se despedir.

— Boa noite, *contessa*. Durma bem.

Uma vez sozinha, Allegra começou a soluçar e, devagar, passou as mãos pelo corpo, um corpo que já não pertencia apenas a ela. As lágrimas rolaram com abundância quando ela viu no lençol da cama as marcas do próprio sangue.

Lembrava-se da imagem de Santa Clara, na capela do convento de Faenza, onde estivera como estudante interna até a primavera anterior. Muitas vezes dobrara os joelhos no chão duro e frio, perante a santa, rogando a graça de poder se casar com um homem a quem amasse e por quem fosse amada. As outras moças riam daquelas preces.

— Seja realista, Allegra — aconselhava sua amiga Nádia. — Nossos pais saberão encontrar bons maridos para nós. Você deverá ficar feliz se o que o seu pai lhe destinar tiver dinheiro e uma boa casa.

No entanto, ela continuava a orar. Certamente a boa santa saberia entender. Que estupidez! Agora, percebia que todas aquelas preces haviam sido inúteis. De fato, o destino de todos estava sendo traçado

pelas guerras e pelos interesses políticos de Napoleão. Além disso, o pai dela queria desesperadamente salvar a fortuna dos Lamberti, que estavam à beira da ruína.

Allegra afundou o rosto no travesseiro para fugir ao cheiro forte deixado pelo sêmen de Barretto. Queria afastar da mente os acontecimentos daquele dia, mas era impossível. Não conseguia esquecer os rostos curiosos dos venezianos que haviam comparecido ao casamento, na cinzenta capela de Ca' d'Argenti. Todos vestiam roupas de pele e usavam jóias de prata, como se houvessem saído do quadro de algum pintor. A chama dos candeeiros de azeite parecia acentuar a melancolia daquela manhã de dezembro. Era como num sonho em que tudo fosse, ao mesmo tempo, belo e assustador.

As irmãs mais novas de Allegra, Lipia e Gemma, levaram um bom tempo ajudando-a a se vestir. As duas estavam contentíssimas, principalmente porque, com aquele casamento, a saúde financeira da família melhoraria consideravelmente. Que vantagem havia em ser aristocrata sem ter dinheiro? Também seu pai estampava no rosto uma expressão de alívio. Allegra tremeu quando segurou no braço dele, a caminho do altar. Tinha medo de sair correndo daquela igreja antes de dizer as palavras que o salvariam da falência.

"Pobre papai", ela pensara, naquele momento. "Não vou envergonhá-lo perante toda Veneza. Não sou uma covarde."

Ao lado do altar, Barretto a esperava com um leve sorriso nos lábios. Ninguém ali tinha dúvidas sobre o objetivo daquele casamento: o conde Di Rienzi queria uma esposa jovem e saudável, capaz de lhe dar filhos que garantissem a continuidade da família.

Com voz muito baixa, ela foi respondendo às perguntas formuladas pelo padre. Não queria pensar nos comentários que ouvira sobre os infortúnios vividos pelas duas primeiras esposas do conde. Ambas haviam morrido jovens. Uma coisa ela sabia: o desejo daquele homem de ter um filho varão estava se tornando uma obsessão.

Ao sair da capela, segurando no braço do conde, Allegra achou que os convidados a olhavam com pena. Na recepção oferecida no salão de baile, ela olhava a movimentação das pessoas, a expressão radiante do pai e das irmãs, sem entender como aquilo podia estar acontecendo.

De repente, sentiu uma enorme repugnância por estar naquela cama luxuosa. Tinha a desagradável sensação de estar suja, por causa do contato íntimo com o conde, e resolveu tomar um banho. Ao contrair os músculos para se levantar, sentiu uma forte dor no ventre, quase tão grande quanto a da hora em que fora deflorada.

As paredes e o chão de pedra só aumentavam o frio, tornando dolorosa a caminhada até o banheiro. Lá, havia um braseiro que servia para esquentar água, mas estava apagado. A temperatura da que estava no caldeirão pendurado sobre o carvão apagado devia estar próxima da do gelo. Mas Allegra queria sentir-se limpa e encheu com a água uma bacia de prata, que levou para o lado da banheira.

A luz da vela que levava para o banheiro era bem fraca. Mesmo assim, ao despir-se, ela pôde ver pelo corpo as manchas avermelhadas deixadas pelas mãos e pela boca de Barretto. Aquilo aumentou o desejo

de se purificar.

— Posso ajudar, *madonna*? — disse uma voz feminina, vinda da porta.

Allegra voltou-se e deu com os olhos em Gina, a camareira, que sorria para ela. Sem esperar pela resposta, a mulher se dirigiu ao braseiro e, rapidamente, acendeu o fogo. Em seguida, pegou a camisola que Allegra havia jogado ao chão e voltou ao quarto, onde trocou toda a roupa de cama. Pouco mais tarde estava de volta ao banheiro, trazendo uma camisola limpa para a nova patroa. A essa altura a água já estava morna e Gina passou à tarefa de banhar Allegra, como se cuidasse de uma criança.

Allegra não resistiu a nada, aproveitando para observar a camareira. Gina devia ter mais de quarenta e menos de cinquenta anos. Tinha uma beleza serena, realçada pelos cabelos pretos e ondulados. A expressão do rosto era de pureza, a mesma que se vê nas imagens dos santos que passaram por grandes martírios.

Terminado o banho, a camareira tirou de uma arca bizantina uma toalha limpa e enxugou o corpo da patroa. Depois, ajudou-a a se vestir para dormir.

A simpatia mútua que se estabeleceu entre as duas mulheres serviu para acalmar os nervos de Allegra. Minutos mais tarde, já entre os novos lençóis, ela ergueu para a camareira os olhos cheios de gratidão.

— Como posso lhe agradecer, Gina?

— Entre nós duas não há necessidade de agradecimentos, *madonna* — respondeu Gina, com voz muito calma. — Sou uma mulher vivida, minha senhora. Sei que a educação que recebemos nos conventos é muito diferente da que deveríamos ter para enfrentar a vida. Também servi à última *contessa*, que Deus a tenha.

Gina foi até o armário, pegou um pente de prata e passou a pentear os cabelos negros e ondeados de Allegra. Enquanto isso, falava da casa dos Di Rienzi.

— Dizem que o conde Barretto se parece muito com o ancestral mercador que construiu esta casa, duzentos anos atrás.

— Foi o que deu nome à Casa de Prata?

— *Si*. Chamava-se Renaldo e deu origem à linhagem dos Di Rienzi. Dizem também que era um homem muito estranho e que só recebia pagamentos em prata. Quando viajava, fazia-se acompanhar por uma numerosa escolta de guardas, porque, para onde quer que fosse, levava consigo toda a sua prata. Como era muito rico, as pessoas perdoavam essa pequena excentricidade.

— E a última *contessa*... Lúcia? — perguntou Allegra, curiosa. — Ouvi umas histórias...

— Eu poderia florear a história e lhe contar algumas mentiras, senhora, mas não seria correto. Durante anos seguidos, a *contessa* engravidou repetidas vezes, sempre abortando antes do prazo. Finalmente, conseguiu levar até o fim uma gravidez e deu à luz uma *bambina*. O conde ficou furioso porque os abortos eram quase todos de filhos homens, enquanto a menina conseguiu sobreviver. Pegou a filha e entregou aos cuidados de uma ama-de-leite, no campo. A *contessa* pôde

ver a menina apenas duas vezes, uma na hora do parto e outra no batismo. Depois disso, Lúcia começou a definhar, aparentemente sem vontade de continuar vivendo. Já faz mais ou menos um ano que essas coisas aconteceram e... Ah, *contessa!* Eu não devia ficar falando nesse assunto. Lúcia e a senhora são duas pessoas diferentes e só Deus sabe dos seus desígnios. Hoje foi o dia do seu casamento e uma mulher tão linda como a senhora merece toda a felicidade do mundo. Muitos dias felizes ainda estão por vir, *contessa*, cada um melhor do que o outro.

Gina inclinou-se sobre a cama e beijou a face de Allegra, com ternura e reverência.

— Boa noite, senhora. Durma bem.

Allegra ficou sozinha no quarto às escuras, ouvindo o sino que dobravam na Basílica de São Marcos, não muito longe do Grande Canal. Ritmadamente, eles pareciam repetir as palavras que martelavam na cabeça da jovem condessa: "A culpa é de Na-po-le-ão! A culpa é de Na-po-le-ão!"

A mesma coisa dissera o pai dela, alguns meses antes, culpando o imperador francês pelo fato de não poder dar à filha um dote que atraísse um bom marido.

— A culpa é de Napoleão! — esbravejara o velho. — Não fui eu que decretei essas malditas guerras. Os austríacos são pessoas dificílimas para tratar de negócios. Agora, com Napoleão recolhido àquela ilha miserável, os contratos que firmei com os franceses não passam de papéis sem valor. Você está com dezoito anos, minha filha, e precisa entender o que tudo isso significa. Tem de se preparar, juntamente com suas irmãs, para seguir a vocação religiosa. Jamais concordarei com a união da nossa família com um homem de uma classe inferior. Se não puder ter netos que descendam da nobreza, prefiro não tê-los.

Allegra escutara tudo sem dizer nada. Desejava ter tido coragem de dizer ao pai que pensava de maneira completamente diferente, que não dava importância a nada daquilo. Se encontrasse um homem que a amasse e sentisse amor por ele, ficaria plenamente satisfeita. No entanto, permanecera calada.

Os sino continuavam a repicar, trazendo à mente de Allegra os fatos de um passado recente. Algumas semanas antes, o pai a chamara para servir uma personalidade ilustre. Naqueles dias conturbados, Lamberti discutia negócios com pessoas das mais diversas procedências. O conde Di Rienzi, porém, era alguém à parte, um homem que, por seu poder e sua riqueza, pairava acima das crises políticas e financeiras.

— Merece cumprimentos pela sua linda filha, Lamberti — disse o visitante. A seguir, dirigindo-se a ela com a arrogância dos poderosos, perguntou: — O que foi que as freiras ensinaram a você no convento, minha cara?

— Sei falar francês, senhor, e também um pouco de latim e inglês — ela respondeu, abaixando os olhos.

— Allegra também tem uma ótima caligrafia — apressou-se em completar o velho Lamberti.

O visitante sorriu.

— Parece ser uma jovem bem prendada. Só acho que não deviam

enfiar tantos conhecimentos na cabeça dessas meninas. Isso faz com que elas se transformem em mulheres preguiçosas. Acho que sou um homem à antiga, Lamberti.

Ele falava com autoridade e convicção. Allegra estudou-o durante algum tempo e concluiu que preferia o próprio pai. Não se sentiria feliz se fosse filha de Barretto di Rienzi. O conde Lamberti não tinha muitas posses ou poder, mas era um homem sereno. Ela era grata por isso, perdoando as raras ocasiões em que o pai se deixava dominar pela emoção. Lamberti havia sofrido muito ao perder a esposa, ainda jovem, e não soubera o que fazer para educar as três filhas pequenas. Por isso, mandou-as estudar num convento de freiras.

Allegra não pensou mais naquele visitante desagradável até que, tarde da noite, o conde Lamberti foi até seu quarto e informou que havia contratado o casamento. Dentro de três meses, ela se tornaria a condessa Di Rienzi e passaria a morar na Ca' d'Argenti.

— Não tive escolha, Allegra — desculpou-se Lamberti, evitando o olhar atônito da filha. — Além disso, precisava ser prático. Di Rienzi é riquíssimo, tem um nome de tradição e pode oferecer segurança a você. Também fez uma proposta muito generosa para que eu lhe concedesse a sua mão.

Ele continuou falando, tentando convencê-la de que aquele casamento poderia ser agradável, além de conveniente, mas a jovem ouvia apenas o riso das colegas do convento. Elas sempre riam quando Allegra dizia acreditar que se casaria com um homem que amasse.

Barretto não foi um noivo indelicado. Era generoso nos presentes que oferecia à noiva e às futuras cunhadas. Aos catorze e dezesseis anos, as duas garotas já se mostravam ansiosas com a perspectiva do próprio casamento. Como eram muito jovens, viviam cheias de fantasias.

A vida no velho palácio dos Lamberti passou a ser um constante alvoroço e sempre havia alguma visita que ia cumprimentar a futura condessa Di Rienzi. Allegra não se sentia à vontade nos chás de que teve de participar, durante os quais as damas cochichavam os últimos mexericos da cidade. É claro que, saindo dali, aquelas mulheres comentariam a péssima situação financeira do conde Lamberti, que não hesitara em entregar a filha a um pretendente ancião mas rico.

Por tudo isso, Allegra não se sentia segura para confiar em ninguém. A maioria das amigas da escola vivia em Florença, todas naturalmente preocupadas com os planos do próprio casamento. Elletra, uma prima mais velha, morava em Viena com o marido e nem compareceria ao casamento, por estar nos últimos meses de gravidez. Allegra nunca se chegara muito a Lipia e Gemma. Além de muito jovens, suas irmãs eram ingênuas demais. Um exemplo disso era o deslumbramento que demonstravam quando punham roupas novas e tomavam chá na companhia de damas da nobreza. Allegra não as censurava por esse comportamento. Afinal de contas, não muito tempo antes, a única perspectiva das três irmãs era vestir um hábito religioso e passar o resto da vida dentro de um convento.

Allegra queria tirar da cabeça aquilo tudo, mas havia uma lembrança ainda mais amarga que todo o resto: as pérolas. Naquela

manhã, ao entrar na igreja, ela usava no pescoço um duplo colar de pérolas. Era costume em Veneza as moças de boa família receberem da mãe, três dias antes do casamento, uma jóia de presente. Como a mãe de Allegra havia morrido muitos anos antes, a entrega seria pelo pai.

Ela conhecia bem o colar que pertencera à mãe e o admirava. As pérolas eram magníficas, perfeitas, grandes e muito antigas. O colar havia sido levado de Constantinopla para Veneza, no início do século XVIII, por um ancestral mercador que o presenteara à esposa. Desde então, mantivera-se na família, passando de geração a geração. Tanto por isso como pelo fato de ser uma lembrança da mãe, Allegra adorava aquele colar e não pensava nele como um objeto de valor pecuniário. Não, ele estava muito acima disso.

Na noite da entrega, que aconteceu na presença do noivo, o conde Lamberti promoveu uma pequena cerimônia.

— Feche os olhos, minha filha — ele disse, beijando-a no rosto e prendendo-lhe o colar em volta do pescoço. — No dia do casamento, você ficará ainda mais linda com estas pérolas. É claro que não é o colar da sua mãe, mas sim um exemplo a mais da generosidade de Barretto. Assim, você poderá entrar na igreja exibindo o seu presente de núpcias.

Allegra erguera a mão e sentira um arrepio. Bastava tocar aquelas pérolas para perceber que não eram as que haviam pertencido à sua mãe. Num instante, tudo ficou muito claro: a jóia da família havia sido vendida por Lamberti para saldar dívidas. Com um aperto no coração, Allegra permaneceu muda.

— Por timidez, ela não consegue expressar a gratidão que sente, conde Di Rienzi — desculpou-se Lamberti.

Sentado à outra extremidade da mesa, Barretto concedeu um meio sorriso.

— É uma qualidade admirável, mas talvez não seja esse o motivo. Allegra, minha querida, a jóia não lhe agrada? Posso arranjar para que...

Allegra pôs-se de pé e saiu da sala, em silêncio. Tinha medo de começar a chorar ali mesmo, o que tornaria a situação ainda mais constrangedora.

Naquele momento, deitada na cama da Casa de Prata, ela abraçava o travesseiro e sorria com amargura, pensando na inocência de Allegra Lamberti e nas lágrimas que havia derramado antes do casamento. Não culpava o pai ou Barretto pela desdita que estava vivendo. Na verdade, não havia em quem jogar a culpa. Por fim, emocionalmente exausta pelos pensamentos amargos que ficara remoendo, ela se deixou dominar pelo sono.

— Ficaré muito bonita quando a barriga começar a crescer, *contessa*. Estou muito orgulhoso.

Ao ouvir a voz de Barretto, Allegra abriu os olhos e deu com o marido sentado à beira da cama.

— Eu não quis começar o dia sem uma visita à minha linda esposa — ele se explicou, inclinando-se para beijá-la levemente nos lábios, enquanto passava as mãos pelos seios da jovem. — Logo você aprenderá a corresponder às minhas carícias. Esta noite serei um amante cheio de desejos. Espere só para ver.

Allegra já havia despertado por completo quando ele saiu e fechou a porta. Sentia cansaço, tanto no corpo como na mente. O pior era lembrar-se de que aquele dia terminaria numa noite igualzinha à anterior. Allegra estremecia só de pensar naquilo. Tinha ouvido falar que algumas mulheres tomavam doses de conhaque antes de receberem o marido na cama. De outra forma, não suportariam a tortura.

Ela não queria acreditar que o doloroso ato sexual fosse a mesma coisa que os poetas descreviam com tanto lirismo. Como podia a Santa Sé abençoar uma barbaridade como aquela e classificá-la como uma dádiva de Deus? Os amantes famosos deviam saber de algum segredo ao qual ela não tinha acesso. Secretamente, Allegra se prometeu que, um dia, descobriria esse segredo.

Barretto passava os dias fora de casa e, durante esse tempo, ela ficava longas horas preparando o espírito para suportá-lo à noite. Quando chegava à cama da esposa, o conde não perdia tempo com carícias preliminares ou palavras doces. Ordenava que Allegra mantivesse os olhos abertos, como se aquilo pudesse fazer com que o corpo dela sentisse algum desejo de participar do ato.

Ao sentir o contato com a pele do conde, ela mal conseguia esconder a repulsa. Graças a Deus, Barretto não se demorava na cama após o ato, deixando-a logo em paz. Uma vez sozinha, Allegra invariavelmente chorava durante um bom tempo, sentindo-se a mais desgraçada das mulheres.

Ainda criança, ela aprendera a ser obediente. No entanto, jamais a obediência a obrigara a agir de forma tão contrária à vontade. Pelo que se lembrava, não tinha sido uma menina medrosa. Como explicar, então, o verdadeiro pavor que sentia do marido?

"É porque sou uma de suas propriedades", ela mesma se respondeu. "O conde não dá importância ao que eu penso ou sinto."

Pensava em escrever um diário, mas as folhas do lindo volume que ganhara de Gemma, como presente de casamento, continuavam em branco. Não queria que, uma vez descrita no papel, a dolorosa situação que estava vivendo assumisse um caráter de permanência. Além disso, a mão simplesmente se recusava a assinar Allegra Di Rienzi. Era um nome estranho para ela. As palavras escritas por Gemma pareciam até uma anedota de mau gosto:

Que cada dia do casamento de minha adorada irmã seja mais lindo que o anterior.

A embalagem de veludo que envolvia o diário tinha uma ilustração na qual se via um casal dançando num salão de baile, tocando-se com as mãos enluvadas e trocando um olhar apaixonado. O presente havia sido feito por encomenda, mas o artista retratara Barretto bem mais jovem e com os cabelos pretos.

A cada manhã, Allegra despertava desejando constatar que apenas tivera um pesadelo e que continuava a ocupar a mesma cama de solteira no Palácio Lamberti. Sentia-se uma estranha naquela casa, completamente fora do ambiente familiar. Para piorar, era desejo de Barretto que ela assumisse rapidamente as obrigações de dona de casa e, principalmente, se tornasse uma perfeita anfitriã para os numerosos

homens de negócios que ele recebia.

Às vezes, percorrendo o labirinto de salas, corredores e quartos, Allegra inutilmente pensava numa forma de pôr um fim naquele tormento. Até mesmo o seu relacionamento com a criada era constrangedor. Excetuando-se Gina, todos os criados limitavam-se a responder às perguntas que fazia. Além disso, eram quase todos já velhos, o que fazia com que ela se sentisse ainda mais deslocada.

O silêncio da Ca' d'Argenti acentuava a permanente sensação de solidão. Era como se Barretto houvesse dado ordens para que todos se comunicassem apenas por meio de cochichos e, acima de tudo, que não rissem.

Caminhando pelas salas e quartos de teto altíssimo, Allegra pisava de leve para não fazer barulho. Parecia até estar fazendo algo proibido. Certa vez, ao entrar num quarto de hóspedes vazio, ela surpreendeu uma criada que cochilava numa espreguiçadeira. Arregalando os olhos, a mulher se pôs de pé, num salto, parecendo a ponto de entrar em pânico.

— Por favor, *madonna*, eu não fiz por mal — desculpou-se, trêmula.
— Por favor! Suplico que não conte nada ao patrão...

A essa altura, as lágrimas rolavam pelo rosto da pobre mulher, que se mantinha ao lado da espreguiçadeira, esfregando as mãos, mais parecendo um condenado à espera da execução da sentença.

— É claro que não contarei nada — garantiu Allegra, sorrindo, mas espantada com aquela reação. — Só sinto por tê-la assustado.

Em movimentos rápidos, a criada correu para beijar a mão da patroa e escapuliu do quarto. Allegra foi até a porta e viu quando ela desapareceu no fim do comprido corredor. Nesse momento, apareceu numa das portas que davam para o corredor o rosto de um homem que se escondeu logo em seguida. Allegra não se lembrava de tê-lo visto antes na casa e, pela primeira vez, teve a impressão de estar sendo vigiada.

Num primeiro momento, a jovem pensou em pedir a Gina informações sobre aquele homem, mas mudou de idéia. Não queria parecer uma criança assustada.

No final da tarde, Barretto mandou convidá-la para jantar nos aposentos dele. O mensageiro acrescentou que era desejo do conde que ela fosse pontual.

Submissa, Allegra pensou em pôr o melhor vestido de noite, para agradá-lo, mas logo caiu em si. Se ela se fizesse bonita, provavelmente o conde se sentiria encorajado. Ainda sentindo dores pelo corpo em consequência da forma grosseira como ele a procurara na noite anterior, Allegra pôs um folgado e confortável vestido marrom de flanela. Depois, sem nenhuma jóia, se dirigiu aos aposentos do marido.

— Para uma jovem que se casou há apenas uma semana, você mais parece uma matrona... ou melhor, uma freira. Mas não foi para isso que planejei este nosso jantar. Sente-se. Quero lhe dar algumas instruções sobre as suas novas funções na Casa de Prata.

O conde falava com uma expressão enigmática que Allegra não conseguiu interpretar. Será que ele estava zangado? Ou seria aquele meio sorriso o mesmo de sempre? Na penumbra do escritório, que servia também de vestíbulo ao quarto, o rosto dele assumia um aspecto teatral.

Allegra procurou dar a impressão de que não reparava naquilo. Queria parecer uma mulher madura, e não uma juvenzinha facilmente impressionável.

— Jantaremos aqui mesmo e, enquanto isso, eu lhe falarei de algumas importantes regras de conduta — disse o conde, tocando um sininho.

Minutos mais tarde, entrou um camareiro carregando uma enorme bandeja, que pôs sobre a mesa já preparada para o jantar.

— Quero mesmo conhecer todas as regras da casa, senhor — afirmou Allegra, respeitosamente, ante o olhar insistente do marido.

— É mesmo?

Depois que o criado saiu, o conde indicou o lugar que ela deveria ocupar à mesa. Allegra sentou-se e ficou observando enquanto ele servia a comida.

— Coma — ele convidou, ao mesmo tempo que enchia duas taças de vinho.

Allegra levou à boca um pedaço de carne de cordeiro, rezando para que aquela encenação chegasse logo ao fim.

— Talvez eu tenha cometido um erro — disse Barretto, depois de algum tempo. — Parece que o convento não lhe deu uma educação conveniente. Você me parece um tanto... ingênua.

— Ingênua? — repetiu Allegra, baixinho.

O conde tomou um gole de vinho e limpou os lábios no guardanapo.

— Sim. Também acho que não age segundo as normas da nossa classe. Hoje, por exemplo, você surpreendeu uma criada desta casa cometendo uma falha indesculpável e acabou pedindo desculpas a ela. Não posso tolerar um comportamento tão absurdo da minha própria esposa.

As faces de Allegra ficaram muito vermelhas.

— Mas ela estava apenas cochilando, senhor. Isso não é crime...

— Não venha agora defendê-la. A mulher estava fazendo o que não devia, deixando de cumprir com suas obrigações. Meu ponto de vista é o seguinte: a condessa Di Rienzi tem de se comportar sempre como uma *contessa*, e não como uma mulher de cozinha. A compaixão é uma coisa boa, mas tem limites. Deixar-se dominar por uma exagerada piedade só tornará dolorosa a sua existência aqui, pode acreditar. Seus deveres são simples: vestir-se bem, comportar-se com dignidade e obedecer a mim em tudo. Fora isso, é livre para cultivar seus pequenos interesses. Como resultado, terá uma vida razoavelmente feliz.

Ao estabelecer as regras, o conde não queria deixar dúvidas sobre qual considerava ser o papel da mulher.

Ao final da primeira semana como esposa de Barretto, Allegra não pensava em outra coisa que não fosse escapar. Por mais que quisesse tentar, seria impossível para ela seguir o modelo que o marido havia traçado. Chegava a sentir saudade dos anos que passara interna no convento, mesmo tendo sido um período que pouco diferia de um cativeiro. Pelo menos, era um lugar sagrado. Bem que podia se tornar freira...

Ao pensar naquela hipótese, surgiram na mente de Allegra os rostos

pálidos e tristes das religiosas com quem convivera durante alguns anos. Não, vestir o hábito apenas para escapar não podia trazer felicidade. Em vez disso, ela devia falar com o pai, o único em condições de ajudá-la. Só que Barretto não podia saber de nada.

Uma vez decidida, mandou um mensageiro ao Palácio Lamberti com um convite ao pai para que fosse tomar chá na Casa de Prata, naquela tarde. Desde o casamento, ninguém ainda havia sido convidado pelos Di Rienzi. Ironicamente, isso se destinava a preservar a privacidade dos recém-casados. O mensageiro voltou com a resposta de que o conde Lamberti atenderia ao chamado e se sentia honrado em ser o primeiro convidado da nova *contessa*.

O dia estava cinzento, batido por uma chuva fina e constante. Aliás, desde o dia do casamento que não parava de chover.

"A noiva da chuva será a esposa das lágrimas", costumava dizer Odile, a velha babá francesa de Allegra.

Depois do que estava acontecendo, seria difícil esquecer aquelas palavras.

Allegra achou que deveria parecer ao pai o menos frívola e o mais convincente possível. Por isso, resolveu pôr um vestido azul-escuro bem simples. Depois foi até a capela do palácio e ficou lá durante um longo tempo, orando com devoção, procurando pôr os pensamentos em ordem e tentando reunir coragem.

Quando se dirigia à sala de visitas, ela parou ao meio da escada e, mais uma vez, reparou na perfeita simetria dos degraus de mármore. Um pouco adiante, o corrimão fazia uma graciosa curva, acompanhando os degraus. Lá embaixo, na sala de visitas ricamente decorada, as paredes eram guarnecidas por lindos candelabros venezianos de vidro. No vestíbulo, decorado com móveis de igual riqueza, o piso de mármore era coberto por tapetes orientais.

Antes de se casar, quando ia à Ca' d'Argenti na companhia do pai, ela ficava admirando a beleza e a opulência de tudo o que havia ali. Mas, desde que fora morar ali, experimentava apenas um sentimento de vazio e exaustão.

Quem era ela, afinal, aquela nova Allegra? Por que esperava tão ansiosamente a chegada de uma figura familiar? Se não se sentia parte daquela casa, a que outro lugar pertenceria? Será que haveria um lugar a que pudesse chamar de lar?

Como Lamberti estava demorando, Allegra imaginou que Barretto poderia ter sabido do convite, mas logo se tranqüilizou. Mesmo que isso houvesse acontecido, ela não estava fazendo nada condenável e o conde não ousaria impedir a entrada do próprio sogro no palácio.

Por trás do lugar onde ela estava havia uma galeria de retratos, pintados em cores sombrias, mostrando os condes Di Rienzi e suas *contessas*. Allegra não se voltou para olhar outra vez os retratos, mas pensou nas conclusões que já tirara da expressão daqueles rostos. Já fazia muito tempo que a Ca' d'Argenti não proporcionava uma vida feliz aos seus habitantes.

Na galeria havia um retrato de Lúcia. Era uma figura frágil e triste, quase a sombra de uma mulher, usando um pesado vestido preto e

prateado e um colar de pérolas no pescoço. O quadro era impressionante e Allegra evitava olhar para ele. Na verdade, era desagradável olhar o rosto de qualquer um daqueles Di Rienzi.

Algum tempo mais tarde, um criado de libre foi anunciar a chegada do conde Lamberti. Allegra pôs-se de pé. Seu pai entrou e, tirando o chapéu e o sobretudo, abriu um sorriso.

— Ah, aí está você, Allegra!

— Vamos para os meus aposentos, papai — ela convidou. — É lá que vamos tomar chá.

Lamberti aproximou-se e abraçou-a demoradamente.

— Você me parece muito bem, minha filha. Está corada. Pelo visto, o casamento lhe fez bem.

Quando passaram em frente à galeria de retratos, Lamberti parou, admirado.

— Sua mãe ficaria feliz se soubesse que você entrou para uma família tão importante.

Allegra segurou no braço do pai e fez com que ele seguisse o caminho.

Diferentemente de todo o resto da casa, a sala onde eles tomariam chá, situada ao lado do quarto de Allegra, ao qual se ligava por uma porta que sempre ficava aberta durante o dia, era um lugar alegre. Havia cortinas amarelas nas janelas altas e os móveis eram- informais, sem prejuízo do conforto. A pobre Lúcia havia mandado decorar o lugar para os períodos em que esperava a chegada de um filho.

Meia hora antes, Gina havia acendido o fogo da lareira e o ambiente estava agradavelmente aquecido. Enquanto tomavam chá, Allegra e o conde Lamberti falaram de assuntos triviais. Previsivelmente, porém, logo ele passou a falar de política e negócios, como se fossem as coisas mais interessantes do mundo. Estava exultante com os resultados dos investimentos que fizera no florescente e lucrativo mercado de cereais.

— Em poucas semanas, tive um lucro de dezoito mil, imagine só! E tudo graças a Barretto, que é um gênio dos investimentos. No próximo mês, irei a Viena para conversar com os banqueiros com quem ele mantém negócios. Agora, só precisamos tomar cuidado com a imprudência dos que querem a derrubada do governo austríaco. Se isso acontecer, todos nós poderemos nos arruinar. Não sei como podem...

— Papai — chamou Allegra, com voz doce, mas procurando transmitir no olhar a situação desesperada que estava vivendo. — Quero voltar para casa, papai. Não estou agüentando mais...

Devagar, ele pôs sobre a mesa a xícara que segurava e olhou para a filha.

— Será que ouvi bem o que você está dizendo, Allegra?

— Não posso continuar aqui, nem mais uma noite. Ele não me ama. O que quer é um corpo de mulher para produzir um filho.

O conde Lamberti apoiou as duas mãos nas coxas e abriu a boca, incrédulo.

— É isso o que você espera do casamento... amor? Foi isso o que aquelas freiras meteram na sua cabeça? Pessoas da nossa classe fazem alianças, acordos, e no caso em questão, graças a Deus, conseguimos nos

sair muito bem. Não sei em que situação estaríamos se Barretto di Rienzi não houvesse, generosamente, pedido a sua mão.

— Ele me comprou — interpretou Allegra, a ponto de perder o controle. — O que o senhor está dizendo só confirma isso, papai.

— Não seja dramática, menina. Tudo o que quero é a sua felicidade, pode crer, mas você é jovem demais para saber o que é ser feliz. Estou certo de que Barretto não é um homem sem sentimentos. Você deve estar nervosa, esgotada devido aos preparativos do casamento.

— Papai, eu não posso suportar...

Lamberti estendeu a mão e segurou o braço da filha.

— Procure entender, Allegra. Pelo que sei, essa reação é muito comum em mulheres inexperientes. Você só precisa deixar passar algum tempo.

Allegra não mais conteve as lágrimas.

— Não, papai. Eu não quero... passar mais uma noite aqui.

— Pois eu não concordo — proclamou o pai dela, com impaciência. — Acho que não estou pedindo muito ao recomendar que seja um pouco realista. Você não é a primeira mulher nem será a última a ver ruírem seus sonhos tolos de criança. As venezianas sempre foram mulheres fortes, e você é uma veneziana de verdade. Enfrente a situação como uma dama, sem esquecer que tudo poderia ser bem pior. E, pelo amor de Deus, dê um filho homem a Barretto! Tenha uma porção de filhos, Allegra, e se sentirá feliz. Mais tarde, haverá tempo de sobra para romance. Seu marido não é mais um jovenzinho e... Você sabe o que estou querendo dizer. Daqui a alguns anos, não tenho dúvidas de que você rirá do drama que está fazendo agora.

Como se houvesse encerrado o discurso, Lamberti se pôs de pé e caminhou até a porta. Durante algum tempo, ficou segurando a maçaneta de prata, com um ar de quem pedia desculpas.

— Acredite que a situação não é fácil para nenhum de nós, minha filha. Precisamos ter boa vontade para resolvê-la.

Allegra desviou os olhos do pai e esperou até não ouvir mais o som dos passos dele. O silêncio era completo, a não ser pelo crepitar do fogo. Devagar, ela caminhou até bem perto da lareira e ficou olhando as labaredas douradas. O som produzido pelo fogo lembrava as risadas das moças do convento de Santa Clara.

Ao fazer a associação, Allegra sorriu com amargura. Bem, tudo aquilo só provava que suas colegas estavam com a razão. De fato, durante a adolescência ela fizera uma idéia do mundo completamente equivocada. As freiras também tinham razão em seus ensinamentos, porque, segundo elas, a vida não era mais que um período de sofrimentos, cuja finalidade era temperar a alma para a felicidade que viria após a morte. Convencida disso, Allegra chegou a sentir inveja de Lúcia, que fizera por merecer uma enorme felicidade no céu.

Quando Gina bateu de leve na porta, o dia já escurecia e havia na lareira apenas um monte de cinzas e carvão apagado. Com resignação, Allegra enxugou as lágrimas que ainda escorriam. Se um dia ela se deixara embalar por um sonho, dali para a frente seria necessário escondê-lo em algum canto do coração. Só assim conseguiria enfrentar a

realidade.

Enquanto Gina fechava as cortinas, Allegra foi para o quarto, sentou-se à escrivaninha e abriu o diário em branco que ganhara da irmã. Depois, tirou da gaveta uma pena de prata, molhou no tinteiro e escreveu na primeira linha da primeira página:

Allegra di Rienzi.

CAPÍTULO II

Março de 1818

Sentado à cabeceira da comprida mesa, Barretto ergueu a taça de vinho num brinde silencioso a Allegra. Ao ver o brilho daqueles olhos e o sorriso que deformava o rosto do marido, a jovem sentiu náuseas. Mesmo assim, era forçada a admitir que, na juventude, o conde devia ter sido um homem bonito. Momentos antes, ela havia comunicado, num tom formal:

— *Signore*, tenho razões para acreditar que estou grávida de quase dois meses.

Ao ouvir aquilo, a permanente expressão de arrogância do senhor da Ca' d'Argenti cedeu lugar a um ar de quase ternura.

— Isso me deixa mais do que contente, esposa querida.

Allegra tentou retribuir o sorriso dele e baixou o olhar. Mesmo assim, percebeu que Barretto se erguia e caminhava em direção a ela. Presa de um inexplicável medo, Allegra começou a sentir a cabeça tonta. Ao ser abraçada pelo marido, perdeu por completo o controle e desmaiou.

Quando despertou, minutos mais tarde, sentia nas narinas o cheiro forte do conteúdo de um frasco que Gina segurava. Enquanto isso, Barretto andava de um lado para o outro, preocupado.

O anúncio da gravidez teve um efeito altamente positivo, já que Allegra deixou de ser incomodada à noite. Barretto não queria fazer nada que pudesse provocar um aborto. Devia ter fresca na memória a lembrança das sucessivas vezes em que Lúcia engravidara para, pouco mais tarde, perder a criança, quase sempre um menino. Por isso, ele agora concedia à esposa o favor de não a procurar à noite.

Mas não foi só isso. O conde providenciou também para que Allegra tivesse a melhor assistência médica possível. Com esse propósito, contratou os serviços do dr. Aglietti, um homem de meia-idade e olhar simpático, cuja estatura avantajada transmitia segurança. Ginecologista e obstetra de fama, Aglietti, por mais de vinte anos, vinha prestando assistência às mulheres das melhores famílias de Veneza. Mesmo assim, o desconfiado Barretto não permitia que a mulher ficasse sozinha com o médico.

Durante os primeiros seis meses da gravidez, os enjoos e as cólicas eram constantes. Sem apetite, Allegra tornou-se uma pessoa apática e de aparência doentia. Sentia-se cansada até quando pegava na pena para registrar no diário os acontecimentos do dia. Preocupado, o médico administrava as mais variadas drogas e plantas medicinais, mas nada parecia ajudar. O dr. Aglietti achou melhor falar com Barretto, sugerindo mudanças no tratamento.

— Ela precisa mudar de ares, talvez passar uns tempos em alguma das suas fazendas. Em casos assim, normalmente as mulheres reagem positivamente a uma mudança, mas tem de ser uma mudança completa.

O conde ainda pensou um pouco, mas resolveu não aprovar a idéia.

— Não, isso não vai ser possível. A *contessa* é jovem e forte. Não é dessas mulheres que têm mania de doença. Além disso, a vida dela está aqui, na Casa de Prata. Basta que se estabeleça uma rotina de tratamento

e a criança nascerá bem. Sei disso porque já vi situações parecidas. Quero supervisionar tudo pessoalmente e isso não será possível se Allegra for para longe.

— Espero que permita ao menos alguns passeios, meu caro conde — insistiu o médico. — A condessa precisa espairar, preparando-se para o parto. A meu ver, a doença dela está relacionada com o sistema nervoso... talvez melancolia. Passeios regulares lhe fariam muito bem.

Allegra, que presenciava o diálogo, ficou até contente ao ouvir a concordância vaga do marido:

— Pode ser...

Encerrada a discussão, ela se retirou para o quarto. Como vinha fazendo com regularidade fazia algum tempo, sentou-se à escrivaninha e abriu o diário para escrever um pouco. O registro dos acontecimentos do dia 7 de maio não foi menos amargo que o dos demais:

Tenho tomado um remédio preparado por Gina, chamado Teriaga. É um líquido escuro e amargo que me dá alívio durante algumas horas do dia. O resto do tempo, sofro como se houvesse cometido os piores pecados. Mas que pecados? Tenho sonhado apenas em me libertar de Barretto. É claro que o bom Deus não irá me punir por isso.

No final de maio, numa de suas constantes visitas, o conde Lamberti chegou com uma novidade:

— Sabe quem está na cidade, minha filha? Elletra! Ela acaba de chegar de Viena. Veio procurar escola para a filha mais velha.

Mulher jovial e vibrante, dessas que procuram tirar o máximo da vida, Elletra Clodio, prima mais velha de Allegra, morava em Viena com o marido, Umberto. Só de pensar nela, Allegra abriu um sorriso de contentamento, o que não fazia havia muito tempo. Umberto era o encarregado da missão comercial de Veneza junto ao império austríaco e mantinha excelentes relações com a nobreza vienense.

— Ela me pediu para lhe dizer que não pretende visitar uma inválida recolhida ao leito — continuou o conde Lamberti, igualmente alegre. — Você deverá ir até lá. Elletra me confidenciou também que tem um baú cheio de mexericos para lhe contar. Por isso, e também para matar a saudade, quer que você vá hoje ao Palácio Clodio, passar o resto do dia com ela. Quando Elletra apareceu ainda há pouco, com aquele jeito de quem sempre decide tudo, não tive como dizer não. Aquela mulher mais parece um furacão.

Allegra ergueu-se da cama e pediu a Gina que a ajudasse a se vestir. Estava contente com a novidade, parecendo até mais corada.

— Traga-me um pouco de Teriaga e o meu vestido de cambraia, aquele com babados verdes. Não quero que Elletra me veja deste jeito.

Gina abriu um largo sorriso, feliz com a nova disposição que viu na patroa. Depois de entregar a Allegra um espelho de mão, para que ajeitasse os cabelos, ela saiu com a disposição de atender aos outros pedidos.

O conde Lamberti também estava satisfeito. Já de saída, parou à porta do quarto.

— A gôndola virá buscá-la daqui a uma hora. Eu disse a Barretto que passar o dia com sua prima seria um ótimo remédio e garanti que você estaria em boas mãos. Acho prudente voltar antes de escurecer.

Se tivesse forças, Allegra teria pulado no pescoço do pai para demonstrar o quanto estava contente e agradecida. De qualquer forma, não tinha a intenção de provocar a ira de Barretto estendendo a visita a Elletra além de uma hora conveniente.

O Palácio Clodio ficava no Campo Morocini, não muito longe da Casa de Prata. Allegra havia pensado que nada poderia livrá-la da monotonia dos aposentos que ocupava desde que se casara. Recebia, então, o convite de Elletra como um novo sopro de vida.

Constantemente cheia de uma alegria genuína, a prima dela sempre encontrava formas de entreter os amigos. Quando voltava das freqüentes viagens, promovia concorridas recepções. Certa vez, recebeu em casa todo o corpo de baile do Balé de Viena. Resolvera ir a Veneza depois de muitos meses de ausência.

Tomando de um só gole a dose de Teriaga, Allegra fez uma careta e deixou que Gina a vestisse e penteasse. Aquele vestido de cambraia de linho lhe dava uma aparência ainda mais jovem. Estava incrivelmente magra, a não ser pela barriga que se desenhava abaixo dos seios.

A gôndola esperava junto aos degraus que iam da porta até o nível da água. Ao sair de casa, Allegra semicerrou os olhos. Soprava um vento forte e a claridade era intensa. Tanto para acompanhá-la como para visitar uma amiga que trabalhava no Palácio Clodio, Gina ia com ela.

Com habilidade, o gondoleiro fez o barco deslizar pelo Grande Canal. As fachadas dos palácios se refletiam na água, que formava ondas à passagem da embarcação. Era um espetáculo de rara beleza. Luzes e sombras se alternavam, realçando a imponência das construções de pedra. Aqui e ali viam-se nichos com imagens de santos enfeitados por flores frescas. Leões de pedra guardavam a entrada de algumas casas.

— Eu já havia me esquecido de como Veneza é bonita — comentou Allegra, segurando no braço de Gina. — Os prisioneiros devem sentir a mesma coisa quando deixam as suas celas, não acha?

Como resposta, Gina apenas sorriu. A jovem condessa fechou os olhos e respirou fundo, como se quisesse eternizar aquele momento precioso.

— Tudo fica mais bonito quando existe a perspectiva de que aconteça alguma coisa — filosofou Gina, rindo. — Há muito tempo que a senhora está vivendo num mundo muito pequeno. Seu campo de visão se limitava ao que se podia ver da sua janela. Agora, pode ser que haja uma mudança...

O Palácio Clodio ficava no final de um canal secundário, com seu estandarte preto e branco tremulando ao vento. Elletra Clodio estava de pé à porta, esperando a chegada da gôndola. Era uma mulher alta e esbelta, de cabelos ondeados e muito pretos, que brilhavam à luz do dia. Mal o barco atracou, ela desceu correndo os degraus para receber a prima, com um sorriso estampado no rosto.

— Eu sabia que, se conseguisse atraí-la para cá, o nosso encontro seria bem mais divertido — disse a dona da casa, apertando Allegra num

forte abraço. — Aquela sua Casa de Prata é muito... silenciosa, sombria. Se quer saber, não é o lugar indicado para uma jovem. Uma pessoa precisa ao menos ter liberdade para respirar. Mas vamos falar de coisas mais alegres. Ora, ora! Você está mesmo uma graça com essa barriga, Allegra, apesar de um pouquinho... magra demais. Bem, vamos subir. Mande abrir o salão do andar de cima, que é bem mais ventilado que o resto da casa.

Encadeando um assunto a outro sem a menor dificuldade, Elletra se dirigiu a Gina e indicou os aposentos dos criados, onde a camareira de Allegra poderia ficar à vontade e almoçar com a amiga.

— Mas você está muito mudada, Allegra — continuou a dona da casa, no mesmo tom de antes. — Acho que não a reconheceria se a encontrasse num lugar público. Parece que... cresceu. Não, não, você sabe o que estou querendo dizer. Acho que precisa mesmo é de uma boa comida. A propósito, trouxe de Viena o meu maravilhoso cozinheiro.

Elletra falava o tempo todo, enquanto conduziu a prima ao ventilado salão onde as duas passariam o resto do dia. Tendo apenas que dar respostas curtas, Allegra se sentia feliz. A conversa alegre e fluente de Elletra era como um bálsamo para o péssimo estado de nervos em que ela se encontrava nos últimos tempos.

Pela forma como se esforçava para agradá-la, Elletra devia estar sabendo que a prima enfrentava um casamento desastroso.

Quando as duas entraram no espaçoso salão, Allegra foi levada até uma confortável poltrona e ajeitou nas costas a almofada oferecida pela prima.

— Como você soube que tenho estado doente? — ela perguntou, curiosa. — Além do médico e do meu... marido, só falo no assunto com Gina.

— Foi ela mesma quem me pôs a par de tudo. Admiro a coragem dessa mulher, Allegra. Ela é amiga da minha governanta e, discretamente, fez com que chegasse às minhas mãos uma carta. Escreveu apenas o suficiente para que eu percebesse o quanto você gostaria de poder passar um dia fora daquela casa abafada. A carta me chegou em Viena. Bem... Como eu tinha mesmo que vir para cá, logo que cheguei fui procurar o seu pai.

Allegra estava tão surpresa que nem sabia o que dizer. Carinhosamente, Elletra segurou-lhe as mãos.

— O seu marido se comporta como um bárbaro, não é verdade? Você sabia que muita gente boa deixou de ir ao seu casamento porque não podia aprovar um absurdo como esse?

— Eu não sabia...

— Você me conhece e sabe que sempre falo o que penso. Logo que soube do seu noivado, escrevi ao seu pai dizendo o que achava disso tudo. Infelizmente, parece que os problemas financeiros não o deixavam ver mais nada. Todos os dias eu rezava por você. Na igreja vizinha à minha casa, em Viena, não havia mais lugar para as velas que acendia pedindo a Deus que não deixasse acontecer essa desgraça à minha prima. Nem seu pai nem... nem Deus quiseram me ouvir. Bem, mas o que importa é que você está aqui, na minha frente, e não medirei esforços

para fazê-la *contente*. Que tal passar uma temporada comigo, na Áustria, logo depois que nascer a criança? Há homens lá que a fariam sentir-se como uma deusa grega, pode crer. Precisa soltar as asas, Allegra. Aquele seu marido a trata como uma prisioneira. Você mais parece um passarinho assustado, com medo de ir ver o que há na árvore mais próxima.

— Eu não poderia ir para Viena com você, Elletra — descartou Allegra. — Conhece Barretto e sabe que ele jamais permitiria.

— Se Barretto não deixa, então não peça a permissão dele. Apenas vá. Nem sei como seria tudo se muitas mulheres que eu conheço, pelo menos as que sabem viver, esperassem a permissão dos maridos para fazer o que acham mais conveniente. Bem, vamos almoçar enquanto conversamos.

A um chamado dela, uma porta lateral se abriu e entraram duas criadas carregando bandejas. A porta permaneceu aberta e entraram também quatro cachorrinhos de raça, que, no alvoroço, quase provocaram um acidente. Rindo muito, Elletra brincou com os bichinhos durante algum tempo, antes de ordenar que os levassem dali.

— Agora é a sua vez de me contar as novidades — ela falou, depois que as duas ficaram outra vez a sós. — Parece que já se passaram séculos desde que estive em Veneza pela última vez. Fale-me de Byron. Ouvi dizer que ele transformou parte do velho Palácio Mocenigo numa coleção de animais e mulheres. Finalmente, um homem!

— Só o conheço de nome. Acho que...

— E que poeta, meu Deus! Não é de admirar que baste ele estalar os dedos para que as mulheres cheguem correndo. Eu o conheci há dois anos, em Milão. É uma criatura fascinante... Até o defeito físico que tem parece fazê-lo mais romântico. Você deve ter escutado alguma coisa sobre ele, Allegra. Estou certa de que o nome de Byron é pronunciado em todos os salões.

— Faz muito tempo que só frequento os salões da Ca' d'Argenti, Elletra, e assim mesmo desertos. Infelizmente, não posso lhe dar nenhuma informação.

— Não sabe o que está perdendo, minha pobre prima — falou Elletra, indo até uma estante e pegando um pequeno volume. — Este é um dos livros de Byron. Pode levá-lo para ler em casa. Depois, conte-me o que achou do nosso escandaloso lorde inglês. Quanto a mim, não conheço quem escreva de forma mais romântica.

Em seguida, as duas se sentaram à mesa e saborearam a entrada, composta de pratos leves de peixe. Enquanto isso, Elletra contava casos interessantes para divertir a prima. A condessa Clodio tinha uma simpatia irresistível, o que a fazia bonita, apesar do nariz grande e do rosto comprido. Allegra ria muito dos mexericos que estava ouvindo e até se esqueceu de que o médico a proibira de comer pratos muito condimentados.

Depois do almoço, Elletra ficou séria, deixando claro que o assunto Barretto seria outra vez abordado.

— O que você ouviu falar do passado do seu marido? — ela quis saber, logo se explicando: — Tenho uma boa razão para fazer essa

pergunta.

— Apenas coisas sem importância. Sei que o conde já foi casado duas outras vezes e que se casou comigo com a intenção de ter um filho homem. Sei também que é um homem ciumento e que talvez agisse com violência se eu desse motivos para suspeitas.

Allegra sentiu um arrepio, apesar de o tempo estar quente. Sentiu também enjôo, o que achou natural por estar grávida. Por sorte, havia se lembrado de levar um frasco com Teriaga. Infelizmente, não havia remédio capaz de fazer Elletra parar de falar em Barretto.

— Seu marido nem sempre foi assim. Quando era mais jovem e se casou com a primeira *condessa*... Eu esqueci o nome... Foi a que antecedeu Lúcia. Bem, não importa. O fato é que ele estava apaixonado pela beleza e vivacidade da mulher. E ela era realmente linda. Os dois firmaram um contrato de casamento que permitia à condessa sair quando bem entendesse. Não era uma coisa fora do comum, mas Barretto sempre foi muito ciumento. Como não podia fazer nada, atado que estava pelos termos do contrato, procurou conter-se, mas internamente consumia-se pelo ciúme. Por essa época, era um homem belo e cheio de vida. Apesar disso, não conseguia conquistar o afeto da esposa. Para se consolar, arranjou uma série de amantes. Ao mesmo tempo, queria que a mulher se mantivesse fiel, pelo menos até o nascimento de um filho. A condessa, porém, ria dos esforços dele. Um dia, grávida de alguns meses, saiu para cavalgar no campo na companhia de um dos amantes e, durante o passeio, caiu do cavalo. Em consequência da queda, perdeu o filho, que era um menino, e, a partir de então, recusou-se a receber Barretto na cama. O conde encheu-se de raiva, mas não teve como fazê-la mudar de idéia.

Elletra parou apenas o suficiente para respirar, continuando em seguida:

— Pouco tempo mais tarde, a condessa adoeceu, foi definhando e acabou morrendo. Suspeita-se de que tenha sido envenenada aos poucos. Como Barretto di Rienzi sempre foi um homem muito poderoso, nenhuma investigação foi levada avante. Além disso, logo em seguida ocorreu a invasão de Napoleão e só se falava em política. O conde soube tirar partido da situação, multiplicando várias vezes sua fortuna. Pouco mais tarde, contraiu novas núpcias, com uma jovem bela, doce e gentil.

— Conheço a história de Lúcia — disse Allegra, querendo evitar mais uma longa narrativa de maus-tratos.

— Mas sabe sobre Placídia? — perguntou a prima dela, séria. — Hoje, provavelmente ela está morta. Já se passaram alguns anos e uma mulher como aquela não resistiria tanto tempo. Placídia era bem conhecida em Veneza e todos sabiam o que havia entre ela e Barretto. Enquanto Lúcia passava por mais uma gravidez mal-sucedida, o conde se divertia com ela. Premiando a fidelidade da amante, ele a enchia de jóias e ricos presentes.

Elletra parou para tomar um gole de vinho e continuou:

— Certo dia, porém, Placídia deixou de comparecer a um encontro com o conde porque, às escondidas, estava na cama com outro homem. Barretto ficou sabendo e você pode imaginar a reação que teve. A

vingança que preparou foi terrível. Primeiro, convidou a amante a ir com ele a Pádua, a pretexto de se divertirem durante alguns dias. Lá, fez com que ela bebesse bastante vinho e levou-a para a cama. Depois que se satisfez, abriu a porta para que entrassem seus amigos bêbados, que se revezaram na cama da pobre mulher, sob os olhares debochados dos demais, inclusive do conde. Pelo que se contou na época, fizeram coisas horrorosas. Circulou até uma versão segundo a qual quinze homens haviam satisfeito seus instintos com Placídia, naquela noite, mas duvido que Barretto levasse tão longe seu desejo de vingança. De qualquer forma, Placídia ficou arrasada, inclusive fisicamente, e foi embora de Veneza. Na mesma noite, o outro amante dela foi castrado por um grupo de homens mascarados.

Terminado o relato, as duas ficaram se olhando em silêncio, durante um longo minuto.

— Achei que você precisava saber com que tipo de homem se casou — explicou-se Elletra, finalmente. — A meu ver não deve se sentir obrigada a permanecer com ele, nem mesmo em obediência aos sagrados laços do matrimônio. Barretto é um desequilibrado mental. A menos que você seja uma outra Lúcia, o que acho que não é, não vejo por que sofrer passivamente nas mãos dele.

Durante algum tempo, Allegra ficou com os olhos vagando, pensativa.

— Já tenho sofrido muito, Elletra — ela se lamentou. — Mesmo assim, não posso deixá-lo. Como ainda não resolvi o que fazer, apenas vou deixando os dias passarem. Depois que nascer o bebê, pensarei numa solução. Meu pai ficaria arrasado se eu fizesse alguma coisa condenável. Tenho também de pensar nas minhas irmãs, que dependem muito de mim para arranjarem um bom casamento. Existe ainda Barretto, que saberia se vingar caso eu o deixasse. Quanto a isso não tenho ilusões. Pelo menos, enquanto estou grávida ele não tem ido à minha cama. De qualquer forma, prima, gostaria que você continuasse me orientando... e acendendo velas por mim.

As duas conversaram durante mais algum tempo, até que Allegra resolveu se despedir. Ainda não havia chegado a hora marcada, mas ela continuava a sentir enjôos.

— Na próxima vez, iremos tomar chá no Florian e brincaremos com os pombos na Basílica de São Marcos — programou Elletra, abraçando-a com ternura. — Com um pouco de sorte, talvez vejamos Byron. E não esqueça, minha pequena e querida Allegra, estarei à disposição para o que você precisar. Ainda ficarei em Veneza uma semana, antes de voltar para Viena.

Enquanto ajudava a patroa a subir na gôndola, Gina olhou para a condessa Clodio como se perguntasse alguma coisa. Em resposta, Elletra apenas deu de ombros.

No final da tarde, de volta à solidão do quarto, Allegra examinou a palidez da própria figura no espelho de cristal. Resolveu que não voltaria a se encontrar com a prima em Veneza, para não se ver entre dois fogos. Elletra e Barretto eram forças dominadoras e antagônicas, e ela não saberia o que fazer colocando-se entre os dois. Talvez um dia...

Durante os meses de verão, Barretto passava a maior parte do tempo visitando as fazendas que possuía perto de Verona, onde cultivava vinhedos. Enquanto ele estava fora, a casa ficava a cargo de um administrador, Zeno Bartolo. Era o mesmo que, escondido pelos cantos da casa, vigiava os passos de Allegra.

Uma noite, quando já se preparava para dormir, ela pediu a Gina maiores informações sobre Bartolo.

— Ah, aquele... — resmungou a camareira, dando uma escovada tão vigorosa nos cabelos de Allegra que chegou a arrancar alguns fios. — Oh, desculpe, senhora! É que fico aborrecida só de pensar nele. Zeno é os olhos e os ouvidos do patrão. Quando o conde voltar, ficará sabendo de tudo o que fizeram os criados, principalmente o que possa ser reprovado. Saberá também de todos os passos da senhora. Zeno é novo por aqui e se esforça para impressionar o patrão.

Allegra lembrou-se dos olhos do homem, brilhantes e frios.

— Bem, certamente ele não terá o que dizer de mim. Sou uma prisioneira deste palácio e da minha gravidez.

Os meses de julho e agosto foram os piores, tanto por causa do calor intenso como porque o tempo parecia não passar. Allegra até gostava dos dias em que o conde retornava. Pelo menos, alguma coisa de novo acontecia, sacudindo o marasmo do palácio. Nessas ocasiões, o pai e as irmãs dela costumavam visitá-los e Barretto fazia as honras da casa. Sorria com indulgência enquanto Gemma e Lipia tomavam chá e falavam de moda ou do último escândalo da cidade.

As duas garotas queriam dar ao conde a impressão de que eram sofisticadas, o que deixava Allegra irritada. Barretto, porém, aparentemente gostava do jeito das cunhadas. Um dia, na presença delas, chegou a aconselhar Allegra a comprar roupas novas, mais de acordo com a moda. Allegra riu da sugestão. Roupas novas para quê, se estava proibida de sair ou freqüentar a sociedade?

— Eu bem que gostaria de comprar uma dúzia de vestidos novos — cochichou Gemma. — Assim, poderia pedir a alguém que me apresentasse ao charmoso lorde Byron.

— Não sei o que ele poderia ver numa garota tola como você — cortou Allegra, perdendo a paciência com os modos afetados da irmã.

Com a chegada do outono, os enjôos e as cólicas diminuíram consideravelmente, poupando Allegra de uma boa dose de sofrimento. Por essa época, as visitas do conde Lamberti a Barretto se tornaram mais constantes. Os dois homens sentavam-se para discutir os negócios, enquanto tomavam vinho. Pelo jeito, as dificuldades do pai de Allegra estavam definitivamente superadas. Sempre que se despedia, ele parecia pedir que ela reparasse nisso, aceitasse a realidade e pensasse no que havia de positivo.

Uma visita bem recebida foi a de tia Adriana, uma parenta da família Di Rienzi. Viúva de um tio de Barretto, a velhota tinha um jeito calmo e espontâneo de falar que agradava Allegra. Adriana di Rienzi tinha um excelente trânsito na sociedade de Veneza, bem relacionada que era entre as pessoas de mais idade. Sentindo-se muito só na *villa* em que vivia, perto de Mestre, ela se convidou para passar uma semana na Ca'

d'Argenti.

— Dê um filho homem a Barretto, Allegra — aconselhava Adriana. — Depois disso, poderá levar a vida que quiser em Veneza. Você me parece muito... trancada, minha filha. Bem, depois da criança, cuidarei para que você seja apresentada a uma porção de pessoas interessantes. Lamentavelmente, Barretto é um ignorante quanto a essas coisas.

Allegra recebeu a oferta com um sorriso que não era de recusa nem de aceitação. Adriana era uma pessoa doce, cheia de lembranças da antiga Veneza. Em tudo o que relatava, arranjava um jeito de pôr uma aura de romance. Contar a ela como de fato era a vida da condessa Di Rienzi chegaria a ser uma crueldade.

Começaram a se tornar mais freqüentes às vezes em que Allegra preenchia as páginas do diário. Às vezes, recorria a ele para relatar um pontapé da criança na barriga, ou algum momento desagradável com Barretto. Com o passar do tempo, ela adquiriu o hábito de escrever todos os dias. Era como se estivesse conversando com outra pessoa, uma amiga que escutava, observava e entendia, alguém a quem podia falar de tudo.

Diariamente, comparecia à capela do palácio um prelado que oficiava a missa e ouvia confissões. No entanto, Allegra não se sentia confiante para se abrir com ele, mesmo sabendo que o que dissesse estaria resguardado pelo segredo do confessionário. Afinal, o homem era pago por Barretto. Por isso, era no diário que ela derramava as frustrações. O registro de um daqueles dias foi particularmente amargo:

Por que minha vida tem de ser assim? Será que não existe nada além desta casa, da criança que trago no ventre? Afinal, sou uma condessa, tenho uma porção de jóias... Bem que gostaria de ser uma mulher do povo, dessas que vendem peixe no mercado. Pelo menos teria um marido escolhido pela minha própria vontade, por amor, e com ele teria os filhos que desejasse. Não amo o filho que vou dar à luz porque ele foi gerado sem amor. Também não posso passar o resto da minha vida produzindo filhos para o conde Di Rienzi.

Depois de reler o que havia escrito, Allegra achou que deveria destruir o diário. Pensando melhor, guardou-o com cuidado na gaveta da escrivaninha. Um dia, talvez, aqueles relatos pudessem ser lidos por alguém dotado de compreensão.

Ao final de setembro, de forma inesperada, Allegra ficou conhecendo um dos mais próximos assessores de Barretto. Entrando na espaçosa biblioteca do palácio, ela deu com um homem que, sentado a uma mesa e com um livro aberto a sua frente, fazia anotações num caderno. Ao vê-la, de pronto o desconhecido se pôs de pé.

— Saudações, condessa — ele falou, com voz grave. — Permita que me apresente. Sou Luciano Antonino, assistente do seu marido. Como ele não está precisando de mim agora, aproveitei para estudar um pouco.

Luciano devia estar na faixa dos trinta anos. Tinha uma elegância bem cuidada, mas a voz demonstrava algo de rude. Quando ele sorriu, mostrando os dentes brancos e perfeitos, Allegra sentiu um arrepio. Estava diante de um homem muito atraente.

Com a postura digna que sempre mantinha quando estava na presença de algum empregado do marido, ela girou o corpo e se dirigiu a uma das estantes.

— Posso ajudá-la em alguma coisa, *madonna*? — ofereceu-se Luciano, no tom de voz que os homens costumam empregar quando se dirigem a mulheres bonitas.

— Continue seu trabalho. Estou apenas procurando um livro para ler à noite.

Luciano sentou-se, mas logo voltou a falar:

— Deve ser difícil para uma mulher suportar os nove meses de gravidez.

Allegra confirmou com um gesto de cabeça, sem se voltar. Luciano sentiu-se encorajado a continuar falando:

— Sei que o conde viaja com frequência, mas, quando eu estiver aqui, gostaria de conversar um pouco com a senhora.

Dessa vez, Allegra se voltou para ele, segurando o livro que havia tirado da prateleira. Não sabia o que dizer daquele oferecimento. O assistente de Barretto percebeu que tinha ido um pouco além dos limites, mas não pareceu constrangido.

— Perdoe a impertinência, *contessa*, mas é uma mulher encantadora... Bem, certamente a senhora gostaria de conhecer os pontos de vista de um homem jovem.

Allegra percebeu um significado muito amplo naquelas palavras e achou melhor se afastar.

— Bom dia, *signore* Antonino — ela se despediu, dirigindo-se à porta.

Luciano se levantou também e os dois chegaram juntos à porta. Num gesto rápido, ele segurou a mão dela e levou-a aos lábios. Na verdade, não foi bem um beijo, porque Allegra sentiu na pele o calor da língua do rapaz. Depois, como se houvesse feito a coisa mais natural do mundo, ele aprumou o corpo e abriu a porta para que ela saísse.

— A senhora é bem mais bonita que Verônica Bardolini. O conde Di Rienzi é um homem de sorte...

De volta ao quarto, Allegra censurou-se por ter se mostrado fraca. De qualquer forma, precisava evitar ficar a sós com aquele homem. A forte masculinidade de Luciano Antonino a deixara desconcertada.

Mais tarde, Gina foi servir chá.

— Luciano disse que se encontrou com a senhora na biblioteca — falou a camareira.

— É verdade — confirmou Allegra, procurando falar com naturalidade. — Foi por acaso. Ele disse que é assistente de Barretto. Conheço muito pouco os assessores do meu marido.

Depois de servir o chá, Gina abriu a porta que dava para a varanda.

— Luciano disse que a senhora é a mulher mais bonita que ele já viu em Veneza. Acho que está falando a verdade, mas, quanto ao mais, seria prudente não confiar muito nele.

— Não gostei desse Luciano — declarou Allegra, com firmeza. — Parece que exagera nos cumprimentos. Não quero voltar a vê-lo.

— Ele desrespeitou a senhora?

— Não exatamente, mas é convencido demais. Não tanto pelo que diz, mas pela forma de agir.

Pela expressão do rosto, Gina pensava o mesmo.

— Luciano trabalha para seu marido há cerca de dois anos. Como a senhora deve ter percebido, é um homem mulherengo. Vem das classes baixas de Roma e, pelo próprio esforço, conseguiu uma razoável aceitação na sociedade. Faz bem em querer ficar longe dele, condessa. Luciano é do tipo que faz uma crueldade com um sorriso nos lábios.

Allegra pôs a xícara de volta na bandeja.

— Prefiro não ter nenhum contato com esse homem. Por favor, avise-me quando ele estiver aqui, para que eu não tenha outra vez o desprazer de encontrá-lo. Quem é... Verônica Bardolini?

Ao ouvir a pergunta, Gina quase deixou cair o prato de bolo que estava servindo.

— Ele lhe falou nela... Luciano?

— Sim. Falou nela e, logo em seguida, disse que o meu marido é um homem de sorte.

— *Dio mio!* — exclamou a camareira, demorando algum tempo para continuar. — Bem, *madonna...* é melhor mesmo que ouça de mim o que deve saber sobre Verônica Bardolini. Ela tem sido... amante do conde nos últimos três anos. É uma mulher vigorosa, dona de um bonito corpo. Vem de família pobre, gente que vive à margem da sociedade. O seu marido a mantém numa pequena casa, aqui mesmo em Veneza. Não tiveram filhos, mas dizem que Verônica tem um enorme apetite sexual e é por isso que o conde lhe dá valor. São muitos os homens que mantêm mulheres além da esposa. Não deve ficar perturbada por isso, senhora.

Allegra olhou para cima, com um sorriso de ironia.

— Isso não me perturba, Gina. Acho que essa mulher merece pena.

Uma expressão de dor tomou conta do rosto da camareira. Ela sentia pena, sim, mas da patroa.

— Oh, *cara mia...* Não deve pensar que todos os homens querem apenas usar as mulheres. Há também os que amam com sinceridade. A senhora é jovem e já teve de enfrentar a parte mais difícil da condição feminina, mas deve lembrar-se de que a vida é muito mais que isso. O seu marido não é um homem jovem...

Aquelas palavras eram uma repetição do que já dissera o pai de Allegra.

— Não vai demorar muito para eu ser uma mulher livre. Não é isso o que você está querendo dizer?

O rosto de Gina se contorceu numa careta.

— Quero que seja feliz, *madonna*, mas acho que a felicidade deve ser aguardada com paciência.

Os olhos de Allegra se encheram de lágrimas. Pelo menos, era bom ter naquela serva uma amiga a quem podia fazer confidências.

— Quando era mais jovem, eu fui uma tola. Rezava a Santa Clara para que me ajudasse a encontrar um homem com quem pudesse partilhar um amor verdadeiro... Na certa, Gina, a doce santa quis que eu conhecesse a vida como ela é. Não podia mesmo tornar realidade um sonho impossível.

Naquela noite, como estava sem sono, Allegra pegou o livro de poemas de Byron que Elletra havia lhe emprestado. Ficou desapontada ao constatar que estava escrito em inglês, e não em italiano. O pequeno volume de capa verde tinha o título de *O Corsário*. Talvez não fosse difícil ela entender aqueles versos com o inglês que havia aprendido no convento. Para se testar, abriu na primeira página e foi traduzindo, em voz alta:

*Sobre as águas alegres do mar azul,
nossos pensamentos vagueiam, a alma em liberdade
levados pela brisa. A espuma das ondas
guarda o nosso império e contempla o nosso lar.*

Mesmo sem entender muito bem o significado daquelas palavras, Allegra percebia a força do ritmo, a energia...

*Como os animais selvagens, que descansam
após a caça, encontrando alegria em cada mudança...*

Allegra estava fascinada. O poeta falava de desafio e aventura. Depois de algum tempo, desistindo de encontrar o significado preciso para as construções poéticas, ela fechou o livro. No movimento, escapou uma folha de papel na qual havia um poema da autoria de Byron, copiado com a letra de Elletra. Allegra leu o título: *Ela Transporta Beleza*, curiosa para descobrir o que teria levado sua prima a copiar aqueles versos. Tentando imaginar aquelas palavras pronunciadas por uma grave e bela voz masculina, a jovem condessa sentiu um tremor pelo corpo e, excitada, leu a primeira estrofe:

Ela transporta beleza, como uma noite de céu limpo e muitas estrelas; e o que há de melhor nessa beleza está em suas faces e em seus olhos. É com ternura semelhante a essa doce luz que os céus alegam o dia.

Repondo a folha de papel entre as páginas do livro, Allegra ficou imaginando aquelas palavras na boca de um namorado apaixonado. Depois, caiu em si e achou que Elletra não devia ter recomendado a leitura daquele livro. Não havia dúvida de que Byron era um gênio, e também um tanto louco. No entanto, a poesia dele provocava uma emoção perigosa, algo que ela não se achava preparada para experimentar.

As semanas foram se sucedendo até que, finalmente, chegou o dia em que ela deu à luz a criança gerada por Barretto. O trabalho de parto foi demorado e difícil. Felizmente, Gina foi uma presença constante, não só cuidando de tudo como animando-a o tempo todo.

Allegra resistiu o quanto pôde a ser transportada para a cama de Renaldo, o fundador da linhagem dos Di Rienzi. A voz cortante de Barretto, porém, abafava o protesto dela. Todos os filhos de um conde Di Rienzi, menos os ilegítimos, é claro, teriam de vir ao mundo na cama do

ancestral. Allegra fechava os olhos e apertava os lábios, achando aquela imposição uma monstruosidade. Mesmo assim, não esperava compreensão por parte do marido.

— Aquela cama é horrível e eu a detesto — ela protestava, com a coragem proporcionada pela dor.

Barretto sorria com indulgência.

— Não vou obrigá-la a dormir na cama que foi de Renaldo, mas é lá que a criança terá de nascer — ele disse, dirigindo-se depois aos criados com voz de comando. — Podem levá-la agora.

Durante várias horas, Allegra teve de sentir, juntamente com as dores do parto, o pavor provocado pelas horríveis figuras esculpidas em prata na cabeceira da cama. Finalmente, ouviu o choro de uma criança, mas, vencida pelo cansaço, entrou numa espécie de torpor. Além do simples esgotamento físico, estava anestesiada pelas inúmeras substâncias que ingerira para vencer a dor.

"O certo seria eu ver a criança", ela pensou, vagamente. "Será que é um menino?"

Minutos mais tarde, a condessa abriu os olhos e deu com Gina, de pé ao lado da cama. Com um enorme sorriso, a camareira carregava nos braços o recém-nascido, já vestido com roupas muito brancas. Ao lado dela, Barretto era todo satisfação, porque, finalmente, tinha um filho homem.

Allegra estendeu os braços e recebeu o filho. Havia esperado muito por aquele momento, mas a emoção que sentia era bem menor do que havia imaginado. Não saía de sua cabeça a lembrança de que aquela criança havia sido gerada sem amor. Minutos mais tarde, o recém-nascido foi levado por uma enfermeira. Allegra não protestou.

Barretto, que observava tudo, aproximou-se da cama.

— Cumpru muito bem o seu papel, *madonna* — ele falou, num tom respeitoso e agradecido. — Meu filho é uma criança sadia, perfeita em todos os sentidos. Estou muito grato.

Dizendo isso, ele entregou à esposa um estojo coberto de veludo. Apesar do aspecto de coisa velha, Allegra achou que já conhecia aquela caixa e não demorou para confirmar a suspeita. Dentro do estojo estavam as pérolas que haviam pertencido a sua mãe.

Allegra moveu a cabeça e fixou os olhos no rosto sorridente do marido.

— Mas como... Estas pérolas... foram vendidas pelo meu pai.

Ao ouvir aquilo, o conde pareceu ainda mais satisfeito.

— Percebi que você sentia muito a perda da jóia. Por isso, mandei que meus agentes descobrissem onde ela estava. Recuperei-a pouco depois do nosso casamento, mas preferi deixar para entregá-la a você quando nascesse o menino. Receba como uma prova da minha gratidão. Agora durma, minha querida. Bem que merece um repouso.

Barretto inclinou o corpo e beijou-a na testa, saindo em seguida. Gina pegou das mãos dela o estojo das pérolas e chamou o criado que esperava aos pés da cama. Com cuidado e respeito, o homem tomou a condessa nos braços e levou-a de volta aos próprios aposentos. Minutos mais tarde, ela estava outra vez na sua cama. Relaxando o corpo para

não sentir mais dor, Allegra dormiu profundamente.

O sono durou muito tempo e, pela primeira vez desde que estava casada, ela teve sonhos alegres. Via-se livre, correndo num imenso campo florido. Era um lugar parecido com a *villa* dos Lamberti em La Mira, onde ela passava as férias quando criança. Só que agora, já adulta, corria ao encontro de alguém que a esperava. Surgia o rosto bonito de um homem que chamava por ela e que a amava. Barretto não fazia parte daquele sonho, assim como também não apareciam o recém-nascido e a Ca' d'Argenti. Talvez tenha sido por causa do sonho que Allegra dormiu tanto tempo, resistindo a voltar ao mundo dos Di Rienzi.

Aos poucos, o corpo foi se recuperando das dores e dos esforços do parto. Todos os dias, como se cumprisse uma obrigação, ela ficava algum tempo com o recém-nascido, brincando com ele. Barretto decidiu batizá-lo com o nome de Renaldo, em homenagem ao fundador da Casa de Prata.

Um dia, a sós com o filho, Allegra encostou os lábios naquele pequenino ouvido e cochichou palavras que ele não podia entender:

— Perdão, meu filho, perdão...

No dia do batizado, após a cerimônia, as irmãs de Allegra estavam, como de costume, deslumbradas com os tesouros que viam pela casa.

— Mas você tem tudo, Allegra! — deliciava-se Lipia. — Como eu gostaria de morar num palácio tão lindo como este... Irmãzinha, você tem de arranjar marido para nós!

Depois que Barretto desculpou-se e se retirou, Allegra resolveu mostrar ao pai o estojo com as pérolas. Lamberti ficou segurando a caixa durante algum tempo e, quando olhou outra vez para a filha, estava com os olhos cheios de lágrimas.

— Estou contente por você tê-las recuperado, *cara mia*. Não foi fácil para mim causar a você aquele desgosto, mas precisávamos do dinheiro. Espero que compreenda.

Sem dizer nada, Allegra voltou a guardar a jóia. Lamberti segurou-a pelos ombros e olhou-a de frente.

— Não devo mais nada a Barretto, minha filha. Todas as dívidas já foram pagas. Gostaria de lhe dar uma coisa.

— Tenho tudo de que preciso, papai — ela declarou, olhando o retrato sombrio de Renaldo di Rienzi e lamentando, pela centésima vez, que o filho tivesse aquele nome.

— Por favor, minha filha. Não sou cego e vou falar com Barretto sobre você. Acho que agora estou em condições de fazer uma coisa para a qual não tinha forças quando consenti no seu casamento. Errei ao permitir que você se casasse sem a assinatura de um contrato, como a maioria das mulheres costuma fazer.

— Agradeço, papai, mas acho que isso não vai trazer nenhum bem. Além disso, não sei por que Barretto concordaria em assinar um contrato agora. O senhor já me entregou a ele sem estabelecer condições...

— Mas você tem de ter algumas liberdades, como ir ao teatro, à ópera, ter os seus pequenos prazeres... Não suporto vê-la dessa forma, minha filha, tão infeliz. É preciso nomear um cavalheiro para acompanhá-la, quando quiser sair...

Ao ouvir a sugestão, Allegra riu e ergueu as mãos.

— Ah, não! Agora é o senhor quem não está entendendo, papai. Jamais eu poderia ter outro homem por perto. Barretto quer ter certeza de que, sempre que eu engravidar, o filho é dele. O conde Di Rienzi não é como outros maridos, pode acreditar. Pelo amor de Deus, peço que nem mencione esse assunto. Ele pensaria que sou eu que quero ter um amante.

Lamberti viu o pavor estampado nos olhos da filha e ficou espantado.

— Acha que ele reagiria assim, minha filha, mesmo depois do nascimento do garoto?

Allegra fez uma expressão de amargura.

— Não tenho ilusões e sei que isso não servirá para melhorar a minha vida.

Depois que seus parentes foram embora, Allegra ficou pensativa durante um longo tempo, tentando entender por que os homens eram tão diferentes das mulheres. Não queria acreditar que os votos do matrimônio a obrigassem a ficar presa a Barretto pelo resto da vida.

Naquela noite, quando ela já se aprontava para dormir, Barretto entrou no quarto disposto a possuí-la. Dominado pela repugnância, todo o corpo de Allegra se contraiu. Era uma violência ter a privacidade invadida daquela forma, tão pouco tempo depois do parto.

— Precisa me dar mais tempo, *signore* — suplicou a jovem, reunindo o que pôde de coragem. — Por favor... Faz muito pouco tempo que dei à luz o seu filho. Ainda não me sinto bem. Eu... não posso.

Durante algum tempo, o conde ficou de pé, com as mãos nos bolsos do roupão, olhando fixamente para ela. Parecia indeciso. Finalmente, resolveu poupá-la.

— Serei tolerante por enquanto, mas na próxima vez não espere que eu tenha tanta paciência. Quero ter outros filhos, para garantir a continuidade da linhagem dos Di Rienzi. Tome cuidado para não cometer nenhum erro, condessa, e lembre-se de que seu dever para comigo ainda não está cumprido. Não posso acreditar que fazer amor comigo a desagrade tanto quanto dá a entender. No entanto, considerando o parto recente, vou lhe dar algum tempo. Já que não se sente bem, amanhã mandarei chamar o médico. Não me entenda mal, Allegra, porque sou um homem compreensivo. Não são todos os maridos que renunciam aos seus direitos como estou fazendo agora. Durma bem.

No dia seguinte, quando o Dr. Aglietti foi examiná-la, Barretto estava presente.

— Sua esposa ainda tem um pouco de febre, senhor conde — informou o médico. — Apesar disso, está reagindo muito bem.

Barretto queria mais detalhes.

— O que isso significa?

— Ainda existe um foco de infecção. Se a condessa ficar em repouso absoluto durante algum tempo, não há razão para pensar que não poderá ter outros filhos. Senão...

— Sim, mas quanto tempo? — insistiu o conde, impaciente. — Duas semanas, três?

— Isso vai depender de como reagirá o organismo dela. É bem

verdade que a condessa é uma mulher jovem e saudável, mas lembre-se de que seu filho nasceu com peso um pouco além da média.

Barretto olhava alternadamente para o médico e para Allegra, como se suspeitasse de que havia uma conspiração entre os dois.

— Está certo, compreendo esses problemas — ele falou, finalmente, virando-se de costas e abrindo os braços. — Mas como vou saber quando poderei...

O médico coçou o queixo e riu disfarçadamente.

— A *contessa* lhe dirá quando se sentir pronta para reassumir seus deveres de esposa — decretou o Dr. Aglietti.

Em silêncio, Allegra agradeceu aos céus por aquela graça. Sentia vontade de dar um beijo na testa do médico.

CAPÍTULO III

Dezembro de 1818

Descendo a curva da escada, Allegra falava baixinho para si mesma:

— Estou casada há um ano. Será que foi o meu sangue veneziano que me deu forças para resistir durante tanto tempo?

Naquele exato momento estava sendo pendurado num lugar de destaque da sala de visitas um retrato dela, encomendado por Barretto três meses antes. Allegra sentiu um choque ao olhar para o quadro. A mulher ali retratada parecia ser outra pessoa.

O retrato tinha sido feito por um homem de meia-idade, um tanto nervoso, que temia conversar com ela mais que o estritamente necessário. Era natural que ele adotasse essa postura, porque sempre havia nas proximidades alguém pronto a informar Barretto de tudo. Mesmo assim, várias vezes aqueles sensíveis olhos de artista mandavam à jovem modelo mensagens de admiração e de pena.

A obra mostrava a preocupação do autor com os detalhes, como os reflexos provocados pelos abundantes enfeites metálicos que adornavam o vestido de seda. A cintura era alta, sustentada por uma faixa de cetim dourado, e as mangas eram enfeitadas por cachos de rosas em botão, logo abaixo dos ombros. No retrato, aqueles ombros tinham um aspecto frágil, único sinal de que ela estava no oitavo mês de uma gravidez difícil.

Pensando bem, não fazia diferença para Allegra estar ou não parecida com a mulher que via na tela. A condessa Di Rienzi era outra pessoa, um rosto para ser mostrado ao mundo. Havia uma ponta de amargura nos olhos da mulher que aparecia no retrato, mas isso também não importava. As pessoas que contemplariam aquela obra, na maioria mercadores ou políticos, tinham tão pouca sensibilidade quanto Barretto e reparariam apenas na riqueza dos detalhes. Mas, de qualquer modo, ela preferia que aquele retrato jamais houvesse sido pintado.

Allegra girou o corpo e contemplou a galeria dos Di Rienzi, na parede oposta. A figura imponente de Renaldo di Rienzi dominava o ambiente. Enquadrado numa pesada moldura de prata, o fundador da Ca' d'Argenti mostrava um sorriso frio. A fisionomia tinha grande semelhança com Barretto.

Espalhados pela sala, havia alguns tesouros deixados pelo primeiro conde Di Rienzi, que transmitira aos descendentes o talento e a esperteza de mercador. Postadas abaixo do retrato, como cães de guarda, estavam duas poltronas cuja armação era inteiramente de prata. Allegra ficara sabendo que muitas moedas haviam sido fundidas para que se moldassem aquelas horrorosas poltronas. A prata brilhava também em jarras e numa infinidade de objetos, como dois pesados candelabros postos sobre uma mesa com tampo de madeira sustentado por uma armação de prata. Uma das paredes havia sido reservada para tapeçarias orientais, vivamente coloridas, mas que, como quase tudo ali, eram emolduradas em prata.

Allegra olhou outra vez o próprio retrato. Como de costume, Barretto obtinha uma mercadoria no justo valor do que havia pago em dinheiro. No seu pescoço brilhava um duplo colar de pérolas e, no encontro dos seios, uma rosa branca parecia ter sido recentemente colhida de algum jardim.

OuvIU-se um choro de criança, vindo do primeiro andar. O pequeno Renaldo, que estava então com dois meses, mostrava-se um bebê agitado. OuvIU-se também a voz da babá, entoando uma canção de ninar, e o choro do menino foi cessando.

— Será que estou sendo uma boa mãe? — perguntou-se Allegra, olhando pensativa para a própria imagem no retrato.

Ela não conseguia ser carinhosa com o filho de Barretto, talvez porque aquele rostinho lembrasse em tudo a imagem do pai. Essa incapacidade de amar o filho a deixava angustiada. Afinal, ele era tão pequenino, tão indefeso... Ela sentia pena, mas não era a mesma coisa que amor.

Quanto mais Allegra pensava no pequeno Renaldo, mais se convencida de que estava com o coração endurecido. Visitava o filho duas vezes por dia, pela manhã e à tarde, mas era apenas como se estivesse cumprindo uma obrigação. Às vezes, ficava imaginando o que aconteceria quando ele fosse um homem feito. Quantas mulheres não faria sofrer? Sem dúvida, seria educado seguindo a rígida orientação do pai, o que o transformaria num novo Barretto.

Allegra sentou-se numa das poltronas de prata, correndo os dedos pelo frio apoio dos braços. Aquele tinha sido o ano mais longo de sua vida...

Ouvindo passos no corredor, ela ergueu a cabeça e pôs os olhos no rosto pequeno e feio de Zeno, que apareceu num relance, sumindo em seguida. Allegra não reprimiu um risinho. O espião podia relatar que a prisioneira estava em segurança, dentro das grades da prisão.

Jamais ela se sentiria à vontade na presença de Zeno. Ele raramente falava, ocupando-se em escriturar os negócios do patrão. Constantemente, fazia anotações num caderno amarelo e sujo que sempre carregava consigo.

Muito tensa, Allegra se levantou e ficou durante alguns minutos andando pelo salão. Em seguida, abriu a porta dupla que dava para o jardim-de-inverno. A lufada de ar fresco que recebeu provocou-lhe uma sensação agradável. Duas estátuas de pedra postavam-se nas extremidades da mureta que separava o jardim do intenso tráfego de

gôndolas no Grande Canal. Em toda a sua extensão, a mureta era coberta por trepadeiras constantemente visitadas pelos pardais.

Allegra enfiou a mão no bolso da saia e tirou de lá o diário, já quase completamente preenchido pelos acontecimentos daquele ano passado na Ca' d'Argenti. Erguendo os olhos, ela ficou imaginando o que pensaria uma futura Di Rienzi se tivesse oportunidade de ler aqueles relatos. Talvez aquela fosse uma boa oportunidade para advertir uma neta ou bisneta sobre a dura realidade da condição feminina. Abrindo o volume, ela releu o que havia escrito pela manhã:

3 de dezembro.

Hoje é o aniversário do nosso casamento. Já se passou um ano. Meu corpo vai se fortalecendo a cada dia que passa, recuperando-se do parto, e Barretto sabe disso. Bem que eu gostaria de ser uma dessas mulheres espertas que sabem lidar com os homens, fazê-los pensar que são os tais, mas trazê-los na rédeas.

Esta noite, Barretto e eu vamos jantar a sós, segundo Zeno me informou. Estou rezando para que, na hora, ele não me dê nenhum presente. Sempre que recebo um presente dele, tenho de fazer, em troca, alguma coisa dolorosa.

Pela manhã, Gemma veio me visitar e trouxe de presente um novo diário. É exatamente igual a este, a não ser pela ilustração da capa, que não mostra nenhum casal dançando com ar de felicidade. Desta vez, Gemma teve o bom senso de mandar pintar uma cena mais adequada: um homem e uma mulher descendo de uma gôndola e subindo os degraus da Ca' d'Argenti.

Relendo estas páginas, desde o que escrevi nos primeiros meses do nosso casamento, não consigo encontrar o registro de uma só ocasião em que Barretto e eu tenhamos rido juntos, um só momento de alegria. Além do nome do filho, que ele trata como se fosse apenas seu, não temos mais nada em comum.

Tia Adriana não consegue entender a minha relutância em me aventurar fora da prisão em que vivo, mas acho que Gina entende. Tenho medo do que possa acontecer comigo lá fora. Talvez ocorra algo que torne ainda mais difícil a minha vida com Barretto.

Depois de fechar o diário, Allegra caminhou até a mureta. Quando todas as páginas estivessem preenchidas, planejava esconder o volume no armário do quarto, embrulhado em alguma roupa de baixo.

De onde estava, ela podia ver as fachadas dos palácios que margeavam o Grande Canal. Já tinha ouvido muitos mexericos sobre as pessoas que habitavam aquelas belas construções. Certamente, nas rodas elegantes de Veneza, também corriam histórias sobre a jovem condessa Di Rienzi, verdadeiras ou não.

Pouco mais tarde, o rosto alegre de Adriana apareceu à porta que ligava o salão ao jardim-de-inverno.

— Precisamos correr se quisermos chegar a tempo ao Redentor. O regente sempre inicia os concertos vespertinos rigorosamente no horário. Você sabe, ele não se formou aqui, mas em Viena. A gôndola já está

esperando por nós, minha querida.

Num gesto rápido, Allegra enfiou outra vez o diário no bolso da saia. Adriana havia insistido em levá-la ao recital que seria apresentado no Orfanato Redentor. Certamente seria uma forma agradável de passar a tarde, porque as moças do Redentor tinham fama de excelentes cantoras.

O Orfanato Redentor funcionava num prédio de quatro andares e paredes escuras. Alguém havia posto na janela a gaiola de um canário para tomar sol e o canto alegre da ave se misturava com o som de piano, violino e vozes na sala de música.

Uma freira jovem e calma abriu a porta de ferro e convidou-as a entrar na sala de concertos. Aparentemente, no passado aquele edifício havia sido um lugar de muita riqueza. Agora, precisava de pintura na maioria das paredes e alguns reparos no assoalho de mármore. Mesmo assim, conseguia manter a dignidade.

O recital foi aberto por uma jovem chamada Giovanna, que cantou canções típicas dos pastores alpinos, acompanhando-se num alaúde. Era uma figura charmosa, com uma voz afinada, o corpo um tanto rechonchudo e o olhar terno. A audiência compunha-se de cerca de uma centena de pessoas, entre as quais jovens oficiais austríacos uniformizados.

Allegra se lembrou de que Napoleão havia confiscado os dotes das moças internas em orfanatos como aquele. Mesmo assim, não era raro as internas do Redentor arranjam bons casamentos. O talento musical daquelas jovens encantava a todos e tocava o coração dos homens.

— Algumas dessas meninas são extraordinárias — cochichou Adriana, entre uma canção e outra. — Mais tarde, vamos ouvir um quarteto que é simplesmente fantástico. Hoje, quem sabe, alguns desses bonitos rapazes que estão na platéia acabem perdendo o coração... mesmo eles sendo austríacos.

Depois do recital, Allegra declarou que queria ficar durante mais algum tempo, para conhecer melhor o orfanato. Sentia-se atraída pela ternura que havia nas jovens que acabara de ouvir cantar. Adriana relutou em concordar, argumentando que Barretto não gostaria se elas demorassem além do tempo previsto. A condessa, porém, foi insistente e acabou sendo apresentada à diretora da instituição, a *signora* Nicolo, uma simpática mulher de mais ou menos cinquenta anos.

— Tenho os meus próprios filhos, mas sinto-me também mãe de todas essas meninas — disse a diretora, conduzindo as duas à sala da diretoria. — Conheço a família Di Rienzi, *contessa*, e tenho grande respeito por ela. O seu apoio nos tem sido de grande valia. Como vê, estamos começando a reconstrução do nosso conservatório de música. Atualmente, damos abrigo e educação a quarenta meninas.

— Será que posso visitá-la outras vezes? — perguntou Allegra. — Talvez haja alguma coisa que eu possa fazer para ajudar...

Adriana abriu a boca, espantada. Por um momento, a *signora* Nicolo ficou estudando a jovem condessa.

— Se vier para trabalhar, a senhora terá de conviver com muito sofrimento, muita carência... mas também com muita alegria. Mulheres pobres e desesperadas vêm aqui com suas filhas, para que fiquemos com

as meninas. Na maioria dos casos, é uma renúncia dolorosa, ditada pela pobreza, pela impossibilidade de dar à filha um lar condigno. Infelizmente, são muito poucas as que podemos acolher. É surpreendente a senhora querer participar desse trabalho, considerando a posição que ocupa na sociedade.

— A condessa está querendo dizer que se dispõe a contribuir financeiramente para o orfanato — interpretou Adriana. — É claro que o marido dela não gostará de vê-la fazendo mais que isso.

— Sinto-me parte disto aqui, *signora* — apressou-se em dizer Allegra, que não queria deixar dúvidas sobre o que tinha em mente. — Quero trabalhar ativamente, me sentir útil.

— Desde que não cause problemas para o cumprimento de suas obrigações como senhora da Ca' d'Argenti — condicionou a diretora. — Jamais eu lhe pediria tal sacrifício, *contessa*.

Allegra sorriu para a simpática *signora* Nicolo.

— É muita bondade sua. Não será nenhum sacrifício e eu realmente quero voltar aqui outras vezes.

— Se é assim, saiba que sua ajuda será muito bem recebida. Allegra se levantou e, ao apertar a mão da diretora, sentiu-se inundada por uma onda de energia. Previsivelmente, mal elas saíram do orfanato, Adriana externou a sua discordância:

— Não posso acreditar no que acabei de ouvir, Allegra! O que você pretende fazer, afinal?

A jovem riu daquela explosão.

— Achei a *signora* Nicolo uma mulher incrível.

— Só espero que você não esteja mesmo pensando em voltar aqui. Seria um trabalhinho bem desagradável. De qualquer forma, é preciso reconhecer que essas meninas cantam maravilhosamente.

Allegra ficou em silêncio. Não estava brincando ao dizer que queria ajudar no orfanato. Na Ca' D'Argenti não precisavam dela para nada. No Redentor, ao contrário, poderia ser útil, se sentir viva.

O jantar com Barretto foi tudo, menos um acontecimento agradável. Ele comeu em silêncio, aparentemente absorvido pelos próprios pensamentos. Às vezes, erguia a cabeça, olhava para a esposa e dava um leve sorriso, com uma expressão indecifrável. Já acostumada à forma de agir do marido, Allegra até gostou daquele silêncio.

Depois da sobremesa, enquanto eles tomavam licor, os servos os deixaram a sós e Barretto pigarreou antes de falar:

— Esta é uma ocasião muito especial, minha querida — ele saudou, erguendo o cálice. — Faz exatamente um ano que estamos juntos. Um brinde ao nosso casamento... e ao nosso filho.

Allegra tomou um gole do licor e ele continuou a falar, escolhendo bem as palavras:

— Sei que você teve dificuldades para se adaptar à nova vida, mas, como sabe, não sou um homem ingrato. Quero lhe fazer um presente como prova do meu amor.

Barretto enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um papel dobrado. Depois, cerimoniosamente, desdobrou-o e pôs sobre a mesa.

— Seu pai me lembrou de que não firmamos um contrato nupcial.

Reconheço que foi um deslize e pretendo corrigi-lo agora. Ele me deu a entender que você se sente confinada, apartada da vida, mas eu garanti que a minha esposa é livre como um passarinho. E você é livre, minha Allegra... dentro de certos limites, é claro. Percebi que você gostaria de ter esses limites definidos com mais clareza. Por isso, redigi este contrato.

O conde se ergueu da cadeira e estendeu a ela a folha de papel. Allegra correu os olhos pelo texto, dividido em duas colunas. Apreensiva, olhou outra vez para o marido e aproximou o papel do candelabro, para poder ler com menos dificuldade.

— Leia em voz alta — ele sugeriu, com um sorriso. — Quero ter certeza de que você entenderá tudo.

Allegra ficou em silêncio durante um breve momento, antes de iniciar a leitura:

3 de dezembro de 1818.

Eu, Barretto di Rienzi, comprometo-me pelo presente a cumprir certos deveres de marido em relação a Allegra, condessa Di Rienzi:

Fornecerei a ela uma gôndola para seu uso exclusivo.

A condessa Di Rienzi será dona também de um camarote no Teatro La Fenice e de uma casa de campo perto de Pádua, onde terá à sua disposição uma carruagem puxada por duas parelhas de animais.

Concedo a ela liberdade de movimentos em Veneza e seus arredores, nas ocasiões em que sua presença não for exigida ao meu lado.

Fornecerei a ela as quantias em dinheiro que forem necessárias para a compra de roupas e adornos pessoais, segundo os limites da sua vontade.

Allegra sentiu-se aliviada ao concluir a leitura da primeira coluna.

— Continue — falou o conde, ainda de pé.

Erguendo os olhos para o início da segunda coluna, ela passou à leitura da lista dos próprios deveres:

Eu, Allegra, condessa Di Rienzi, assumo os seguintes compromissos em relação a meu marido, conde Barreto di Rienzi:

Serei obediente e dócil e sempre estarei pronta a seguir as orientações do meu marido.

Sempre que me ausentar da Ca' d'Argenti, informarei a meu marido o meu destino e retornarei na hora marcada.

Serei fiel ao conde, tomando cuidados para não dar impressão em contrário.

Aceitarei como merecida e justa qualquer punição que me venha a ser imposta pelo conde caso eu descumpra qualquer das cláusulas do presente contrato.

— São regras simples, que se destinam apenas a orientar a nossa vida em comum — avaliou o conde, falando com calma e oferecendo a ela uma pena que molhou no tinteiro. — Dou a você minha fortuna e o bom nome da minha família. Em troca, você manterá o comportamento recatado que já vem tendo. O contrato apenas me dá a garantia de que

minha esposa não trará ao mundo filhos que não sejam meus... mesmo eu duvidando que você se deixasse dominar pela paixão, em qualquer circunstância. Se ocorrer a difícil hipótese de você me trair com outro homem, a lei considerará justa qualquer punição que eu lhe impuser.

O olhar do conde era sério e frio, enfatizando a crueldade daquelas palavras. Allegra ficou segurando a pena sobre o papel. Por que não assinar? Afinal, tudo não passava de uma formalidade, o reconhecimento por escrito de algo que, de fato, já vigorava entre eles. Em linhas finas, ela assinou o nome ao pé do contrato. Depois, devolvendo o papel ao conde, não resistiu ao impulso de fazer uma pergunta:

— Senhor, todas as suas esposas concordaram em assinar... um contrato como esse? Mesmo a primeira?

As palavras ficaram no ar, enquanto Barretto contraía os músculos da face.

— Prefiro ignorar essa pergunta tola.

— Mas eu gostaria de saber se... sou a única a me submeter à sua vontade... como uma escrava.

Allegra disse isso pausadamente mas com determinação. Surpreendentemente, não estava com medo do marido, e não era por causa do vinho que bebera ao jantar. Sentia-se no direito de protestar.

— Cuidado com a língua, *contessa* — advertiu Barretto, com voz cortante. — Lembre-se de que não lhe cabe julgar essas coisas. Sua ingratidão me espanta. Espero que recupere o bom senso, para o seu próprio bem. Boa noite, *contessa*.

Sem dizer mais nada, ele guardou no bolso o contrato assinado e se retirou. Allegra ficou pensando se não teria ido longe demais. Mesmo assim, não estava arrependida.

Uma vez sozinha na sala de jantar, Allegra achou a situação até divertida. Pensando bem, havia uma certa lógica naquilo tudo. Naquela manhã mesmo, Adriana tinha dito que era costume entre os nobres venezianos, após o primeiro ano de casamento, os maridos permitirem a contratação de um *cavaliere servente* para acompanhar a dama à ópera, ao cassino, enfim, para servi-la em tudo. Adriana contava aquilo com uma ponta de malícia, sugerindo que poderia ser muito divertido para Allegra.

Barretto falava muito em honra, mas não havia naquele contrato uma só cláusula que o impedisse de se divertir com outras mulheres. Isso acontecia aos olhos de todos e ela não tinha o direito de se sentir desonrada.

Quando já ia dormir, Allegra viu sobre a penteadeira o livro de poemas de Byron emprestado por Elletra. Pensou em pedir a Gina que o levasse de volta, numa das vezes em que fosse ao Palácio Clodio visitar a amiga. Sempre que olhava para aquele livro pensava nas palavras da prima instigando-a a enfrentar o marido. No entanto, a história das primeiras mulheres do conde desaconselhava qualquer ação nesse sentido.

Logo que se deitou ela mergulhou num sono profundo, para ser acordada pouco mais tarde, num sobressalto. Sentiu os seios apertados por mãos pouco delicadas e o corpo comprimido pelo peso de um homem. O forte odor de vinho que invadira o quarto acentuou-se quanto os lábios

dela foram cobertos por um beijo possessivo.

Aterrorizada, Allegra movimentava todo o corpo na tentativa de se libertar.

— Ah... — rosnou a voz de Barretto, bem no ouvido dela. — Finalmente, você está com fogo pelo corpo. Eu sabia que isso acabaria acontecendo.

Em desespero, Allegra procurava afastar o rosto daquela repugnante boca de bêbado.

— Não! — ela gritou. — Não me toque! Nunca mais toque em mim!

O ar em volta da cama ficou carregado com as emanções do corpo do conde. Mesmo na escuridão, ela podia perceber que ele estava enfurecido.

— Você vai se arrepender da hora em que nasceu — ameaçou o conde.

— Santa Clara!

— Pode chamar pelos seus santos. Chame o demônio, se quiser, que eu não me incomodo! De uma forma ou de outra, vai ter filhos meus.

Passando da ameaça à ação, o conde jogou ao chão o cobertor e rasgou a camisola dela, com revoltante violência.

— Não... — suplicou Allegra, já perdendo as forças. — Não quero mais... nunca mais...

Por um momento, Barretto ficou em silêncio. Depois, desceu da cama e foi caminhando em direção à porta.

— Nunca é tempo demais, *contessa* — ele falou, com a voz trêmula de raiva. — Veremos.

Quando ficou sozinha, Allegra correu para a porta e trancou-a com o pesado ferrolho. Depois, acendeu uma vela e olhou-se no espelho. Estava com os olhos arregalados de pavor e os cabelos em desalinho.

— Nunca mais... — ela se prometeu.

CAPÍTULO IV

Allegra permaneceu acordada pelo resto da noite, até que as primeiras luzes do dia penetraram pelas frestas das janelas. Fazia frio no quarto, mas era a raiva e a revolta que a faziam tremer.

Estava espantada com a coragem de que finalmente se armara para recusar-se a fazer amor com Barretto. Era mesmo surpreendente. Tinha feito aquilo, permanecia viva e não estava disposta a receber passivamente a reação que ele pudesse ter.

À hora de costume, Gina bateu levemente na porta, trazendo a bandeja com o café da manhã. Allegra pulou da cama e correu para destravar o ferrolho. Em seguida, pegou a bandeja das mãos de Gina, sem dar atenção ao ar de espanto que tomou conta do rosto da camareira.

— Depressa, Gina, vá até o quarto de tia Adriana e diga a ela para vir até aqui. Ajude-a a se vestir, porque quero que venha imediatamente. E descubra também onde está o meu marido.

Como Gina hesitasse, ela pôs a bandeja sobre a escrivaninha e bateu com as duas mãos nas coxas.

— Depressa, mulher. Mais tarde explicarei.

Depois que a camareira saiu, Allegra vestiu um pesado roupão de lã, abriu uma das janelas e olhou para as águas cinzentas do Grande Canal. A quinhentos metros dali, os sinos da Igreja de Santa Maria de La Salute saudavam a chegada de mais um dia. Em vários outros pontos da cidade, os sinos das igrejas repicavam no mesmo tom, chamando os fiéis para a missa matinal. O sol clareava um céu de poucas nuvens, refletindo-se nas fachadas dos palácios.

Allegra respirou fundo, experimentando uma deliciosa sensação de liberdade. Se Barretto a procurasse naquele dia, descobriria que, finalmente, a condessa Di Rienzi havia decidido agir segundo sua própria vontade. Enfrentaria qualquer castigo, mas não estava disposta a continuar vivendo apenas para se submeter à vontade de um tirano.

Pretendia ir logo cedo, na companhia de tia Adriana, ao Orfanato Redentor para falar com a *signora* Nicolo. Cheia de energia, Allegra sentia uma enorme vontade, uma urgência mesmo de novamente percorrer de gôndola os canais de Veneza. O Redentor não ficava muito longe, mas já seria um bom percurso.

Não demorou muito para que Gina retornasse.

— Logo a *signora* Adriana estará aqui, mas devo informar que ela não gostou de ter sido acordada tão cedo. Quanto ao conde, não dormiu em casa. Os outros criados acham que ele está com a tal... Bardolini. Sinto muito, *madonna*.

Allegra não deu importância àquela informação e a camareira se absteve de fazer maiores comentários.

— O que gostaria de vestir esta manhã, senhora?

— Alguma roupa bem simples e quente, Gina. Vou visitar a diretora do Orfanato Redentor, uma mulher maravilhosa. Depois, tia Adriana e eu iremos à Basílica de São Marcos dar comida aos pombos e olhar o movimento. A chuva parou e o dia está lindo lá fora. Sinto-me muito bem!

Gina olhava para a patroa com espanto e preocupação.

— Está tudo bem mesmo, senhora?

— Está tudo perfeito, Gina — garantiu Allegra, olhando-se no espelho de mão. — Pode dizer ao meu marido que estarei entre as pessoas livres desta cidade, fazendo alguma coisa que me agrada e que seja útil. Não, é melhor dizer apenas que fui com tia Adriana visitar o Orfanato Redentor. Barretto não poderia me criticar por isso.

Enquanto punha o vestido azul de inverno, Allegra sentiu um arrefecimento naquela onda de coragem. Queria manter a euforia, entregar-se à busca da emancipação, mas a imagem severa de Barretto não lhe saía da mente, enchendo-a outra vez de medo.

— Pelo que estou vendo, a senhora não dormiu a noite toda — falou Gina, tentando encontrar palavras para aconselhar a patroa. — Compreendo que é difícil viver nesta casa, condessa, mas deve pensar bem nas conseqüências de tudo o que fizer. Às vezes, as alegrias não valem os sofrimentos que vêm depois.

— Você está querendo me dizer que eu não devo ser imprudente, não é isso? — questionou Allegra, olhando para a camareira pelo espelho. — Só que já cometi uma grande imprudência e, agora, não valeria mais a pena agir com covardia.

Gina pensou um pouco e mudou de opinião.

— Não pode viver eternamente com medo do seu marido, cara senhora. Tem uma alma imortal e não deve temer nada ou ninguém além do Criador. Quando encontrei a porta trancada, imaginei a... imprudência que a senhora teria cometido. Agora, é necessário agir com firmeza para que o conde a respeite. Se tremer como um animalzinho acuado, ele até se divertirá com os castigos que acabará lhe impondo. Mantenha a dignidade... Será a sua melhor proteção.

Os olhos de Allegra se encheram de lágrimas. Além da solidariedade, havia muita sabedoria nas palavras daquela mulher simples.

— Obrigada, Gina.

A camareira não disse mais nada, mas era uma presença confortadora. Allegra foi até a janela, olhou outra vez o movimento lá fora e desejou que Adriana se apressasse. Àquela hora, gôndolas e outros barcos menores já percorriam o canal em grande número. Era bom poder contar com a fidelidade de Gina e a companhia de Adriana. Com a ajuda das duas, ela até podia tornar interessante o mundo em que vivia.

Gina encheu a xícara de Allegra com café turco, fumegando de tão quente. Imediatamente, o quarto foi inundado por um cheiro gostoso, levando-a a pensar em lugares exóticos. Que leis do destino determinavam que certas pessoas viajariam pelo mundo, conhecendo os mais variados lugares, enquanto outras permaneceriam confinadas a limites estreitos? Será que estava escrito que Allegra di Rienzi teria de se restringir à Ca' d'Argenti, sem conhecer outros lugares? Com apenas dezenove anos, ela mais parecia uma velha cujos passos iam pouco além do próprio quarto de dormir.

Percebendo os propósitos da patroa, Gina resolveu interferir:

— Acho que não deveria sair hoje, *madonna*. Precisa descansar um

pouco. Imagino que a senhora está com uns pensamentos esquisitos na cabeça e isso me deixa preocupada.

Nesse momento, Adriana entrou no quarto, com os olhos inchados e o rosto sem pintura.

— Se o próprio papa me houvesse chamado esta manhã, eu pensaria duas vezes antes de sair da cama — ela declarou, apertando os lábios descorados. — O que há de tão importante para me mandar acordar tão cedo? Fiquei no cassino com Bernardo Giulini até quase duas da madrugada. Teria até ido com Bernardo para a casa dele, se não fosse a chata da mulher que ele tem. Gina serviu uma xícara de café à recém-chegada, o que a fez recuperar o bom humor.

— Ah, que maravilha! Que Deus me perdoe a blasfêmia, mas o café deve ter sido inventado pelo diabo, para nos manter acesos e dispostos a pecar. Mas que noite, Allegra! Não pense que os homens idosos não têm vigor para... Bem, você tem uma prova disso no seu próprio marido.

Allegra ignorou as palavras maliciosas da velhota e foi até a janela.

— O dia está lindo e pensei que nós duas poderíamos sair. Quero visitar o Redentor e, depois... Bem, podemos fazer o que nos der na telha, qualquer coisa sem compromisso.

— Ora, ora! Finalmente uma idéia que aprovo totalmente. Mas o Redentor... Ainda está com aquela idéia tola na cabeça? Seja como for, não vou deixá-la esperando. Preciso apenas de alguns minutos para me pôr apresentável e sairemos em seguida.

Cedendo a um impulso, Allegra correu até o quarto do filho, surpreendendo as babás, que não estavam acostumadas a vê-la por ali tão cedo. O pequeno Renaldo estava no seio de uma delas, uma jovem loira, gorducha e de rosto amável.

Allegra lembrou-se da época em que estava com os seios cheios de leite, logo depois do parto, e de como rezava para que eles secassem depressa. Assim, não precisaria continuar alimentando um filho de Barretto.

Depois de beijar a testa do filho, ela deixou o quarto, tão depressa como havia chegado. Tinha ido ali empurrada por uma súbita onda de ternura, uma vontade irresistível de contemplar a inocência. Ao ver os traços daquele rostinho, porém, tão semelhante ao de Barretto, sentiu outra vez o coração tomado pela frieza.

Adriana foi encontrá-la na escada.

— Você me diz que está com pressa para sair, mas desaparece — ralhou a velhota, com bom humor. — Mande um convite a Bernardo para que almoce conosco no Florian. Vamos mesmo precisar de uma companhia agradável depois que sairmos daquele orfanato.

Allegra estava com vontade de caminhar e dispensou a gôndola que Adriana havia mandado chamar.

— Não é um percurso muito grande — ela argumentou. — Além disso, nós duas precisamos de ar puro, principalmente você. Na única vez em que Barretto me levou ao cassino havia um cheiro tão forte de tabaco e conhaque que tive de deixar minhas roupas tomando ar durante uma semana inteira.

Adriana ergueu as mãos, em protesto.

— Mas são aromas masculinos, e nada mais delicioso que isso! Ah, um tabaco fino, um conhaque de boa safra... Nos meus bons tempos, Allegra, qualquer cheiro que lembrasse um homem era bem recebido, pode crer.

Allegra sorriu, fechou o casaco de lã até o pescoço e as duas saíram. Depois de dez minutos de caminhada, Adriana estava ofegante. À altura do Teatro La Fenice, ela forçou uma parada, sentando-se nos degraus de entrada do prédio.

— Preciso de um descanso. Você sabia que Barretto contribuiu com uma verdadeira fortuna para a restauração deste teatro depois do incêndio de 1773?

— Não, eu não sabia.

Era estranho Barretto jamais ter tocado no assunto, já que gostava de falar nas contribuições que fazia para as artes.

— Lembro-me bem de quando o velho Teatro San Benedetto pegou fogo, bem aqui neste lugar — rememorou Adriana, pensativa. — Barretto achou que a esposa... A primeira... Bem, ele achou que ela ficaria feliz se fosse uma das madrinhas do projeto de reconstrução. O nome dado ao novo teatro, tirado da lenda da fênix, a ave que renasceu das cinzas, foi perfeito: La Fenice. A noite da reabertura foi o grande acontecimento do ano. E tinha mesmo que ser, porque poucos meses antes Veneza amargara a invasão das tropas de Napoleão.

Allegra prestava pouca atenção ao já conhecido despeito de Adriana em relação aos franceses e austríacos. Em vez disso, pensava nas informações que Elletra dera sobre a paixão que Barretto devotara à primeira esposa. Como teria ela morrido?

— Se ficarmos aqui paradas e você pegar um resfriado, Barretto jamais me perdoará — raciocinou Adriana, levantando-se. — Vamos à sua visita de caridade e, depois, relaxaremos no Florian. Amanhã Antônia Bianchi vai dançar no palco deste teatro. Acho que vou pedir a Bernardo para me trazer. Bianchi é uma dançarina apenas razoável, mas é o amante dela, Paganini, que todos querem ver. Que homem fascinante! Comenta-se que ele deve ter vendido as mãos ao demônio para tocar violino daquele jeito... Deve ter vindo a Veneza apenas para vê-la dançar. Allegra ficou pensativa por um momento, falando em seguida:

— Por que não me deixa trazê-la, amanhã? Barretto me deu um camarote cativo no Teatro La Fenice.

— É uma idéia maravilhosa, mas só posso decidir depois do nosso almoço de hoje. É que existe Bernardo... você compreende?

Allegra pôs as mãos na cintura e fechou um dos olhos, fingindo um ar de censura.

— É claro que compreendo. Agora vamos.

Uma simpática freira de meia-idade recebeu-as à porta do Orfanato Redentor e as conduziu à sala de espera do primeiro andar, espaçosa mas decorada com simplicidade. Allegra apresentou o cartão de visitas e a freira desapareceu no corredor.

— Precisamos deixar algum dinheiro com elas — sugeriu Adriana, esfregando as mãos de frio. — Parece que não têm o suficiente nem para comprar carvão.

De fato, apesar do frio, a lareira estava vazia.

— Um pouco de sacrifício é bom para a alma, tia Adriana — lembrou Allegra, sorrindo. — Se quiser esperar aqui, não pretendo me demorar na conversa com a *signora* Nicolo.

Nesse momento, um homem saiu de uma porta e atravessou para o lado oposto da sala de espera, em direção ao corredor, sem reparar na presença das duas. No mesmo instante, o sorriso desapareceu do rosto de Allegra. O que Luciano Antonino estaria fazendo ali?

— Aquele não era Luciano? — falou Adriana, igualmente espantada. — Que lugar estranho para encontrá-lo! Bem, se conheço os homens, ele deve estar de olho numa das garotas daqui.

Outra porta se abriu e a *signora* Nicolo entrou na sala, com um largo sorriso e os braços estendidos em direção a Allegra.

— Minha querida condessa Di Rienzi... Que prazer! Eu esperava mesmo a sua visita.

Adriana resolveu permanecer na sala de espera, enquanto Allegra acompanhava a *signora* Nicolo ao escritório da diretoria.

— Tenho pensado muito na senhora, *contessa* — confessou a diretora, enquanto servia café, evidentemente satisfeita com a visita. — Rezei muito para que, no nosso encontro anterior, as minhas palavras não servissem para desencorajá-la.

Allegra aceitou a xícara de café que ela ofereceu e sorriu.

— Nada do que a senhora disse me desencorajou. Este lugar é muito especial e eu quero me sentir parte dele. Estou realmente disposta a ajudar, se é que posso fazer alguma coisa de útil.

— É claro que pode. Sempre peço a Maria Santíssima que nos mande gente de bom coração disposta a ajudar... e não damas que procuram apenas um passatempo, algo sobre o que possam conversar com as amigas durante o chá. Aceitaremos a sua oferta com muita satisfação. Quando pretende começar?

— Amanhã, se for possível.

— Muito bem, *contessa*. Então, amanhã.

Allegra se levantou e estendeu a mão, que a diretora apertou com um sorriso de sincero agradecimento.

Enquanto as duas almoçavam no Florian, na companhia do idoso admirador de Adriana, uma banda militar austríaca tocava na Praça de São Marcos para uma reduzida audiência de transeuntes. Nas mesas do restaurante, freqüentadores venezianos comiam e falavam de política e da vida alheia, sem dar atenção aos músicos.

Bernardo tagarelava tanto quanto Adriana. Galantemente, ele elogiou a beleza da jovem acompanhante da amiga. Allegra sorriu agradecida e não prestou mais atenção na conversa dos dois. Na mesa ao lado ela identificou uma mulher que conhecera superficialmente, duas semanas antes, num chá beneficente. A mulher estava na companhia de dois homens, nenhum dos quais era o marido, e flertava ostensivamente com um deles.

Allegra recordou também que não era raro o marido daquela mulher visitar Barretto, para tratar de negócios. Era um cinqüentão inteligente, simpático e cortês. Uma noite, antes de se despedir, ele ficara

conversando com ela durante um bom tempo, com muito bom humor e simpatia, o que a deixara lisonjeada. Pelo jeito, era um homem de bom coração, bem diferente de um tirano.

"Se fosse marido meu, não o trairia, como ela está fazendo agora", pensou Allegra, revoltada.

Quem sabe o marido traído também não tinha as próprias amantes? Deus do céu! Não podia haver jogo mais sórdido do que o que aquela gente jogava.

Depois do almoço, ela não quis voltar logo para casa. Naturalmente, Adriana e Bernardo tinham planos para a tarde e não sentiriam sua falta. Com um sorriso, Allegra se levantou e estendeu a mão para o cavalheiro, em despedida.

— Tenho umas compras para fazer. Vocês não se incomodam se eu for agora, não é?

— É claro que não — falou Adriana. — Só quero que Barretto não fique zangado comigo. O medo dele é que alguém agarre você e suma.

— Saberei como lidar com o meu marido — garantiu a condessa, com autoconfiança. — Fique tranqüila que encontrarei o caminho de casa e voltarei em segurança.

Saindo dali, Allegra foi direto a uma loja de roupas, onde comprou um vestido cinza de gola e punhos brancos. Pretendia usá-lo quando fosse trabalhar no Redentor. Depois da compra, misturou-se à multidão e ficou perambulando pelas ruelas que desembocavam na Basílica de São Marcos.

Lembrando-se de Elletra, Allegra desejou contar à prima que, finalmente, havia decidido enfrentar Barretto. Mas Elletra estava em Viena e só poderia ficar sabendo da novidade por carta.

Uma hora mais tarde, o céu foi coberto por nuvens e uma chuva fina começou a cair. Sentindo-se cansada, Allegra tomou o caminho de casa, esperando não encontrar Barretto.

Zeno recebeu-a à porta, com aquele eterno ar de subserviência, e informou que o conde queria falar com ela naquele instante, no escritório. Relutante, Allegra atravessou as duas salas que separavam o hall de entrada do escritório do marido.

Barretto estava de pé, de costas para a entrada, e permaneceu assim durante um minuto inteiro, antes de se voltar para olhá-la de frente. Apesar do corpo cansado, Allegra estava com a mente alerta. Reparou que o rosto do marido estava pálido e tenso, com pesadas olheiras cercando os olhos pretos e impenetráveis.

Ele deu dois passos e pegou de cima da mesa uma folha de papel, que sacudiu na frente dela.

— Não se passaram nem vinte e quatro horas para que você quebrasse o nosso contrato. O que mais pretende fazer de errado antes que o dia chegue ao fim?

— Senhor, não fiz nada além de ir ao Orfanato Redentor na companhia de tia Adriana — defendeu-se Allegra, com surpreendente firmeza.

Enraivecido, Barretto amassou o papel e jogou-o ao chão.

— Não pense que sou idiota a ponto de acreditar nisso e deixá-la ir sem um bom castigo.

Allegra ficou com as faces muito vermelhas, ofendida pela insinuação.

— Não fiz nada que possa ser reprovado. Apenas me ofereci para ajudar no...

— Eu já sei disso — cortou o conde, com impaciência. — É bom que você saiba que, se pretende fazer algum tipo de jogo, vai ser muito difícil me enganar. Por enquanto, tem minha permissão para ir ao orfanato.

Mais uma vez, Allegra constatou que estava enfrentando uma força poderosíssima. Prova disso era o conde ter informações detalhadas sobre os passos dela. Depois de pigarrear, Barretto voltou à carga.

— E tem mais uma coisa: você não terá mais oportunidade para me expulsar da sua cama, porque não voltarei a procurá-la. Cheguei à conclusão de que você é uma mulher anormal, sem a mais leve chama no corpo. Enquanto o nosso filho estiver vivo e saudável, não tenho necessidade de me entregar ao exercício do sexo com você. Seu pai me garantiu que eu me casaria com uma mulher perfeitamente capaz de cumprir com suas obrigações de esposa, mas... Não acredito que ele tenha tido o propósito de me enganar, porque se arrependeria amargamente. Eu bem que poderia ter escolhido outra das filhas dele. Duvido que Gemma fosse tão avessa aos meus carinhos.

Ele disse isso com um risinho de sarcasmo e deboche. Mesmo tendo acabado de ouvir o que equivalia ao decreto de sua libertação, Allegra se sentiu ultrajada. Como ele podia ao menos pensar na possibilidade de se vingar do pai dela? E sugerir que podia ter intimidades com Gemma... Não, era demais!

— Deixei tudo muito claro, Allegra — continuou Barretto, com frieza. — Não vamos firmar outro contrato, mas espero que tenha gravado bem as minhas palavras. Basta um passo em falso seu, único ato desleal, e você está perdida. Isso é tudo. Agora, só depende de você o que possa acontecer a esse rostinho bonito.

Enquanto falava, Barretto segurava o queixo dela, apertando-o com força. Em seguida, deu três passos e abriu a porta, que fechou com força depois que ela saiu.

Desnorteada, Allegra foi caminhando pelo chão de mármore. Era como se Barretto houvesse soltado os grilhões das mãos dela, enquanto a mantinha presa pelos pés. Mesmo assim, o saldo podia ser considerado positivo. Pelo menos, agora ela era dona do próprio corpo, e isso tinha um enorme significado.

Allegra chorava convulsivamente quando chegou ao quarto. Não saberia dizer se era por causa da humilhação sofrida ou de pura alegria.

No dia seguinte, a condessa Di Rienzi saiu do escritório da *signora* Nicolo sentindo-se bem em seu vestido cinza de lã. Havia acertado que ela daria aulas de latim às moças mais velhas do orfanato.

O tempo foi passando e, pelo final de fevereiro, a vida de Allegra se tornara uma agradável rotina. As aulas de latim satisfaziam tanto às alunas como à professora, que adorava o trabalho. As roupas simples que usava quando ia ao orfanato divertiam as freiras, que brincavam com ela chamando-a de "condessa monacal" ou "nobre freira". No entanto, eram brincadeiras carinhosas. Depois de muito tempo, a jovem condessa podia

tirar alguma satisfação da vida.

Por essa época, Elletra e o marido estavam outra vez no Palácio Clodio e freqüentemente Allegra ia tomar chá com a prima. Elletra já não insistia tanto em aconselhá-la sobre como deveria agir em relação ao casamento. Na certa, percebia que a prima havia conseguido estabelecer um modo de vida satisfatório.

Adriana estava no campo desde o princípio do ano e Barretto passava a maior parte do tempo viajando a negócios. Assim, a Ca' d'Argenti voltara a ser um lugar silencioso.

Tudo levava a crer que o ano de 1819 seria bom para Allegra. Pelo menos, ela não se sentia infeliz. Depois de muita reflexão, resolvera aceitar tudo como decisão de Deus e encarava o gratificante trabalho que executava no Redentor como uma dádiva dos céus.

A desagradável companhia de Barretto, quanto era inevitável, já não a amedrontava tanto, mesmo porque jamais ele poderia acusá-la de infidelidade conjugal. Seria a última coisa que ela pensaria fazer. Além disso, as meninas do Redentor a deixavam praticamente sem tempo para pensar nas tentações de Veneza. Allegra chegava a rir da possibilidade de ceder a algum conquistador.

CAPÍTULO V

Março de 1819

O inverno daquele ano, excessivamente frio, parecia não querer mais terminar em Veneza. Espalhara-se uma epidemia de gripe e Barretto insistia para que Allegra deixasse de ir ao Redentor até que o perigo passasse. Argumentava que não queria ver o filho correndo o perigo de ser contaminado, mas ela achava que, na verdade, ele queria apenas impedi-la de ir a um lugar onde se sentia bem.

Em meados de março, Barretto viajou para uma demorada inspeção em suas propriedades no interior, levando Luciano consigo. Como Zeno estava de cama, gripado, tia Adriana foi chamada para assumir a direção da casa. Mesmo ficando claro que o conde não confiava na competência de Allegra para responder pela Ca' d'Argenti, ela não se ofendeu.

No final das contas, era bom ter a companhia de Adriana durante algumas semanas e não ter a de Barretto. Por outro lado, a velha aristocrata se aborrecia com o marasmo que havia tomado conta de Veneza, por causa da epidemia. Adriana era uma aficionada do teatro, mas a maioria dos espetáculos havia sido cancelada.

— Todos os meus velhos amigos dizem que estão com medo de sair de casa por causa da gripe — ela se lamentava. — O que vamos fazer agora, trancadas as duas dentro desta casa? E não é só por minha causa, Allegra, porque você também precisa sair, conhecer gente da sociedade, fazer novos amigos além das órfãs e das freiras. Quer saber de uma coisa? Eu vou sair, e quero que você venha comigo.

Allegra riu daquele protesto.

— Sair para onde, tia Adriana? A cidade está praticamente parada.

— Não me venha com desculpas, porque quem quer sempre encontra um jeito. Podemos aceitar o convite de Marina Benzoni para a reunião que vai haver na casa dela. A apresentação da peça *Os Amantes*, de Goldoni, que aconteceria amanhã à noite, foi cancelada e Marina teve a idéia de organizar a reunião. Ela sempre convida pessoas interessante... principalmente homens. O primeiro impulso de Allegra foi dar uma desculpa para não ir. No entanto, ela própria já se sentia entediada por ficar tanto tempo em casa. Além disso, era sempre interessante sair com Adriana. Como os espiões de Barretto estavam todos doentes ou viajando com o patrão, ela poderia gozar de plena liberdade. Mesmo assim, achou que devia impor uma condição.

— Está bem, eu irei, mas prometa que não se aborrecerá se eu escolher algum canto para ficar enquanto você conversa com seus amigos. Sabe como me sinto em reuniões assim...

— Está se escondendo de quê, menina? Precisa parar de ser tão tímida, Allegra, e deixar as coisas acontecerem. Mas aceito qualquer condição. Temos de dar graças a Deus por ainda existir gente como Marina. Do contrário, esta cidade seria um lugar insuportável.

Quando elas entraram na sala de visitas da condessa Benzoni, iluminada por inúmeras velas, o ar estava tomado por um odor misturado de perfume, tabaco e vinho. Ouvia-se a voz aguda de uma soprano. Conversando em voz alta, a maioria dos presentes prestava pouca

atenção tanto à cantora como ao homem que a acompanhava ao piano. A única explicação para aquele comportamento descortês era o fato, secularmente reconhecido, de que os venezianos não suportam ficar em silêncio.

Allegra se lembrava de ter visto algumas daquelas mulheres nos chás a que comparecera nas últimas semanas, mas desconhecia a maior parte dos convidados. A recepção às duas Di Rienzi foi calorosa e alegre. Alguns se dirigiam a Allegra chamando-a, carinhosamente, de "condessa monacal". O que não a deixava à vontade, porém, era se sentir olhada por muitos olhos.

Antes de sair de casa, e apesar dos protestos de Adriana, ela procurara se vestir com simplicidade justamente para não chamar a atenção das pessoas. O vestido, em cores discretas, tinha pouquíssimos adereços. Talvez fosse por causa dos cabelos, que, presos à nuca num coque, realçavam a beleza dos olhos claros. Fosse por que fosse, Allegra se sentia olhada e aquilo a deixava desconcertada.

A condessa Benzoni estudou a recém-chegada de forma insistente mas simpática. A anfitriã era uma mulher extrovertida, de cerca de sessenta anos, cabelos loiros brilhantes e um corpo com muitos quilos além da conta. Evidentemente, adorava ser reconhecida como uma das mulheres mais brilhantes de Veneza. Por essa época, corriam rumores de que ela estava para se casar com o amante, que tinha apenas trinta anos.

Adriana não demorou para encontrar amigos com quem tagarelar, estrategicamente perto da mesa de bebidas, e Allegra se viu sozinha por um momento. A algazarra daquela sala cheia de gente e a consciência de que era o alvo dos olhares interessados de muitos homens a deixavam com os nervos à flor da pele. Será que um daqueles homens não estava ali a serviço de Barretto?

Uma porta dupla muito grande estava aberta e Allegra atravessou-a, saindo numa espaçosa varanda descoberta. A noite estava fria, mas, pelo menos, ali era possível respirar ar puro. Era bom ficar um pouco a sós, contemplando as estrelas. Logo, porém, ela ouviu uma voz grave e macia que mais parecia irreal:

— Será possível duas mulheres terem a mesma beleza angelical? Por favor, meu Deus, não brinque assim comigo!

Com o coração aos pulos, Allegra se voltou e deu com dois olhos acinzentados postos nela. Tanto o olhar quanto a expressão daquele rosto eram tão intensos que ela ficou paralisada.

O homem deu um passo adiante, segurou-lhe a mão e levou-a aos lábios, num gesto que, instantaneamente, aqueceu o sangue que corria nas veias de Allegra. Ela queria escapar dali, mas, capturada por aquele olhar, não conseguia se mover.

— Perdão — ele pediu, com a voz trêmula. — Você me lembra alguém que significa muito para mim.

Em seguida ele deu um passo atrás e estudou-a durante alguns instantes, com os lábios entreabertos num meio sorriso. Só então Allegra percebeu que ele mancava de uma das pernas.

— É inacreditável — continuou o desconhecido. — A mesma doçura e simplicidade, mas com uma força...

Por um longo minuto, os dois ficaram se olhando em silêncio. O rosto dele tinha traços finos, e a pele muito clara contrastava com os cabelos pretos e crespos, levemente grisalhos nas têmporas. Allegra estava fascinada pelo carisma daquele rosto, que irradiava vitalidade.

Mas não era apenas o rosto, porque, apesar do defeito físico, ele era dono de um corpo esbelto e forte, que sabia vestir com elegância. Parecia a personificação dos sonhos que ela tivera na adolescência, e era por isso que Allegra não conseguia desviar os olhos.

— Por que não diz nada, *bellissima*? — ele voltou a falar. — Por favor, diga que não estou sonhando. Certamente você tem um nome tão doce quanto esse rosto...

— Allegra — ela se apresentou, num murmúrio.

— Allegra! Deus do céu! Devo mesmo estar sonhando.

Allegra, porém, estava bem acordada. Em movimentos simultâneos, ela retirou a mão de entre as dele e baixou os olhos.

— Espero, *signore*, não lhe ter causado dor reacendendo a lembrança de sua amada.

Ao ouvir aquilo, o rosto do desconhecido foi iluminado por um largo sorriso, o que o tornou ainda mais charmoso e espalhou uma deliciosa onda de calor pelo corpo da jovem. Jamais um homem havia sorrido para ela de forma tão encantadora.

— Meu nome é Allegra di Rienzi — completou a condessa, prendendo a respiração. — Sou esposa de Barretto di Rienzi.

O homem continuava a sorrir.

— Então, é a freirinha de quem andam falando? Deve ter sido por isso que Marina me disse que esta noite viria aqui uma mulher muito virtuosa. Ela até me fez prometer ser um bom rapaz.

De súbito ele parou de sorrir e ficou muito sério, com uma expressão quase triste.

— Minha senhora, sua doce figura me lembra enormemente a minha irmã Augusta, uma das pessoas que mais amo neste mundo. Tudo é semelhante... até os cabelos, que parecem esconder os mistérios da noite. E o nome Allegra também me é muito caro porque é assim que se chama a minha filhinha.

Com muita naturalidade, o desconhecido segurou outra vez a mão dela. Apesar da fluência, ele parecia-escolher cuidadosamente as palavras. Pelo sotaque, estava evidente que não era italiano.

— Suplico que perdoe o meu descuido, condessa Di Rienzi, e permita que me apresente. Sou Byron.

Dessa vez, o coração de Allegra pareceu fraquejar. Não podia ser verdade... Aquele não podia ser o mais escandaloso lorde inglês, o poeta mais inspirado e perigoso... Menos que tudo, ela jamais imaginaria que Byron pudesse ser tão belo.

— Estou muito honrada, lorde Byron — ela conseguiu dizer. O poeta pareceu gostar de ouvir o próprio nome na voz daquela italiana bonita e abriu o mesmo sorriso de antes.

— Allegra *mia*, não acredite em tudo o que dizem a meu respeito. Na verdade, sou apenas um homem solitário e sem lar, mas cheio de cicatrizes que não se podem ver. Vejo que é uma pessoa doce, condessa,

e que se ocupa com os solitários. É por isso que peço um pouco da sua piedade. Foi o destino que fez cruzarem-se os nossos caminhos. Humildemente, suplico que me conceda a sua amizade.

Outra vez, ele levou a mão dela aos lábios quentes. Nesse momento, Adriana apareceu à porta da varanda.

— Finalmente eu a encontrei, Allegra. Marina está perguntando por você, e pelo senhor também, milorde.

Allegra balançou a cabeça, como se estivesse sendo acordada de um sonho. Depois, caindo em si, puxou apressadamente a mão que o poeta segurava. Adriana fingiu não reparar naquilo e sorriu para Byron, fascinada.

— Os italianos têm de ser invejados pela beleza de suas mulheres — ele cumprimentou, beijando a mão da recém-chegada.

— E você, pelo jeito, deve ser mesmo o menino levado de quem já ouvi falar!

Em vez de protestar, Byron riu alto junto com Adriana. Em seguida, voltou-se outra vez para Allegra.

— Condessa, foi um enorme prazer conhecê-la. Não tenho dúvidas de que os nossos caminhos voltarão a se cruzar.

Dizendo isso, ele segurou as duas pelo braço e levou-as de volta ao salão. Depois, com um sorriso e um leve aceno de cabeça, afastou-se delas para se tornar o centro das atenções dos outros convidados de Marina Benzoni.

Pelo resto da noite, Allegra parecia outra pessoa. Quando conversava com alguém, falava sem prestar muita atenção no que estava dizendo. E não poderia mesmo, porque seus olhos não paravam de correr pelo salão em busca daquele perfil altivo e belo.

"Como pode ser verdade?", ela se perguntava, com a mente confusa. "Ele tem o rosto do homem com quem eu sempre sonhei!"

A lembrança súbita de Barretto foi como uma ducha fria naquele pensamento. Fazê-la conhecer Byron só podia ser mais uma crueldade do destino. Melhor seria jamais tê-lo encontrado, porque, a partir daquele momento, seu corpo ansiaria sempre pelo toque daquelas mãos.

A essa altura, Adriana já estava cansada.

— Vamos para casa, Allegra. Já vi gente demais para uma noite e meu corpo está pedindo uma cama quente.

Algo relutante, Allegra concordou em partir. À porta, quando se voltou para mais uma olhada no salão cheio de gente, deu outra vez com os olhos de Byron, a não mais que dois passos.

— Devo agradecer-lhe, minha senhora — ele falou. — A nossa breve conversa encheu o meu coração de alegria.

Em seguida, num gesto de perfeito cavalheirismo, o poeta segurou a mão da jovem condessa e beijou-a. Ao mesmo tempo, porém, e de forma disfarçada, passou a ela um pedaço de papel. Conivente, Allegra apressou-se em fechar a mão. Byron aprumou o corpo e moveu os lábios de forma quase imperceptível, numa recomendação que só ela entendeu:

— Confie em mim.

A noite estava muito fria e Allegra respirava com pressa, temerosa de perder o autocontrole. Enquanto a gôndola deslizava em direção à

Ca'd'Argenti, ela apertava na mão o precioso pedaço de papel, ardendo de curiosidade de ver logo o que estava escrito ali.

— Está sentindo alguma coisa, Allegra? — chamou a voz de Adriana.
— Allegra! Você não me parece bem.

A evidente preocupação da velhota fez com que a jovem voltasse à realidade.

— Eu... estou bem. Só estou um pouco cansada.

— Pobrezinha — acarinhou Adriana. — As festas de Marina Benzoni são mesmo estafantes. E como ela é escandalosa, meu Deus! Aqueles cabelos loiros não podem ser naturais... Mas bem que eu gostaria de saber o que ela faz para manter a jovialidade, apesar da gordura. Você sabia que ela costuma levar na gôndola uma panela de polenta quente, para beliscar enquanto vai de um lugar a outro?

Allegra fingiu rir do mexerico, louca para chegar logo em casa. O pedaço de papel parecia queimar a palma de sua mão.

Finalmente, quando chegaram à Ca' d'Argenti, Adriana foi direto para a cama. Percebendo o nervosismo da patroa, Gina apressou-se em preparar um chá quente. Ao se ver sozinha, Allegra desdobrou o papel e correu os olhos pela mensagem:

Minha gôndola irá buscá-la às duas da madrugada, à entrada da Ca' d'Argenti. Titã, meu gondoleiro, é discretíssimo. Ele a levará até onde eu estarei, não muito longe da sua casa. Não tenha medo do que vai encontrar. Peço que seja generosa e leve em conta a minha necessidade de vê-la. Confie em mim.

Byron

Allegra sentiu uma tontura, como se estivesse no meio de um redemoinho. Como poderia atender a um chamado como aquele? De fato, Byron fazia jus ao que se falava dele... Um homem diferente dos outros, um sedutor. Mesmo assim, como podia agir com tanta audácia?

"Ele precisa de mim", ela se respondeu. "Se me recusar a ajudá-lo, estarei faltando com a caridade."

Era impossível esquecer a amargura que vira naqueles olhos e a sinceridade que identificara na voz dele. Allegra sentia uma necessidade urgente de rever aquele rosto, ser tocada por aquelas mãos. Precisava atender ao chamado.

Gina levou uma eternidade para arrumar a cama e guardar as roupas dela. Ao mesmo tempo, os ponteiros do relógio pendurado na parede pareciam ter disparado, aproximando-se perigosamente das duas horas. Se ela passasse da hora marcada, será que o gondoleiro a esperaria?

Finalmente, a camareira apagou a vela e se retirou, desejando-lhe boa-noite. Depois de esperar um minuto, Allegra pulou da cama e acendeu outra vez a vela. Em seguida, com gestos nervosos, correu para o armário, de onde tirou um vestido de seda azul com lacinhas e babados brancos. Já vestida, olhou-se no espelho e viu a imagem de uma adolescente. Estava com os cabelos presos num rabo-de-cavalo e, à luz da vela, parecia ter as bochechas avermelhadas. Bem, não havia mais

tempo para melhorar a aparência.

Quando ela atravessou a sala de visitas, não havia ali ninguém além de Bruno, o velho cão de guarda, que aproveitava o calor das últimas brasas da lareira. Erguendo a cabeça, o cachorro identificou a condessa e se deu por satisfeito, voltando ao sono preguiçoso. Allegra seguiu em frente, nervosa. Ao fechar atrás de si a pesada porta, foi assaltada por um enorme sentimento de culpa. Estava saindo de casa na calada da noite, às escondidas. De uma forma ou de outra, estava traindo o marido.

Por outro lado, ia ao encontro de um homem que, declaradamente, precisava da presença dela, e não de alguém que quisesse usá-la apenas como um animal reprodutor. Além disso, era um homem cheio de ternura, inteligente e... incrivelmente belo. Mesmo assim, Allegra sentia que estava fazendo algo reprovável.

"Irei apenas esta vez, para oferecer a ele a minha amizade", ela se desculpou. "Nada além disso."

Lá embaixo, a sombra de uma gôndola balançava ao sabor da água, em silêncio. O gondoleiro, um homem alto e de gestos vagarosos, estendeu a mão direita para ela. Allegra desceu correndo os degraus da escada, segurou a mão que ele oferecia e entrou na gôndola, sem pensar mais em se justificar.

CAPÍTULO VI

Silenciosamente, a gôndola foi deslizando sobre as águas do Grande Canal. Minutos mais tarde, entrou num canal secundário e, após passar pela Igreja de Santa Maria, parou em frente a uma casa de aspecto ao mesmo tempo nobre e simples.

A mão que a ajudou a descer da gôndola era exatamente a que ela ansiava por tocar. Em silêncio, Byron levou-a de graus acima, conduzindo-a diretamente a um pequeno apartamento. Depois de fechar a porta, ele tirou o cachecol com que ela havia enrolado o pescoço e afastou-se para olhá-la.

Allegra apertou as unhas contra a palma das mãos, para se certificar de que não estava sonhando. Sentia aquele olhar pelo corpo como se estivesse sendo acariciada.

"Ele é o meu amor verdadeiro", dizia o inconsciente dela. "Não pode ser um estranho, porque tudo o que faz comigo é maravilhoso demais!"

Os olhos do poeta estavam rasos de lágrimas, mas a expressão do rosto era de pura alegria. Allegra, igualmente, estava tão feliz que sentia vontade de chorar. Não conseguindo mais controlar os próprios movimentos, correu para abraçá-lo, agarrando-se a ele com força.

Os braços do poeta não poderiam ser mais acolhedores.

— Pobrezinha — ele falou, com voz doce, enquanto enfiava os dedos nos cabelos dela. — Foi por isso que a chamei para este esconderijo. No Palácio Mocenigo sou sempre importunado por criados e gente de todo tipo. Aqui, podemos usufruir de uma coisa muito preciosa: privacidade.

Passando o braço por cima do ombro da jovem, ele a conduziu do vestibulo à sala. Allegra correu os olhos em volta e reparou que as paredes eram cobertas por um papel com bonitos desenhos em vermelho. O fogo ardia na lareira e sobre uma mesa baixa havia um prato com biscoitos ingleses. Byron fez com que ela se sentasse num sofá coberto por uma manta oriental e foi até a mesa, onde encheu duas taças de vinho.

Allegra estendeu a mão trêmula para receber a taça que ele ofereceu. Em movimentos seguros, Byron curvou o corpo e sentou-se no tapete, bem perto dos joelhos dela. Em seguida, ergueu a taça, num brinde.

— À mais doce e adorável dama de Veneza... um presente que Deus, em sua infinita bondade, mandou a um homem que se debate num mar de dor e frustrações. Imagino que, constrangida a viver num mundo de tristezas, você nem imagina a alegria que pode tirar do amor.

Allegra sentia como se aquela voz a penetrasse, atingindo-a diretamente nos nervos. Não conseguia desviar os olhos daquele rosto.

De uma só vez, o poeta bebeu todo o conteúdo da taça e voltou a olhar para ela. Apenas para fugir à intensidade daquele olhar, Allegra repetiu o gesto e bebeu todo o vinho. Imediatamente, seus músculos relaxaram e o peito foi invadido por um calor gostoso. Byron pegou a taça vazia e aproveitou para tomar a mão da visitante.

— Seus dedos estão gelados, minha pombinha. Espero que não esteja com medo de mim.

Dizendo isso, ele inclinou a cabeça e beijou a palma de cada uma das mãos dela. Ao pôr os olhos naqueles cabelos levemente crespos, Allegra sentiu o coração invadido por um amor tão intenso que mal podia respirar. Quando ele ergueu outra vez a cabeça, ficou claro que algo muito forte os unia. Os olhos dele, dos quais emanava uma luz intensa, eram como duas janelas abertas para um mundo novo e lindo. Eram os olhos do príncipe com quem ela sempre sonhara. Não havia mais o que temer e Allegra abriu um sorriso.

— Assim está melhor — aprovou o poeta, com a mesma doçura na voz. — Agora, fale-me de você, meu amorzinho. Quero saber de tudo. Depois, espero que tenha um pouco de paciência para me ouvir falar de mim mesmo.

Confiante, Allegra não se fez de rogada. Contou tudo, até mesmo as preces que fazia a Santa Clara, no convento. Byron ouvia com atenção. Quando ela passou a narrar o casamento com Barretto, às vezes ele não se controlava e soltava exclamações em inglês. As lágrimas cobriam o rosto da jovem quando ela, surpreendentemente, contou como fora sua noite de núpcias, sem omitir nada.

— Oh, meu Deus! — exclamou Byron, abraçando-a e beijando-a nos cabelos. — Foi mesmo o destino que marcou o nosso encontro. Então, agora você tem um filho... e, por marido, um exemplar perfeito do tradicional e estúpido machismo italiano. E o pior, Allegra *mia*, é tudo isso levá-la a pensar que amor e sexo têm de ser coisas dolorosas.

Outra vez ele beijou-lhe a palma das mãos, e Allegra desejou se entregar por inteiro, da cabeça à ponta dos pés.

"Como tudo aconteceu tão de repente, meu Deus!", ela pensou. "Bastou aparecer na minha vida a pessoa com quem eu sempre sonhei."

Byron, que estava de joelhos, sentou-se no sofá e passou o dedo nos lábios dela.

— Seus lábios são quentes e macios, *cara mia*. Posso ensinar a eles uma porção de coisas do amor.

O poeta disse isso com o rosto muito próximo do dela, como numa promessa, mas se afastou em seguida.

— Só vou lhe ensinar o que você quiser, Allegra querida. De qualquer forma, acho que não deve passar o resto da vida sem saber o que é o amor verdadeiro. Por favor, entregue-se a mim e aceite o que o meu coração oferece com tanto ardor.

Allegra estava a ponto de sucumbir. Num momento de reflexão, porém, lembrou-se do propósito que a levava até ali.

"Não, você não pode simplesmente cair nos braços dele", ela se advertiu.

— Por favor, *milorde*, fale-me de si — sugeriu Allegra, com bravura. — Espero não ter vindo aqui apenas para... Ou será que só eu tenho de confiar?

Imediatamente, desapareceu o sorriso que havia no rosto de Byron, dando lugar a uma expressão de amargura.

— Nem imagina o que está me pedindo, *madonna*. Se eu lhe falar a verdade, é muito provável que suma daqui para nunca mais aparecer. Como é que alguém vai entender o que se passa no meu coração, se eu

próprio não entendo? Até hoje, apenas uma mulher conseguiu me entender, mas ela...

Dominada por um sentimento de pena, Allegra acariciou os cabelos dele.

— Oh, *milorde*, eu...

Outra vez sentado no chão, Byron aninhou a cabeça nas pernas da jovem, debulhando-se em lágrimas.

— Por favor, Allegra, chame-me como quiser, mas não de *milorde*. Pode me chamar de Byron, George... Bem, já que você quer, vamos começar do princípio. Meu nome é George Gordon Byron e nasci num dia frio de janeiro, de uma mulher que teve a desventura de sucumbir ao charme de um aventureiro, o meu pai. Por pura "decência", ele se casou com minha mãe, mas desapareceu em seguida, levando o dote, é claro, e eu jamais pude conhecê-lo. De repente, com a morte do meu avô paterno, me vi herdeiro do título de lorde Byron. Só que, na Inglaterra, a sucessão dos títulos de nobreza é uma coisa um tanto complicada.

Passando a descrever as emoções que sempre o jogavam nos braços das mulheres, Byron afastou os olhos de Allegra.

— Amar uma mulher jamais foi para mim uma coisa plenamente satisfatória. É bem diferente da amizade de um homem. Hobhouse, meu amigo desde os tempos de escola, é um bom exemplo disso. O sentimento que nos une está acima das diferenças de temperamento. Os amigos são o sal que torna a vida suportável.

Ao fazer essa reflexão, ele riu.

— Devo estar dizendo muita coisa que não soa racional aos seus ouvidos, Allegra. Acho melhor contar como acabei me tornando um poeta. Meu primeiro livro foi uma espécie de narrativa de viagens. Chamei-o de *A Peregrinação do Pequeno Harold*. Quase como uma brincadeira, entreguei os manuscritos a um primo para que tentasse publicar. Minha mãe havia morrido pouco depois de eu retornar da viagem que inspirara os poemas. Por causa disso, eu estava cheio de dor e sentimento de culpa. O destino, porém, foi caprichoso comigo. O livro foi publicado e, da noite para o dia, eu estava famoso.

Para Allegra, era difícil imaginar uma vida tão diferente da sua. Quando o poeta passou a falar na meia-irmã, Augusta, o rosto dele foi tomado por uma expressão de ternura.

— Ela é uma pessoa doce, assim como você. Nossa relação era muito superficial, até que passamos a nos corresponder, quando eu estava no colégio. Depois que me tornei o literato preferido da sociedade, ficamos ainda mais chegados. Augusta é casada com um idiota que só pensa em cavalos e não faz outra coisa além de jogar e pôr filhos na barriga dela. Ultimamente, minha irmã tem precisado da minha ajuda financeira.

Durante algum tempo, ele ficou em silêncio, com o corpo recurvado e a cabeça entre as mãos. Finalmente, explodiu numa torrente de palavras:

— Ela é a única pessoa que consegue me entender. É como eu. Apesar da aparência tranqüila, tem um fogo que corre nas veias... um fogo que só eu conheço. Quando estou com ela, tudo é alegria. Só que,

agora, estamos definitivamente afastados um do outro, por obra daquele exemplo acabado de frieza e hipocrisia, *lady Byron*... minha esposa, uma mulher que está sempre acima de qualquer crítica.

Em seguida, ele passou a caminhar pela sala, com passos nervosos. Enquanto isso, narrava a vida que levava em Londres e os casos que tivera com um sem-número de mulheres.

— As mulheres sempre vinham a mim dispostas a se entregar, não me davam sequer o prazer da conquista. Eram assim como frutos maduros, prontos para serem colhidos. Carol Lamb é um exemplo disso. De uma só vez, ela tornou miserável a minha vida e a do marido.

Ao ver o rosto pálido de Allegra, ele parou de falar e correu para sentar-se ao lado dela, abraçando-a.

— Não sei por que sempre tenho de falar demais. Não estou querendo dizer que todas as mulheres... que você... Acha que não sou capaz de identificar a pureza? Sei muito bem que você veio aqui com o coração cheio de bondade.

Como se quisesse garantir a veracidade do que estava dizendo, ele encostou os lábios nos dela, num beijo cheio de ternura. Sentindo-se dona exclusiva daquele beijo, Allegra outra vez se encheu de confiança.

O poeta recostou-se no sofá e, segurando a mão dela, continuou a narrativa. Allegra mal prestava atenção no que ele estava dizendo, transtornada pelo toque daquela mão. Era como se aquilo provocasse nela um fogo crescente nas entranhas, uma sensação ao mesmo tempo aterradora e deliciosa. Será que quem estava ali era mesmo a recatada Allegra, a mulher que não suportava ser tocada pelo marido e que olhava os homens com indiferença?

Por sorte, Byron estava concentrado demais no que dizia para prestar atenção naquela reação. A essa altura, falava do próprio casamento, com amargura na voz.

— Tive de me casar, Allegra, mas foi apenas por conveniência, uma satisfação para com a sociedade... mais ou menos como aconteceu com você. Era necessário produzir um herdeiro para o nome Byron... e também me tornar um homem respeitável. Mas que jogo engraçado é a vida, meu Deus! Seja como for, escolhi a mulher que me pareceu mais... adequada. Era atraente, apesar de não ser bonita, e tinha uma reputação intocável. Pretendíamos ter apenas um filho, que herdaria uma fortuna e seria bem-educado. Até achei que poderia levar a coisa de forma razoável, mas aquilo não era amor. Não passava de arranjo, um encontro de conveniências. Desde o princípio, ela punha os olhos em mim como uma professora primária sempre censurando o comportamento do aluno. Aqueles olhos azuis me irritavam. Ela estava sempre pronta a desfiar a lista dos meus erros... e, é claro, eu contribuía para que a lista se tornasse cada vez mais extensa. Apesar disso, todos diziam que nós dois formávamos um casal perfeito. Todos menos Augusta, minha irmã.

Por alguns instantes, ele ficou sorrindo em silêncio, evidentemente tocado pela lembrança da irmã.

— Augusta queria ajeitar as coisas, tentava ser amiga de Annabella, minha mulher. Para complicar, minha situação financeira se tornou insustentável. Nem a venda de Newstead, a propriedade da família, daria

para saldar as dívidas, e os credores batiam à porta todos os dias. Annabella estava grávida, já perto da época de dar à luz. A pobre Augusta se desdobrava, ajudando no que podia. Enquanto isso, eu buscava consolo na bebida. Finalmente nasceu a criança, uma menina que recebeu o nome de Ada e que vi muito poucas vezes. Quase em seguida, Annabella resolveu ir para a casa dos pais, recuperar-se do parto. Eu pretendia juntar-me a ela, depois de resolver uns assuntos com o meu editor.

Antes de continuar, o poeta soltou um suspiro, com a amargura estampada no rosto.

— Antes que pudesse fazer isso, porém, fui procurado por um oficial de justiça. Ele me entregou uma notificação me dando conta de que minha mulher estava requerendo a separação legal. Supliquei que ela reconsiderasse apenas por causa da criança, mas foi em vão. Na audiência, Annabella tentou convencer o juiz de que eu estava louco e que fazia coisas terríveis em casa, sempre apoiado por Augusta... Depois disso, é claro, fiquei malvisto na sociedade. As mulheres que viviam à minha volta desapareceram e até os amigos mais chegados se afastaram. A pobre Augusta sofreu terrivelmente. Foi por causa dela e da minha filha que resolvi deixar a Inglaterra.

Byron levou as mãos ao rosto e desatou num choro convulsivo. Sem saber o que fazer, Allegra tocou-lhe as mãos e as segurou, num gesto solidário. Estava claro que aquele homem precisava desesperadamente de apoio.

— Faria melhor se guardasse toda essa amargura para mim e a levasse comigo para o túmulo — falou Byron, controlando-se. — Minha esposa ganhou a causa. Inadvertidamente, acabei ajudando para que isso ocorresse, porque, perante o juiz, disse coisas das quais me arrependi depois. Hoje ela está lá, intocável, espalhando mentiras a meu respeito. A vingança de Annabella foi mais terrível do que eu merecia.

Outra vez ele passou a caminhar pela sala, em silêncio. Depois, parou na frente de Allegra.

— O meu pé... Como pode ver, sou manco. É um defeito de nascença. Mas será que isso faz alguma diferença? Você sente aversão por um homem aleijado?

Allegra balançou a cabeça.

— Acho que você é um homem muito bonito — ela declarou, com sinceridade.

Durante um minuto inteiro, os dois ficaram se olhando em silêncio.

— Obrigado, Allegra — ele falou, finalmente. — Vejo em você inocência e honestidade, duas coisas de enorme valor. Bem, aqui estou eu, a ovelha negra expulsa da sociedade britânica. Felizmente, fui acolhido na Itália por gente sem hipocrisia. Por sorte, também consegui manter a criatividade e a inspiração. Não tenho dúvidas de que minha obra permanecerá até depois da minha morte. Mesmo na Inglaterra meus poemas são lidos, apesar de as pessoas de lá me virarem as costas. Sucessivas edições dos meus livros têm se esgotado. Aposto que, quando sair meu próximo trabalho, *Don Juan*, será como mexer numa casa de marimbondos... Mas acho que você não se interessa por isso. Voltando ao assunto de antes, minha vida não tem sido muito exemplar desde que vim

para cá. Mesmo assim, vou deixando as coisas acontecerem.

Como se fosse confessar algo constrangedor, ele virou as costas para a atenta ouvinte.

— Tenho uma filha ilegítima chamada Allegra... A mãe dela é uma dessas imprudentes e atrevidas jovens inglesas que viviam se jogando nos meus braços. Felizmente, fiquei com a guarda da criança. Hoje ela vive aqui comigo, em Veneza. É uma menina alegre, linda... sem dúvida, uma Byron.

Voltando a olhar de frente para Allegra, Byron ficou muito sério.

— Fiz muitas tolices depois que saí da Inglaterra. No entanto, não me acho um caso perdido. Quando vi você, esta noite, com aquela incrível expressão de doçura e pureza, me senti um náufrago que vislumbra uma tábua de salvação. O destino cruzou os nossos caminhos, Allegra, porque temos muito o que dar um ao outro.

Com muita ternura, ele enfiou os dedos nos cabelos dela. Outra vez, Allegra sentiu o sangue queimando nas veias.

— Você se parece demais com Augusta — ele murmurou. — A expressão dos seus olhos é a de quem passou por um grande martírio. Foi covardemente violentada, legalmente estuprada por um marido sem sentimentos, mas conseguiu manter a pureza, a inocência de uma criança. Mesmo assim, Allegra, você conheceu muito pouco das maldades do mundo. Como será quando experimentar tudo?

Agora ele a acariciava no rosto, apenas tocando-o com a ponta dos dedos.

— Recusando-se a ver as desgraças a sua volta, Augusta ri de tudo. É como se isso a ajudasse a superar as dificuldades. E você, caríssima, consegue rir da dor?

Allegra olhava nos olhos dele, hipnotizada por aquela voz de veludo. O leve sotaque o tornava ainda mais fascinante. O que ele estaria querendo dizer? Sem encontrar uma resposta, a jovem condessa se sentia dominada por uma ânsia de entrega.

— Tudo o que quero é fazê-lo feliz — ela se dispôs, com um brilho intenso nos olhos. — Sinto que posso lhe falar tudo o que quiser e que serei entendida. Pode confiar em mim... Byron *mio*. Allegra ouviu o som das próprias palavras como algo inebriante. Byron sorriu e beijou-lhe a mão.

— Já está perto de amanhecer, *cara mia*. Devo deixá-la ir agora. Conheço a reputação do velho Di Rienzi e não quero que nada de mal lhe aconteça. Mas não se preocupe, porque voltaremos a nos encontrar. Quero que pense em tudo com muito cuidado. Meu desejo é receber um pouco do muito amor que você tem no coração.

Agora os dois estavam de pé, de frente um para o outro, e todo o corpo de Allegra vibrava, dominado por emoções muito fortes.

— O que quero de você é muito mais que uma simples amizade — ele confessou. — Pelo menos no espírito, já somos amantes. Você deve considerar isto muito bem, antes que voltemos a nos ver. Posso lhe dar prazer, minha doce Allegra. Titã irá buscá-la à meia-noite. Você deve decidir se aceita o presente que a vida lhe oferece.

Dizendo aquilo, Byron cobriu os ombros dela com o cachecol e

conduziu-a à saída. Antes de sair, Allegra parou para uma última olhada na sala, querendo guardar na lembrança cada detalhe daquele ambiente.

Lá embaixo, ele a ajudou a entrar na gôndola e ficou parado, sorrindo. Titã manobrou a embarcação na escuridão da madrugada, levando-a para longe do poeta.

Allegra ergueu os olhos para o céu estrelado e rezou para que todos estivessem dormindo na Ca' d'Argenti. Quando chegaram, Titã ajudou-a a descer e, depois de esperar que ela entrasse na casa, afastou-se em silêncio.

No caminho de volta ao quarto, Allegra encontrou Bruno no mesmo lugar de antes. Sonolento, o velho cão rosnou à passagem da dona da casa e voltou a dormir. Todo o palácio estava em silêncio. Minutos mais tarde, enquanto pendurava o casaco no cabide do quarto, Allegra reparou que a lareira ainda ardia. Quando se voltou, estremeceu ao ver um vulto que se movia na penumbra.

— Não tenha medo, *madonna* — disse a voz calma de Gina. — A senhora está bem? Fiquei esperando para ajudá-la. Não tema que não irei traí-la.

Allegra não soube o que dizer e começou a chorar. Com um murmúrio de simpatia, Gina aproximou-se e abraçou-a. A condessa encostou a cabeça no ombro da camareira, a única amiga com quem podia contar.

— Oh, Gina... Preciso tomar uma decisão muito séria e não tenho ninguém mais com quem falar sobre isso.

Gina sentou-se na borda da cama e ficou escutando, solidária, as palavras que saíam da boca da patroa, aos borbotões. Ao ouvir o nome de Byron, ela franziu a testa.

— Conhece a reputação dele, senhora?

— Ele próprio me falou tudo. É um homem muito sofrido... um poeta, uma pessoa sensível... Seja como for, Byron é um homem bom, de percepção muito aguçada. Ele é doce, ama tudo o que é belo. É um amigo confiável... e eu o amo!

Gina fez um gesto de hesitação.

— Pelo que ouvi dizer, Byron é um homem bem diferente do conde, sabe acolher as pessoas que precisam dele. No entanto, o que dizer do uso que ele faz das mulheres? E o escândalo que protagonizou na Inglaterra... Diz-se até que teve um caso de paixão incestuosa com a própria irmã...

— O amor que une os dois não pode ser mais puro, Gina! Augusta é meia-irmã de Byron e, segundo ele próprio me disse, existe uma grande identificação entre os dois. Eles têm os mesmos gostos, o mesmo temperamento. Ele se sente muito bem ao lado dela, muito mais do que com qualquer outra pessoa. Augusta fez de tudo para que o casamento de Byron desse certo, mas acabou provocando ciúme em Annabella, a mulher dele. Eu não sei, Gina... Pelo que pude entender, Byron sofre muito por estar longe da irmã.

Ouvindo a própria voz, Allegra espantou-se de estar tentando convencer alguém de algo que considerava tão claro. Depois de um momento de silêncio, ela voltou a falar:

— O que sinto, Gina, é que, se não aceitar o amor que ele me oferece agora, me arrependerei pelo resto da vida. Byron é o homem com quem sempre sonhei, aquele por quem rezava no convento de Santa Clara. Só que agora não estou sonhando, mas sim vivendo um momento muito real. E eu o amo, isto é definitivo.

— Compreendo — falou a camareira, devagar. — A senhora já passou por muito sofrimento e não pode esperar muita coisa até que... o conde morra. Ainda é uma mulher jovem, e *milorde* é um homem bonito. Sei muito bem que a senhora irá vê-lo, com ou sem a minha ajuda. Por isso, eu a ajudarei. Quero que seja feliz, *cara*, e não serviria de empecilho. Mesmo assim, não estou tranqüila... Perdoe, senhora, mas acho que lorde Byron não é um homem em quem se possa confiar. Com todo o charme, todo aquele fascínio, ele tem uma história com muitas partes obscuras. São muitas as mulheres de Veneza que se relacionaram com ele, mulheres de todas as classes sociais, mas todas por muito pouco tempo...

Mesmo tendo afirmado o contrário, Gina se esforçava para fazê-la mudar de idéia. Os olhos de Allegra se cobriram de sombras.

— Sei disso, mas acho que nenhuma delas deu a Byron o que ele realmente precisava. Tudo o que ele quer é amor, amor verdadeiro.

Gina soltou a mão da patroa e se pôs de pé.

— Pode contar comigo. Também sou mulher e entendo perfeitamente o que está se passando. Mesmo assim, senhora, peço que pense muito bem. É um conselho que o próprio Byron lhe deu. Imagino que, quando um homem diz isso a uma mulher, deve ter boas razões.

Gina ajudou-a a trocar de roupa e se retirou, desejando-lhe boa-noite. Allegra, porém, não ficou mais que um minuto na cama. Jogando para o lado as cobertas, correu para a escrivaninha e tirou da gaveta o diário, no qual passou a escrever, quase com raiva:

20 de março.

Este é o meu diário, meu companheiro, o único que me ouvirá sem querer me julgar. Só assim posso dizer o que vai no meu coração esta noite... Preciso vê-lo! O sol já vai nascendo e eu estou na minha prisão. Oh, Byron! Preciso repetir o nome dele... Byron! Byron! Oh, Deus misericordioso, ele veio para me tirar deste mundo de trevas. Nunca mais ficarei sozinha, porque Byron me encontrou!

Registrarei cada palavra, cada olhar, cada toque. Não quero esquecer nada que saia dos lábios dele.

Allegra mergulhou na cama quente com o coração cheio de felicidade, sorrindo sozinha na escuridão do quarto. Afinal de contas, não havia escolha nenhuma a ser feita ou decisão a ser considerada. Tudo já estava traçado pelo destino e tinha de ser cumprido. Disso ela estava inteiramente certa. Tinha sido bom conversar com Gina, mas os temores da camareira eram infundados.

Sem mais dúvidas quanto a isso, Allegra relaxou os músculos e se deixou dominar pelo sono. Na noite seguinte, Titã estaria esperando no canal escuro. Finalmente ela podia ver pela frente um mundo de

felicidades.

Com muito cuidado, Allegra conseguiu passar o dia seguinte sem trair a ansiedade com que esperava pela chegada da noite. Conversou com Adriana, que brincou com ela por ter tido a felicidade de ficar sozinha com lorde Byron durante alguns minutos, na varanda da casa de Marina Benzoni.

— De fato, Adriana, milorde é um homem muito atraente.

— Atraente? Ele é muito mais que isso, Allegra! É um verdadeiro Adônis. É impressionante como você é pouco observadora em relação aos homens...

À tarde, Gemma e Lipia foram tomar chá com ela e tagarelaram como de costume. Insistiram para que Allegra desse um baile para o qual convidasse a alta sociedade de Veneza. Assim, diziam, poderiam conhecer homens interessantes que talvez se sentissem atraídos por elas.

— Você tem sorte, Allegra — falou Gemma, repetindo o que já dissera inúmeras vezes. — Por que não tirar um pouco de vantagem disso? Compre roupas bonitas, da moda. O seu Barretto será generoso, agora que tem o filho que queria.

Allegra procurou ignorar aquela sugestão boba. O que suas irmãs não diriam se soubesse que ela havia rejeitado Barretto, que ele ameaçara matá-la se descobrisse que... que ela estava prestes a se entregar ao famoso lorde Byron? Talvez finalmente Adriana reconhecesse que a recatada Allegra tinha bom gosto em relação aos homens.

De fato, estava surgindo uma nova Allegra, alguém que ela própria não conseguia reconhecer. Era uma mulher cheia de paixão, cujo corpo estremecia só de pensar na noite que estava por vir... Uma mulher pronta a trair o marido... Seria a mesma Allegra?

De uma só vez, ela pusera de lado os valores que tanto havia prezado, sem temer as conseqüências.

Quando finalmente o horizonte assumiu uma coloração avermelhada, anunciando a chegada da noite, o coração da condessa se acelerou, numa muda expectativa. Adriana notou algo de estranho e não escondeu a curiosidade.

— Você está bem, minha querida? Parece quieta demais.

— Estou apenas com um pouco de dor de cabeça, Adriana — mentiu Allegra. — Acho que vou para o quarto.

No refúgio do quarto, ela ficou andando de um lado para o outro, tentando controlar o nervosismo. Talvez Adriana imaginasse que ela estava grávida outra vez. Era até bom que pensasse assim.

As horas pareciam demorar uma eternidade para passar. Deitada na cama, Allegra fixou os olhos nas páginas do romance que tinha aberto à sua frente, mas via apenas o rosto de Byron. Via-o com muita clareza, os traços nobres e belos, o brilho intenso dos cabelos, a boca bem desenhada procurando a dela... Acabou adormecendo, mas foi acordada pela fiel Gina, que sorria ao lado da cama.

— Imaginei que gostaria de tomar um banho, *cara*, e por isso preparei tudo. Já são onze horas.

Depois do banho, Gina ajudou-a a pôr um vestido cor-de-rosa, de corte simples, e escovou os cabelos ondedados da patroa. Allegra olhou-se

no espelho e se achou bonita. As maçãs do rosto estavam levemente avermelhadas e as pupilas estavam dilatadas pelo estado de excitação.

— Ele a achará irresistível, *madonna* — avaliou a camareira, sorrindo.

Finalmente, o relógio de parede bateu as doze badaladas. Como num eco, no campanário da Basílica de São Marcos os sinos repetiram as mesmas batidas. Gina enrolou um cachecol cinzento no pescoço de Allegra e abraçou-a.

— Seja feliz — ela desejou, antes de se afastar discretamente.

Com a pulsação acelerada, Allegra atravessou a casa silenciosa e, abrindo a porta com cuidado, divisou a gôndola que balançava nas sombras do canal.

CAPÍTULO VII

Não demorou para que Allegra percebesse que Titã conduzia a gôndola por um caminho diferente do da noite anterior. Certamente, não estavam indo para o pequeno apartamento perto de Santa Maria Zobenigo.

A embarcação deslizou pelo Grande Canal por algumas centenas de metros até entrar num canal lateral, parando pouco mais tarde em frente ao Palácio Mocenigo. Tudo estava escuro e quieto. Sem dizer uma palavra, Titã ajudou-a a desembarcar e a subir os degraus da escada externa. Depois, abriu a porta de entrada e acendeu uma pequena lâmpada de azeite, que passou a um segundo homem.

— Siga-me por favor, *ma'am* — convidou o desconhecido, fazendo um gesto em direção à escadaria central. — Sou Fletcher, empregado de *milorde*.

Allegra achou simpático o sorriso daquele estrangeiro. Além disso, nada havia na voz dele que sugerisse alguma censura ao comportamento dela.

A luz que Fletcher carregava era muito fraca, dificultando a visão. Mesmo assim, Allegra identificou pelas paredes muitas tapeçarias orientais e pinturas em molduras douradas. Finalmente, o inglês abriu uma pesada porta e se afastou para dar passagem.

— Entre — convidou Byron, sentado numa espaçosa mesa de trabalho.

Ele se levantou e emitiu um sorriso que fez com que Allegra sentisse as pernas bambas. Logo em seguida, correu para abraçá-la.

Durante algum tempo, Allegra manteve o rosto encostado ao veludo macio do casaco que ele vestia. Depois disso, Byron fez com que ela erguesse a cabeça, ao mesmo tempo que a beijava nos cabelos, na testa, nos olhos, na ponta do nariz... Finalmente, os lábios deles se juntaram com ânsia.

— Allegra *mia* — ele chamou, entre um beijo e outro —, devo entender que o fato de você estar aqui significa que tomou uma decisão a meu favor?

A jovem ergueu para ele os olhos cheios de confiança e amor.

— Eu não poderia ter feito outra coisa.

Byron suspirou profundamente e puxou-a para mais perto, com enorme ternura. Tocava-a com muito cuidado, como se ela fosse a fragilidade em pessoa. Allegra sentiu o bater descompassado do coração do poeta e desejou jamais sair daquele abraço. Era como se, finalmente, houvesse encontrado um lar.

Aos poucos, ela foi se sentindo encorajada a retribuir as carícias que recebia, o que tornou tudo ainda mais delicioso. A certa altura, Byron voltou a falar, dando a impressão de que tinha algo sério a dizer:

— Querida, não deve sentir temor por eu tê-la trazido aqui. Não quero que se sinta pressionada, seja como for. Na verdade, meu desejo é encontrar uma identificação perfeita, tanto com sua mente fascinante como com seu corpo maravilhoso. Achei que seria bom você conhecer o local onde trabalho e durmo. Assim, estará partilhando da minha

intimidade.

Dizendo isso, ele fez um gesto em direção à mesa de trabalho, ocupada por um emaranhado de papéis manuscritos.

— É aqui que escrevo meus versos, muitas vezes noite adentro. Acho que a inspiração me vem mais facilmente quando as outras pessoas estão dormindo. Veja, comecei a escrever um poema para você...

Sentindo-se a mais feliz das mulheres, Allegra correu os olhos pelo papel que ele entregou. Estava escrito em inglês, mas ela entendeu sem dificuldade:

Finalmente achei uma ave gentil e doce, uma freira que soube escapar do convento. Na minha mão ela treme, como se fosse meu coração, que escapou ao sofrimento...

Byron observava as reações da jovem, com um misto de curiosidade e insegurança.

— Parece que você não entendeu muito bem. Talvez eu devesse ter traduzido o poema...

— Não, não, eu entendi tudo — apressou-se em garantir Allegra. — É muito bonito.

Ao ouvir aquilo, o poeta voltou a abraçá-la, exultante.

— Nem imagina como estou feliz, Allegra. Quando estou com você, a alegria supera o calor. Ao mesmo tempo, é como se tivesse na palma da mão um passarinho assustado, trêmulo, inocente e cheio de ternura. Mesmo sendo uma mulher casada e mãe de um filho, você é a própria inocência... Bem, talvez eu não seja a pessoa mais indicada para lhe falar em inocência.

Para ilustrar o que estava dizendo, ele se ergueu e pegou de sobre a mesa alguns papéis.

— Esta é a forma final que está tomando o meu último trabalho, *Don Juan*. Acho que nunca trabalhei tanto na vida e nunca tirei tanta satisfação do trabalho. É como se estivesse... pintando um auto-retrato... Deus do céu! Como posso estar falando isso tudo? Parece que só com você consigo abrir meu coração, *cara mia*.

Allegra não soube o que responder.

"Será que interrompi o trabalho dele?", ela se perguntou. "Talvez não devesse ter vindo."

Byron deve ter lido aquele pensamento, porque se sentou ao lado dela e cobriu-lhe as faces com a palma das mãos.

— É claro que fiquei contente com a sua vinda, minha "ave gentil e doce". Eu é que sou um idiota, porque fico falando em coisas com as quais você não tem nada a ver. Por favor, me desculpe. Não sou mesmo uma pessoa muito fácil de se tratar...

Mantendo o rosto da jovem entre as mãos, Byron olhou bem nos olhos dela.

— Você tem certeza, Allegra? Parece que tenho o dom de estragar tudo de bom que me acontece e não quero fazer o papel de patife com você.

Os olhos de Allegra brilharam, cheios de amor.

— Sim, eu tenho certeza — ela declarou, do fundo do coração.

Byron abraçou-a e os dois permaneceram assim por um bom tempo,

como se um não pudesse dispensar o calor do corpo do outro. Para eles, não existia ninguém mais e nada além daquele momento mágico.

De súbito, uma claridade intensa atravessou a sala, seguida pelo estrondo de um trovão.

— Meu Deus, uma tempestade! — exclamou Byron, com uma alegria quase infantil.

Em seguida, ele correu para abrir a janela, no justo momento em que outro relâmpago iluminava as águas do canal. Allegra o seguiu e também se debruçou na janela, com uma alegria in-contida, misturando o riso com o barulho dos trovões.

— Então, você é igual a mim — constatou o poeta, abraçando-a. — Ama as forças da natureza!

Ainda rindo, ele a tomou nos braços e levou-a para o canto oposto do aposento, onde uma enorme cama era como uma ilha no meio de inúmeras cadeiras desordenadamente dispostas.

Depois de deitá-la com cuidado, ele rapidamente tirou a roupa. Tinha um corpo gracioso, moderadamente musculoso. Era um belo homem, como ela já previra... e bem diferente do horroroso Barretto.

Allegra sorriu quando ele se deitou ao lado dela, procurando a melhor forma de livrá-la do vestido. Com um lampejo, passou pela mente da jovem a idéia de que ele já devia ter despido inúmeras outras mulheres. E certamente era um perito naquilo, porque não demorou para que ela se visse nua. Byron beijou-a entre os seios, enquanto corria a palma da mão pelas coxas. Quando os lábios dele tocaram no bico de um dos seios, todo o corpo de Allegra estremeceu.

— Não vou machucá-la, *cara* — ele garantiu, num murmúrio. — Confie em mim.

Mesmo assim ela estava amedrontada, principalmente por causa da lembrança das formas grosseiras como Barretto a possuía. Byron deve ter entendido, porque foi incrivelmente terno. Os lábios dele tocaram nas partes mais sensíveis do corpo de Allegra, provocando nela sensações indescritíveis e gemidos de prazer.

O fogo que ela sentia no ventre aumentava, num crescendo. Momentos mais tarde, abraçando-se com ânsia, eles agiam como se quisessem confundir os corpos, torná-los um só. Quando se deu a penetração, Allegra pensou que iria desmaiar de prazer. Jamais havia imaginado que um dia poderia atingir um gozo tão pleno.

— Obrigada, meu amor — ela murmurou, ainda tonta. — Obrigada.

Carinhosamente, Byron afagou os cabelos da amante.

— Oh, minha pombinha...

Minutos mais tarde, Allegra ergueu a cabeça e reparou que ele dormia. Com cuidado para não acordá-lo, voltou a aninhar a cabeça no peito dele e sorriu de felicidade. Rezou a Santa Clara em agradecimento por aquela graça. Finalmente, conhecia o amor, sentia-o no coração, nas veias, no corpo inteiro.

Enquanto isso, a chuva continuava a cair lá fora, agora com menor intensidade. Ouviu-se uma leve batida na porta e Byron ergueu-se na cama. A voz de Fletcher anunciou a hora, provocando apreensão em Allegra. Já era quase manhã.

— Não tenha medo, meu amorzinho, que Titã a levará para casa em segurança — tranquilizou Byron, beijando-a. — Desgraçadamente, o tempo só passa depressa quando sentimos prazer. Quero tê-la outra vez, mas sei que as horas se arrastarão até que chegue a próxima noite. Você foi feliz comigo, Allegra *mia*? Guardará na lembrança o prazer que desfrutamos?

Allegra não tinha dúvidas quanto à resposta.

— Você me proporcionou os momentos mais doces da minha vida.

— Só que agora temos de voltar à dura realidade — filosofou o poeta, pulando da cama e começando a se vestir.

Ele parecia não reparar enquanto ela se enfiava no corpete e nas meias. No entanto, riu com vontade quando Allegra fez uma careta ao constatar que estava com os cabelos em completo desalinho. Depois, mais compreensivo, ofereceu uma escova e levou-a até o espelho.

Allegra começou a escovar os cabelos e Byron ficou parado atrás dela, cocando o queixo.

— Acho que prefiro como está — ele avaliou. — Faz-me lembrar o quanto foi gostoso o que acabamos de fazer...

— Ora, seu... — protestou Allegra, rindo e ameaçando-o com a escova.

Depois que ela deu um jeito na aparência, Byron abraçou-a por trás e beijou-a no ombro, com uma promessa:

— Amanhã será ainda melhor.

De mãos dadas, eles saíram do quarto e desceram a escada. Depois que atravessaram o hall, em silêncio, Byron parou e empurrou uma porta.

— Quero lhe mostrar uma coisa.

Curiosa, Allegra entrou no quarto, seguindo os passos dele. Num dos cantos havia uma pequena cama, aos pés da qual dormia um *setter* irlandês. O cão rosnou ameaçadoramente ao ouvir barulho, mas logo identificou o cheiro do dono e se acalmou. Na cama dormia uma criança que, pelos cabelos ondedos e pelos traços do rosto, era uma cópia fiel de Byron.

— Esta é Allegra — ele mostrou, orgulhoso. — A outra Allegra. Agora, tenho duas.

Por alguns instantes, Allegra ficou observando o homem que tinha os olhos fixos na filha, embevecido. Era evidente que ele amava aquela menina. *Com um forte sentimento de culpa* no coração, ela se lembrou do pequeno Renaldo. Sentia-se atraída por todas as crianças do mundo, mas não amava o próprio filho.

Byron pegou na mão dela e a conduziu à saída. No caminho, Allegra reparou que havia poucos móveis nas diversas salas. Aparentemente, ele não pretendia ficar muito tempo no Palácio Mocenigo.

Como numa operação meticulosamente preparada, Titã já esperava na gôndola, pronto para partir.

— Até amanhã, meu tesouro — despediu-se o poeta.

A caminho de casa, preguiçosamente recostada no assento da gôndola, Allegra parecia estar despertando de um sonho. Não, não podia ser verdade. Tudo era delicioso demais! Será que no dia seguinte Byron cumpriria a promessa de lhe proporcionar prazeres ainda mais

estonteantes? Agora, a recatada Allegra, a "freirinha" de que todos falavam, havia cedido lugar a uma mulher cheia de paixão, ansiosa por conhecer todos os segredos do amor.

Quando ela entrou no quarto, Gina atizava o fogo da lareira. Allegra mal cabia em si de contentamento.

— Estou feliz, Gina, muito feliz, exatamente como você desejou! Gina sorriu com condescendência e ajudou a patroa a trocar de roupa. Allegra mergulhou entre os cobertores, tonta de felicidade. Não demorou para sucumbir a um profundo sono. À saída do quarto, Gina parou perante a imagem de Santa Clara.

— Eu não entendo — falou, certa de que a santa a ouvia. — Teria sido mais prudente não atender às preces dela. Tudo isso só vai fazê-la ainda mais infeliz. Eu não entendo...

A imagem da santa permanecia muda e Gina achou melhor se recolher.

CAPÍTULO VIII

Depois daquela noite, Allegra passou a viver pensando apenas nas horas em que se encontraria com Byron. Durante o dia, ficava numa constante expectativa pela chegada da noite. Procurava agir com naturalidade, mas Adriana já estava reparando que alguma coisa havia mudado.

Diariamente, a condessa Di Rienzi ia brincar com o pequeno Renaldo durante algum tempo, apenas cumprindo uma obrigação.

"Se ele fosse filho de Byron, como será que eu me sentiria?", era a pergunta que sempre a assaltava.

No entanto, era impossível não ver no filho os traços de Barretto. Nessas ocasiões, Allegra se lembrava da menina que vira no Palácio Mocenigo. O que não passaria pela cabeça daquela criancinha que, mesmo tendo o carinho do pai, era obrigada a viver afastada da mãe?

Um dia, Elletra convidou-a para almoçar no Florian. Allegra mal conseguia resistir à tentação de contar tudo à prima. O reservado no qual as duas conversavam, enquanto saboreavam um prato de peixe, parecia o local ideal para confidências. O medo, porém, foi mais forte. Quanto menos gente soubesse do que estava acontecendo, melhor.

No entanto, era impossível esconder a sensação de felicidade, às vezes até um sorriso compulsivo, sempre que se lembrava de Byron, o que acontecia com constância. Elletra reparou naquilo e brincou:

— Você está tão radiante que, se não a conhecesse bem, diria que arranjou um amante.

Allegra não deu uma resposta direta, mas desviou os olhos do rosto esperto da prima.

À tarde, já em casa e esperando pela hora do jantar, ela ficou imaginando coisas. Barretto podia morrer, uma morte natural, é claro, deixando-a senhora exclusiva da Ca' d'Argenti. Byron também poderia ficar viúvo, o que permitiria que eles se casassem. Assim, sem medo da condenação da sociedade, ela confortaria o atormentado coração daquele homem. Isso certamente faria com que ele se tornasse um escritor ainda mais famoso.

O pensamento solto, aquele sonho seguia nas mais diversas direções, sempre maravilhoso... Eles viajariam para a Grécia, passeariam pelos campos e, postados ao lado das ruínas da Acrópole, contemplariam o pôr-do-sol. Naquele cenário de romance, trocariam beijos apaixonados. Byron não teria mais por que não apresentá-la aos amigos como o grande amor da vida dele.

Evidentemente, aquele sonho tinha muito de fantasia, mas também não era assim tão difícil de se realizar. Por outro lado, era impossível saber o que faria Byron se de uma hora para outra ela se visse livre.

Todas as noites, quando chegava a hora marcada, o mais freqüente era Allegra ser levada até o apartamento perto de Santa Maria Zobenigo. Nas primeiras vezes, a ânsia pelo prazer sexual era muito grande e eles conversavam muito pouco.

Cada vez mais, Byron se mostrava o amante perfeito, ao mesmo tempo terno e ardente. As carícias com que ele a presenteava eram

deliciosas demais, impossível de serem descritas com palavras. Allegra sentia-se nas nuvens, desejando que aqueles momentos não terminassem nunca.

Depois do amor, quase sempre o poeta adormecia e ela ficava a observá-lo, embevecida. Às vezes, ele acordava e piscava um olho, matreiro.

— Não me olhe assim tão de perto, meu amor — brincava Byron. — É como acordar e ver que estou sendo contemplado pela própria lua.

Outras vezes, logo depois de terem chegado ao orgasmo, ele se afastava e enfiava o rosto no travesseiro, debulhando em lágrimas. Depois que Allegra conseguia consolá-lo, à custa de muitas carícias e palavras doces, eles acabavam se amando outra vez.

Na quarta noite, Titã a levou ao Palácio Mocenigo, mas apenas para pegar Byron, que esperava no escuro, coberto por uma capa preta. Ele desceu os degraus da escada externa e entrou na gôndola, abraçando-a em seguida. O barco seguiu pelo Grande Canal, vagarosamente, tomando depois o caminho da lagoa.

— Olhe para a lua, meu bem — sugeriu Byron, beijando a orelha dela. — Como poderíamos ficar dentro de casa numa noite como esta?

Allegra ergueu os olhos para o astro luminoso, cuja luz branca se refletia na água do canal. Byron puxou-a mais para perto. A luz da lua iluminava também o sorriso dele, incrivelmente belo. Oh, como ela desejava fazê-lo feliz!

Depois que a gôndola entrou na lagoa, eles passaram perto de um local onde estavam ancoradas várias outras embarcações, com seus mastros de velas arriadas apontando para o céu estrelado.

— Vamos fazer um piquenique — anunciou o poeta, com alegria. — Você vai ter oportunidade de conhecer alguns dos meus melhores amigos. Mas não tenha medo, *cara mia...* São os meus cavalos.

Titã levou a gôndola para longe da margem e não demorou para que eles pudessem ver a igreja da ilha de San Giorgio. Era como se estivessem voando, montados num enorme cisne negro. Allegra transformou em palavras aquela imagem e Byron olhou para ela, com um sorriso doce.

— Então, você também faz poesia, minha Allegra. Com toda essa doçura, não duvido que venha mesmo a superar o meu talento. Por que não me conta o que mais tem escondido nessa cabecinha linda?

Com o rosto muito perto do dele, Allegra não conseguia desviar os olhos das linhas perfeitas daqueles lábios. Timidamente, enfiou os dedos trêmulos nos cabelos do poeta.

— Esse luar favorece o amor verdadeiro — disse ela. — É como se a magia dominasse tudo.

Byron ficou em silêncio durante alguns instantes, voltando a falar num estranho tom de voz:

— Realmente, é um mundo mágico, meu bem, mas será que você pode me dizer o que é o amor verdadeiro?

Em seguida ele se recostou no banco, com uma expressão de quem não esperava resposta. Allegra sentiu-se coberta por uma onda gelada, mesmo mantendo a mão entre as dele. Não achava prudente definir em

palavras o que entendia por amor verdadeiro.

— Não fique assim tão triste, *cara mia* — falou o poeta, finalmente.
— A lua é muito grande e esse brilho imenso vai muito além do que pode sentir um coração. Deixe-me beijá-la. Isto, sim, é real.

Allegra deixou-se dominar pela deliciosa sensação produzida pelo beijo. Byron era realmente um mestre naquilo, capaz de despertar no corpo e no espírito de uma mulher um desejo crescente.

Quando a gôndola passou pela pequena ilha de San Lazzaro, o poeta sorriu.

— Vez por outra eu venho aqui para estudar com os frades armênios. Estou aprendendo a língua deles, que é complicada e fascinante. E que paz se respira naquele convento! Nem Bonaparte teve coragem de confiscar a propriedade deles, como fez com todas as demais ordens religiosas.

Ele fez um sinal para que Titã levasse o barco até perto do ancoradouro da ilha, de onde se podia divisar com clareza a silhueta do mosteiro de San Lazzaro.

— Esses monges armênios são gente muito boa. Às vezes, quando converso com eles sobre religião, penso até em abandonar o mundo para assumir o hábito. Seria bom passar os dias cultivando rosas e árvores frutíferas, segundo uma rotina de trabalho e de preces.

Dos campos arborizados da ilha vinha um delicioso perfume de flores. A balaustrada do cais, igualmente florida, era a promessa de um lugar que convidava ao sossego e à meditação.

— Eu deveria morar aqui — continuou Byron, pensativo. — Se tomasse essa decisão, poderia realizar um trabalho honesto e visto por mais tempo... Sabe de uma coisa, Allegra querida? Tenho a premonição de que, se não optar por uma vida tranqüila, morrerei muito cedo.

Quando o angustiado poeta disse essas palavras, evidentemente tiradas do fundo do coração, Allegra quis confortá-lo, mas teve medo de parecer simplória demais. Mesmo assim, achou que devia falar.

— Para os que admiram a sua obra, não fará diferença se você morrer jovem ou velho... A beleza que sabe transmitir em tudo o que faz, diz ou escreve é que faz a diferença. Isso jamais será esquecido, o que é muito bom... Eu sei que é bom demais!

Emocionado, Byron levou a mão dela aos lábios e voltou a falar, quase sussurrando:

— Allegra... Allegra! Como poderei tornar real a imagem que você faz de mim? Não sou uma pessoa boa, Allegra, e muito raramente ajo de forma sensata. Além disso, o demônio que existe em mim vive me aconselhando a fazer tolices. Sim, sou um tolo, um idiota, porque não existe idiota maior do que quem vive fazendo o que não deveria...

— Não acredito que seja tão mau quanto quer me fazer crer — duvidou Allegra.

— Então, acha mesmo que consegue me entender? Só que existe muita coisa que você não sabe, minha pequena. Pensa que pode cuidar de mim apenas porque eu preciso de alguém que faça isso. Pois vivo procurando alguém que possa fazer isso e já me sinto cansado da busca. Preciso de uma mulher que me ame, que ria comigo quando eu sentir

vontade de rir, que me conforte quando a vida me machucar muito, enfim, que me complete e me proporcione paz.

Afastando-se alguns centímetros, Byron jogou a cabeça na almofada vermelha do banco.

— Meu Deus! Esse luar faz correr um fogo incrível nas minhas veias. Oh, que complicação de vida! Minha cabeça parece querer explodir de energia, uma energia trazida pelo luar.

Afastando-se mais, ele inclinou o corpo e repousou a cabeça no colo de Allegra, com uma súplica:

— Por favor, ponha sua mão na minha cabeça. Isso me aliviará a dor.

Era impossível negar-se a atender àquele pedido e Allegra enfiou os dedos nos cabelos dele, acariciando-os.

— Oh, céus! — exclamou o poeta, fechando os olhos. — O toque da sua mão é como uma bênção.

De fato, o desejo de Allegra era fazer passar pelos dedos todo o amor que sentia por ele.

Nesse momento, Titã ancorou a gôndola no pequeno cais de Lido, uma ilha de solo arenoso e vegetação cerrada. Um pouco para o interior, Allegra podia ver algumas construções de aspecto simples. Byron pulou do barco e ajudou-a a descer no cais.

— Você me curou, meu anjo — ele agradeceu, voltando-se em seguida para o gondoleiro. — Retornaremos daqui a algum tempo, Titã.

O enorme e silencioso gondoleiro fez apenas um gesto de cabeça e, enrolando mais o cachecol no pescoço, dirigiu-se à parte traseira do barco, onde pretendia dormir um pouco.

— Venha! — chamou Byron, estendendo a mão para Allegra.

Caminhando por uma calçada de pedra construída no meio do capim alto, eles passaram em silêncio por algumas casas até chegarem a uma construção maior. Um enorme cão de guarda marrom rosnou ameaçadoramente, mas logo mudou de ânimo e passou a fazer festa.

— Este é Piero — apresentou Byron, afagando o pescoço do animal.

No pequeno trajeto que ainda restava até a entrada do prédio eles foram escoltados pelo velho cachorro. A construção era em tijolo aparente, toda pintada de branco. De uma grande porta parcialmente aberta vinha um inconfundível cheiro de estrebaria.

Byron convidou-a a entrar e acendeu uma lanterna de azeite. Ao longo de uma das paredes estavam seis garanhões, cada um em seu compartimento individual de madeira. Quando os visitantes entraram, quatro dos cavalos viraram a cabeça e relincharam à aproximação de Byron. Um a um, ele os apresentou a Allegra, com toda formalidade. Seguindo o jeito maneiroso do poeta e fingindo-se séria, ela cumprimentou os animais batendo levemente na cabeça de cada um deles, ao mesmo tempo que repetia os nomes.

Quando a cerimônia de apresentação chegou ao fim, os dois começaram a rir. Allegra sentiu-se a mulher de quem ele precisava... aquela que ria no momento em que ele sentia vontade de rir. Juntos, passaram a alimentar os cavalos com cenouras que Byron havia levado numa sacola de pano, da qual foi tirado também um osso para Piero.

O lugar era aconchegante e Allegra sentiu-se inteiramente à vontade. Byron envolveu-a num abraço terno, mas que logo se tornou cheio de paixão.

— Você é um demônio de tentação, Allegra — ele comparou, levando-a até um monte de feno macio e cheiroso.

Allegra deixou-se cair no feno, rindo, e o poeta deitou-se por cima dela. Logo eles se entregaram ao trabalho de despir um ao outro, com mãos trêmulas e quentes. Depois, agarrando-se com braços e pernas, amaram-se demoradamente. O desejo de Allegra era que aquele orgasmo se eternizasse.

Depois que passou o momento de êxtase, ela se deixou ficar no feno, em completo abandono. Minutos mais tarde, Byron ergueu meio corpo e olhou-a com um jeito matreiro.

— Que situação mais constrangedora para uma condessa! — ele caçoou.

Allegra riu e ficou contente ao ouvir o som do próprio riso misturado ao de Byron. Era bom demais ter o poder de fazê-lo feliz. Depois de passar o dedo pelos lábios do amante, ela foi premiada com um beijo na palma da mão. Em seguida ele ficou roçando o queixo nos seios de Allegra.

— Sua pele é macia como uma pétala... É uma mulher adorável, Allegra. Será que consegui fazê-la esquecer o medo de buscar prazer no sexo, meu amor? O seu corpo sente prazer com o que fazemos?

— Sim, muito... — ela confirmou, com voz preguiçosa.

— Isso me deixa feliz.

Byron se pôs de pé e estendeu a mão para que ela também se levantasse. Caçoando um do outro, eles se ajudaram a tirar do corpo os fiapos de feno, antes de se vestirem. Depois, Byron alisou o pescoço dos cavalos, em despedida, e apagou a lanterna. Piero acompanhou-os na volta ao cais.

Titã já os esperava e, ao ver o par que se aproximava, pegou num dos cantos da gôndola uma pequena cesta de vime. Byron recebeu o farnel das mãos do gondoleiro e levou Allegra até um local não muito longe do cais, no meio da grama. Em volta havia flores silvestres e muitas roseiras. Mesmo não sendo muito bem cuidado, o local era agradável. Byron sentou-se na grama e abriu a cesta.

— Agora, nosso lanche! — ele anunciou, com gestos espalhafatosos. — Você não pode me acusar de ter pensado apenas em fazer amor.

Allegra riu e sentou-se também. Poderia parecer absurdo alguém pensar em fazer um piquenique em plena madrugada, mas para eles nada seria mais apropriado, ainda mais com aquele luar.

— Tome, meu bem — ofereceu Byron, servindo-lhe um copo de vinho e aproveitando para fazer um brinde. — À vida... como ela é.

Em seguida, ele serviu bolachas com queijo e, como sobremesa, doce de amêndoas. Quando terminaram de comer, foi até o roseiral e trouxe de lá um botão de rosa branca, que ofereceu a Allegra.

— Você é uma menina muito corajosa. Mesmo depois de tudo por que passou, não sente medo do amor. Bem, as mulheres sempre me... surpreendem. Elas existem para proporcionar e sentir prazer, mas

normalmente sofrem com isso.

Após essa observação, ele se ocupou em recolher os restos do piquenique, que pôs de volta na cesta. Enquanto fazia isso, parecia com o pensamento distante. Já de pé, Allegra encontrou na gola do vestido um lugar para pôr o botão de rosa que ganhara.

Enquanto eles caminhavam de volta à gôndola, a lua parecia se mover vagarosamente num céu agora parcialmente coberto por nuvens. Soprava também um vento bem mais forte que a brisa da hora em que eles haviam atracado.

Depois que os dois tomaram lugar na gôndola e a embarcação foi se afastando do cais, Byron reparou na mudança atmosférica e fez um ar de preocupação.

— Tome, querida — disse o poeta, erguendo-se e oferecendo à acompanhante um lenço de seda que tirou do bolso. — Cubra os cabelos com isto. O vento está forte e Titã vai precisar da minha ajuda.

Navegando contra o vento, para se mover a gôndola, foi preciso um grande esforço dos dois homens. Cada um a seu lado, eles apoiavam a longa vara no leito da lagoa e empurravam a embarcação.

Allegra cobriu os cabelos com o lenço, que amarrou sob o queixo. Ao mesmo tempo, decidiu não mais devolver aquele lenço, para guardá-lo como um tesouro.

Byron sorriu para ela. Empenhado no trabalho, ele não mostrava nem sombra da melancolia de pouco tempo antes, parecendo bem mais jovem e cheio de vida.

Pouco mais tarde, a embarcação entrou no Grande Canal, passando perto da Basílica de São Marcos. Agora eles estavam protegidos do vento pelos palácios e Titã pôde assumir sozinho a condução da gôndola. Byron sentou-se ao lado de Allegra, com a respiração acelerada. Quando o barco parou na entrada da Ca' d'Argenti, os dois se ergueram e ele a beijou.

— Depressa, querida, que o dia já está clareando — cochichou Byron. — Até a noite...

Allegra subiu os degraus, abriu a porta e, quase correndo, atravessou a casa silenciosa. Quando entrou no quarto, Gina se afastou da janela, com ar de preocupação.

— Graças a Deus, *madonna*, a senhora voltou! — exclamou a camareira, com o cansaço estampado no rosto, o que fez com que Allegra se sentisse culpada. — Mas onde esteve? Seu rosto está molhado e há palha na sua saia. Espero que ninguém mais esteja acordado na casa.

— Estive na ilha de Lido, Gina. O luar estava maravilhoso e fizemos um piquenique na relva, bem no meio de um roseiral. Essa palha é do estábulo onde Byron mantém alguns cavalos de raça. Na volta, o vento soprou forte em sentido contrário, molhando o meu rosto e fazendo com que nos atrasássemos.

Gina não pareceu muito satisfeita com a explicação. Allegra despiu-se e entrou no banho quente que a camareira havia preparado.

— A senhora está cheirando a cavalo, principalmente nos cabelos — falou Gina, com severidade. — Eu mesma vou lavar suas roupas, para que nenhum dos servos perceba esse cheiro.

Minutos mais tarde, quando Allegra se enfiou entre os cobertores,

Gina pareceu mais calma. Mesmo assim, ainda achou que a patroa merecia repreensão.

— Lido é um lugar maravilhoso, principalmente ao luar... Mas não acha uma loucura ter ido até lá, senhora? E se acontecesse algo de errado, ou se alguém a visse?

— Mas foi tudo fantástico. Oh, Gina, você precisa entender! Cada momento ao lado dele é precioso demais. Mas... onde estão o lenço e o botão de rosa?

Ela fez a pergunta sentando-se na cama, num pulo.

— Aqui, ao lado da cama — respondeu Gina, agora sorrindo. — A senhora está parecendo uma adolescente. De qualquer forma, deve se acalmar. Vejo que encontrou o amor, o que também me deixa feliz. Bem que a senhora merece... No entanto, precisa ter cuidado. Se eu pude perceber os seus passos, talvez outras pessoas também...

Allegra jogou o corpo para trás, com um sorriso radiante.

— Oh, Gina, tudo isso parece um sonho! Estou tão feliz... Mesmo assim, concordo com você. Está bem, está bem, prometo agir com cuidado. Agora, porém, preciso mesmo é de um bom sono... e você também.

CAPÍTULO IX

Allegra acordou perto do meio-dia e ficou durante um bom tempo debruçada sobre a escrivaninha, registrando no diário os acontecimentos da noite. Quando terminou, guardou entre as páginas o botão de rosa que ganhara de Byron. O lenço estava escondido dentro do corpete, perto do coração. Mais tarde, repetidas vezes ela levou a mão ao peito, em gestos inadvertidos, o que provocava olhares de desaprovação de Gina.

Por essa época, a pequena figura de Zeno já voltara a circular pela casa. Ele se recuperara da doença o suficiente para reassumir as antigas funções. Gina estava determinada a não perdê-lo de vista. Ficava particularmente preocupada quando o olheiro de Barretto se aproximava da condessa, que às vezes não conseguia aparentar muita inocência... Era uma preocupação procedente, porque não raras vezes Allegra sentia vontade de sair correndo pela casa, gritando, em alto e bom som, que estava apaixonada por Byron.

Naquela tarde, Adriana e Gemma foram tomar chá com ela e tagarelaram durante um bom tempo. Finalmente, voltou-se a falar no assunto predileto da irmã de Allegra: a promoção de um grande baile.

— Nenhum homem vai pedir a papai para nos fazer a corte, a menos que haja um conhecimento prévio — argumentou Gemma, com ar de quem se sentia injustiçada. — Precisamos ser vistas. Agora, a situação financeira de papai melhorou e ele não pensa mais em nós. Passa o tempo tratando de negócios e bebendo com os amigos, sempre gente velha... Desculpe, Allegra, eu... não estava me referindo a Barretto. Seu marido é um homem simpático e bem-educado. Gosto dos modos dele.

— Vou conversar com papai — prometeu Allegra. Durante mais de dez minutos, Adriana e Gemma não pararam de falar na repercussão que teria um grande baile na Ca' d'Argenti. Allegra mal prestava atenção, pensando apenas na noite que estava por vir. Finalmente as outras duas mudaram de assunto. A certa altura, Adriana pronunciou o nome de Byron e Allegra ergueu a cabeça, interessada. Gemma percebeu a reação da irmã e se prontificou a responder à pergunta não formulada.

— O gondoleiro de papai disse que, agora, *milorde* Byron só recebe no Mocenigo mulheres da alta sociedade. Você sabia que ele manteve um caso com a melhor amiga de Bianca Massini, Angelina... Dizem até que, tentando entrar no quarto da amante pela janela, acabou caindo no canal. Segundo Bianca, Angelina pediu a Byron que se divorciasse da primeira mulher e se casasse com ela, mas o inglês se recusou. A pobrezinha ficou arrasada.

— Angelina bem que merece, por ter se deixado envolver — sentenciou Adriana.

— A prima Elletra diz que Byron é o homem mais fascinante que já esteve em Veneza desde Paganini — continuou Gemma. — Se Barretto concordar em dar o baile aqui, Allegra, bem que poderíamos convidá-lo. Assim, conferiríamos se é verdade tudo o que dizem do famoso lorde Byron.

Não demorou para que as duas tagarelas encontrassem outro alvo para os mexericos. Allegra, porém, não conseguia esquecer as palavras da

irmã. Será que era verdade? Não, não podia ser. Aos olhos dela, Byron sempre pareceria uma pessoa absolutamente honesta. Ela não podia se enganar tanto acerca do caráter de um homem, ainda mais quando partilhava com ele momentos de tanto amor.

Um bom exemplo dos bons propósitos de Byron era ele ter posto nas mãos dela, dois dias antes, uma boa soma em dinheiro destinada ao Orfanato Redentor, com a recomendação expressa de que não se divulgasse o nome do doador.

— É para as vítimas da guerra... — ele tinha explicado, com uma ponta de sarcasmo. — De uma guerra entre o homem e a mulher.

Naquela noite, logo que chegou ao apartamento onde costumavam se encontrar, Allegra aproveitou um instante em que ficou só para arrancar um pedaço de papel de parede, que guardou no bolso do casaco. Pouco depois, recebeu das mãos do amante uma pequena caixa de madeira, finamente trabalhada, com o brasão de armas da família Byron gravado na tampa. Dentro da caixa, no fundo acolchoado de cetim, estava um papel dobrado. Com o coração aos pulos, Allegra ficou estática durante alguns instantes, imaginando o que estaria escrito naquele papel. Na certa, era um poema escrito especialmente para ela. De fato, lá estava um poema. No final havia uma frase de apenas duas palavras, uma delas em latim: *Crede Byron*.

— Confie em Byron — traduziu o poeta, logo duvidando do que ele próprio havia escrito: — Mas como é que alguém pode confiar num homem que não confia em si próprio?

Allegra fechou a caixa e, outra vez admirando o belo brasão de armas, pronunciou, com convicção:

— *Credo Byron...* Eu acredito em Byron... Confio plenamente em Byron!

O poeta abriu a boca e fez um gesto vago com os braços numa expressão de espanto.

— Meu Deus, Allegra! Você parece que não é deste mundo! Sem mais palavras, eles se entregaram ao exercício do amor.

Não foi menos delicioso que nas vezes anteriores, mas havia alguma coisa diferente, algo que Allegra não conseguia identificar. Minutos mais tarde, Byron voltou a falar:

— Será que Deus me perdoará o que estou fazendo? Você foi feita para ser amada e protegida, e parece que ninguém se dispõe... a isso. Pobre e doce condessa!

Repousando a cabeça no peito dele, Allegra não conseguia ver um só motivo para aquela preocupação.

— Sou feliz demais — ela murmurou.

O poeta abraçou-a sem questionar mais, o que era muito bom. Minutos mais tarde, lembrando-se das palavras de Gemma, Allegra resolveu testá-lo.

— Logo Barretto estará de volta. Precisamos pensar nisso, porque não terei tanta liberdade como agora. Se você concordar em ser meu *cavaliere servente*... talvez meu marido permita...

Num movimento brusco, Byron se afastou dela e sentou-se na cama, com um sorriso sarcástico.

— Acho que o velho Di Rienzi não gostaria de constatar que está com enormes chifres na testa — ele falou, tocando-lhe o nariz com a ponta do dedo. — Além disso, condessa, não gosto nem um pouco que me encostem uma faca no peito.

Dito isso, ele se levantou e começou a se vestir. Os olhos de Allegra se encheram de lágrimas, ao mesmo tempo que sua mente se debatia num turbilhão de pensamentos contraditórios. É claro que não podia falar nos sonhos que embalava no coração: a perspectiva de ser uma mulher livre, poder casar-se com o homem que amava... No entanto, naquele momento ela estava aprendendo uma dura lição: a decisão final sempre caberia ao homem.

Pondo-se de pé, Allegra começou a se vestir. Quando voltou a olhar para o amante, ele enchia uma taça de vinho.

— Aos chifres do conde Di Rienzi! — brindou Byron, em tom solene.

Depois de beber todo o conteúdo da taça, ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Allegra observava, em silêncio. Mesmo já tendo presenciado algumas explosões do temperamento de Byron, a reação de agora era incompreensível.

— Já é tarde, minha querida — ele falou, pegando o casaco de Allegra e reparando no pedaço de papel de parede que ela havia arrancado e guardado num dos bolsos. — Mas o que é isso? Está querendo destruir a minha casinha?

Allegra se sentiu uma perfeita idiota.

— É... uma lembrança — ela explicou.

— Então, quer guardar uma lembrança do nosso ninho de amor? Que menina sentimental! Bem, não posso censurá-la, porque também sou assim. Tive até uma idéia... Que tal escrever alguma coisa nesse papel?

Feita a sugestão, ele correu para pegar uma pena, que ofereceu a ela.

— Tome. Você mesma deve escrever.

Byron abraçou-a por trás e ficou observando, curioso. A mão de Allegra tremia tanto que fez pingar um pouco de tinta no papel. Mesmo assim, a inscrição saiu firme, porque não havia dúvidas: "Do lugar das minhas delícias".

Depois que ela devolveu a pena, Byron voltou a abraçá-la, com muita ternura.

— Fico contente em saber que este lugar lhe proporcionou alegrias, meu amor — ele murmurou, emocionado. — Quero que você se lembre apenas dos momentos alegres que passou comigo.

Byron guardou o pedaço de papel na caixinha de madeira, junto com o poema, e entregou a Allegra.

— Nunca perca esta caixa, meu amor. Ela carrega o brasão da família Byron e uma parte de mim sempre estará aí.

Como de costume, a Ca' d'Argenti estava em silêncio quando Allegra entrou. Mesmo assim, lembrando-se de que Zeno já retornara à atividade, ela tomou cuidados especiais para não fazer barulho. Quando se viu na segurança do quarto, abriu a caixinha que levava entre as mãos e tirou de lá o papel com o novo poema, que passou a reler:

— *Depois do adeus apenas murmurado,
lembranças doces do seu corpo quente,
das carícias de um amor apaixonado.*
— *Mas você é ela ou alguém mais?*
— *Meu coração não sabe... Desgraçadamente,
ficou a amargura, não tenho ainda paz.*

Por que ele falava, ao mesmo tempo, de amor e amargura? E o que a frase "Mas você é ela ou alguém mais?" queria significar? Pelo tanto que já se conheciam, Byron não devia mais ter dúvidas sobre ela. As palavras martelavam na cabeça de Allegra. Talvez fosse apenas uma forma de escrever, coisas da literatura...

Naquela noite, antes de sair, ela dissera a Gina para não esperar. Agora, porém, sentia falta daquela presença simpática e amiga. Queria ter alguém para conversar um pouco, dizer que estava apaixonada, que tudo se ajeitaria e o futuro seria só felicidade. Ela amava Byron demais... No entanto, partilhava muito pouco da existência dele.

Antes de dormir, Allegra pôs embaixo do travesseiro a caixinha de madeira que ganhara de presente.

Por insistência de Gina, Allegra resolveu retomar o trabalho no Redentor. Depois de muita discussão entre as duas, chegou-se à conclusão de que ela não podia perder o contato com a realidade, entregando-se tão completamente ao estranho mundo de Byron.

A epidemia de gripe havia praticamente desaparecido de Veneza e não havia mais razão para Allegra se afastar de uma atividade que lhe dava tanta satisfação. Além disso, Gina não via um futuro muito bom para aquela paixão obsessiva. Finalmente acabou convencendo a patroa.

— Vai ser até bom, porque terei sobre o que falar com Adriana — disse Allegra, rindo. — Ela está certa de que existe algo errado comigo e quer saber o que é. Agora, terá de ouvir sobre as minhas alunas de latim, pobrezinha.

Naquele mesmo dia Allegra foi ao Redentor e, no caminho, parou na Igreja de Santa Maria Zobenigo para acender uma vela e rezar por Byron. A igreja era tão perto do esconderijo secreto deles que, se a oração fosse feita em voz um pouco mais alta, talvez o poeta pudesse ouvir que alguém pedia por ele.

No final das contas, Allegra achou bom ter algo com que distrair o pensamento. A *signora* Nicolo tinha viajado a Viena, acompanhando um grupo de moças do orfanato numa turnê artística. Isso era bom, porque certamente aqueles olhos compreensivos mais perspicazes desconfiariam de alguma coisa.

Allegra tentou se convencer de que tudo estava bem no amor perfeito que partilhava com Byron. Naquela noite, porém, quando foi ter com ele, sentiu algo que não conseguiu traduzir em palavras. No dia seguinte, voltando do orfanato para casa, ela entrou na igreja de Zobenigo para rezar um pouco. Sentindo-se cansada, sentou-se num dos bancos da pequena igreja e acabou dormindo, com a cabeça apoiada nos joelhos. Gina encontrou-a ali, algum tempo mais tarde, e levou-a para casa. Ao entrar no quarto, Allegra desatou num choro convulsivo,

inexplicável. Gina balançou a cabeça, penalizada.

Já se haviam passado nove noites desde o primeiro encontro amoroso de Byron e Allegra. Encontravam-se sempre à meia-noite ou um pouco mais tarde. Allegra sabia que, mais cedo, ele costumava ir a eventos sociais aos quais ela não poderia comparecer. A décima noite não foi diferente das demais, a não ser pelo fato de que Byron estava um tanto estranho. Vestido a rigor, era evidente que o poeta havia saído de alguma reunião social. Nas roupas dele sentia-se a fragrância de um perfume feminino de fina procedência.

— Você é uma tola por me amar — ele atçou, aparentemente brincando, mas com seriedade nos olhos.

Allegra não soube o que responder e a expressão confusa que fez deve tê-lo comovido. Abraçando-a, o poeta cobriu o rosto dela de beijos, fazendo-a outra vez sorrir.

— E é como uma criança, *cara mia*, porque se sente feliz em ser beijada.

Em seguida, Byron ajeitou algumas almofadas no sofá e eles se sentaram, trocando beijos ternos, carinhosos, sem qualquer ânsia de posse.

— Os homens geniais são realmente difíceis — constatou Allegra, falando com voz doce. — No entanto, se a vida com você tem de ser parte paraíso, parte inferno, estou pronta a aceitar. Afinal, o paraíso compensa tudo.

— Pois vamos à nossa parte do paraíso, meu bem — falou o poeta, entregando a ela um pequeno estojo de veludo marrom. — Tenho um presente para você.

Allegra abriu o estojo, no qual havia uma graciosa corrente de ouro enfeitada por contas de coral cor-de-rosa e com um fino medalhão de ouro pendurado.

— É lindo — disse Allegra, erguendo outra vez a cabeça e pousando os olhos naqueles maravilhosos cabelos crespos. — Mas... será que você me dá outro presente, uma mecha do seu cabelo?

A princípio, Byron tentou recusar, rindo.

— Por que as mulheres têm mania de guardar mechas de cabelo? Em Londres, quando me lancei na literatura, se tivesse atendido aos pedidos de todas que queriam mechas do meu cabelo, teria ficado dez vezes careca.

Finalmente ele concordou, sorrindo, e a própria Allegra cortou a mecha, que guardou no estojo, junto com a jóia. Em seguida ela o beijou, agradecida.

— Agora tenho algo realmente seu para guardar, uma parte do seu corpo.

Naquela noite, nenhum dos dois parecia ansioso por fazer amor. Durante um bom tempo, ficaram preguiçosamente recostados no sofá, perto da lareira acesa. Cheia de felicidade, Allegra segurava bem perto do coração o tesouro recentemente conquistado. Byron parecia com o pensamento distante.

— Ainda não me sinto realizado como homem — ele falou, finalmente. — Estou querendo dizer que não posso passar o resto da vida

apenas escrevendo poesias. Talvez deva voltar para a Inglaterra e entrar na política. As coisas estão mudando, Allegra. Os pobres já perceberam que têm força, mas precisam de vozes eloqüentes que os representem. Ou talvez... eu deva ir para os Estados Unidos. Pense só nas possibilidades de progresso que pode oferecer o Novo Mundo!

Allegra apenas escutava, sem cair no erro de se oferecer para ir com ele. Só faria isso quando chegasse a hora.

A madrugada foi passando sem que eles percebessem. Houve momentos em que discutiram animadamente, mas sempre Byron soube fazer valer seus pontos de vista, com uma argumentação devastadora. Mas eles passaram também longos períodos em silêncio, apenas abraçados ou de mãos dadas. Nesses momentos, Allegra achava que não poderia desejar nada mais da vida:

— Já está quase amanhecendo, meu bem — constatou Byron, levantando-se. — Eu sempre vou me lembrar das noites que passamos juntos.

O beijo de despedida que trocaram foi demorado. Quando se dirigiam à saída, Allegra reparou que Byron estava com os olhos rasos d'água.

— Você parece ter sido feita para reconfortar um homem, Allegra — disse o poeta, apertando com força a mão da amante. — A felicidade que tive ao seu lado foi enorme, indescritível... Nem parece uma coisa real. Você tem muita bondade e isso servirá para protegê-la. Reze por mim... Acho que sempre vou precisar das suas preces.

Depois de beijá-la novamente, ficou de pé no primeiro degrau da escada, acenando para a gôndola que se afastava.

— *Addio*, minha pequena e doce Allegra.

Allegra partiu, cheia de felicidade. Era bom demais estar naquele estado de espírito, ouvir o som do remo batendo na água, contemplar as fachadas dos palácios. Achava tudo muito lindo, amava cada um dos habitantes adormecidos daquela cidade maravilhosa. Quando os sinos da Igreja de Santa Maria de La Salute bateram as cinco horas da manhã, ela rezou por todos eles, mas principalmente pelo homem que amava com todas as forças do coração.

CAPÍTULO X

Naquele dia Allegra dormiu até bem tarde. Foi acordada pelo chamado insistente de Gina, que anunciava a presença no palácio de Luciano Antonino, portador de uma mensagem de Barretto. Depois que se vestiu, a condessa foi encontrar o mensageiro na biblioteca.

Luciano parecia mais seguro, tinha o ar de quem havia progredido na vida, apesar de não se ter passado muito tempo desde o dia em que eles haviam se conhecido. Vestia roupas elegantes e caras e tinha as maneiras de uma pessoa de classe.

Quando Allegra entrou na biblioteca, ele se ergueu e fez uma reverência, olhando-a com um misto de admiração e respeito. Os gestos eram os de um perfeito cavalheiro. Mesmo assim, ainda não parecia uma pessoa merecedora de confiança. Lembrando-se de que Byron também gostava de usar roupas escuras e elegantes, Allegra deixou escapar um suspiro.

— Está suspirando, senhora? — comentou Luciano, que parecia perceber tudo. — Não é de admirar, porque já faz muito tempo que o conde Barretto a deixou sozinha nesta casa silenciosa. Mas alegre-se, porque trago boas notícias: dentro de uma semana ele estará de volta. Os vinhedos estão produzindo muito bem, ao longo do Loire e em Veneto, e o trabalho de inspeção já está chegando ao fim.

Allegra ensaiou um sorriso.

— É bom saber. Sente-se, Sr. Antonino.

— Seu marido está ansioso para rever o pequeno Renaldo. Aliás, vim até aqui para saber notícias do menino, que transmitirei ao conde daqui a dois dias, quando encontrá-lo em Milão. Evidentemente, direi a ele que a senhora continua a dedicar ao filho todo amor e carinho.

— Se quiser, o senhor mesmo pode ver como está Renaldo — convidou Allegra, que não queria ficar mais tempo a sós com ele.

Subindo ao primeiro andar, eles se dirigiram ao quarto de Renaldo. Luciano brincou com o menino durante algum tempo, enquanto Allegra observava. Debruçado sobre o berço de prata, ele fazia caretas engraçadas e balançava o relógio de bolso na frente do menino, que ria de contentamento. Allegra achou estranho que um desconhecido conseguisse divertir aquela criança, enquanto ela, que era a mãe, não encontrava um meio de se comunicar com o filho.

— Parece que o senhor se dá bem com crianças — falou Allegra, com uma ponta de inveja. — Imagino que foi por isso que foi ao Orfanato Redentor. Eu o vi lá.

Luciano emitiu um sorriso, mal escondendo a surpresa.

— É verdade, eu gosto de crianças. Acho que devemos fazer com que tenham uma infância feliz, como uma compensação prévia para os sofrimentos que enfrentarão no futuro. Quanto ao fato de eu ir ao Redentor... Bem, pode-se dizer que tenho muita afinidade com os filhos ilegítimos, já que sou um deles. Agora, este pequeno *signore* Renaldo... Ele é rico, tem título de nobreza, a proteção dos pais, mas nada disso poderá livrá-lo dos sofrimentos que a vida lhe reserva, se for esse o seu destino... Oh, perdão, *madonna*! Não tenho o direito de falar com a

senhora sobre a forma cínica como vejo o mundo. É claro que Renaldo herdará não apenas a fortuna, mas também a firmeza de caráter do pai e a doçura da mãe.

Allegra estava espantada. Quem era aquele homem, afinal? Certamente não apenas um vaidoso, alguém que se vestia segundo a última moda e usava as mulheres como objetos de prazer. Sem dúvida, havia conhecido a dor e podia ser tocado no coração.

— Posso ver que o menino está saudável e cheio de vida — falou Luciano. — O pai ficará contente.

Em silêncio, Allegra foi saindo do quarto, com Luciano caminhando ao lado dela. Jamais poderia imaginar que, um dia, sentiria vontade de agradecer àquele homem por alguma coisa. Mas era o que estava acontecendo naquele momento. Talvez sem ter a intenção, ele houvesse ajudado a desatar um pouco do nó que havia no peito da jovem mãe e que a separava do filho.

Allegra sentiu vergonha da própria cegueira. Durante tanto tempo, rezara para encontrar amor para si, mas se recusara a dar amor ao filho e perdão ao pai. Renaldo não tinha culpa por ter os olhos iguais aos de Barretto. Na verdade, eram os olhos de Renaldo, não os de Barretto.

— Parece triste, *madonna* — reparou Luciano. — No entanto, quando a vi entrando na biblioteca, achei-a... diferente. Sempre tive a impressão de que a mulheres virtuosas sofrem muito. Mas deve mesmo ser assim, porque, no final das contas, a virtude é um sofrimento. Está sofrendo, *madonna*? Devo transmitir isso ao conde, ou direi a ele que tudo está bem?

Allegra não respondeu. Luciano segurou a mão dela e beijou-a, despedindo-se.

— *Addio, contessa*. Direi ao conde que tudo está bem, porque é assim que tudo deve estar.

Allegra ficou olhando enquanto ele se afastava em direção à porta de saída. O que estaria Luciano Antonino querendo atingir com aquelas observações? Talvez quisesse apenas provocá-la. De uma forma ou de outra, era um homem estranho e, felizmente, já estava indo embora.

Exatamente à meia-noite, Allegra fechou a porta atrás de si e começou a descer os degraus externos do palácio. Ao reparar que lá embaixo não havia nenhuma gôndola, sentiu um frio no estômago. Ficou ainda mais amedrontada quando uma figura sombria atravessou a ponte, não muito longe dali, e veio caminhando pela calçada em direção à Ca' d'Argenti. Ao identificar Fletcher, porém, ela respirou aliviada e sorriu.

O inglês se aproximou e, com uma reverência, entregou um envelope à jovem condessa.

— *Milorde* manda dizer que não pode recebê-la, *my lady*. Ele está com... visitantes inesperados... gente da Inglaterra.

Sem maiores explicações, o mensageiro de Byron virou as costas e partiu, deixando-a com ar apalermado de quem não entendia nada do que estava acontecendo. Com o corpo todo tremendo e os lábios completamente sem cor, Allegra entrou de volta no palácio e subiu correndo os degraus da escada, em direção ao quarto. Depois de fechar a porta atrás de si, rasgou o lacre do envelope e aproximou-se da lanterna

para ler a mensagem:

Cara mia,

Não sei como dizer o que é preciso sem causar dor. No entanto, o mal tem sempre de ser cortado pela raiz. Você sabe o que eu sou e o que tenho sido, e o meu coração, é necessário dizer, não foi um travesseiro muito macio para a sua adorável cabeça.

Tenho de ser honesto com você, doce Allegra. Foi a sua enorme semelhança com um outro meu ente querido que me jogou nos seus braços. No entanto, é um perigo muito grande que se procure o amor por esse caminho.

Preciso revelar que encontrei amor numa pessoa que não tem semelhança com ninguém de quem a minha mente conturbada possa se recordar. Ela é como uma árvore em flor cujos frutos generosos aplacam minhas dores.

Espero que, com seu doce coração, você saiba me perdoar, voltando para sua vida de virtudes como se eu não houvesse existido. As coisas seriam bem mais complicadas para você se as pessoas, principalmente os amigos, soubessem do nosso relacionamento. Felizmente isso não acontece, e o que houve entre nós será sempre guardado em segredo.

Reze pela paz de alguém cuja alma continua a vagar na escuridão. Seu coração saberá se recompor, minha querida.

Os corações têm uma infinita capacidade para superar dificuldades, buscando novos objetivos.

Addio, .

Byron

Durante vários minutos, Allegra ficou olhando o papel que segurava numa das mãos, petrificada. Quando sentiu a presença de Gina, chamando vagamente pelo nome dela, o papel se soltou e caiu ao chão. Gina sabia do teor daquela carta, antes mesmo de apanhá-lo do chão e correr os olhos pelo que estava escrito. Deixando escapar uma exclamação de pena, a boa mulher abraçou a patroa, cujo corpo permanecia rígido.

— Venha, *madonna*. Mas como suas mãos estão frias, pobrezinha... Deixe-me ajudá-la a se deitar. Precisa dormir um pouco. Depois, tudo ficará mais claro.

A mente de Allegra parecia vazia de tudo. Os olhos permaneciam abertos, mas não via nada. Mais parecendo uma boneca de pano, ela deixou que Gina lhe tirasse o vestido e pusesse a camisola. Depois de engolir o calmante oferecido pela camareira, afundou o corpo na cama, sem dizer uma só palavra durante todo esse tempo. Vigilante, Gina não saiu do quarto antes que a patroa dormisse.

Na manhã seguinte, quando Gina bateu à porta e entrou no quarto, Allegra já estava vestida e penteada. Sentada à escrivaninha, ela redigia uma mensagem numa folha de papel, tendo à frente a carta que recebera de Byron.

— Cometi um terrível erro — recriminou-se a condessa erguendo a pena molhada de tinta e olhando para o alto, pensativa. — Foi tudo minha

culpa. Eu... exigi demais dele. Mas vou explicar, Byron saberá entender...

— Não acho muito prudente, *madonna* — advertiu Gina.

— Mas nós somos amantes, e amantes não param de se amar assim, sem mais nem menos. Não é possível que... Ele não pode simplesmente... se esquecer de tudo o que me disse.

— Por favor, *cara* senhora... Os homens são diferentes das mulheres. Deixe que ele vá embora.

— Como posso fazer isso, Gina? É como dizer ao sol para não mais iluminar a terra. Nós pertencemos um ao outro. Prometa que entregará esta carta nas mãos dele. Prometa, Gina!

Gina ainda relutou, mas acabou obedecendo:

— *Si, madonna*, eu prometo.

Allegra voltou à redação da carta. De pé ao lado da escrivaninha, Gina podia ler o que ela escrevia, e aquilo a deixou tão revoltada quanto penalizada. Uma condessa não podia se humilhar tanto! A carta inteira era em tom de súplica:

Eu não quero mudar nada na sua vida, mas apenas estar perto de você. Prometo que só irei quando você me chamar, e irei correndo. Eu o amo e sei que posso lhe dar conforto.

Foi você mesmo quem me disse isso. O que sentia por mim não pode ter desaparecido tão de repente...

No último parágrafo, as palavras traíam uma certa raiva, quase um ressentimento:

O que essa mulher pode fazer por você que eu não posso? Estou pronta a fazer qualquer coisa! Será que ela seria capaz disso? Oh, meu Byron, deixe-me ter a chance de mostrar o quanto o amo. Estivemos juntos durante muito pouco tempo e eu sentia medo. Farei o que você quiser...

Allegra lacrou o envelope e entregou-o a Gina, que se retirou, em silêncio. Já fora do quarto, a camareira pensou em destruir aquela carta. Como podia uma mulher tão fina, uma dama da nobreza italiana rastejar perante aquele... lorde inglês? Mesmo assim, era necessário cumprir a palavra dada.

— Entregue isto ao seu amo — ela falou, à porta do Palácio Mocenigo, pondo o envelope nas mãos de um servo e retornando em seguida.

A noite caiu sem que chegasse resposta do Mocenigo. Allegra percorreu a extensão do quarto por mais de uma centena de vezes, nervosa. Gina a observava, em silêncio, intimamente maldizendo o inglês. Naquela noite, seria necessário uma dose de calmante ainda mais forte.

Perto da meia-noite, Allegra fingiu estar dormindo para que Gina se retirasse. Quando se viu sozinha, ela pulou da cama e jogou uma capa sobre os ombros. No fundo do coração, acreditava que Byron não havia respondido à carta porque decidira mandar Titã buscá-la à meia-noite. Com passos nervosos, ela percorreu o caminho que fazia todas as noites,

mas encontrou Gina bloqueando a porta de saída.

— Não há ninguém lá fora, *madonna* — informou calmamente a camareira. — É melhor a senhora voltar para a cama.

— Mas tem de haver! — insistiu Allegra, com voz trêmula, enquanto as lágrimas escorriam.

— Não, *cara*. A senhora se apaixonou por um homem incapaz de amar verdadeiramente. É boa demais para ele, pode crer. Agora, precisamos tomar cuidado, porque Zeno pode nos ouvir e isso complicará ainda mais as coisas.

Soluçando baixinho, Allegra se deixou levar de volta ao quarto.

No dia seguinte ela ficou na cama, respondendo com monossílabos às palavras de conforto da boa Gina e recusando-se a comer. Dois pensamentos não lhe saíam da cabeça. O primeiro era que tinha de haver uma boa razão para Byron não ter respondido à carta... Talvez ele estivesse doente. O segundo era que, sem o amor de Byron, não havia motivos para continuar vivendo.

"Talvez eu tenha enlouquecido", ela se analisava. "Posso ter imaginado tudo isto, enquanto Byron continua esperando que eu vá ter com ele."

Quando Gina se aproximava da cama, porém, sempre procurando confortá-la, Allegra percebia que era tudo muito real. Pelo final da tarde, ela finalmente se deu conta de que aquela situação não poderia se manter sem que as outras pessoas na Ca' d'Argenti percebessem.

— Gina, diga a tia Adriana que não estou passando bem e que quero ficar sozinha.

— Já fiz isso, senhora. Disse ao pessoal da casa que a senhora pegou uma gripe... que não é nada grave, é claro, mas que é melhor que ninguém se aproxime para não ser contagiado. Mesmo assim, senhora, acho que não deve ficar nesse isolamento durante mais tempo. Por que não convida a sua prima para vir vê-la?

— Não, não quero ninguém perto de mim. Estou me lembrando dos momentos que passei com Byron e isso, de uma certa forma, me faz feliz. Por favor, Gina, deixe-me sozinha por algum tempo. Quero aproveitar esse... restinho de felicidade.

Durante o resto da semana, Gina observou a patroa. Pelo jeito, a condessa não queria voltar a fazer parte do mundo dos vivos. Aquilo não podia continuar e ela precisava fazer alguma coisa. Finalmente, tomou uma decisão. Batendo à porta do Palácio Mocenigo, Gina declarou que precisava falar com o lorde. Fletcher ainda tentou demovê-la, mas em vão. Passando pelo criado, a decidida italiana foi direto ao escritório onde Byron trabalhava.

O poeta ergueu a cabeça e, no mesmo instante, percebeu o motivo daquela invasão.

— Por favor, não diga nada, *cara* senhora — ele falou, com voz trêmula. — Qualquer coisa que queira me dizer eu próprio já me disse.

Gina não conhecia Byron e não esperava encontrar o homem que tinha pela frente. A expressão no rosto do poeta era de muito sofrimento, muita dor, tanta que a camareira de Allegra precisou se esforçar para não sentir uma ponta de simpatia.

— Ela é como uma criança — continuou Byron. — Acho que a machuquei de forma irreparável.

— Senhor, ela está sofrendo um desgosto muito...

— A senhora a ama, pelo que estou vendo, mas o amor só serve para complicar as coisas neste mundo de sofrimentos. Oh, meu Deus, por que temos de apenas cumprir o nosso destino, como cegos?

Gina estava impressionada, tanto por aquela bela figura de homem como pela enorme dor que via nos olhos dele! Byron suspirou antes de continuar:

— Se eu a visse outra vez, isso serviria apenas para magoá-la ainda mais. O que me aproximou de Allegra, pode crer, foi a enorme semelhança dela com uma pessoa que muito amo. Além disso, ela é tão carente, tão necessitada de amor... Na época, também eu estava carente e me senti atraído. Afinal de contas, ela é uma mulher adorável... Mas não posso dizer que a amei como um homem deve amar uma mulher. Agora, eu...

Byron abriu os braços e olhou para a visitante com os olhos cheios de lágrimas. Parecia sentir dificuldade em dizer o que queria.

— ...encontrei o amor verdadeiro. Desta vez, acho que estou amando uma mulher mais do que a mim mesmo. Pelo menos, rezo para que seja assim.

Quando ele limpou as lágrimas com as costas da mão, Gina sentiu pena. Sem que ela se desse conta, a raiva inicial havia se transformado em simpatia.

— Vejo que a senhora é uma pessoa de bom coração — elogiou Byron, depois de um instante de silêncio. — Por favor, diga-me com sinceridade o que faria se estivesse no meu lugar. Escolheria fazer sofrer ainda mais um coração inocente, mesmo sem desejar isso, ou procuraria se afastar para que o tempo resolvesse tudo ao seu modo? A dor não é uma boa coisa, minha senhora. Se existe algo que eu conheço bem é a dor, tanto por tê-la sofrido como por... tê-la provocado em outras pessoas. Lamentavelmente, tenho de reconhecer isso.

Gina sentiu um enorme abatimento, não por causa da estranha e inesperada honestidade daquele homem, mas sim pelas contradições da vida. Quem estava certo e quem estava errado? Isso ela jamais poderia saber, porque o amor não se pauta pela razão.

— Perdão, *milorde* — falou a camareira de Allegra, percebendo por que tantas mulheres sucumbiam ao carisma daquele homem. — Talvez eu tenha ido além do que era da minha competência, mas é que não suportava mais presenciar tanto sofrimento. Assim como o senhor, espero que o tempo resolva tudo. Acha que devo dizer à minha patroa que estive com o senhor? Pode acreditar que não foi ela quem me mandou aqui.

Para espanto de Gina, o poeta tomou a mão dela e beijou-a, como se estivesse tratando com uma dama da nobreza.

— Diga o que achar mais apropriado para atenuar o que Allegra sente em relação a mim. Não tenho dúvidas de que o que a senhora disser será verdadeiro. A condessa tem sorte por tê-la como amiga, muito mais que como serva. Cuide bem dela e reze para que encontre quem a ame. Só Deus sabe o quanto aquela doce criatura merece isso. Bem que

eu gostaria de ser o homem que ela imaginou...

Logo que entrou na Ca' d'Argenti, de volta daquele surpreendente encontro com lorde Byron, Gina percebeu, pela movimentação dos criados, que o conde estava de volta. Soube também que, fazendo valer seus direitos de marido, ele exigira a companhia da condessa num jantar para o qual fora convidado no Palácio Strozzi, naquela noite mesmo. Minutos mais tarde ela entrava no quarto da patroa.

— Só estarão lá banqueiros e homens de negócios, com suas esposas chatas, é claro — falou Allegra, amuada. — Barretto quer me exibir a essa gente como se eu fosse um animalzinho de estimação.

— Posso dizer a ele que a senhora está doente e que não poderá ir.

— De nada adiantará. Ele já esteve aqui no quarto e viu que estou bem. Terei mesmo de acompanhá-lo. Parece que, ultimamente, Santa Clara decidiu que tudo daria errado comigo.

— Não fale assim, *madonna*. Ainda é muito jovem e estou certa de que a sorte voltará a sorrir para a senhora.

Allegra fez um gesto de enfado e se olhou no espelho.

— Como será que uma mulher virtuosa deve parecer? Tenho quase certeza de que Luciano suspeita de alguma coisa. Talvez isso se torne um problema, com ele e Barretto de volta. Mas me diga uma coisa, Gina... Você acha que tenho motivos para continuar vivendo?

— Por favor, *madonna*...

O maior medo de Gina era que Allegra resolvesse adotar uma postura cínica.

Allegra teve de se esforçar para não deixar transparecer o quanto achava desagradável aquela reunião no elegante palácio da família Strozzi. Depois do jantar, enquanto os homens iam para a biblioteca tomar conhaque, as mulheres puderam comentar mais livremente os escândalos protagonizados por pessoas das melhores famílias de Veneza. O pior era ela ter de demonstrar interesse por aquela conversa.

— Ela não se envergonha de chamá-lo de "*mio* Byron" — falou uma das mulheres. — E isso em público! Pelo jeito, não sabe mesmo o que é decência.

Dessa vez, Allegra realmente se interessou pelo que estava ouvindo.

— E *milorde* faz tudo o que ela quer — acrescentou outra voz feminina. — Coitadinho! Mais parece um peixe que mordeu a isca.

— Ela quem? — perguntou a condessa Di Rienzi, rezando para que as outras não reparassem no quanto estava pálida.

— Teresa Guiccioli, é claro... Mas onde é que você está, Allegra? Durante toda a última semana, não se tem falado de outra coisa em Veneza. Se não sabia, fique sabendo que aquela desavergonhada conseguiu roubar o coração de lorde Byron, que é um homem tão cruel. O coração de quem não tem coração... Bem, minhas amigas, isto é licença poética!

Espalhou-se uma gargalhada entre as mulheres, como se aquilo fosse a coisa mais engraçada do mundo. Logo, porém, elas passaram a falar sobre a possibilidade de a amante de Paganini estar ou não grávida. A partir daí, Allegra perdeu o interesse na conversa, voltando às próprias reflexões.

Então, era Teresa Guiccioli! A pequena Teresa, de quem ela se lembrava muito bem da época do convento de Santa Clara. De cabelos loiros, pequenina e charmosa, Teresa era o tipo de pessoa que sempre conseguia o que queria. Allegra não se lembrava de uma só vez em que Teresa houvesse demonstrado timidez. Ao contrário, sempre falava alto o que lhe vinha à cabeça. E agora proclamava aos quatro cantos o precioso nome de Byron, para que todos ouvissem. O difícil era imaginar aqueles dois juntos. Byron era um homem sofrido, problemático, enquanto Teresa...

Allegra bem que gostaria de fazer mais perguntas àquelas mulheres mexeriqueiras. Como eles dois tinham se conhecido? Com que frequência se encontravam? Mais que tudo, ela queria saber em que lugar se encontravam para fazer amor. Não, não poderia ser no apartamento vizinho à Igreja de Santa Maria Zobenigo. Aquele ninho de amor pertencia a Byron e Allegra, a ninguém mais!

Depois que os homens voltaram à sala de visitas, os casais começaram a se despedir. Na gôndola, de volta a casa, Barretto não se preocupou em ter um mínimo de polidez.

— Não está acontecendo nada que eu deva saber, minha cara? — ele perguntou, em tom áspero. — Alguma coisa a perturba? Tem de haver algo, porque você não está cumprindo com as suas obrigações. O mínimo que espero é uma companhia agradável em público. No entanto, você me desagrada, Allegra, e muito.

Allegra achou melhor não dar resposta. Quando entraram na casa, ainda no vestíbulo, ele segurou no braço dela, obrigando-a a parar.

— Terei de viajar a Pádua, onde ficarei por alguns dias. Não se esqueça de que pertence a esta casa e a mim, *contessa*. Boa noite.

Feita a advertência, o conde virou as costas e retornou à gôndola. Não havia dúvida de que ia ao encontro da amante, mas isso não perturbava Allegra.

Gina esperava por ela no quarto e, ao ver a expressão da patroa, percebeu que algo havia acontecido durante o jantar. — É Teresa — informou Allegra, com voz cansada. — Teresa Guiccioli. — *Si* — falou Gina, sem demonstrar surpresa. Ela já imaginava quem podia ser a mulher que arrancara Byron dos braços de Allegra. Amiga de Fanny Silvestrini, camareira da jovem condessa Guiccioli, Gina já havia sido informada de que a pequenina e irreverente dama estava mantendo um caso com um homem famoso.

— Por que ela não voltou para Ravena? — questionou Allegra, com desânimo, deitando-se na cama e deixando que Gina a cobrisse. — Por que teve de vir justamente para Veneza? Se Teresa não estivesse aqui, tudo teria sido diferente.

— Pode ser — disse Gina, sem muita convicção.

Depois que Allegra bebeu a dose de calmante, a boa mulher apagou a vela e saiu do quarto, rezando para que a patroa pudesse encontrar paz.

Allegra não adormeceu logo e, depois de refletir durante horas, tomou uma decisão. Já sabia o nome da misteriosa mulher, um nome que ela conhecia muito bem, e não adiantava ter esperanças. Podia até imaginar a forma como Teresa enfeitiçara Byron. Além de bonita, a jovem

condessa Guiccioli era brilhante e esperta demais na argumentação, falava vários idiomas e era versada em literatura clássica. Era uma das alunas mais bem preparadas do Santa Clara.

Allegra reconheceu que não poderia mesmo competir com Teresa. Afinal de contas, Byron era um gênio, e os dotes dela, Allegra, iam pouco além de ser parecida com Augusta, a irmã dele...

"Desde o princípio, Byron foi honesto quanto a isso", ela o desculpou. "Não posso culpá-lo por ter se cansado de mim."

Na manhã seguinte, quando Gina levou o café da manhã, a condessa já dispunha de uma série de argumentos para explicar a perda de Byron. Algumas das explicações eram absurdas, outras tolas, outras até razoáveis. A mais irracional era achar que um homem de gênio não pode se satisfazer com o amor de uma mulher simples.

— Nesse ponto, senhora, acho que os gênios não são muito diferentes dos homens comuns — ponderou Gina. — No entanto, se esse pensamento a conforta, não vou discutir. Agradeço à Virgem Santíssima pelo fato de a senhora ter encontrado uma forma de consolar seu coração? É uma mulher nobre, não apenas no sangue, mas também na alma. Mesmo humilhada, é incapaz de cultivar o ódio.

Com cuidado, Allegra pôs na gaveta da escrivaninha a caixa que ganhara de Byron.

— Jamais o esquecerei, Gina, mas, no momento, não tenho forças nem para continuar sofrendo. Vou escrever outra carta a ele, desta vez apenas para desejar que seja feliz, pois é o que realmente quero. Depois, trocarei de roupa para ir ao Redentor. A *signora* Nicolo já voltou de viagem e deve estar se perguntando o que aconteceu com a "freirinha nobre".

Allegra ensaiou um riso forçado, mas Gina se manteve séria. Uma hora mais tarde, não teve coragem de levar pessoalmente a carta da patroa, preferindo despachá-la pelo correio.

Adriana insistiu em tomar chá com Allegra no jardim da Ca' d'Argenti. Abril já ia pela metade e a tarde de um sol apenas cálido era uma das mais bonitas daquela primavera. No jardim, enraizados em seus vasos muito velhos de cerâmica, os gerânios em flor espalhavam um odor agradável.

Allegra sentia-se bem melhor. Mandar a Byron aquela carta era uma espécie de permissão para que ele seguisse o próprio rumo. Pelo menos para ela, já não havia apenas a dura realidade de ter sido rejeitada. O trabalho no Redentor também era um lado positivo. A atividade constante, a companhia das meninas, o esforço para fazer com que elas aprendessem latim, tudo contribuía para atenuar a dor da ferida ainda aberta.

Infelizmente, naquela tarde Adriana estava interessadíssima em comentar o último caso amoroso do grande poeta. Havia encontrado a condessa Benzoni na noite anterior e, agora, estava ansiosa para contar a Allegra as novidades.

— Marina reivindica para si todos os créditos por ter apresentado os dois — começou a velhota, com ar superior de uma pessoa bem informada. — Foi durante uma reunião social que ela promoveu na casa

dela, há cerca de duas semanas. Acho que foi pouco antes daquele período que você passou adoentada... Seja como for, lá estava Teresa, lá estava Byron, e antes que a reunião chegasse ao fim os dois já haviam combinado o primeiro encontro.

Gina trouxe para bem perto de Adriana o carrinho de chá.

Aquela altura, a serva de Allegra conhecia em detalhes a história do encontro na casa de Marina Benzoni. Já que Veneza não comentava outra coisa, Fanny, camareira de Teresa Guiccioli, sentia-se livre para soltar a língua. Felizmente, Gina podia constatar que Allegra se mantinha firme perante a tagarela Adriana.

— Segundo me contou Marina, o velho Guiccioli não sabe mais o que fazer. Grávida de três meses do primeiro filho, a jovem esposa dele exige agora um *cavaliere servente*. No mínimo, isso não o faz feliz. Mas o velho resolveu tomar uma providência e, esta manhã, levou Teresa para Ravena. Isso vai acalmar um pouco as coisas.

Allegra esforçava-se para agir como quem estivesse apenas escutando mais um escândalo da nobreza veneziana. Mesmo assim, involuntariamente seu corpo estremeceu, o que foi percebido por Adriana.

— O que foi, Allegra? Está se sentindo bem?

— Eu estou bem, Adriana, obrigada. É que sinto pena de Teresa.

Era verdade. Se Teresa havia sido arrancada dos braços do homem que amava pelo marido enraivecido, só podia estar sofrendo. Allegra sentia pena... e também uma certa curiosidade.

— E... quanto ao inglês? Como ele está reagindo?

— Quem sabe? É um verdadeiro mistério. Marina me disse que Byron está angustiado. No entanto, quem poderá dizer quais serão as reações de um poeta daqui a cinco minutos?

Depois daquela conversa com Adriana, a esperança voltou a tomar conta do coração de Allegra. Todas as manhãs, enquanto caminhava em direção ao Redentor, os olhos dela buscavam na multidão uma cabeça de cabelos pretos e muito ondulados, um rosto adorável, uma silhueta que caminhasse mancando de uma perna. Encontrá-lo, mesmo que um breve instante, seria como estar voltando ao lar depois de uma longa ausência.

À noite, desejava correr para ele. Afinal de contas, Teresa não estava na cidade. No entanto, faltava coragem e a amargurada condessa permanecia no quarto. Fazia muito tempo que não registrava nada no diário, preferindo ler e reler os poemas que Byron lhe dedicara.

As semanas foram passando e o dia-a-dia de Allegra entrou numa rotina que pouco mudava. Por sorte, Barretto cumpria a promessa feita e não tentava mais ir à cama dela, à noite. Adriana tinha ido passar uma temporada na casa de campo que possuía no interior. Vez por outra, Gemma e Lipia iam à Ca' d'Argenti para visitar a irmã, às vezes acompanhadas pelo pai.

Pelo menos aparentemente, a vida parecia ter retomado o curso normal. A própria Gina já arriscava acreditar que o tempo havia completado o seu trabalho.

No dia primeiro de junho, a notícia se espalhou por Veneza como um rastilho de pólvora: lorde Byron tinha mandado atrelar a carruagem e partira para Ravena a fim de se encontrar com Teresa Guiccioli.

— Mas esta não é a única novidade, Gina — falou Allegra, à hora de ir para a cama. — Eu estou grávida.

CAPÍTULO XI

— Se Deus dispusesse de uma extensa lista de punições com que me castigar, não poderia ter feito uma escolha melhor — refletiu Allegra, com desânimo. — Isso atinge não apenas a mim, mas a todos os que amo... Barretto vai querer me matar, o que não fará muita diferença. No entanto, o que será da criança... o filho de Byron? A vingança do meu marido será terrível. Levará meu pai à ruína, assim como jogará na lama a reputação das minhas irmãs. Pobrezinhas! Depois disso, quem irá casar-se com elas? Adriana também não escapará, Gina, porque certamente será considerada cúmplice, e você também.

Era impossível esquecer o relato de Elletra sobre a forma cruel como Barretto se vingara de Placídia, a amante traidora. Mesmo louca de amor por Byron, Allegra devia ter considerado a possibilidade de engravidar e tomado cuidados para que isso não acontecesse.

— Precisamos encontrar uma saída, *madonna* — falou Gina, tentando ser realista. — A senhora não é a primeira a enfrentar esse problema. Felizmente, temos tempo para pensar e agir com prudência. Conheço mulheres que entendem de ervas e preparam remédios capazes de... a senhora sabe; preparados que agem no organismo, expelindo o feto. Sua gravidez ainda não está avançada e...

— Não! — pronunciou-se Allegra, rejeitando a sugestão. — Quero ter essa criança, Gina! Por incrível que pareça, isso tudo é mais uma prova da sabedoria divina. Byron pode ter escapado, mas deixou dentro de mim uma parte dele, e ninguém vai me privar disso. É tudo o que me restou dele, algo de que não posso e não quero abrir mão.

Gina abriu a boca, espantada. Pelo jeito, seria impossível fazer a condessa mudar de idéia.

— Já pensei em tudo, Gina — continuou Allegra, com determinação. — Byron certamente gostaria de ficar com a criança. Por isso, não posso deixar que ele saiba. Agora, é como se todo o meu amor se concentrasse bem aqui, dentro de minha barriga. Esta criança tem o poder de me fazer forte, Gina... Eu estou mudada. Com o pobre Renaldinho era diferente, por causa do pai dele. Esta criança, porém, é filha de Byron e farei qualquer coisa para que sobreviva.

— Mas a senhora acaba de me dizer que teme a vingança do conde. Não tem muitas alternativas, *cara mia*. Quando ele descobrir...

— Eu já terei ido embora. Temos tempo suficiente para decidir para onde vou. Pensarei num jeito de escapar sem afetar muito as pessoas de quem gosto, como minhas irmãs e meu pai. E não volte a me falar em aborto!

Os dias foram passando e ela alternava a alegria de carregar um filho de Byron com o desespero de não saber como resolver a situação. Já pelo final de junho, o registro no diário era um bom exemplo disso:

Como poderei ter essa criança sem que Barretto saiba? Como escapar aos espiões dele e descobrir um lugar onde não possa ser encontrada?

O verão chegou e o segredo dela era protegido pela rotina, que seguia normalmente. O trabalho no Redentor, os chás com Gemma e Lipia

e, vez por outra, um ou outro jantar, ao qual comparecia na companhia de Barretto. Gina deu um jeito de afrouxar os vestidos da patroa e, graças a Deus, mesmo sendo ela uma pessoa magra, a barriga não sobressaía tanto. No entanto, ficava cada vez mais difícil prosseguir naquele jogo de disfarces.

Allegra passou a conviver com o medo de ser descoberta. Se Barretto ao menos suspeitasse, logo providenciaria para que ela fosse vítima de algum "acidente" e sairia em busca de uma nova esposa.

Todas as noites, juntamente com Gina, Allegra se empenhava em intermináveis discussões sobre algum plano de fuga. Finalmente, abordaram um que parecia razoável. Ela deveria procurar Odile Berrier, a babá francesa que cuidara dela quando criança e que agora vivia em Marselha.

Viúva, Odile era dona de um forte instinto de proteção e sempre demonstrara muita afeição por Allegra. Certamente saberia acolher a jovem que ajudara a criar, permitindo o nascimento da criança sem que a mãe corresse perigo.

Juntas, Allegra e Gina redigiram uma carta a Odile falando apenas o necessário. A própria Gina foi despachar a carta. Como uma resposta demoraria um mês ou mais para chegar, elas rezaram para que Odile recebesse a carta e se prontificasse a ajudar. Pediam que a resposta fosse mandada para a governanta de Elletra, em quem podiam confiar sem medo.

Pelo final de agosto, Barretto mandou chamar Allegra ao escritório. Já se haviam passado meses desde a última conversa particular entre eles, mais precisamente em dezembro, quando firmaram o terrível contrato.

— O que devo fazer, Gina? — desesperou-se Allegra, depois que Zeno entregou a mensagem e se retirou. — Ele deve ter descoberto tudo.

— Talvez não, *madonna*. Ultimamente, até o conde a tem tratado bem. Procure agir como se não tivesse nada a temer.

— Enquanto vou ter com ele, ponha na mala algumas coisas minhas, apenas o necessário — recomendou Allegra, muito pálida. — Talvez seja necessário partir imediatamente.

Gina abraçou a patroa, procurando confortá-la.

— Não é possível ele ter descoberto, *madonna*. Deixe-me passar um pouco de carmim nas suas faces. Está muito pálida.

O escritório de Barretto era uma verdadeira ostentação de opulência. As paredes e o teto eram inteiramente revestidos por lambris de mogno. Nas prateleiras de uma estante em estilo Luís XIV havia estátuas em miniatura dos ancestrais da família, todos mercadores, moldadas em prata. Numa das paredes estava exposta uma coleção de rifles beduínos da qual o conde muito se orgulhava.

O conde recebeu a esposa com um largo sorriso no rosto enrugado. Logo que ela entrou, convidou-a a sentar-se numa confortável poltrona.

— Você é uma mulher realmente adorável, Allegra, e quero lhe falar sobre algo muito importante.

Allegra apenas escutava, com os lábios muito secos. Será que ele estava brincando, apenas se divertindo antes de dar o golpe final?

— Resolvi que vamos dar um grande baile — anunciou o conde, pondo fim àquela espera ansiosa. — Quero que a nata da sociedade de Veneza venha conhecer meu filho. Há muito que a casa dos Di Rienzi não tem a consideração que merece. Agora, porém, eu tenho um herdeiro e quero que todos nos venham prestar a justa homenagem.

Barretto disse as últimas palavras rindo de satisfação.

— Um... baile? — gaguejou Allegra.

— Sim, um grandioso baile. Quero que, no dia, este palácio se transforme num esplendor de luzes e riqueza. Quero também que todos vejam a minha *contessa* e saibam que ela está pronta a me dar outros filhos, tão bonitos e saudáveis quanto o primogênito.

A expressão nos olhos dele era de desejo, algo que Allegra não via fazia muitos meses. Em seguida, o conde aproximou-se para beijá-la.

— Tenho ficado muito tempo longe de você, *madonna* — ele falou, sussurrando.

Allegra suportou o beijo sem se erguer. Tinha medo de que o marido a abraçasse e descobrisse o que havia de diferente no corpo dela. Felizmente, Barretto tinha mais novidades e se afastou em direção à grande mesa de trabalho. Sorrindo, ele abriu uma das gavetas e tirou de lá um estojo de jóias, que pôs nas mãos da esposa.

— Sei que você gosta de pérolas, mas quero vê-la usando isto durante a festa.

Com mãos trêmulas, Allegra destravou o fecho e levantou a tampa da caixa de madeira trabalhada. Dentro da caixa, cujos componentes metálicos eram de prata, estava um magnífico colar de ouro e pedras preciosas. Além de caríssima, a jóia era obra de um verdadeiro artista. Incrustadas nas placas de ouro que formavam o colar havia pedras preciosas cor de violeta, em variados tamanhos, lapidadas de forma a produzir intensos reflexos. O colar sustentava uma espécie de teia de aranha em ouro, de cerca de cinco centímetros de diâmetro, na qual se pendurava uma enorme pedra preciosa em forma de pêra e na mesma cor das demais.

— São safiras orientais, vindas da Índia — informou o conde, orgulhoso. — Ponha no pescoço.

Allegra achou que deveria ficar atenta. Barretto nunca dava nada a ela sem exigir algo em troca. Enquanto a ajudava a prender o colar em volta do pescoço, o conde confirmou aquela suspeita.

— Outro filho, Allegra, é tudo o que peço. Já se passou muito tempo e você tem de reconhecer que eu tenho sido paciente. Mas não quero pressioná-la. Esperaremos o momento apropriado, está bem? Talvez quando eu voltar da minha próxima viagem, talvez depois do baile... Produziremos mais um filho para a grandeza da Casa de Prata!

Allegra se lembrou da última vez em que ele fora ao seu quarto e sentiu um arrepio. O sacrifício seria grande demais, mesmo em troca de uma jóia tão valiosa.

— Quando pretende dar o baile? — ela quis saber.

— Daqui a três semanas. Enquanto eu estiver fora, Luciano cuidará dos preparativos. Você não precisa se preocupar com nada. Quero apenas que, no dia marcado, esteja ao meu lado para receber os convidados, tão

linda quanto sabe ser. Estarei de volta a tempo de tomar as providências finais. Será uma noite inesquecível e Veneza inteira nos invejará. Comparecerão homens muito importantes e influentes da corte imperial. Todos conhecem a fama de grandeza da Casa de Prata, mas quero que vejam que, com o passar do tempo, ela se tornou ainda maior. Agora vá, Allegra, que tenho assuntos urgentes a despachar.

Gina esperava pela condessa no quarto, ansiosa.

— E então, senhora, o que ele queria?

Allegra sentou-se na cama e desatou num riso histérico.

— Um baile... Ele vai dar... um baile!

Ela falava com dificuldade, agitando o corpo todo. Gina se deixou contagiar e também começou a rir.

— Mas foi só isso?

Allegra respirou fundo e procurou se controlar, apertando o corpo.

— Ele me deu de presente uma jóia valiosíssima e quer que eu fique bonita para que os convidados me vejam na noite do baile. Mas isso não é tudo, Gina. O conde Barretto di Rienzi me pediu outro filho. Depois disso, não posso esperar mais. Ainda bem que ele estará fora durante algum tempo, o que nos dá liberdade para planejar a fuga. Preciso partir o quanto antes, mesmo sem esperar pela resposta de Odile. Se a carta se extraviou, só me resta rezar para que ela ainda esteja morando em Marselha e não se negue a me receber. Gina achou que a patroa tinha toda razão.

— E quando será o baile?

— Daqui a três semanas. Tenho quase certeza de que, logo depois do baile, Barretto viajará outra vez. Ele está sempre viajando. Logo em seguida eu partirei. Você deve deixar tudo preparado.

— Pode confiar em mim, *madonna*. Cuidarei de tudo.

Uma semana antes do baile, o palácio estava cheio de gente.

Um verdadeiro batalhão de faxineiros, copeiras e cozinheiras, contratado apenas em função da festa, atropelava-se pelos corredores. A toda hora, paravam em frente à casa barcos trazendo suprimentos ou adereços para decorar as salas e o salão de baile.

Allegra estava consciente do perigo que corria e tomou todos os cuidados. A essa altura, Gina já tinha feito duas viagens ao interior, em busca de um meio de transporte capaz de levar a fugitiva de Veneza a Milão. Para maior segurança, tinham decidido que a primeira parte da viagem seria feita numa carruagem alugada. Em Milão, Allegra estaria em segurança e poderia seguir adiante num veículo de linha.

Mesmo sem ser solicitada, Adriana retornou do interior logo que soube do baile e rapidamente arranjou um jeito de se integrar aos preparativos. Gemma e Lipia também não pensavam em outra coisa. Uma tarde, depois de tomar chá com as três, Allegra retornou ao quarto e encontrou Luciano sentado à escrivaninha.

— O que deseja, *signore*? — ela perguntou, sem esconder a irritação.

Luciano girou o corpo e sorriu, levantando-se.

— Ah, *contessa*? Eu estava justamente redigindo um bilhete para a senhora, informando que estou entregando o seu vestido de baile. Está

naquela caixa, em cima da cama. O conde Di Rienzi quis fazer uma surpresa, presenteando-a com um vestido confeccionado por um estilista de Viena.

Allegra reparou que a gaveta da escrivaninha estava levemente aberta e Luciano apressou-se em se explicar:

— Estava sem papel para escrever o bilhete e imaginei que a senhora não se importaria se eu pegasse uma folha na sua gaveta.

— Obrigada, *signore*, mas estou cansada e gostaria de ficar sozinha.

Ele deu dois passos, beijou a mão da condessa e se retirou. Quando se viu sozinha, Allegra correu para abrir a gaveta. O diário e a caixa de madeira que ela ganhara de Byron estavam lá no fundo, por trás de uma pilha alta de papéis e de um sachê de cetim. Aparentemente, não haviam sido tocados. Era estupidez demais deixar aquelas provas incriminadoras num lugar de tão fácil acesso! Luciano sabia muito bem que ela estava tomando chá e podia tê-la procurado no terraço. Por que achou tão importante deixar o presente no quarto? Na certa sabia de alguma coisa, ou não teria invadido seus aposentos de forma tão ostensiva.

Todos os instintos de Allegra mandavam que ela escapasse imediatamente, naquela noite mesmo, sem esperar pelo baile. Seria uma temeridade acreditar que no dia seguinte tudo continuaria no pé em que estava.

Allegra olhou para a grande caixa deixada em cima da cama. Com um suspiro de resignação, desatou a fita, abriu a caixa e contemplou o vestido. Evidentemente, o tecido, o corte e os babados seguiam a última palavra da moda, mas isso não a preocupava. Pensava, antes, em como envergar aquele vestido sem denunciar o estado de gravidez. Encostando a roupa nova ao corpo, ela se olhou no espelho.

— Ele se ajustará ao seu corpo, *madonna* — garantiu Gina, falando da porta. — Pode ficar tranqüila.

— Mas a cintura está muito baixa e o busto é justo demais. Barretto verá que os meus seios estão ficando maiores...

— Podemos alargar o busto e disfarçar a barriga com um pouco de realce nos babados. Prometo que...

— Luciano esteve aqui — interrompeu Allegra. — Acho que ele sabe. Gina refletiu durante alguns instantes.

— Mesmo que isso seja verdade, *madonna*, teremos de esperar mais uma semana. O conde está em casa e a senhora não terá como partir. A carruagem já está contratada e esperando uma ordem minha. Enquanto isso, a senhora deverá agir como se nada estivesse acontecendo, para sua própria segurança.

As tochas ardiam em seus suportes de ferro na fachada da Ca' d'Argenti, iluminando boa parte do canal e se sobrepondo à névoa úmida da noite de setembro. As enormes portas de madeira maciça estavam inteiramente abertas e braçadas de rosas brancas enchiam de perfume o caminho que levava dos degraus de entrada ao hall de recepção. Os convidados apresentavam o convite à entrada e, com gestos de uma naturalidade ensaiada, despiam o casaco, que entregavam ao mordomo para que o guardasse num compartimento especialmente preparado para esse fim.

Da balaustrada da escada interna, Adriana observava a cena, ao lado da dona da casa.

— Gôndolas pretas, roupas sóbrias... — ela comentou, com um sorriso de desânimo. — Parece até que o governo baixou um decreto proibindo a ostentação do luxo! O que será que aconteceu com os venezianos, Allegra? Lembro-me de bailes na Ca' d'Argenti em que as mulheres ostentavam vestidos de seda bordados a ouro e cravejados de pedras preciosas...

— Isso foi há muito tempo — ponderou Allegra. — Mas o que você achou do meu vestido? Barretto mandou fazê-lo especialmente para esta noite.

Na verdade, ela queria saber a opinião de Adriana sobre as alterações providenciadas por Gina, antes de se submeter ao exame de Barretto. Adriana se afastou um pouco para observar melhor.

— Você está um pouco... coberta demais. Por que escondeu tanto os seios, menina? Devia saber que não é pecado nenhum expô-los um pouco. De qualquer forma, está muito bonita. Essas jóias parecem ter sido feitas para a esposa de um sultão! Barretto é realmente muito esperto nas aquisições que faz.

Allegra sorriu e deu uma rápida olhada no vestido de tafetá preto de Adriana. A velhota devia fazer milagres com o espartilho para conseguir deixar os seios tão altos e expor, com um mínimo de dignidade, a pele branca e enrugada.

— Está realmente bonita, condessa Allegra — cumprimentou Luciano, aproximando-se das duas e erguendo os olhos do vestido para o rosto de Allegra, de uma forma quase insolente. — Agora, devo levá-la ao escritório do conde, que espera pela senhora.

Aceitando o braço que o empregado de Barretto oferecia, Allegra sentiu o perfume de uma finíssima água-de-colônia e reparou que o fraque que ele envergava era tão elegante e caro quanto o de um aristocrata. Realmente, Luciano havia progredido muito na vida desde que se associara a Barretto. Os dois subiram os degraus restantes e atravessaram o comprido corredor, enquanto sons de música e risos enchiam os salões do andar inferior.

Barretto a recebeu à porta do escritório. Não havia dúvida de que, naquela noite, o maior objetivo do conde Di Rienzi era ostentar riqueza. Além dos enormes anéis de ouro e pedras preciosas que trazia nos dedos, ele exibia, pendurada no colete prateado, uma grossa corrente de ouro cravejada de diamantes.

Luciano fez uma reverência e se afastou.

— Deixe-me olhá-la, minha querida — falou o conde, segurando a mão da esposa e dando um passo atrás. — De fato, está lindíssima. As safiras produziram exatamente o efeito que eu pretendia. É o toque que faltava para fazê-la parecer uma rainha. Não cometi um erro ao me casar com você, *contessa*, apesar das suas falhas. Bastou você perceber que a rebeldia não leva a lugar nenhum. Depois da minha próxima viagem de negócios, pretendo levar a vida de um aposentado. Bem... não será tanto assim, mas dirigirei meus interesses aqui mesmo de casa. Isso quer dizer que teremos tempo suficiente para, finalmente, buscar um...

conhecimento mútuo.

Ele olhava fixamente para a esposa, como se quisesse certificar-se de que ela havia entendido o significado daquelas palavras.

— Onde está Renaldo? — perguntou Allegra, apenas para mudar de assunto.

— Está no salão, vestido de forma apropriada para receber os convidados. A propósito, já é hora de nos juntarmos a ele.

Barretto ofereceu o braço à esposa, com a pose de quem pretendia se apresentar diante dos convidados com a maior pompa possível.

Enquanto caminhava, Allegra olhou para o vestido cor de vinho. Será que a reforma feita por Gina realmente camuflara o crescimento da barriga e o aumento de volume dos seios?

— Você está tremendo, minha querida — constatou o conde, apertando a mão dela. — Mas pode se acalmar. Prometo que esta noite será de emoções fortes, mas perfeitamente suportáveis.

No salão de baile, uma orquestra entoava os acordes de uma opereta popular. Aquela música tinha o aparentemente impossível poder de transformar a Ca' d'Argenti num lugar alegre. Era tão estranho ouvir-se música na Casa de Prata... Às vezes, não se ouvia nem o som de vozes.

Naquele momento, porém, a sala de visitas estava apinhada de gente que não parava de falar. Criados vestidos a rigor serviam champanhe proveniente dos vinhedos que Barretto possuía na França. Os diamantes cintilavam nos pulsos e nos pescoços das mulheres, mas o brilho da prata que havia por todos os cantos daquela sala sobrepunha-se a tudo. O baile transcorria exatamente como Barretto havia planejado. Era uma noite da qual os convidados jamais se esqueceriam.

Quando os donos da casa fizeram sua aparição, partiram cumprimentos de todos os lados, alguns comedidos, outros espalhafatosos, vindos de gente que Allegra conhecia apenas superficialmente, ou desconhecia por completo. Previsivelmente, todos os olhares se fixavam na condessa, com indisfarçada curiosidade.

Com dificuldade, Allegra e Barretto foram atravessando a pequena multidão, enquanto ela era beijada por lábios femininos que se abriam em sorrisos de pouca sinceridade. Evidentemente, aquelas mulheres estavam mais interessadas em observar e criticar o vestido umas das outras, estabelecendo uma pouco velada competição.

Na passagem, Allegra identificou Gemma e Lipia, excitadíssimas, no meio dos convidados. Foi com embaraço que ela constatou que os olhares das irmãs, da forma mais direta possível, se dirigiam a um grupo de garbosos oficiais austríacos em seus uniformes de gala. Finalmente, as duas tinham o baile que tanto haviam reivindicado.

Depois de se servirem de uma taça de champanhe, Allegra e o marido foram para o local onde um grupo de enfermeiras uniformizadas vigiava o berço de prata no qual se encontrava o herdeiro do nome e da riqueza do conde Barretto di Rienzi. Quando eles se aproximaram, uma das enfermeiras apressou-se em tirar a criança do berço, entregando-a ao pai. Barretto fez um gesto para que a orquestra parasse de tocar e, quando se fez silêncio, ergueu o filho o mais alto que pôde.

— O novo rebento da casa dos Di Rienzi! — ele anunciou, orgulhoso.

— Renaldo Barretto Ugo, eu o apresento às mais nobres famílias de Veneza e aos representantes de Sua Majestade Imperial.

Para irritação do pai, Renaldo se assustou com o barulho dos aplausos que se sucederam à apresentação e começou a chorar. Barretto entregou-o de volta aos cuidados das enfermeiras, não sem antes beijar as bochechas do menino. Enquanto isso, Allegra escutou uma voz feminina comentar, em tom de cochicho, que jamais o conde Di Rienzi faria um estardalhaço igual àquele para anunciar o nascimento de um dos bastardos dos quais era pai. Quando ela se voltou na tentativa de identificar a dona da voz, vários rostos divertidos desviaram os olhos apressadamente.

A alguns passos dali, Barretto ergueu a taça.

— Música! Meu desejo é que esta seja uma noite de alegria!

A orquestra voltou a tocar, num tom altíssimo, no que foi seguida pelas vozes dos convidados, que praticamente competiam com a música. Barretto permaneceu ao lado do berço, recebendo cumprimentos, e endereçou a Allegra um olhar significativo, avisando que ela deveria fazer o mesmo. Foi um papel profundamente desagradável, que a fazia sentir-se a fêmea reprodutora de Barretto exposta aos olhares curiosos do público.

A certa altura, um criado se aproximou e cochichou alguma coisa ao ouvido de Barretto.

— Tenho de deixá-la só por alguns minutos, querida — desculpou-se o conde, afastando-se em seguida.

Allegra aproveitou para ir até o salão de baile, onde os pares rodopiavam ao som de uma valsa.

"É bem a cena pintada na capa do meu primeiro diário", ela comparou.

Não demorou muito para que acontecesse o que Allegra menos esperava e desejava: ouvir a voz grave de Luciano.

— O conde me deu permissão para convidá-la para uma dança, condessa, já que ele teve de tratar de um assunto comercial um tanto urgente — falou o empregado de Barretto, com mal disfarçada ironia. — É incrível, mas mesmo numa hora como esta aparece gente precisando de empréstimo.

Allegra hesitou antes de aceitar o braço que ele oferecia. Entre todos os presentes, era com Luciano que ela menos desejava dançar. O pior foi quando eles chegaram ao centro do salão e ela se sentiu alvo de todos os olhares, principalmente das mulheres.

— Eu a tenho observado — confessou Luciano, quando eles já giravam ao ritmo da música. — Além de admirá-la, *contessa*, sinto-me na obrigação de parabenizá-la. Não deve ter sido fácil suportar o assédio do... velho garanhão. Mesmo Verônica Bardolini, que é uma mulher experiente nesse campo, acha que ele exige demais.

Allegra achou que era impertinência demais para um simples empregado.

— O conde não vai gostar de saber dos termos da conversa que o senhor está querendo manter comigo — ela ameaçou.

Luciano não pareceu assustado.

— Ultimamente, *contessa*, cheguei à conclusão de que só posso progredir na vida arriscando muito. Só que desta vez não estou correndo nenhum risco. Se a senhora revelasse ao conde o teor da nossa conversa, ele certamente pensaria que fui encorajado, não é mesmo?

Por menos que desejasse, Allegra tinha de concordar com ele. Felizmente, não faltava muito tempo para ela se ver livre do controle de Barretto e da presença desagradável de Luciano.

— Não gostaria de falar de assuntos pessoais, *signore*. Quando terminarmos esta dança, peço que me desculpe.

— Certamente.

Eles ficaram em silêncio até que a orquestra parou. Luciano não soltou logo a mão dela, enquanto a conduzia a um dos cantos da sala.

— Só mais uma coisa, *contessa*, antes que eu a deixe — falou o assistente de Barretto, num tom incrivelmente natural. — Diga-me, como se sente quando ouve o conde dizer que quer gerar outro filho com a senhora, mesmo ele não sabendo que a senhora já traz um no ventre?

Sem esperar pela resposta, ele beijou a mão da condessa e se afastou, deixando-a entre dois enormes vasos de flores. Allegra não poderia mesmo responder, porque ficou sem fala.

A orquestra começou a tocar outra vez e ela sentiu vontade de sair correndo daquele salão, apesar do tremor nas pernas. Mas não podia fazer isso, ainda mais que naquele momento Adriana se aproximava na companhia de Bernardo Giuliani. Allegra cumprimentou o elegante e idoso convidado, respirando fundo para manter a compostura.

A cinco metros dali, Luciano sorria, com o ar triunfante de quem está ganhando um jogo. Allegra virou as costas para ele, ostensivamente. Por sorte, Adriana tomou a providência de iniciar uma conversa trivial.

— Estávamos conversando, querida, sobre como tudo em Veneza era diferente antes de Napoleão. Vocês jovens nem podem imaginar como eram os carnavais naqueles tempos. Havia muitas festas e todos saíam por aí, mascarados. As mulheres não sabiam se estavam beijando um duque ou um lixeiro! Era uma delícia!

O admirador de Adriana tomou um bom gole de champanhe antes de se pronunciar:

— Depois que os franceses queimaram o Livro de Ouro, ficou quase impossível fazer-se uma lista correta das grandes famílias de Veneza. Hoje em dia, o que mais se vê por aí é gente com título de duque, conde ou sei mais lá o quê. Quanto a mim, recuso-me a usar o título de conde. Não vou concordar com isso apenas porque os austríacos querem. Bem... é claro que o caso do seu marido é diferente. Ele é de uma família muito antiga e tradicional e o título de nobreza deve ajudá-lo nos negócios que mantém em Viena.

— Cale a boca, Bernardo — ordenou Adriana, puxando de leve a orelha do amigo. — Lembre-se de que não está tão velho assim e pode muito bem ser jogado numa prisão por falar demais.

Bernardo pareceu arrependido de ter soltado demais a língua.

— Tem razão, minha querida. Acho melhor irmos dançar, antes que eu me torne um inconveniente.

O simpático casal se afastou e Allegra olhou em volta. Luciano

dançava, seguro de si. Quanto tempo ele esperaria para contar a Barretto o que havia descoberto? Mas será que realmente sabia da verdade? E como poderia ter sabido? Talvez houvesse percebido, enquanto dançavam, que a barriga da parceira estava um pouco volumosa e dura.

Instintivamente, Allegra passou a mão pelo ventre. Não, não estava assim tão evidente. Provavelmente Luciano havia arriscado um palpite, esperando que ela, de alguma forma, se denunciasse. Fosse como fosse, o melhor seria continuar agindo com naturalidade.

Na hora seguinte, a condessa fez parte de várias rodas, procurou ser simpática e até dançou com alguns dos convidados. Barretto ainda não havia retornado ao salão quando o conde Lamberti se aproximou, abraçou-a pela cintura e beijou-a na face.

— Que noite maravilhosa, minha filha! Que tal irmos até o jardim? Acho que já bebi vinho um pouco além da conta e preciso comer alguma coisa.

O terraço havia sido transformado num jardim chinês estilizado, no centro do qual se erguia um galpão sem paredes, de telhado com extremidades recurvadas e iluminado por graciosas lanternas coloridas. Protegidas pelo telhado, estendiam-se as fileiras de mesinhas adornadas de flores onde os convidados se serviam do banquete. A comida, requintada e farta, estava disposta numa mesa grande, ao fundo do galpão, e os próprios convidados faziam seus pratos.

Quando Allegra se aproximou da mesa, acompanhada pelo pai, Luciano escolhia o que comer. Resolvida a enfrentá-lo, ela achou que seria até bom tomar a iniciativa de falar com o praticamente declarado inimigo.

— Meu marido me disse que o senhor é o responsável pela organização desta festa — cumprimentou a condessa, olhando-o de frente e fingindo sorrir. — Gostaria de lhe agradecer por isso.

Luciano ergueu a cabeça e também sorriu.

— Foi um prazer, *contessa*. Aproveito para me desculpar por algum desconforto que lhe tenha causado...

— Se houve desconforto, *signore*, foi seu, porque sou uma péssima dançarina.

Allegra procurava falar da forma mais convincente possível. Luciano precisava se convencer de que ela não temia as insinuações que ele fizera enquanto dançavam. O conde Lamberti, que presenciava o diálogo, tomou a iniciativa de encerrá-lo.

— Quanto a mim, vou encher meu prato e procurar um local onde me sentar — falou o pai de Allegra, passando da palavra à ação. — Há anos que não dançava tanto e estou com os pés cansados. Venha, minha filha.

Meia hora mais tarde, caminhando de volta ao salão ao lado do pai, Allegra cruzou outra vez o olhar com o de Luciano. Era evidente que ele a estudava, enquanto enfiava na boca um morango açúcarado. Numa rápida avaliação, Allegra concluiu que Luciano apenas suspeitava, sem ter certeza. Por via das dúvidas, porém, resolveu que ficaria o resto da noite ao lado de Barretto, procurando desempenhar o melhor possível o papel de esposa dedicada.

Minutos depois, ela estava no salão de baile, quando Barretto

retornou, com a expressão que sempre fazia ao concluir um negócio vantajoso, acompanhado por três austríacos igualmente risonhos. Aproximando-se da esposa, o conde convidou-a para dançar. Enquanto rodopiava ao som da valsa, o casal foi aplaudido pelos obsequiosos convidados presentes ao salão.

— Nunca me senti tão jovem! — exultou Barretto, cujo hálito já cheirava a vinho. — Não há dúvidas de que uma pessoa remoja quando tem motivos para se orgulhar.

Allegra percebeu que o marido já havia bebido bem além da conta. Por isso, segurou a mão dele com firmeza, com medo de que, como resultado de algum passo em falso, os dois fossem ao chão. Por sorte, a dança chegou ao final sem que nada de errado acontecesse, assim como o resto do baile transcorreu conforme havia sido programado.

Allegra ficou ao lado de Barretto até que o último convidado se despedisse e os músicos guardassem seus instrumentos. Luciano foi um dos últimos.

— Esta noite foi muito instrutiva para mim — ele falou, apertando a mão do patrão, depois de ter beijado a da condessa. Constatei, por exemplo, que a Ca' d'Argenti continua entre as maiores e mais influentes de Veneza.

Barretto bateu nas costas do empregado, satisfeito.

— Para isso, é claro, foi necessário um homem de pulso forte — auto-elogiou-se o conde. — Mas teve de haver também muito dinheiro para tocar os negócios, e uma esposa de sangue nobre para me dar um herdeiro saudável... e que me dará muitos outros.

Luciano olhou para Allegra e sorriu.

— Ela terá filhos, sim. Não tenho dúvidas disso. Orgulhoso, Barretto piscou para a esposa e soltou uma gargalhada.

— É só uma questão de tempo. Daqui a alguns anos, esta casa estará cheia de crianças.

— É claro que sim — reforçou Luciano, fazendo uma reverência. — *Addio, contessa... conte...*

Quando não havia mais nenhum convidado na casa, Barretto se dirigiu à esposa, com as pálpebras meio fechadas.

— Ajude-me a ir até o meu quarto, Allegra. Minhas pernas não estão lá muito bem.

— Sente-se doente, senhor?

— Não, estou apenas cansado.

Era evidente que ele se esforçava para parecer bem. No entanto, para fazê-lo subir a escada, Allegra precisou pedir a ajuda de um criado.

— Vou descansar um pouco, mas depois irei vê-la — falou o conde, sem dar importância à presença do serviçal.

Allegra procurou agir com naturalidade. — Talvez seja melhor o senhor dormir.

À porta do quarto, Barretto olhou para ela como se dissesse que se preparasse para recebê-lo. Allegra se afastou, preocupada. Havia instruído Gina para não esperá-la depois do baile, mas agora estava arrependida. Precisava de alguém que a ajudasse a avaliar a situação, procurar uma saída para o perigo que estava correndo. Se ao menos houvesse certeza

de que Luciano estava apenas arriscando um palpite...

Depois que entrou no quarto, Allegra fechou a porta e trancou-a com o pesado ferrolho bizantino. Por piores que pudessem ser as conseqüências, não estava disposta a permitir a entrada de Barretto naquele quarto. Se isso acontecesse, mesmo bêbado ele acabaria descobrindo tudo.

Algum tempo mais tarde, ela ouviu batidas na porta, mas não se moveu para atender. Depois de alguma insistência o visitante desistiu e se afastou. Allegra respirou aliviada, mas passou o resto da noite em claro, pensando em como seria estar em Marselha, ao lado de Odile... e usando um nome falso. Quando imaginava as feições da criança que carregava no ventre, só conseguia ver o rosto alegre de Byron.

CAPÍTULO XII

— Onde está o conde, Gina? — perguntou Allegra, ansiosa, abrindo a porta para a camareira.

— Está no quarto, *madonna*. Fiquei sabendo que ele não passou bem a noite. Até ordenou que lhe levassem o café na cama. É uma coisa raríssima e...

— Então não foi ele quem bateu à minha porta — interrompeu Allegra, sentindo um arrepio e concluindo que Luciano poderia ter voltado ao palácio. — As coisas se complicaram, Gina. Estou certa de que Luciano sabe de tudo. Tenho de sair desta casa imediatamente. Se ficar só mais um dia, Barretto ficará sabendo...

— Pois não penso assim, *cara* senhora — contrapôs Gina, enquanto servia o café. — Pelo que sei, o conde está resolvido a partir para Viena dentro de poucas horas e não pretende mudar de planos. Luciano não poderá vir aqui antes disso, já que ficou encarregado de ciceronear o comandante de um navio do seu marido que chegou do Marrocos. Pelo menos desta vez, *madonna*, Luciano não poderá agir como o advogado do diabo.

Gina disse aquilo sorrindo, experimentando um real prazer na vantagem de que a patroa dela dispunha.

— Nesse caso, partirei amanhã bem cedo, já que Barretto estará longe — programou Allegra. — Você acertou tudo com a carruagem?

— Ela estará a sua espera vinte minutos antes da hora do café, *madonna*. Não tenha medo que já está tudo combinado.

Naquele dia, em consequência do baile, todos dormiram até tarde e as duas tiveram um bom tempo para preparar a escapada. Para disfarçar, Allegra até redigiu um bilhete a Barretto, desejando uma boa viagem e pedindo um breve regresso.

— Estou apenas sendo um boa esposa — ela se avaliou, com ironia, pedindo a Gina que entregasse pessoalmente a mensagem.

Depois, Allegra foi até a janela e olhou o Grande Canal, como se fizesse aquilo pela última vez. Certamente sentiria saudade de Veneza, uma cidade que amava. Por outro lado, nem imaginava como podia ser Marselha. Sabia apenas que era uma cidade populosa e de vida agitada.

Por via das dúvidas, ela copiou o endereço de Odile e pôs dentro da caixa de jóias. Ali estavam soltas algumas pedras preciosas que poderiam ser vendidas sem dificuldades, caso necessário. O dinheiro reunido por Gina estava guardado numa pequena carteira.

A camareira só retornou no final da tarde, trazendo uma bandeja de chá e a confirmação de que a carruagem estaria no dia seguinte bem cedo no local combinado. Allegra comeu um pouco do lanche e passou a conferir o que teria de levar na viagem. Gina havia providenciado uma bolsa de aspecto comum na qual ela levaria alguma comida, uma muda de roupa e, por baixo de tudo, a caixa presenteada por Byron, o diário, as jóias e o dinheiro.

Aqueles preparativos nem pareciam reais. Eram como os ensaios para as encenações teatrais de que ela participava na época de colégio.

— Deve prestar muita atenção, *madonna* — recomendou Gina. As

pérolas da sua mãe, assim como as pedras preciosas, estão na sacolinha de veludo. Eu ficaria mais tranqüila se a senhora carregasse as jóias de valor escondidas por dentro da roupa.

— Agora eu é que lhe digo para não se preocupar, Gina. Tão logo esteja na segurança da carruagem, fecharei as cortinas e só pensarei em descansar e agradecer a Santa Clara.

Gina não se deu por satisfeita.

— Só estará em segurança quando chegar a Marselha e for acolhida por sua antiga babá. Lembre-se disso, *madonna*, e tome muito cuidado.

Na verdade, Gina sabia que a condessa só estaria mesmo em segurança quando o conde morresse e não pudesse mais buscar vingança.

Naquela noite, Allegra foi visitar o filho pela última vez, mas não sentia angústia por deixá-lo. Renaldo era mais filho de Barretto que dela. Não sentiria a falta da mãe.

Era muito grande a expectativa da hora que se aproximava e Allegra praticamente não dormiu durante a noite. Quando Gina bateu de leve na porta, bem antes de amanhecer o dia, tudo já estava pronto. As duas trocaram poucas palavras antes de atravessar os corredores que levavam à saída. A fugitiva vestia um vestido bem simples e folgado, comprado por Gina, que lhe dava o aspecto de camponesa. Usava também um sobretudo escuro de viagem, com cujo capuz cobria a cabeça.

Em passos rápidos, elas saíram da casa pelos fundos e, caminhando na escuridão da madrugada, logo chegaram ao cais da Basílica de São Marcos. Falando baixinho, Gina acertou com um gondoleiro para levar Allegra até o continente, perto de Mestre. Depois, ajudou a patroa a embarcar.

— Vá com Deus, *cara mia* — despediu-se Gina, sem conter as lágrimas.

Allegra instalou-se no banco da gôndola e acenou para a camareira, a quem jamais conseguiria pagar por toda aquela dedicação.

— Não se preocupe que estarei em segurança — ela garantiu, virando apressadamente o rosto para que Gina não guardasse a lembrança de tê-la visto chorando.

A carruagem, que não era luxuosa para não chamar a atenção, esperava no local combinado. Ainda estava escuro quando ela tomou assento no compartimento de passageiros. O cocheiro, um homem forte e calado, açoitava os animais sem piedade, fazendo-os correr. Lá dentro, a passageira sacolejava ao balanço produzido pelas irregularidades da estrada. O compartimento cheirava a estrebaria-. Havia também um cheiro forte e desagradável de alho, a que o veículo certamente servira de transporte pouco tempo antes. Allegra fechou os olhos e tentou encontrar uma posição confortável, mas o balanço da carruagem a deixava enjoada.

Depois de algum tempo e de tentar inutilmente superar o enjôo, ela pediu ao cocheiro que parasse no povoado mais próximo. Precisava encontrar uma estalagem onde pudesse descansar um pouco. Na barriga, a criança começava a se mexer, provocando os primeiros desconfortos da gravidez. Uma segunda vez ela pôs a cabeça para fora e pediu ao homem que parasse. Ele não parecia muito disposto a retardar a viagem, só concordando quando viu o rosto pálido da passageira.

Cinco minutos mais tarde, o veículo parou e Allegra desceu, sendo acolhida por uma simpática estalajadeira.

— Sua família espera pela senhora em Ravena? — perguntou a mulher, solidária.

Allegra conteve a respiração. Ravena?! Mas eles não podiam estar indo para o sul! Logo o cocheiro se aproximou, dando a entender que queria partir logo. Bem, talvez ele não houvesse entendido direito as instruções de Gina. Realmente, não parecia ser um homem lá muito inteligente.

Para não ter de discutir com o homem, Allegra decidiu-se por uma mudança de planos. Byron estava em Ravena e ela iria procurá-lo, pedindo que a ajudasse a chegar à França. Ele não precisava saber que a ex-amante estava grávida. Se percebesse, ela diria simplesmente que era filho de Barretto.

A estalajadeira serviu uma mistura de ervas que logo a fez superar o enjôo. Allegra aprumou o corpo e se voltou para o cocheiro, procurando falar com voz de comando:

— Quando chegarmos a Ravena, leve-me ao Palácio Guiccioli. O homem pareceu surpreso, mas não se opôs. Logo eles estavam de volta à estrada.

Allegra teria de encarar a nova amante de Byron, o que certamente a deixaria embaraçada. Teresa demonstrara ser uma pessoa de personalidade forte, mesmo no tempo em que era uma jovem aluna interna do convento. Sempre encontrava uma forma simpática de fazer valer a sua vontade. Era também muito esperta, mas com certeza acreditaria na história de que Allegra estava fugindo das garras de Barretto e daria apoio.

Já se haviam passado muitas horas desde o amanhecer quando finalmente Allegra sucumbiu ao sono. Só despertou quando a carruagem parou e a porta foi aberta por um homem de aspecto repelente. Não era o cocheiro. Allegra recusou a mão que ele oferecia e desceu, segurando a bolsa de viagem.

Com surpresa, ela verificou que não estava numa cidade e não havia nenhum palácio. Avistava apenas uma casa de campo, à beira de uma floresta de pinheiros. Antes que pudesse abrir a boca para perguntar alguma coisa, Allegra foi agarrada pelo braço e rudemente empurrada em direção à casa. Sem dar explicação, o homem fez com que ela entrasse e se retirou, trancando a porta a chave.

A sala era de teto baixo e o fogo estava aceso na lareira. O tempo foi passando enquanto Allegra esperava, assustada, sem entender o que podia estar acontecendo. Uma coisa era certa: estava sendo vítima de um seqüestro que não podia ser obra do cocheiro, um homem aparentemente incapaz de planejar as coisas mais simples.

Barretto também não podia tê-la encontrado tão depressa. Ou podia? Talvez ele houvesse mentido acerca dos planos de viagem para Viena a fim de ter a chance de segui-la. Allegra levou as mãos ao ventre, preocupada com a preciosa vida que carregava. Agora podia entender o que significava o amor maternal e o instinto de proteção.

A porta se abriu e Luciano entrou.

— *Buona sera, contessa* — ele cumprimentou, com um sorriso frio.

Durante alguns instantes, Allegra ficou olhando para o recém-chegado, muda de espanto. Como havia sido tola ao imaginar que aquele canalha não contaria tudo a Barretto!

— Meu marido está com o senhor? — ela perguntou, finalmente.

Luciano riu, aparentemente divertido com a situação.

— Mas que idéia, minha cara senhora! Neste momento, o conde está em Trieste, nos braços de uma bela mulher, e não há dúvida de que se diverte muito. Não, eu estou aqui por minha própria conta. Seu marido não sabe nada da sua precipitada fuga.

Aquele homem era perigosíssimo e Allegra se sentiu dominada pelo medo. Mesmo assim, era necessário enfrentá-lo.

— Exijo que me explique por que me prendeu aqui.

Luciano segurou as mãos geladas da prisioneira e, depois de beijá-las demoradamente, ergueu a cabeça, sorrindo.

— As pequenas desgraças da vida não são novidade para mim. Por isso, não foi difícil perceber a dificuldade que a senhora atravessa. O que me espanta é que nenhum dos outros empregados do conde reparou nisso... apenas Luciano Antonino. Como vê, eu posso entender quem se encontra em situação difícil, e não há dúvida de que a senhora precisa da compreensão de alguém. Não é isso mesmo, condessa... Allegra?

Em seguida ele a abraçou e beijou-a na boca, vencendo com força a resistência que encontrou. No meio da luta, Luciano confessou a paixão que sentia.

— Se ao menos você soubesse como eu tenho sonhado... o desejo que sinto...

Quando finalmente conseguiu se livrar dos braços dele, Allegra começou a gritar. Gritou até cair ao chão, sem fôlego. Pacientemente, Luciano esperou que ela se acalmasse.

— Tenho uma proposta a lhe fazer — falou o seqüestrador. — Quando puder pensar melhor, verá o quanto ela é razoável. Estou a caminho de Tunis, onde tenho amigos. Pretendo iniciar um negócio por lá, com o dinheiro que o seu marido me pagará de resgate.

Allegra não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Ele não lhe pagará nada!

— É claro que pagará — insistiu Luciano, soltando uma risada. — Evidentemente o conde não deixará passar a oportunidade de matá-la com as próprias mãos.

Durante alguns instantes, os dois ficaram em silêncio e Allegra percebeu a gravidade do perigo que estava correndo.

— Mas você pode ir comigo para Tunis, se preferir... desde que concorde em ser minha amante — sugeriu Luciano, deixando de lado a cortesia. — E pare de fazer esse ar de santinha! Se engravidou sem se deitar com o conde, é claro que fez alguma coisa de que gostou. Aliás, talvez eu a leve mesmo contra a sua vontade. Em Tunis o negócio de escravos é livre e bastante rentável. Uma escrava branca e bonita como você renderá um bom dinheiro. O fato de estar grávida não complicará em nada. Serão dois ao preço de um.

Ele pronunciou as últimas palavras com a frieza de um mercador, o

que deixou Allegra apavorada. Com os olhos arregalados, ela ficou completamente sem ação. Aquilo pareceu tocar o coração de Luciano.

— Venha cá, minha pequena — ele chamou, falando em outro tom e estendendo a mão. — Vou tomar conta de você.

Em seguida o raptor chamou por alguém e logo foram trazidas à sala uma tina de água quente e uma toalha limpa. Com cuidado, Luciano limpou a poeira da estrada do rosto da assustada prisioneira.

— É claro que não pretendo levá-la a um mercado de escravos — ele prometeu, agora com voz doce. — Não correria mesmo esse risco, sabendo que o conde pode recuperá-la a qualquer momento. Mas será que não percebe o quanto eu a amo? Já sofreu demais nas mãos daquele velho, Allegra. Por favor, aceite o meu amor e procure me amar um pouquinho. Adotarei o seu bastardo como se fosse meu filho.

Ele disse isso abraçando-a e Allegra achou mais prudente não resistir. No entanto, quando sentiu nos seios as mãos dele, a repulsa foi mais forte. Com ânsia de vômito, ela se livrou do abraço e ergueu o corpo.

Dessa vez, Luciano se deixou dominar pela raiva e esbofeteou-a no rosto.

— Vá para o inferno, sua vagabunda!

Em seguida ele saiu da sala, pisando forte no chão e trancando outra vez a porta.

Vendo-se sozinha, Allegra foi para perto do fogo. Sobre uma mesa havia uma jarra de água e um copo, que ela encheu e bebeu. Em seguida, jogou um pouco de água no rosto, esfregando bem a boca. O beijo repugnante de Luciano doía mais que a bofetada.

Allegra fez uma inspeção pela sala, na esperança de encontrar uma forma de escapar. Havia uma porta interna que, inesperadamente, se abriu quando ela girou o trinco, dando num corredor ao fim do qual havia outra porta. Allegra correu até lá e olhou pelo buraco da fechadura. A porta dava para fora, mas, previsivelmente, estava trancada.

De volta à sala, a prisioneira se lembrou de um episódio de que participara quando estudava no convento. Uma noite, querendo ir a uma festa que se realizava num povoado vizinho, algumas garotas haviam conseguido abrir a fechadura de uma porta usando um pedaço de arame. Ela se lembrava bem de como uma das moças encostara o ouvido na porta enquanto girava o arame retorcido enfiado na fechadura, até ouvir o barulho da lingüeta que se movia.

Perto da lareira havia uma cesta de vime cuja alça estava amarrada por um arame. Nervosamente, Allegra o arrancou. Era um arame velho, mas ainda resistente. Em seguida, ela agarrou a bolsa de viagem e correu para a porta que havia descoberto, rezando para que a tentativa desse certo. Durante vários minutos, ficou girando o arame retorcido no interior da fechadura, tentando repetir a façanha da colega de escola. Já estava perdendo as esperanças quando, finalmente, ouviu o clique característico da fechadura se abrindo.

Com o coração aos pulos, Allegra puxou a porta e olhou para fora. Não havia ninguém por perto. Não muito longe dali as árvores ofereciam proteção, desde que ela conseguisse atravessar o descampado. Decidida,

a fugitiva correu para a liberdade.

O barulho dos gravetos secos que se partiam enquanto ela pisava o chão parecia dez vezes mais alto, o que a deixava apavorada. No entanto, ninguém a seguiu. Não demorou para que ela estivesse entre as árvores, podendo olhar para trás sem tanto receio.

O resto da noite a desventurada condessa passou numa caminhada frenética entre as fileiras altas de pinheiros, às vezes esbarrando em arbustos ou enganchando a saia na vegetação rasteira. Quando chegava a alguma área em que o matagal era mais denso, a caminhada se tornava mais vagarosa.

Os braços e as pernas de Allegra estavam arranhados e sangrando em algumas partes. Ela se movia na direção em que acreditava estar Ravena, mantendo a orla marítima à esquerda. Se pudesse encontrar Byron ou Teresa... Agora, a imagem que fazia de Teresa era a de um verdadeiro anjo.

Os barulhos da floresta a deixavam apavorada. A certa altura, os sons que ouviu denunciaram claramente a aproximação de pessoas. O dia já ia clareando. Tremendo de medo, Allegra correu para uma touceira de arbustos e se escondeu.

Logo passou pela trilha um grupo de homens a cavalo. Allegra não pôde ver os rostos, mas identificou a voz de Luciano, gritando ordens. Aos poucos, o barulho deles foi desaparecendo na distância e, depois de algum tempo, ela reuniu coragem para sair do esconderijo. Estava com as roupas molhadas e sujas e sentia dores pelo corpo todo.

Allegra havia apenas caminhado uma pequena distância quando voltou a ouvir o barulho dos cavalos. Tentou se esconder, mas dessa vez não houve tempo e duas mãos fortes a agarraram por trás.

— Aqui! — gritou o homem que a prendeu.

Logo outro homem apareceu e se travou um rápido diálogo entre os dois. Pelo que diziam, não estavam satisfeitos com o dinheiro que Luciano oferecera pelo trabalho.

Não demorou para que Luciano também aparecesse, estabelecendo-se uma acalorada discussão entre os três, com troca de acusações mútuas, enquanto um dos homens mantinha Allegra firmemente presa. O que a havia encontrado se achava no direito de receber mais. Como o contratante do serviço não se mostrasse disposto a atender à reivindicação, o segundo homem, cheio de raiva, golpeou-o fortemente. Luciano cambaleou e caiu para trás, batendo com a cabeça num tronco de árvore. Como ficasse lá caído, o agressor foi examiná-lo.

— Ainda está vivo. E agora?

— Não adianta nada ficar esperando para receber a ninharia que ele ofereceu. Vamos ficar com a mulher.

Os dois homens concordaram em levá-la para Rimini, onde a venderiam a algum mercador de escravos. Allegra escutava tudo e pensou estar vivendo um pesadelo.

Antes de partirem, os desconhecidos revistaram Luciano e pegaram o dinheiro que carregava e o anel de ouro que levava no dedo. Como ele já mostrasse sinais de estar recobrando os sentidos, acharam mais prudente amarrá-lo numa árvore. Depois, para que não despertasse logo,

golpearam-no outra vez na cabeça com um pedaço de pau. Allegra presenciava tudo, revoltada, mas sem poder fazer nada.

Quando Luciano não representava mais perigo, um dos homens reparou na bolsa que ela carregava e arrebatou-a. Estava mais interessado em dinheiro, mas quis saber o que havia na caixinha de madeira.

— São apenas... lembranças pessoais — falou Allegra, nervosa.

O homem não acreditou muito e abriu a caixa, fazendo um gesto de enfado ao encontrar apenas cartas e outros papéis sem valor. A essa altura, Allegra perdeu por completo o controle.

— Isso é meu! — ela gritou, histérica. — É meu, está ouvindo? Devolva já!

Espantado, o homem fez o que ela exigia.

— Acho bom devolver mesmo — recomendou o outro, rindo. — De outra forma, ela gritará tanto que o mundo inteiro virá atrás de nós.

O último a falar já havia se apossado do cavalo de Luciano e o comparsa dele agarrou Allegra para fazê-la subir num dos outros animais.

— A mulher está grávida — ele constatou. — Talvez devamos tentar um acordo com o tal conde, pedindo um resgate.

— Não confio nele — pronunciou-se o outro, que aparentemente dava as ordens. — É um homem perigoso. Pelo que sei do conde Di Rienzi, ele nos matará depois de pagar o resgate. Prefiro fazer negócio com Besim, que conhecemos bem. Além disso... bem-arrumada essa moça vai encher os olhos do paxá. É bem o tipo de que ele gosta para uma brincadeirinha.

O outro examinou Allegra e soltou uma gargalhada.

— Tem razão. Ela vai nos render um bom dinheiro! Allegra já nem escutava o que os malfeitores diziam, incapaz de acreditar que aquilo tudo era real. Os raptos lhe ofereceram água, que ela bebeu com ânsia, e lhe cobriram as costas com uma manta. Tremendo de frio, Allegra imaginou estar com febre, porque sentia tonturas na cabeça e dores pelo corpo.

Em seguida o grupo partiu, seguindo a orla marítima e evitando contato com as povoações. Finalmente eles avistaram uma cidade à beira da praia. Já ia anoitecendo e só então Allegra se deu conta de que haviam cavalgado o dia inteiro.

No cais da cidade estavam ancorados vários barcos pesqueiros, no meio dos quais destacava-se um de proporções maiores. O grupo foi se aproximando devagar, contendo os cavalos. A certa altura, eles pararam e um dos homens amordaçou a prisioneira.

— Não vamos correr o risco de ouvir outra vez os seus gritos — ele se explicou. — Não se preocupe que poderá ficar com a sua bendita caixa.

Só então Allegra percebeu que continuava agarrada à caixinha, que trazia bem perto do peito.

Os cavalos retomaram o passo e, finalmente, o grupo parou na frente de uma velha construção de uma rua escura. Enquanto era levada para dentro, Allegra reparou na mulher grande e gorda que abria a porta.

— Já não é sem tempo, porque Besim está nervoso — disse a mulher. — Onde está Luciano?

— Ele... não pôde vir. Disse que concluíssemos o negócio.

— Ah, é? — falou a gorducha, fechando a porta com um ar de enfado. — Besim já conseguiu duas inglesinhas, loiras e brancas como o leite. Comprou também uma espanhola muito bonita, mas que me pareceu um tanto perigosa. Mas entrem. Ele está aqui.

Completando o convite, ela abriu uma porta ao fundo da escura sala. Um dos homens fez Allegra entrar primeiro e a porta foi fechada atrás deles.

Quando entraram, um homem se levantou de uma cadeira e cruzou as mãos às costas. A pele dele era queimada como o bronze, os olhos eram muito castanhos e a expressão do rosto era dura. Mesmo assim, parecia ser dono de uma apurada sensibilidade. Com os olhos postos em Allegra, o desconhecido fez um gesto a um dos homens para que desatasse a mordaga.

— Esta aqui grita como louca se alguém toca nessa caixinha — explicou o raptor, obedecendo à ordem. — Só que não existe aí nada de valor. Apenas objetos pessoais.

— Sei — falou o homem, chegando mais perto da prisioneira. — Isso é verdade, *signora*? Seja como for, não pretendo tomar a sua caixa.

O homem falava perfeitamente o italiano, mas com um sotaque diferente, gutural. Em seguida, ele segurou no queixo de Allegra e estudou-a com interesse.

— Meu nome é Abou Besim — apresentou-se o desconhecido. — Minha missão é levá-la para os paxás, juntamente com outras três mulheres maravilhosas. Se conseguir satisfazê-los, *madonna*, sua vida será uma maravilha, bem melhor do que nesta terra fria e sem graça. Agora, sente-se e descanse.

Ele fez um gesto em direção a uma poltrona e ela sentou-se. Inexplicavelmente, Allegra se sentia aliviada. Parecia bem melhor estar nas mãos daquele homem do que na dos raptos. Ele parecia ter alguma coisa que inspirava confiança.

Iniciou-se uma intensa negociação entre os três homens, a que Allegra não prestou muita atenção. A febre havia aumentado bastante e o seu senso de percepção estava muito prejudicado. Finalmente, os homens chegaram a um acordo e o dinheiro trocou de mãos. Enquanto isso, tudo o que Allegra via parecia sair de foco. Não demorou para que ela desmaiasse.

A próxima visão que teve foi de Abou Besim, que segurava sua cabeça e pedia que bebesse um líquido de gosto forte e amargo. Ela estava deitada em uma cama, num lugar que parecia ser a cabina de um navio.

Depois que a prisioneira bebeu todo o líquido, Abou Besim abriu um sorriso de aprovação.

— Muito bem! Mas não fique tão assustada. Está em meu navio, *madonna*... e esta é a cama que vai ocupar. Esteve desacordada por algum tempo, durante o qual houve uma tempestade que nos impediu de zarpar. Talvez partamos esta noite. Mas por que não diz nada? Eu nem mesmo sei o seu nome.

Allegra se deu conta de que estava de camisola e corou de vergonha. Percebendo o motivo daquela reação, o árabe segurou a mão

dela e sorriu.

— O corpo de uma mulher não é mistério para mim. Além disso, você não podia continuar com aquelas roupas imundas. Agora, por favor, deixe-me saber o que está passando pela sua mente.

Allegra olhou naqueles olhos profundamente castanhos e, outra vez, viu ali muita sinceridade.

— O senhor... é mercador de escravos?

— Sim, mas nem sempre estive neste negócio.

— Eu ouvia falar nisso, mas não acreditava que...

— Os seus modos e o seu jeito de falar, *madonna*... são de uma mulher de classe. Como pôde acabar nesta situação?

Allegra não teve mais dúvida de que havia sido transformada em escrava. Pelo menos, podia conversar com uma pessoa que, apesar de estranha, demonstrava ser compreensiva. Aos poucos, a história foi saindo. Ela não citou nomes, mas falou com honestidade sobre o casamento e o caso de amor.

— Tudo o que pude guardar dele está naquela caixa... e aqui. As últimas palavras ela disse cobrindo o ventre com as mãos.

Besim permaneceu em silêncio durante um minuto.

— Esse amante... Certamente ele a ajudará com a criança.

— Não pretendo contar nada a ele. Tem uma vida nova e desejo que seja feliz. Fico contente por não tê-lo encontrado em Ravena.

— Não sente raiva dele, ódio?

— Não.

— E o que sente em relação ao seu marido, que tanto a fez sofrer?

— Eu rezo por ele.

Besim olhava para ela, interessado e curioso.

— E quanto ao tal Luciano? Também ele merece estar nas suas orações?

— Não há uma só pessoa que não mereça que se reze por ela.

— Por Alá! — exclamou o mercador de escravos, incrédulo. — Então, você pretendia ir para Marselha, encontrar sua antiga babá e dar à luz... Veja bem, *madonna*, não posso dizer que me orgulho de tudo o que já fiz na vida. Na verdade, algumas das minhas ações são bem... condenáveis. Você também rezaria por mim? Estou certo de que Alá só tem motivos para ouvir e levar em consideração as suas orações.

— Eu rezarei pelo senhor — prometeu Allegra, com sinceridade.

— Mesmo eu a transformando em escrava?

— Mesmo assim.

Abou Besim estava realmente espantado. Antes de voltar a falar, ele se ergueu e deu alguns passos pela apertada cabina.

— Segundo as leis da minha religião, é permitido ao homem ter quatro esposas. Não há dúvida de que o profeta conhecia bem a natureza do homem. No entanto, ele também deixou escrito que devemos honrar as mulheres... e não é bem o que tenho feito. Mas juro que nunca levei nenhuma delas a um mercado de escravos, abandonando-a depois à própria sorte. Ao contrário, sempre providencio para que tenha conforto, fique a serviço de um senhor de bom coração. Algumas até gostam. As duas inglesas, por exemplo, viviam na pobreza e vieram de bom grado,

buscando o conforto do harém de um homem rico. Quanto à sua história, *madonna*, me fez pensar no sofrimento de uma mulher que tem de se submeter a um homem contra a própria vontade. Não vou esquecer isso.

Allegra não entendia por que ele estava dizendo aquilo tudo, mas escutava com atenção. Depois de um breve silêncio, Besim parou na frente dela e retomou a fala:

— Acredito que existe um fogo que cresce entre um homem e uma mulher, tornando-se mais forte que tudo. É o amor. Com ele vem a compreensão, a confiança... Que Alá me perdoe! Uma vez isso aconteceu comigo, mas não fui capaz de entender.

Em seguida ele sentou-se ao lado de Allegra e segurou a mão dela, com os olhos brilhando muito.

— Vou levá-la para Brindisi. Lá, você embarcará no navio de Luigi Bartello, um velho marinheiro que vai levar um carregamento de haxixe para Gênova e Marselha. Sim, o mundo está cheio de maldades, mas, ao seu modo, Luigi é um sujeito confiável. Ele a deixará no porto de Marselha e, lá, você seguirá seu próprio caminho. Os olhos de Allegra se encheram de lágrimas.

— O senhor... vai me deixar livre?

— Em honra a Alá, o misericordioso. Mas, por favor, não chore assim. Viva para o seu filho, *madonna*, e... reze por mim. Talvez suas preces sejam lembradas quando eu tiver de me apresentar perante o anjo da morte.

Allegra queria agradecer, mas não encontrava palavras. Lembrou-se, então, de que havia escondido a sacolinha com as jóias por baixo da roupa, pouco antes de ser raptada pelos homens contratados por Luciano.

— Está na caixa, junto com as outras coisas — informou Besim, percebendo o que ela procurava.

— Fique com elas, por favor.

O árabe fez um gesto de recusa.

— Não, *madonna*.

— Mas o senhor terá de prestar contas pela falta de uma das mulheres.

— Sempre posso encontrar outra mulher... — contrapôs Besim, interrompendo o que ia dizer quando viu a gratidão que havia nos olhos da jovem. — Está bem, eu concordo. Às vezes uma jóia é mais valiosa que uma mulher.

Em seguida ele pegou a sacola de jóias e despejou o conteúdo sobre a cama. Os diamantes e as safiras se espalharam, juntamente com as pérolas.

Só então Allegra percebeu, com espanto, que ali não estavam as pérolas da mãe dela, mas as que ganhara de Barretto. Gina devia tê-las trocado, por engano, na hora de arrumar as coisas. Com um suspiro de dor, ela imaginou o bonito colar no pescoço perfumado de Verônica Bardolini. Pelo menos, ele não seria vendido em algum bazar de uma cidade árabe.

Abou Besim remexeu nas jóias e pegou o colar de pérolas.

— Isto é suficiente para mim. O resto você pode levar. Não pode prever em que situação vai encontrar sua velha babá,

Em seguida o árabe saiu, deixando Allegra só. Nos dias que se seguiram, não era raro ela ficar semiconsciente, por causa da febre, que vinha e voltava, mas já não havia razão para medo. Aquele homem moreno e sério, que prometera deixá-la em Marselha, mostrava ser merecedor de confiança.

Às vezes, Abou Besim ia até a cabina e eles conversavam durante algum tempo. Outras vezes ele entrava e, imaginando que ela dormia, falava em árabe para si mesmo. Allegra não entendia, mas percebia que eram palavras doces.

Aos poucos ela foi superando a doença e já havia recuperado as forças quando o árabe a acompanhou até o navio cargueiro do velho Luigi. Carregando a caixa de Byron, Allegra não sentia necessidade de mais nada.

Para maior segurança, Abou escolheu uma hora em que a tripulação do barco de Luigi estava em terra firme.

— Não pense que todos os homens são maus, mas também não confie em todos — ele aconselhou, sorrindo.

Depois de apresentá-la ao velho amigo e fazer umas poucas recomendações, o árabe beijou de leve a testa de Allegra e partiu.

Luigi era um velho de aspecto engraçado, banguela e meio estrábico. Pelo menos, Allegra não sentiu medo dele. De bom grado o velhote se dispôs a atender ao pedido do amigo e, quando ficou sozinho com a nova passageira, indicou uma cabina que ela poderia ocupar.

Quando já se preparava para inspecionar o local onde dormiria nas noites seguintes, Allegra ouviu a voz de Abou Besim, que chamava do cais. Imediatamente ela correu até o parapeito do convés.

— Reze por mim! — ele gritou, lá de baixo, juntando à boca as mãos em concha.

CAPÍTULO XIII

O velho cargueiro de Luigi Bartello lançou âncora perto da entrada do porto de Gênova, a uma boa distância das docas e dos fiscais da alfândega. A tripulação trabalhou rapidamente para transferir a carga para uma balsa que, ainda de madrugada, silenciosamente encostara no casco do navio.

Já se havia passado mais de uma semana desde que Allegra passara a fazer parte daquela viagem de contravenção. A maior parte do tempo ela permanecia na cabina. Naquele momento, porém, debruçada no parapeito do convés, observava o trabalho dos homens que arrumavam na balsa a carga contrabandeada.

Naquele mesmo dia, Luigi mandou levantar âncora e o navio se afastou do porto genovês. À noite, ele levou para Allegra um prato de arroz e peixe frito e, de presente, uma cesta de romãs.

— Meus amigos genoveses conhecem o meu gosto — falou o velho marinheiro, com um sorriso desdentado. — Você deve pensar apenas em se alimentar bem e descansar. Toda criança deve nascer de uma mãe sadia.

Ele disse aquilo beliscando de leve a bochecha de Allegra, mais parecendo um avô bonachão. Abou Besim tinha razão ao dizer que Luigi Bartello era um homem de bom coração.

Enquanto ela comia, o velhote entregou a chave da porta da cabina, recomendando que a mantivesse fechada.

— Tenho homens novos na tripulação, embarcados em Gênova, gente que não conheço muito bem — ele explicou, saindo em seguida.

Vários dias se passaram antes que o navio chegasse a Marselha. Não era agradável ficar trancada na apertada cabina. Por outro lado, o ar marinho parecia ter poderes medicinais, porque rapidamente Allegra recuperou a saúde. Às vezes, soltando a imaginação, ela via já grande a criança que estava por nascer, com os traços bonitos de Byron e a mesma voz musical do poeta.

Um dia, Allegra acordou bem cedo, com o barulho da âncora sendo jogada na água. Pouco depois, Luigi bateu à porta da cabina e avisou que dentro de uma hora um bote estaria pronto para levá-la ao continente.

Allegra embrulhou a caixinha de madeira num tecido de algodão e pendurou na cintura, como costumavam fazer as camponesas. Tinha tido tempo de lavar o casaco de viagem, que estava em condições de ser usado, apesar de rasgado em algumas partes. O vento do mar havia endurecido consideravelmente os seus cabelos, que resistiam ao pente. Realmente, a mulher que desembarcaria em Marselha se parecia muito pouco com a condessa Di Rienzi.

— Se não sou a condessa Di Rienzi, quem serei... quem seremos nós, minha preciosidade? — ela se perguntou, acariciando a barriga e sentindo uma súbita alegria por estar livre.

Allegra até sorriu, encarando com otimismo o que estava por vir. Não era mais a condessa Di Rienzi e podia ser quem bem quisesse e entendesse. Num lampejo de inspiração, ela decidiu o nome que adotaria dali por diante: Francesca Gardoni, uma viúva... Bem, teria de inventar

também um marido que houvesse morrido sem deixar nada de herança. Seria uma explicação simples e que mereceria crédito. Allegra ria sozinha enquanto pensava nisso.

Esperando pelo chamado de Luigi, ela sentou-se na estreita cama da cabina, cheia de expectativa. A quantas mulheres teria dado a chance de iniciar vida nova, mudar o que antes pareceria imutável? Francesca Gardoni seria um recomeço, a página em branco de um livro esperando para ser escrito.

Luigi ia ao lado de Allegra, no bote, enquanto dois homens remavam vigorosamente em direção à terra firme. Mesmo de longe, Marselha parecia suja e sem vida.

— É uma cidade de marinheiros — falou Luigi, como se pedisse desculpas. — Tem certeza de que quer ir para lá?

— Tenho, sim — confirmou Allegra, sorrindo.

O bote foi se aproximando do cais, onde estavam ancorados inúmeros cargueiros e barcos pesqueiros. Os estivadores trabalhavam freneticamente, obedecendo a ordens gritadas de todos os lados.

Quando eles desembarcaram no cais, Luigi deixou escapar uma pergunta que parecia ansioso para fazer:

— Você não veio aqui para... trabalhar?

Ao ver as mulheres em roupas muito coloridas que circulavam não muito longe dali, Allegra entendeu o significado da pergunta.

— Não! — ela respondeu, rindo muito. — Tenho família em Marselha e garanto que, se resolver trabalhar, será em alguma atividade respeitável.

— Graças à Virgem Santíssima! Você me parece uma jovem fina demais para cair nas mãos dos grosseiros homens do mar. Perdão, mas é que Abou Besim me deu muito poucas informações. Como sempre, eu apenas confiei nele, já que nunca tive motivos para não confiar.

Allegra teve de insistir para que o bom velho desistisse da idéia de acompanhá-la até a casa dos parentes. Naquele momento, não seria prudente confiar muito nas pessoas, nem mesmo em Luigi.

— Estou com o endereço aqui — ela mostrou. — Não deve ser muito longe.

Luigi se submeteu, abrindo os braços.

— Está bem, se você insiste. De qualquer forma, uma mulher não deve andar por essa cidade sem dinheiro. Tome... só para o caso de não encontrar logo as pessoas que veio procurar.

Dizendo isso, ele pôs na mão da jovem um saquinho de moedas. Em seguida, fez um gesto de despedida e foi se afastando.

— Obrigada, Luigi — disse Allegra, emocionada.

Ela ainda ficou alguns minutos na beira do cais, acenando para o bote que se afastava. Depois, saiu caminhando pelo largo cais de madeira, ignorando os galanteios que ouvia de todos os lados, alguns bem grosseiros.

Era estranho pisar outra vez em terra firme. Ficava até difícil caminhar em linha reta, porque o chão parecia subir e descer. Aos poucos, porém, aquela impressão foi desaparecendo e ela chegou às ruas centrais da cidade.

Eram ruas bem estreitas, mal dando passagem a carruagens de pequeno porte. Com o endereço de Odile na mão, Allegra seguiu em frente. Pelo que tinha ficado sabendo, a rua era uma das que iam dar no porto. A certa altura, entrou numa travessa estreita e escura, ladeada por construções de pedra cinzenta. A travessa era cortada por outra de igual aspecto.

Mais e mais, Allegra ia penetrando no labirinto da cidade, um emaranhado de ruas e travessas malcheirosas e apinhadas de gente.

O sol mal batia no chão pavimentado que ela pisava. Gritos e risadas ecoavam nas paredes das casas, enquanto marinheiros uniformizados diziam gracinhas à jovem que passava.

Allegra procurou ficar longe das mulheres que, nas portas das casas, ofereciam-se aos homens. No meio daquelas pessoas, seria difícil encontrar alguém confiável. O pior era que, por mais que ela andasse, não conseguia sair daquele labirinto de depravação. Por todos os lados, só via bordéis, prostitutas e marinheiros bêbados.

Como tinha sido tola ao recusar a oferta de Luigi! Agora, estava sozinha no meio de gente mal-encarada. Tinha até medo de, pedindo uma informação, complicar-se ainda mais. Como o francês que falava tinha o refinado sotaque parisiense, a pessoa a quem se dirigisse poderia pensar estar tratando com alguém de posses. Nesse caso, não demoraria para que ela fosse assaltada.

Aos poucos, as ruas por onde Allegra andava foram se tornando menos cheias de gente, assim como o mau cheiro foi diminuindo. Quando chegou a um local alto, ela olhou para trás e divisou o porto cheio de navios. A distância, era até uma bonita paisagem.

Allegra se encontrou numa rua cheia de lojas de equipamentos marítimos. Achando que não conseguiria localizar sozinha o local que estava procurando, finalmente ela resolveu pedir ajuda e se aproximou de uma mulher que vendia verduras numa carroça. Sem dizer nada, mostrou à mulher o endereço escrito no papel.

— Continue andando — falou a marselhesa, apontando com o braço.
— É no alto daquela ladeira.

Allegra olhou para o ponto indicado e soltou um suspiro de desânimo. O aclive da ladeira era tão pronunciado que parecia impossível continuar subindo, exausta como estava. Será que a mulher não se enganara? Bem, o melhor seria seguir a indicação.

Vagarosamente, ela foi subindo a ladeira, sentindo dores nas pernas e nos pés. Para piorar, não havia números nas casas, o que tornava quase impossível encontrar a de Odile. A certa altura, ela se dirigiu a um menino que passava e, com a voz trêmula, perguntou onde morava Mme. Berrier. O garoto apontou uma casa a não mais de vinte metros.

— Graças a Deus! — exclamou Allegra, em italiano. Esquecendo a dor nas pernas, ela correu para a porta e tocou a sineta. Não houve resposta, o que provocou uma nova onda de desespero. Será que Odile havia se mudado? Como a rua era muito barulhenta, talvez fosse difícil ouvir a campainha lá de dentro. Querendo acreditar nisso, Allegra insistiu e tocou novamente. Dessa vez, houve resposta.

— Quem é? — perguntou em francês uma voz feminina.

— Odile! Chamou Allegra, ansiosa.

A porta se abriu parcialmente e apareceu uma mulher pequenina e de cabelos brancos. Allegra não sabia se gritava ou chorava de felicidade.

— Odile, sou eu... Allegra!

A mulherzinha abriu por completo a porta e abraçou a recém-chegada.

— *Mon Dieu...* não pode ser! Mas o que aconteceu, minha filha?

As duas se abraçaram longamente. Depois, Allegra deu um passo atrás e contemplou a velha babá, sorrindo. Odile estava exatamente como ela imaginara. Os olhos muito azuis só realçavam o ar maternal do rosto, emoldurado pelos cabelos prateados.

Odile levou-a para dentro e contemplou o aspecto miserável da menina que vira crescer.

— Mas quem fez isso com você, minha filha? Não, não me diga. Oh, *mon Dieu!* Como eu poderia imaginar que a minha Allegra viria bater à minha porta?

Minutos mais tarde, as duas estavam na simpática e limpa cozinha da casa, tomando café com biscoitos, e Allegra pôde contar tudo detalhadamente.

— Foi assim que escapei e vim para cá, Odile. Espero que compreenda...

O rosto honesto de Odile mostrou um sorriso largo.

— É claro que compreendo, minha menina. Aqui você estará segura. Pode ficar tranqüila que ninguém a encontrará.

— A vingança do meu marido seria terrível se ele me encontrasse. Acho que poderia até me matar.

— Quando nascerá a criança?

— No final de dezembro.

— Então, a gravidez já está bem avançada. Você chegou sozinha e está a centenas de quilômetros da Ca' d'Argenti. Não há dúvida de que algum anjo do céu a guiou até aqui. O bom Deus vigiou seus passos. Agora, está na minha casa e em segurança.

Veja que a porta foi bem trancada, *ma petite*.

Allegra deixou escapar um profundo suspiro, que mantinha preso desde que saíra de Veneza. As duas conversaram ainda durante um bom tempo e ela ficou sabendo que Odile não havia recebido a carta que Gina pusera no correio de Veneza.

Naquela noite, Odile arrumou a cama de Allegra *com* o mesmo carinho maternal de muitos anos antes. Cansada como estava, a jovem não demorou a sucumbir ao sono e a boa mulher ficou a sós com seus pensamentos.

"Que homem pode ter tido a coragem de engravidá-la?", ela se perguntava, *com* raiva. "Bem que eu imaginava que isso um dia acabaria acontecendo. O conde Lamberti jamais foi capaz de entender as necessidades das filhas. Foi um crime obrigar Allegra a se casar com o bode velho Di Rienzi."

Ao recolher as roupas da protegida, deixadas sobre uma cadeira, Odile deu *com* a caixa de madeira com o nome de Byron. Imediatamente, tirou as conclusões. Não perguntaria a Allegra o nome do amante, mas,

dali para frente, consideraria Byron um inimigo.

— Pobrezinha! — ela murmurou, pondo com cuidado a caixa bem perto do travesseiro onde a jovem repousava a cabeça.

Nesse momento, Allegra acordou sobressaltada, sentando-se na cama.

— Calma, *ma petite*, eu estou aqui — Odile a tranqüilizou.

— A minha caixa... Onde...

— Está bem aí, ao seu lado. Agora, procure dormir.

Na manhã seguinte, o sol já ia alto quando Odile entrou no quarto e Allegra acordou.

— Fiz uma porção de coisas enquanto você dormia — relatou a velha, com um sorriso largo e bonachão. — Achei melhor arrumar o seu quarto no sótão. Aposto que não reparou que esta casa tem um sótão. Pois tem. Lá você estará livre da curiosidade de estranhos. Não quer ir até lá para ver?

Recuperada pelo prolongado sono, Allegra se pôs de pé, envergando a folgada camisola emprestada pela antiga babá.

— Quero, sim, Odile. Vamos já. A entrada do sótão era engenhosamente camuflada. Movendo-

se uma alavanca escondida por trás de um armário, uma pequena parte do teto se abria, fazendo descer uma escada de madeira que dava acesso ao andar superior. Curiosa e fascinada, Allegra acompanhou a protetora e subiu a escada. Além de servir como um discreto esconderijo, o sótão era um local extremamente agradável, espaçoso e equipado por práticos e bem trabalhados móveis de madeira.

— O meu René era um verdadeiro gênio da carpintaria — vangloriou-se Odile. — Agora, vamos até a cozinha que eu vou -lhe mostrar mais uma das obras-primas dele. Esta casa tem bem mais segredos do que você possa pensar, *ma petite*.

Quando elas chegaram à cozinha, Odile abriu o que parecia ser a porta de um armário. Onde Allegra esperava ver prateleiras repletas de louças ou utensílios de cozinha, havia apenas um espaço vazio.

— Por um mecanismo de roldanas, cabos e pesos, que sustenta um bandeirão de madeira, é possível transportar mantimentos daqui para o sótão — explicou a dona da casa. — Também é um bom meio de se estabelecer comunicação entre os dois lugares. Meu marido tinha muitos amigos que sofreram perseguição política depois que Napoleão assumiu o poder. Por isso ele construiu o que você está vendo, para a eventualidade de ter de dar refúgio a alguém. Felizmente, nunca foi necessário transformar a nossa casa em esconderijo. Napoleão foi derrubado, as perseguições cessaram e o comércio foi outra vez liberado... Aliás, essa era a grande preocupação dos amigos do meu marido. Bem, mas isso é coisa do passado. Agora vamos arrumar o que vai ser o seu quarto, minha querida.

De volta ao sótão, elas tiveram pouquíssimo trabalho, porque Odile havia aproveitado para limpar tudo enquanto Allegra dormia. Depois de forrarem a pequena cama de solteiro, que não era usada havia muito tempo, a velhota foi até uma das paredes e fez correr uma portinhola de madeira.

— É por aqui que se estabelece contato com a cozinha. Espere um pouco que vou lhe mandar a primeira remessa de suprimentos.

Odile voltou à cozinha e, minutos mais tarde, a plataforma de madeira era erguida com um carregamento de maçãs, pão e queijo.

— Se houver algum problema, eu lhe mandarei um sinal — falou Odile, lá de baixo. — Olhe para a cortina da janela. Quando eu puxo uma corda aqui na cozinha, ela se mexe. É uma invenção de René para alertar os amigos dele quando houvesse agentes de Napoleão por perto. Agora, servirá para avisar você no caso de aparecer algum enviado do conde Di Rienzi. Se a cortina se mover, fique bem quietinha e espere um novo contato meu. Entendeu bem?

— Perfeitamente! — gritou Allegra. — Sinto-me tão segura quanto uma ovelha no meio do rebanho.

— Não precisa gritar, minha ovelha, que eu posso ouvi-la perfeitamente — falou Odile, e Allegra percebeu, pelo tom de voz, que havia um sorriso largo naquele rosto simpático. — Ouça bem: já que precisamos comer, eu terei de sair para trabalhar. René não me deixou mais do que esta casa e algumas moedas. Pela manhã, costumo ir às docas para vender torta salgada aos marinheiros. Eles dizem que sou a melhor cozinheira de Marselha, veja só! Sempre que sair, trancarei a porta por fora, mas não tenha medo que retornarei antes do meio-dia. Vamos rezar para que ninguém a tenha visto entrando aqui. Acho melhor mantermos a coisa assim até que eu arranje uma boa história para contar aos vizinhos.

Durante algum tempo, Allegra ouviu apenas sons característicos de comida sendo preparada e, depois disso, outra vez a voz de Odile.

— Descanse um pouco, Allegra, enquanto eu vou até o porto.

O resto da manhã Allegra passou entregue aos próprios pensamentos. Se ao menos ela soubesse até onde iam os tentáculos de Barretto, poderia começar uma nova vida sem grandes preocupações. Depois de muita reflexão, concluiu que o melhor seria manter-se reclusa até a virada do ano. Se até lá ninguém aparecesse na casa de Odile perguntando pela condessa Di Rienzi, não haveria mais perigo. A essa altura, o bebê já teria nascido. Estaria começando o ano de 1820, o alvorecer de uma nova década. Só que parecia faltar ainda uma eternidade.

Horas mais tarde, ela desceu para conhecer melhor a casa. Havia apenas três aposentos ao nível da rua: a cozinha, a sala de estar e o quarto de Odile. Todos os cômodos eram pequenos e aconchegantes.

Sentindo-se segura, Allegra resolveu passar ali o resto do dia, sem voltar ao sótão. Precisava aproveitar enquanto podia, porque, no futuro, talvez aquelas escapadas não fossem possíveis. O melhor seria ela se preparar para longas permanências no sótão. Naquela noite, as duas jantaram juntas na cozinha e Odile aproveitou para contar as novidades. Na noite anterior, um navio com bandeira de Veneza ancorara no porto de Marselha, mas menos de vinte horas mais tarde já estava pronto para partir, apenas esperando ventos favoráveis.

— É possível que tenham deixado alguém em terra, mas não podemos fazer nada além de esperar. Meus amigos me dirão se algum

estrangeiro sair por aí perguntando por mim... ou por uma italiana que fugiu de casa. Quer saber de uma coisa, Allegra? Eu até que gostaria de enfrentá-los. Eles precisam saber o quanto vale uma francesa de verdade. Mesmo assim... se quer saber, sinto pena deles. Já pensou no que terão de enfrentar os espiões do seu marido quando voltarem com as mãos abanando? Talvez seja necessário trazê-los aqui, para que vejam com os próprios olhos que moro sozinha.

Allegra estremeceu só de pensar na imagem de Zeno procurando por ela apenas para ganhar as boas graças de Barretto. Seria bom nem pensar em Luciano. Além de muito mais esperto, a raiva certamente o tornaria ainda mais perigoso.

— Acho bom você se retirar para o sótão, minha querida — recomendou Odile, depois de ficar pensativa durante algum tempo. — E não é só para passar a noite, mas por um bom período de tempo. Não devemos deixar nenhum traço da sua presença nesta casa.

Allegra seguiu o conselho e se recolheu à solidão, por um longo e doloroso período. À noite, quase sempre demorava muito para dormir, dominada pela angústia. Durante o dia, principalmente nas horas em que Odile estava fora, dedicava-se ao diário, relatando o que havia acontecido desde o dia em que deixara a Ca' d'Argenti. Infelizmente, a primeira parte do diário, que narrava o tempo passado com Barretto, estava perdida, esquecida na correria da escapada. Ela rezava para que mãos compreensivas, talvez as de Gina, pudessem recolher o volume. Assim, os netos e bisnetos poderiam ter conhecimento daquela pungente história. Talvez mesmo Renaldo a perdoasse, quando se tornasse adulto.

Entre as páginas do segundo volume estava o primeiro poema que Byron escrevera para ela e, mais uma vez, Allegra correu os olhos pelos versos:

Finalmente achei uma ave gentil e doce, uma freira que soube escapar do convento. Na minha mão ela treme, como se fosse meu coração, que escapou do sofrimento...

Byron não podia estar mentindo quando punha tanta emoção naqueles versos. Infelizmente, fora um sentimento passageiro. Mesmo assim, ela não se arrependia de nada, não retrocedia um só milímetro no amor que dedicava àquele homem maravilhoso. Como num gesto de concordância, a criança se mexeu levemente no ventre dela. Sorrindo com doçura, Allegra passou a mão pela barriga.

— Só mais um mês, meu queridinho — murmurou. — Só mais um pouco e eu poderei tomá-lo nos braços, beijá-lo e falar no seu ouvido sobre o seu pai, o homem que amei com todas as forças do meu coração.

Nos dias que se seguiram, tornou-se comum Odile levar livros para ela ler, invariavelmente em francês, recomendando com insistência a leitura dos textos de Rousseau. Allegra achava estranho, porque não se lembrava de que a ex-babá tivesse algum interesse por filosofia. Certamente, ela queria apenas que a protegida se tornasse cada vez mais fluente no idioma que teria de falar dali por diante.

Cada vez mais, Allegra foi se afeiçoando à casa. Os móveis tinham

tanto graça quanto solidez, tal qual a imagem que ela fazia de René. Odile podia se considerar uma mulher de sorte por ter se casado com ele, depois de passar tantos anos a serviço de outras pessoas.

Pelo que a francesa sempre dizia, René devia ter sido um homem maravilhoso, um idealista. Mas havia o lado negativo, porque ele pouco se preocupava com as necessidades práticas da vida. Tanto que, além da casa, Odile não ficou com nada. Agora, para sobreviver, a boa mulher tinha de trabalhar duro.

Allegra percebeu a situação e se sentiu constrangida por torná-la ainda mais complicada. Queria ajudar, mas, reclusa e em avançado estado de gravidez, via poucas saídas. Foi quando pensou em vender algumas das jóias. Um dia, com muito jeito, tocou no assunto, mas Odile nem quis escutar.

— Você é uma hóspede nesta casa e não permitirei que venda nem o mais desprezível laço do seu vestido. Se falar nisso outra vez, pode crer que me sentirei insultada!

A francesa falava sério e não adiantaria insistir. Mesmo assim, Allegra achou que deveria tentar alguma coisa, pelo menos para não se sentir uma inútil.

— Nesse caso, ensine-me ao menos a cozinhar. Poderei preparar alguma coisa para você vender aos marinheiros.

— Você?

— Eu, sim. Agora, me chamo Francesca Gardoni e sou perfeitamente capaz de usar as minhas mãos de forma útil. Detesto ficar parada o dia inteiro, como uma gata de estimação.

Odile olhou para ela, espantada.

— Francesca...

— ...Gardoni. É isso mesmo, Odile. Agora sou uma pessoa nova, diferente, e, quanto antes nós duas nos convencermos disso, mais seguras estaremos. Se os agentes de Barretto vierem procurar pela condessa Di Rienzi, você poderá dizer, com a maior segurança, que quem está aqui é Francesca Gardoni.

Odile sorriu e lançou à protegida um olhar de determinação.

— Pode crer, minha menina, que jamais eu a trairei. Se você quer ser Francesca Gardoni, ou a rainha da Espanha, ou... ou quem quer que seja, é assim que será.

As duas mulheres se abraçaram, como se quisessem selar um pacto de amizade e lealdade incondicional.

— Serei sua tia, sua prima, seja lá o que for necessário para protegê-la — prontificou-se Odile, emocionada. — Mas parece que nem será preciso tanto, porque você não é mais a garotinha que eu embalava nos braços. Está crescida...

— É verdade. Eu cresci e aprendi uma porção de coisas com a vida.

Odile abraçou-a com mais força.

— Não duvido que aprendeu, minha filha, e estou muito orgulhosa disso.

— Eu aprendi, Odile, e pode ficar certa de uma coisa: vou sobreviver.

Dias mais tarde, chegou a primeira carta de Gina, endereçada a

Odile. Tinha sido remetida pela governanta de Elletra, que cada vez mais se mostrava uma pessoa digna de confiança. Provavelmente nem a própria Elletra tinha conhecimento do fato.

O tom da carta era leve, em parte, mas o medo de Gina ficava bem claro:

Querida condessa:

A senhora nem pode imaginar a condição atual do conde. Ele voltou de Viena logo que Zeno comunicou seu desaparecimento. Zeno está apavorado, temendo pela própria vida, porque não deu conta do seu papel de vigia. Eu também fui interrogada, mas fingi estar surpresa e chocada. Acho que consegui ser convincente. Até levantei a hipótese de um seqüestro, para que ele não pensasse na possibilidade de a senhora ter ido para junto de Odile. O conde ofereceu uma gorda recompensa a quem a encontrar, ao mesmo tempo em que ameaçou cortar a cabeça de Zeno caso a busca pela senhora não mostre resultados.

Tome muito cuidado, cara senhora, porque o perigo ainda não passou. Mesmo Zeno sendo um idiota, é bom lembrar que ele está desesperado. Além disso, o conde pode ter agentes dos quais eu não tenha conhecimento.

Luciano acaba de voltar de Roma. Disse que foi espancado e roubado por salteadores da estrada. Pode ser verdade, mas não consigo confiar naquele homem. Também ele se juntou ao grupo que procura pela senhora.

Tudo leva a crer que o seu marido acredita que a senhora simplesmente resolveu fugir. O conde Lamberti levou suas irmãs para Milão, a pretexto de passar lá as férias, mas acho que a verdadeira intenção foi escapar à ira do conde Di Rienzi. De fato, as coisas por aqui estão tão complicadas que só poderia se sentir seguro quem tivesse o poder de se fazer invisível.

Não se preocupe com Renaldo. Ele está forte e saudável. Avisarei assim que houver segurança para que a senhora me escreva, mas acho que isso ainda vai demorar um bom tempo. Não confie em ninguém, porque, pela atual disposição do conde, ele não descansará enquanto não alcançar o seu intento.

Rezo pela senhora todos os dias.

Gina

— Pois eu também tenho os meus agentes — falou Odile, com desdém, depois que também leu a carta. — Não existe um só homem nessas docas que não se disponha, de bom grado, a me fazer um favor.

A partir desse dia, o mundo de Allegra se resumiu aos limites do sótão. Encontrava-se com Odile apenas pela manhã, bem cedo, e na hora em que a francesa voltava das docas com as bandejas vazias. Como não houvesse sinal de Zeno ou de qualquer enviado do conde, ela já começava a acreditar que não seria encontrada. No entanto, era preciso levar em conta as advertências de Gina.

Já fazia quatro semanas que Allegra estava em Marselha e já se haviam passado dois meses inteiros desde que deixara a Ca' d'Argenti.

Com disciplina e resignação, ela se mantinha no sótão, esperando.

Para passar o tempo, Allegra se entretinha na confecção de um colar, que pretendia dar a Odile como presente de Natal. Também fazia roupas para o bebê, usando retalhos de tecidos que a ' previdente Odile havia guardado ao longo dos anos. Todas as tardes, com muita disciplina e durante pelo menos uma hora, ela se entregava ao estudo do francês. Estava fazendo tantos progressos que já conseguira ler toda a história de Carlos Magno com a maior facilidade.

Em meados de novembro, era freqüente a criança espremer na barriga dela, às vezes provocando desconforto. Depois de tanto tempo de reclusão, Allegra ansiava por participar da vida lá fora.

Um dia, quando ela já quase se esquecera da existência de Barretto, Odile chegou com um ar de preocupação. Informou que um grupo de italianos armados andava pela cidade, parando as carruagens e revistando os passageiros. Diziam estar autorizados a fazer tal arbitrariedade.

— Eles procuram uma jovem que sumiu de casa em Veneza e pode estar sofrendo de amnésia. O marido oferece uma enorme recompensa por qualquer informação segura. Finalmente, *ma petite*, está acontecendo o que temíamos. Mais do que nunca, precisamos tomar cuidado. Ainda estou preocupada com uma coisa... Tem certeza de que ninguém viu quando você entrou aqui no primeiro dia?

Allegra fez um esforço de memória.

— Havia uns marinheiros por aí, desses que reparam em qualquer pessoa que use saias. Pedi informações a uma mulher, mas ela apenas me indicou a sua rua. Ah, sim... Foi um garoto que me disse exatamente onde você morava.

Odile arregalou os olhos, mais preocupada com a informação anterior.

— Uma mulher? Você pode descrevê-la?

— Ela tem uma banca de verduras não muito longe daqui. Manca de uma perna, eu acho, e fala meio enrolado...

— Ah, é a velha Marianne — concluiu Odile, com alívio. — Graças a Deus! Marianne bebe muito vinho e certamente se esqueceu de você no minuto seguinte. E esse menino! Será que foi o pequeno Antoine, aquele patifezinho...

— Ele não tinha mais que seis ou sete anos.

— Isso mesmo. Se foi Antoine, posso dar conta dele. Os pais foram amicíssimos do meu marido. Além disso, ninguém além de uma criancinha viu você entrar aqui.

Allegra não podia fazer nada além de esperar. No dia seguinte, enquanto Odile esteve fora, ela ficou com os nervos à flor da pele. Por volta do meio-dia, depois de comer o lanche que Odile mandara de manhã pelo elevador, foi até a janela para espiar por entre as cortinas, como às vezes fazia para espreitar. Dessa vez, porém, a cena que viu deixou-a arrepiada.

Lá embaixo, na calçada oposta, o mesmo garoto que mostrara a ela onde morava Odile apontava para a casa. Ao lado dele, um desconhecido olhava com interesse para o local indicado. Alguma coisa de errado estava acontecendo!

Ao mesmo tempo, Allegra sentiu uma enorme dor na parte inferior das costas, acompanhada por um reflexo no ventre e nas pernas, o que a fez dobrar os joelhos. Não, não podia ser verdade! Não era possível que tudo acontecesse ao mesmo tempo.

Pelas contas que fizera, ainda faltava quase um mês para o nascimento do bebê. No entanto, as dores que estava sentindo eram iguais às que sentira pouco antes do nascimento de Renaldo. Não havia dúvida de que eram as dores do parto.

Veio uma segunda contração e Allegra respirou fundo para não gritar. Depois, ergueu-se e, tirando toda a roupa, vestiu apenas uma camisola, sem nada por baixo. Em seguida ela se deitou na cama, arrumando em volta de si vários travesseiros e todas as toalhas que encontrou no sótão. Ainda faltavam várias horas para Odile retornar, mas Allegra estava disposta a dar à luz a criança mesmo sem a ajuda de ninguém. Sabia que um bebê de oito meses tinha boas chances de sobreviver. Além disso, ela sempre tivera a certeza de que um filho de Byron sobreviveria a tudo.

As horas foram se passando e as contrações vinham a intervalos cada vez menores. Allegra rezava a todos os santos, implorando por socorro e alívio. Para piorar, Odile estava se demorando bem mais do que de costume.

Finalmente, ouvindo o som de passos na cozinha, ela tomou fôlego para gritar por socorro, mas conteve a respiração ao ver que a cortina da janela se movia. Era o sinal combinado com Odile! Havia alguém na casa em quem não se podia confiar.

Não demorou para que Allegra ouvisse vozes masculinas e passos firmes que percorriam todo o andar térreo. Ouviu também a voz de Odile, falando muito alto:

— Fico com o coração partido só de ouvir que ela desapareceu. Vamos rezar para que seja uma amnésia passageira... Perdoem as minhas lágrimas, senhores, mas é que tenho muita afeição por Allegra. Era uma menina tão doce... Mas vamos pensar e agir com otimismo! Os senhores acabarão por achá-la e toda essa confusão será coisa do passado.

Os homens ainda vasculharam a casa por mais algum tempo, até que Allegra voltou a ouvir a voz de Odile na cozinha, com clareza:

— Não, não vou deixá-los sair sem um forte e gostoso café, para esquentar o estômago dos senhores.

Agora eles falavam em tom mais baixo e de forma amigável. Enquanto isso, Allegra mordida os lábios para não gritar, sentindo as dores provocadas pelas contrações. O único recurso era apertar um travesseiro contra o rosto e esperar. Ouvindo risos na cozinha, ela não se sentia no direito de culpar Odile. Se os agentes de Barretto percebessem que não eram bem-vindos, acabariam suspeitando de alguma coisa. A certa altura, outra vez a voz de Odile se sobrepôs às demais:

— Meu René sempre dizia que, se uma esposa quer ir embora, não se deve detê-la. É bem melhor ficar sem mulher que cultivar um par de chifres na testa.

Dessa vez, a gargalhada foi geral.

— Se não fosse pelo dinheiro, senhora, pode crer que já teríamos

voltado a Veneza — explicou-se um dos homens. — Afinal, somos todos casados e, se demorarmos muito, talvez as nossas testas é que fiquem enfeitadas por chifres.

Outra vez eles riram em conjunto.

— Nesse caso, por que não voltam para Veneza e dizem ao velho conde que encontraram Allegra morta e enterrada em algum lugar? — sugeriu Odile, agora séria. — Poderão receber a recompensa a que têm direito e passar uma semana inteira com as suas esposas... na cama.

Allegra não conseguiu mais prestar atenção àquele diálogo porque as dores eram muito fortes. A hora estava chegando. Acima de tudo, ela temia que a criança nascesse antes que os homens fossem embora e começasse a chorar. Nesse caso, ela seria irremediavelmente descoberta.

Depois de algum tempo, ouviu-se na cozinha o som de cadeiras sendo arrastadas e exclamações de despedida. Por um momento Allegra esqueceu a dor e sorriu. Finalmente, o perigo havia passado. Agora, o importante era pensar apenas no bebê que estava nascendo.

Reunindo o que lhe restava de forças, Allegra arrumou entre as pernas uma das toalhas que recolhera horas antes. Depois, deitou-se outra vez de costas, dobrou os joelhos e abriu as pernas.

— Faça força comigo, meu queridinho — ela murmurou, com os olhos fechados e os punhos cerrados.

Como se atendesse ao apelo, a criança começou a sair, em busca do mundo exterior. O parto foi doloroso mas rápido. Mesmo assim, pareceu demorar uma eternidade. Finalmente, experimentando uma enorme sensação de alívio, Allegra fez um esforço e ergueu a cabeça para frente. Entre as pernas dela jazia o corpinho silencioso de uma menina, quase que totalmente coberto por um líquido oleoso. Assustada, Allegra agarrou as escorregadias perninhas e deu uma palmada forte nas nádegas da recém-nascida. No mesmo instante, um choro forte e agudo encheu o sótão, espalhando-se por toda a casa.

— Graças a Deus! — gritou Allegra, rindo por entre as lágrimas. — Ela está viva, graças a Deus!

Não demorou para que a entrada do sótão se abrisse e Odile entrasse, com os olhos arregalados e o espanto estampado no rosto.

— *Mon Dieu!* — exclamou a mulher, correndo para a cama. — Mas ainda não estava na hora, Allegra!

Sem esperar por maiores explicações, ela rapidamente providenciou uma faca afiada e limpa e cortou o cordão umbilical. Em seguida, com mãos hábeis e seguras, ajeitou o bebê num canto da cama e livrou Allegra da placenta. Isso feito, correu até a cozinha, de onde voltou com um balde de água quente. Minutos mais tarde, a recém-nascida estava limpa, vestida e envolta em lençóis muito brancos. Com cuidado, Odile ajudou Allegra a sentar-se numa cadeira perto da cama.

— Quero abraçar minha filha, Odile — reivindicou Allegra.

— É claro, *ma chérie*.

Enquanto a jovem mãe apertava a criancinha contra o peito, Odile trocou os lençóis da cama.

— Agora descanse — ela recomendou. — Vou lhe preparar uma sopa quente e depois falarei sobre aqueles bufões de Veneza que estiveram

aqui. Mas que hora esquisita você escolheu para dar à luz...

— Ninguém jamais tirará você de mim — garantiu Allegra à recém-nascida, cuja cabeça repousava no peito dela.

Não tinha dúvidas quanto ao nome que daria à filha. Seria Allegra, o nome que Byron tanto amava... Allegra Gardoni.

— Ela pode se chamar Allegra, mas não será muito parecida com a mãe — profetizou Odile, enquanto oferecia à protegida uma tigela de sopa quente de peixe. — Será uma pimentinha, teimosa e turrone. Posso até ver o rostinho... Só que não será da mãe que ela herdará esse temperamento.

Allegra olhou o rosto da filha e não concordou muito com aquelas previsões.

— Mas ela parece tão calminha...

— Às vezes penso que tenho o poder de prever coisas, mas reconheço que posso me enganar. Você tem certeza de que não vai contar nada ao pai da criança?

Aquela foi uma das raras vezes em que Odile falou em Byron, mesmo sem citar o nome. Ela conhecia bem a reputação do homem e o detestava. Segundo o julgamento que fazia, ele não merecia o amor de uma mulher tão fina como Allegra.

— Tenho certeza — garantiu Allegra. — Mas quero que ela seja batizada. Você me ajuda a encontrar um padre que faça isso? Teremos de contar uma mentirinha, mas, depois de tudo por que já passei, acho que Deus me perdoará.

O que mais a preocupava era que a pequena Allegra se apresentasse aos olhos do mundo como o fruto de um amor proibido. Talvez um dia, quando a criança alcançasse a idade da razão, ela pudesse contar toda a verdade, falar de Byron. Por enquanto, porém, o melhor seria dizer que o pai da menina era um homem chamado Gardoni, que morrera antes do nascimento da filha.

Odile sentou-se na borda da cama e segurou a mão da protegida.

— Padre Aristide é um bom amigo meu e é com ele que vou falar. Quanto aos homens que estiveram aqui hoje... Bem, acho que consegui encher de dúvidas a cabeça deles. Vieram por causa da pista dada pelo garoto, que falou numa certa estrangeira que veio me visitar. Mas acho que consegui conquistar a confiança dos homens, à custa de muita conversa, vinho e bons pedaços de torta. Você precisava ouvir as histórias que eles me contaram. São tantas as histórias que se contam ao seu respeito que o povo acreditará em qualquer coisa. Dizem que você fugiu para se tornar freira... que se tornou amante de um violinista louco, Paganini... Enfim, falam coisas incríveis. Só me arrependo por ter retido aqueles homens durante tanto tempo. Você deve ter se sentido incrivelmente só durante o parto...

— Não, eu não me senti só.

— E ainda não quer que ele saiba?

— Ainda não. Talvez um dia ele venha a saber que tem outra filha, mas agora não. E acho que você tem razão... Talvez ela se mostre uma criança teimosa, cheia de vida, exatamente como o pai.

O batizado se realizou na cozinha da casa. O padre quis recusar-se a

oficiar a cerimônia num lugar tão impróprio, mas Odile argumentou que a mãe estava adoentada e não poderia sair de casa naquele frio de inverno.

Se desconfiou de alguma coisa, o prelado manteve a mesma expressão neutra. Allegra até pensou em aproveitar a oportunidade para se confessar, mas achou que não seria prudente.

Depois da cerimônia, Odile acompanhou o padre até a porta, cochichando:

— Confio no senhor, padre. Essa jovem está correndo um grande perigo, mas não é por doença. Está sendo perseguida por um verdadeiro demônio, um homem que a matará se conseguir encontrá-la. Só peço mais um favor, padre, não registre o batizado em seu livro, pelo menos por enquanto. Não seria nada bom se Francesca Gardoni fosse descoberta agora.

Odile pôs algumas moedas na mão dele e o clérigo fez um gesto de concordância.

— A vida é muito mais importante que um simples nome numa folha de papel, minha filha. Diga à sua jovem amiga que não deve ter medo. Rezarei ao Senhor para que abençoe vocês duas... e a criança também.

Ouviu-se o choro da recém-nascida, logo seguido pela voz carinhosa da mãe. Odile sorriu. Parecia que, antecipadamente, Deus estava atendendo às preces do padre.

CAPÍTULO XIV

Passou o Natal, assim como o Ano-Novo e o dia de Reis. Marselha foi castigada pela chuva durante semanas seguidas, sem dúvida um mau começo para o ano de 1820.

Odile levava pequenos presentes para Allegra e para a menina, que passaram a chamar de Allegrina. Quase sempre eram cortes de tecido, que a própria Odile transformava em roupas, trabalhando com prazer até tarde da noite. Allegra, por sua vez, escolheu, entre os tesouros que Abou lhe permitira guardar, um presente para a protetora. Era um rubi, não muito grande mas bastante claro e perfeitamente lapidado. Odile recusou-se a aceitar.

— O que as pessoas não diriam se me vissem usando uma coisa assim? Imagine a atenção que não chamaria. É claro que os agentes de Barretto ainda estão por perto e você acabaria sendo descoberta.

— Nesse caso, guarde a pedra até o dia em que eu for embora, quando poderá vendê-la com segurança. Quero que aceite, Odile. É o mínimo que posso dar em troca do amor que você tem dedicado a mim e à minha filha.

Odile torceu os lábios e emitiu um som gutural.

— Vou aceitar, Allegra, mas como lembrança. Se um dia precisar de dinheiro, saiba que o rubi estará aqui, esperando por você. O amor que tenho por você e por aquela pirralhinha não quer nada em troca.

Os dias foram se passando e Odile não teve mais notícias dos agentes de Barretto. Nesse meio tempo, chegou mais uma carta de Gina, outra vez remetida pela governanta de Elletra. Em nenhum momento a carta falava em Byron ou Teresa Guiccioli...

Depois da sua partida, não demorou para que eu percebesse que a senhora havia levado as pérolas erradas. Mas não se preocupe porque o colar da sua mãe está em segurança, comigo. Prometo não deixar que ele enfeite o pescoço de uma mulher que não mereça essa honra. Se me deixarem permanecer na Ca' d'Argenti, esperarei até que Renaldo cresça e entregarei a ele as pérolas para que dê de presente à mulher com quem se casar.

Eu faria o colar chegar às suas mãos, madonna, se houvesse algum meio seguro. Não sei dizer quando isso será possível, ou se será possível, porque as coisas por aqui não mudaram muito.

O conde envelheceu muito nos últimos meses. Parece que a ira o está devorando. Zeno me disse que as buscas em Marselha terminaram e que agora elas se concentram em Milão e Florença. Mas é claro que ele pode estar mentindo. Talvez esteja na espreita, esperando que eu procure entrar em contato com a senhora. Quanto a Luciano, vez por outra aparece por aqui, mas ninguém pode dizer do que ele será capaz.

Gostaria de lhe dar melhores notícias, mas não posso. Rezo sempre pela senhora e por seu bebê.

Gina

Chegou o mês de março sem problemas para a criança, que crescia

com saúde. Depois que recebeu a segunda carta de Gina, Allegra não queria mais permanecer confinada ao sótão. Os instintos de Odile, porém, recomendavam cautela. O desejo da jovem mãe era poder passear livremente com a filha pelas praças e parques públicos, como qualquer pessoa. Odile achava uma temeridade. Argumentava que o simples fato de Allegra passar a se chamar Francesca Gardoni não tinha o condão de transformá-la em outra pessoa, apagando por completo o passado.

— E por que não? — insistiu Allegra, quando os primeiros raios da primavera bateram sobre Marselha. — Allegrina não pode crescer trancada num lugar como este, sem ver a luz do dia. Por que não inventamos uma história que convença as pessoas? Eu posso ser... uma viúva, de uma família em cuja casa você trabalhou como governanta, em Veneza...

— Não, Veneza não — descartou Odile, no ato. — Mas eu também trabalhei em Aosta, durante algum tempo, e podemos dizer que você é de lá. Ninguém terá motivos para pensar que é de Veneza.

Allegra abriu um sorriso.

— Então, você concorda?

— Em parte. Antes, precisamos arranjar um jeito de explicar como Mme. Gardoni e a filha chegaram a esta cidade. Você não pode simplesmente sair da minha casa desejando bom-dia aos vizinhos. Isso acabaria levantando suspeitas. Tem de chegar a Marselha de uma forma normal, como qualquer viajante. Tenho amigos no porto que podem arranjar isso... De qualquer forma, não gosto da idéia.

Allegra, porém, estava adorando. Dentro de alguns dias, Francesca Gardoni seria oficialmente apresentada ao mundo, quando atravessasse o terminal de passageiros do porto de Marselha. Seria uma mulher que já nasceria adulta e calejada por suas experiências de vida. Dos tempos de Allegra, guardaria as lembranças e um presente inestimável. Sim, o pequenino ser que carregava nos braços era um presente de Byron, e não poderia haver nada melhor porque aquela criança era uma parte dele.

Finalmente, renascia nela a alegria de viver. Dentro de pouco tempo, poderia debruçar-se sem temor à janela e contemplar o pôr-do-sol. Poderia também ir com a filha a alguma pracinha, ouvir os gritos das crianças brincando e o som distante de um realejo.

"Seu coração saberá se recompor", tinha previsto Byron. De fato, o coração dela parecia estar se recompondo do sofrimento provocado pela paixão. Estava certa de que sempre amaria Byron, mas as feridas já não doíam tanto, transformando-se em cicatrizes. Pelo menos, pensar nele já lhe provocava mais felicidade que dor.

Os preparativos para a introdução de Francesca Gardoni no mundo dos vivos mais pareciam o planejamento estratégico de uma invasão militar. Odile pensou em tudo. Antes de mais nada, estudou demoradamente a lista dos navios que eram esperados no porto de Marselha. Finalmente, decidiu-se por um com bandeira de Gênova, que transportava passageiros e carga e fazia uma linha regular entre as duas cidades. Isso era importante porque chamava menos a atenção do que um navio que viesse a Marselha esporadicamente.

Odile verificou também se, no mesmo dia, não estaria no porto algum navio de Veneza. Com todas as condições favoráveis, marcou-se o

dia e passou-se aos detalhes, como a preparação de uma cesta para o transporte de Allegrina e a escolha das roupas. Um antigo vestido preto de Odile foi apertado e reformado para que Allegra parecesse uma viúva de classe média. A operação teria de se iniciar de madrugada e terminar com o dia claro, quando o cais já estivesse cheio, de gente.

No dia marcado, ainda não eram quatro da manhã quando as duas saíram de casa, carregando a cesta onde Allegrina dormia. Em silêncio, elas atravessaram as ruas desertas em direção ao cais. Mesmo que alguém houvesse visto Allegra no dia em que chegou à casa de Odile, não a reconheceria naquele momento. No lugar da jovem raquítica e suja daquele dia, havia agora uma mulher bem alimentada e de aspecto saudável.

— Não se assuste quando nos juntarmos a três estivadores e dois barqueiros — falou Odile, como última recomendação. — São meus velhos amigos e se prontificaram a cooperar. Eles jurarão que ajudaram você a desembarcar daquele navio que está chegando de Gênova. Só um idiota desconfiaria da palavra de testemunhas oculares.

De fato, um quarteirão antes do cais um grupo de cinco homens esperava por elas. Depois de trocarem cumprimentos silenciosos, todos se dirigiram a uma extremidade do cais, àquela hora completamente deserto. Claude, um dos barqueiros, ajudou Allegra a entrar na canoa, na qual já estavam duas enormes malas. Em seguida embarcou o companheiro dele, transportando a cesta e sua preciosa carga.

Durante alguns minutos, Odile ficou de pé na beira do cais, observando a canoa que se afastava na escuridão, guiada pelos experientes remadores. Depois, na companhia dos três estivadores, saiu caminhando em direção à parte central do cais.

Uma hora e meia mais tarde, já com o dia claro, ela divisou ao longe o barco de Claude, que àquela altura já dera uma volta em torno do navio genovês ancorado ao largo e deslizava de volta ao cais. Quando Allegra pôs outra vez os pés em terra firme, foi saudada por espalhafatosas boas-vindas.

— Francesca! — exclamou Odile, abraçando-a demoradamente. — Oh, Francesca querida!

A encenação foi perfeita. Algumas cabeças se voltaram para observar a cena que no final das contas não tinha nada de excepcional. Àquela mesma hora, várias outras canoas atracavam desembarcando passageiros do navio recém-chegado, os quais também eram calorosamente recepcionados por parentes e amigos.

Enquanto isso, os três estivadores desembarcavam a bagagem, que arrumaram num carrinho de mão. Mais tarde Allegra verificaria que as duas malas estavam vazias. Naquele momento, porém, os três homens pareciam empregar um enorme esforço para transportá-las. Meia hora mais tarde, enquanto elas caminhavam em direção à casa, seguidas pelos cinco homens, que se revezavam para empurrar o carrinho, muita gente no porto já sabia que o navio genovês trouxera uma jovem viúva de Aosta que, juntamente com a filha recém-nascida, passaria uma longa temporada na casa de Odile.

Depois de encherem o estômago com bolo, pão com queijo e café,

os cinco homens se despediram, prontificando-se a ajudar no que mais fosse necessário.

— É bom ter amigos assim — bendisse Odile, depois que eles partiram. — A lealdade desses homens é de um valor inestimável. Em nenhum momento duvidei que teria a ajuda deles... ainda mais porque os homens parecem ficar com o coração mole quando se trata de viúvas jovens. Bem, acho melhor você continuar usando roupas pretas durante algum tempo. Quando chegar o verão, diremos que já se passou um ano desde a morte do seu marido e não haverá mais necessidade de luto.

Allegra correu para abraçar a amiga e protetora, e dessa vez não era parte de nenhuma encenação.

— Oh, minha adorada Odile! Você me fez tão feliz! E saiba que não vai se arrepender. Não pense que estou só pensando em sair para me divertir. Agora, poderei ajudá-la na cozinha e nos demais trabalhos da casa. Posso também ir ao porto para vender o que preparamos. Duplicaremos a capacidade de produção da nossa fábrica de guloseimas, Odile!

O entusiasmo de Allegra não foi compartilhado muito de pronto, porque Odile não achou prudente soltá-la no mundo tão cedo. Os anos de vida lhe haviam ensinado muito sobre a natureza humana. Aprendera, por exemplo, que o sentimento de vingança às vezes aumenta com o passar do tempo.

— Tudo ao seu tempo, *ma chérie* — sentenciou a francesa. — Tudo ao seu tempo.

No dia seguinte, Allegra insistiu para levar Allegrina à capela do padre Aristide. Sentia-se na obrigação de acender ao menos uma vela em agradecimento por estarem as duas sãs e salvas. Além disso, queria se confessar...

Depois de muitos meses, Allegra podia finalmente se ajoelhar perante um ministro de Deus para confessar os pecados. Não pretendia mais cometer o adultério... mesmo porque, se o fizesse, seria uma traição a Byron.

Depois da confissão, ela se ajoelhou em frente à imagem da Virgem Santíssima para cumprir a penitência ditada pelo padre. Rezou as orações com os olhos postos na santa, que parecia sorrir. Era como se, naquele momento, se estabelecesse uma comunicação de mulher para mulher.

Saindo da igreja, Allegra tomou o caminho do porto, com a filha nos braços. Pouco acostumada à luz do sol, Allegrina apertava os olhos, agoniada. Allegra ria de felicidade. Não demorou para encontrar Odile, que estava com excelente humor.

— Não sei se você teve um bom começo de dia, mas eu tive — comemorou a velhota, abraçando a protegida de forma tão calorosa que quase a fez soltar a filha no chão. — Ainda falta muito para o meio-dia, mas já consegui vender tudo o que trouxe. Parece que o sol da primavera aumenta a fome dos homens.

Na frente da barraca, dois estivadores que mastigavam os últimos pedaços de torta vendidos por Odile saudaram Allegra, chamando-a pelo novo nome.

— Bom dia, Mme. Gardoni — cumprimentou um deles. — O seu

reberto é uma gracinha.

Procurando agir com cortesia e usando o seu vocabulário simples, eles brincaram com a criança, que agitava os bracinhos. Naquele momento, Allegra desejou que Gina pudesse vê-la no meio daquela nova família. Pelo menos, ela se sentia em segurança.

Durante algumas semanas, Odile manteve a hóspede ocupada na cozinha, preparando tortas e fritando pastéis. Foi quando Allegra descobriu que tinha um real talento para a culinária. Prova disso era o fato de as bandejas de Odile se esvaziarem rapidamente, além dos elogios dos marinheiros e estivadores. Enquanto ela trabalhava, Odile executava outras tarefas entoando canções francesas, e Allegrina brincava num engradado armado na sala.

Era um trabalho do qual Allegra extraía prazer. A felicidade existia, apesar de assumir uma forma bem diversa do que ela imaginara quando mais jovem.

Sempre que Allegra saía com a filha, Odile aconselhava-a a ficar por perto da igreja, onde havia parques e jardins bastante agradáveis. Na verdade, queria manter as duas bem longe das docas, por onde ainda poderiam andar os agentes de Barretto. Allegra havia aprendido a confiar nos instintos da ex-babá e seguiu o conselho.

Junho chegou trazendo o verão e, a essa altura, Allegra já havia recebido várias cartas de Gina. Todas repetiam que o conde não havia arrefecido o seu desejo de vingança e que as buscas continuavam. No entanto, nove meses já se haviam passado desde que ela chegara a Marselha e não havia sinal dos agentes de Barretto além dos que tinham visitado a casa de Odile no dia do nascimento de Allegrina.

Tudo levava a crer que o longo período de ansiedade havia deixado marcas em Odile. A boa mulher agora andava com maior dificuldade, mas, mesmo assim, negava que estivesse mal de saúde. Allegra insistia para assumir parte do trabalho nas docas. Os riscos não representavam nada, se comparados com o efeito negativo que o excesso de trabalho estava tendo na saúde de Odile. Finalmente, a jovem apresentou um argumento definitivo:

— Recuso-me a fazer o papel de uma dama adulada, apenas executando trabalhos superficiais na cozinha ou saindo para passear, enquanto você se esgota de trabalhar para sustentar nós três.

Um forte calor de verão inundava a cidade, mas, nas docas, uma suave brisa agitava os cabelos de Allegra, não inteiramente cobertos pela touca francesa branca que Odile insistira para que ela usasse. O carrinho de madeira, mais uma das obras do habilidoso René, tinha um molejo especial na suspensão, o que facilitava o tráfego no calçamento de pedra e nas tábuas do cais. Embalada pelo balanço, Allegrina dormia na cesta de vime pendurada nos braços do carrinho.

Allegra olhou para a filha e sorriu. Com os lábios aparentemente comprimidos e as mãozinhas fechadas junto ao rosto, a pequenina dormia profundamente. Exatamente como o pai, dormir para ela era algo em que parecia empregar boa dose de energia. Não havia dúvidas de que aquele bebê se transformaria numa criança encantadora e cheia de curiosidade.

Bem, era preciso se concentrar no trabalho. Arrumados na parte

superior do carrinho, os doces e as tortas espalhavam um cheiro tentador. Tendo finalmente convencido Odile de que era capaz de executar o trabalho, Allegra agora já não estava tão segura de si. Sentia-se desprotegida, o que a deixava tensa. Não conseguia afastar da mente a imagem de um enraivecido Barretto, e sabia que jamais seria perdoada por ele.

Não demorou para que um grupo de homens se aproximasse.

— Quero uma dessas tortas de palmito, moça — falou um deles.

Maquinalmente, Allegra foi atendendo aos pedidos, recebendo dinheiro e devolvendo moedas como troco. De uma forma ou de outra, precisava provar a Odile que era uma mulher forte e destemida.

Depois que ela atendeu àquele primeiro grupo, a tensão foi aos poucos relaxando. O porto estava repleto de navios e outros barcos menores. Um deles ancorara um pouco ao largo, talvez por causa do altíssimo mastro central. Numa plataforma de madeira sustentada por cordas, alguns homens, armados de vassouras e esponjas ensaboadas, limpavam a parte externa do casco, enquanto outros reparavam a pintura do gurupés, o majestoso mastro frontal.

Durante algum tempo, Allegra ficou contemplando as vigorosas linhas do navio. Certamente ele era capaz de singrar os mares com a segurança e a leveza de um puro-sangue que galopasse numa planície. Diferentemente da maioria dos outros barcos, o navio era pintado em cores claras e brilhava ao sol. Na proa tremulava uma bandeira de listras azuis e brancas, com um círculo de estrelas douradas. Allegra reconheceu a bandeira dos Estados Unidos da América, a jovem República que pouco tempo antes conquistara sua independência da Inglaterra.

Na extremidade do mastro frontal estava esculpida uma figura feminina cujo rosto mostrava um luminoso sorriso. O autor daquele entalhe conseguira executar uma obra que parecia transpirar desafio e triunfo. Mais que tudo, a escultura transmitia uma ânsia de aventura.

Allegra foi correndo os olhos pelo casco até fixá-los nas letras douradas ali gravadas, com o nome e a procedência do navio: *Liberdade Risonha*, Boston. Deveria ser extremamente emocionante estar ao comando de um navio como aquele. Seria como espalhar pelo mundo a energia e a ânsia de liberdade do Novo Mundo.

— Vejo que está admirando a menina dos meus olhos — falou uma voz masculina, profunda e metálica.

Allegra girou o corpo e deu com um homem altíssimo que sorria com os olhos de um azul tão profundo como ela jamais vira.

— Por acaso fala inglês? — perguntou o desconhecido. — Meu francês é tão pobre que nem consigo usá-lo quando estou com fome.

— Sim — respondeu Allegra, procurando refazer-se da surpresa de ouvir outra vez aquele idioma, depois de tantos meses.

O homem falava com um sotaque bem diferente do de Byron, além de pronunciar mais rapidamente as palavras, o que dificultava a compreensão.

— Acho que fui atraído pelo cheiro das suas tortas, *ma'am*. Sou o capitão John Appleby, do *Liberdade Risonha*, ao seu serviço.

Meio encabulada, Allegra apertou a mão que ele estendia.

Contrastando com o sorriso franco e a expressão de honestidade no rosto, o americano era enorme e de músculos muito fortes. Devia ser o capitão perfeito para um navio como aquele.

— Desculpe — ela falou, sorrindo. — Acho que... o meu inglês não é muito bom.

Allegra escolheu um bom pedaço de torta para o capitão John Appleby, que observava cada um dos movimentos da jovem vendedora.

— Foi uma indelicadeza minha — desculpou-se o homem, em francês. — Afinal de contas, falo razoavelmente a sua língua.

Ela conhecia muito pouco o inglês que se falava nos Estados Unidos, mas, pelo francês que praticava, aquele americano mostrava ser uma pessoa instruída.

— Obrigada — agradeceu Allegra, sorrindo. — Lamento não ter estudado o seu idioma com maior empenho.

— Mas você não é francesa — constatou o homem, com convicção. — Diria que é italiana, pelo tom da voz e também por causa dos olhos. Estou certo?

Num instante, todos os temores de Allegra voltaram. Por que ele estava fazendo aquela pergunta? Apesar disso, aquele rosto forte e honesto só transmitia confiança.

— Sou italiana, sim — ela confirmou, falando baixinho. — Sou de Veneza.

As palavras haviam saído quase sem que ela percebesse e Allegra sentiu um sobressalto. Deveria ter dito que era de Aosta.

— Ah, sei.

O olhar do americano era insistente e intenso, mas conseguia a proeza de não ser indelicado. Allegra sentiu o coração acelerado. Não reagia daquela forma desde que, pela primeira vez, se vira fixada pelos penetrantes olhos de Byron. Só que, dessa vez, era mais fácil relaxar, por causa do sorriso franco do capitão.

Quando ela entregou o pedaço de torta, o homem tirou do bolso do casaco azul-escuro uma carteira de couro. Allegra reparou que o tecido era de fina procedência e cortado de forma a se ajustar perfeitamente aos ombros largos. As calças claras que cobriam as longas pernas eram igualmente de excelente qualidade e as botas pretas brilhavam ao sol.

Quando a jovem ergueu outra vez os olhos e estendeu a mão com o troco, reparou que ele olhava com interesse para a criança adormecida. Agora, o sorriso no rosto do capitão parecia o de um menino.

— O bebê é seu, *ma'am*?

Allegra sorriu e fez um gesto afirmativo com a cabeça. Carinhosamente, ele acariciou com as costas dos dedos a mãozinha da menina.

— Parece uma pequenina estrela-do-mar — comparou o capitão, e a menina agarrou o dedo que a acariciava. — É incrível como começamos pequeninhos! Às vezes eu até duvido de que algumas pessoas tenham sido bebês um dia. Pense só no enorme e gordo George da Inglaterra... ou na desajeitada Caroline de Brunswick!

Os dois riram bastante daquele comentário bem-humorado. Logo, porém, ele ficou sério.

— Perdoe a impertinência, *ma'am*, mas por que a senhora se vê obrigada a fazer um trabalho como esse, e ainda tem de trazer a menininha? Seu marido não pode trabalhar?

Havia uma preocupação sincera naqueles olhos azuis.

— Eu sou viúva, *sir*, e preciso ganhar a vida.

Os olhos do americano voltaram a brilhar, apesar da consternação demonstrada no tom de voz.

— Sinto muito pela senhora e por sua filha. Mas pode estar certa de que eu e meus homens seremos grandes consumidores das suas tortas. Estamos ancorados para reparos no casco do navio, depois de enfrentarmos mau tempo nas costas de Malta. Teremos de ficar aqui por várias semanas. Mas, francamente, não acha o *Liberdade Risonha* uma beleza?

O orgulho do capitão não era infundado e Allegra concordou:

— É o navio mais bonito que já vi.

John Appleby sorriu com satisfação.

— Posso saber o seu nome, *ma'am*? É só para... recomendar os seus quitutes aos meus homens.

— Francesca Gardoni.

— Francesca... É um lindo nome, perfeito para uma dama. Bem... Bom dia, *ma'am*.

O capitão despediu-se em inglês e, sem esperar resposta, saiu em direção ao *Liberdade Risonha*.

Allegra empurrava devagar o carrinho, às vezes parando para atender aos fregueses costumeiros de Odile. Os homens procuravam ser corteses, em seu jeito simples. Invariavelmente, assumiam atitudes protetoras em relação ao bebê. Enquanto isso, Allegra prestava atenção nos comentários que faziam acerca do *Liberdade Risonha*.

Havia uma admiração geral tanto em relação ao navio quanto ao capitão. John Appleby era bem conhecido por ali e não era a primeira vez que aportava em Marselha. O navio já havia ultrapassado várias vezes o cabo da Boa Esperança, alcançando portos da China e da Índia, assim como da Turquia e do Egito. John Appleby fazia parte de um grupo independente de navegadores americanos que haviam enriquecido com o transporte marítimo e que faziam do próprio navio um império à parte.

Allegra escutava tudo com interesse.

— Bem que gostaria de fazer parte da tripulação dele — falou um jovem marinheiro, com a boca cheia. — Pelo que sei, o capitão Appleby não tolera quem faz corpo mole, mas sabe ser humano e justo. Basta dizer que não permite a presença de escravos no navio. Até recusou uma enorme soma para transportar um amigo do duque de Wellington, só porque o homem insistia em trazer consigo uma escrava que comprara no Marrocos.

— Quanto a isso, o capitão é irredutível — confirmou outro marinheiro, falando num francês enrolado. — Posso dizer com segurança porque estou na tripulação dele. Está certo que o capitão é um homem de pulso forte, mas não temos do que nos queixar... a não ser pela constante faxina. Não me lembro de ter trabalhado antes num navio tão limpo.

O carrinho estava constantemente rodeado por homens famintos e

logo o estoque se esgotou, para desagrado dos retardatários. Já não era sem tempo, porque Allegrina começava a se mexer na cesta e a choramingar, irritada. Um velho amigo de Odile insistiu para empurrar o carrinho ladeira acima.

Quando Allegra prestou contas do que vendera, Odile se mostrou contentíssima com o sucesso daquele primeiro dia. Já havia preparado o que seria vendido no dia seguinte. Ao pegar a filha para trocar a fralda, Allegra reparou em várias moedas deixadas num dos cantos da cesta e seus olhos se encheram de lágrimas. Em sua simplicidade, aqueles homens tinham um coração de ouro.

Durante todo o resto do dia, não saiu da lembrança dela a imagem do capitão Appleby, com seu jeito de sorrir com os olhos. À noite, conversando com Odile, ela falou no assunto e a boa mulher sorriu, compreensiva.

— Já ouvi muito falar nesse navio, minha filha. Não conheço o capitão, mas sei que é uma lenda viva entre os marinheiros. Dizem que ele é de uma família riquíssima de Boston, mas que atendeu ao chamado do mar. Casou-se com o navio... É como definem os marinheiros que já trabalharam com ele.

No dia seguinte, logo que Allegra chegou ao cais, os tripulantes do *Liberdade Risonha* cercaram o carrinho, esfomeados, e rapidamente o estoque de tortas foi se esgotando. Allegra precisou se esforçar para não perguntar pelo capitão. Logo, porém, ele apareceu, exatamente na hora em que um marinheiro arrematava o último pedaço de torta.

Antes mesmo de cumprimentá-la, John Appleby fez uma expressão de desapontamento. Allegra já se preparava para apresentar uma desculpa quando reparou na espavorida figura de Odile, que se aproximava ofegante mas toda sorrisos.

— Vim para ajudá-la com o carrinho — explicou-se a recém-chegada, enquanto sorria para o capitão.

— Meus homens comeram todas as tortas e não deixaram nem uma para mim — lamentou o americano, em tom afável. — É a senhora que prepara essas delícias, *ma'am*?

Odile devia estar acostumada com os mais diferentes sotaques, mas parecia fascinada pelo jeito de falar do capitão.

— Se nos acompanhar até o alto daquela ladeira, senhor, verá que já preparei uma boa fornada de tortas para vender amanhã. No entanto, terei prazer em separar algumas para atender a um homem faminto.

Allegra sentiu um certo constrangimento. Não entendia por que Odile encorajava o capitão. Ao mesmo tempo, porém, estava excitada com a perspectiva daquela visita.

O capitão aceitou o convite e, galantemente, se ofereceu para empurrar o carrinho.

— Irei na frente, Odile — falou Allegra, pegando a filha nos braços. — Allegrina deve estar com fome e eu me sinto cansada.

Aquilo pareceu uma descortesia, mesmo aos ouvidos dela, mas já não havia como remediar.

Meia hora mais tarde, enquanto amamentava a filha no quarto de Odile, Allegra escutava o vozeirão do capitão e os risos da dona da casa.

Sentia também o cheiro tentador de café fresco.

— Venha tomar um café conosco, Francesca — chamou Odile. — Será bom para reanimá-la.

— Obrigada, mas prefiro descansar.

Apesar da recusa, Allegra desejou que René houvesse construído um sistema de espelhos para que ela pudesse, de onde estava, observar o que se passava na cozinha. Naquele momento o capitão devia estar relaxadamente sentado à mesa, tomando café e saboreando as tortas de Odile. O pior é que ela não conseguia entender muito bem o que eles diziam.

Finalmente John Appleby se despediu, sem regatear cumprimentos à boa qualidade da comida.

— Nem imagina, *ma'am*, o prazer que é poder saborear uma comida tão gostosa depois de um mês inteiro no mar. Passamos pela Turquia e pelo Egito, mas não tenho estômago para aquele tempero.

Preocupada, Allegra escutou quando Odile insistiu para que o capitão fosse jantar com elas. Evidentemente, as intenções da boa mulher eram as melhores possíveis. No entanto, mesmo desejando esquecer que já fora esposa de Barretto, ela continuava uma mulher casada e não queria se envolver com outro homem.

Mas por que temer o capitão John Appleby? Talvez ela não estivesse querendo que a envolvente presença daquele americano se sobrepusesse às lembranças de Byron. De forma nenhuma queria se esquecer de um amor tão grande.

Olhando para Allegrina, que dormia placidamente, Allegra outra vez se perguntou se, mais tarde, deveria contar à filha toda a verdade. Será que seria justo esconder de quem ela realmente era filha? Afinal de contas, talvez ela gostasse de saber que tinha como pai um homem tão genial.

Minutos mais tarde, Odile entrou no quarto e censurou-a por não ter ido conversar com o capitão.

— Ele é fino, o tipo de pessoa em que confio no primeiro momento... E como é charmoso, meu Deus! Faz-me ter vontade de voltar à juventude! Você não fica arrepiada quando ouve aquele sotaque, Allegra? Mas não é só isso, porque o capitão John Appleby é honesto e franco, um retrato perfeito do país de onde veio.

Allegra não respondeu. Naquela noite, quando foi para a cama, não conseguia afastar da mente o rosto simpático de John Appleby. "Honesto e franco." Odile não estava errada naquela avaliação. Mas não era só a expressão, porque havia também a linha perfeita dos lábios, uma boca da qual certamente toda mulher desejaria conhecer o gosto.

CAPÍTULO XV

Um mês mais tarde, Allegra e Odile levavam o carrinho ao cais em dias alternados. A jovem insistia com a amiga para que a deixasse executar sozinha aquele trabalho, por causa do forte calor de verão, mas sem sucesso. Sempre que era Odile quem ia ao cais, voltava com um recado para Allegra.

— O capitão Appleby perguntou por você e por Allegrina.

Allegra esperava com ansiedade pelos dias em que lhe cabia o trabalho. John Appleby sempre a procurava, tanto para comprar tortas como para conversar. Tentava fazê-la falar de si mesma, mas acabava concordando em narrar as interessantes aventuras que já vivera. Era uma conversa que a excitava enormemente. Allegra até sentia medo quando via a imponente figura do capitão se aproximando do carrinho.

Em busca de luzes, ela intensificou a frequência com que ia à igreja. Havia ali uma imagem de Santa Clara, que na França é conhecida como Sainte Claire. No entanto, Allegra não tinha coragem de olhar para a santa da qual era devota, preferindo rezar a outros santos. Tinha medo de que ela a censurasse por estar outra vez fraquejando.

Uma tarde, tomando coragem, ajoelhou-se perante a imagem da santa e se comprometeu a não se deixar cair na tentação de cometer mais um adultério.

— É uma promessa, Santa Clara — ela murmurou.

Assumido o compromisso, Allegra acendeu velas em intenção de Renaldo e Barretto, mesmo sem pretender voltar para eles. Depois disso, sentiu-se aliviada e forte o bastante para enfrentar o olhar magnético do capitão John Appleby. Mesmo assim, desejava que terminassem logo os reparos no navio.

Às vezes ela perguntava, timidamente, quando ele partiria de Marselha. Antes de responder, o americano mostrava um meio sorriso.

— Logo que for possível... Ainda tenho uns negócios para resolver aqui.

Allegra sabia que ele estava comprando porcelana das famosas fábricas que havia nas redondezas de Marselha. Nelas, hábeis artesãos produziam utensílios que eram verdadeiras obras de arte. Segundo disse o capitão, precisava atender à encomenda de um amigo, Acton Lewes, que queria equipar convenientemente a mansão que tinha em Boston.

— Acton é o filho mais novo do duque de Penryn. Foi para os Estados Unidos contratado por um amigo do pai, que tem negócios no Estado de Massachusetts. Massachusetts... Não é um nome engraçado esse que arranjam para um dos nossos Estados? É uma palavra de origem índia. Bem, o fato é que Acton se afeiçoou à terra e se mostrou um ótimo administrador. Conheci-o quando foi estudar química na Universidade de Harvard, da qual eu também era aluno.

O capitão não devia ter mais que trinta e cinco anos. Mesmo assim, falava no tom de quem sente saudade dos tempos de rapaz.

— Acton sempre se interessou muito por arte, e não só pelas obras em si, mas também pelo processo de criação e pelos materiais empregados. Bem que poderia ter se tornado um artesão, mas hoje é um

grande fazendeiro, preocupado com o aprimoramento de sementes. Acabou abrindo mão do título de nobreza e adotou a cidadania americana. Vai se casar no outono, com uma jovem que, sem dúvida, tem muita sorte.

Era surpreendente que o capitão estivesse falando daquele jeito, contando coisas pessoais. Enquanto o escutava, Allegra se sentia capturada, presa num círculo que a aproximava daquele homem maravilhoso.

— Você conhece a porcelana de Marselha? — ele perguntou.

Allegra balançou a cabeça.

— Estou sempre muito ocupada, *sir*.

— Sei... E não pensa em se casar outra vez? É uma mulher adorável e qualquer homem se sentiria honrado em ser seu marido.

A jovem sentiu um arrepio. Como era bom ser cortejada por aquele homem, que falava e agia com tanta gentileza! Ela sabia que não devia dar esperanças. Ainda assim, imaginava o que não seria ter o amor e a proteção de um homem que tinha a fama de prezar a honra e a justiça acima de tudo.

Allegra reprimiu aqueles pensamentos imprudentes e respondeu à pergunta do capitão:

— Não, eu não pretendo me casar outra vez. Meu casamento foi arranjado por... por conveniência, e isso não me incentiva a tentar uma nova experiência. Agora que estou viúva e tenho uma filha para cuidar, prefiro viver em liberdade.

— Sei... — repetiu o capitão. — Nunca acreditei em casamentos por conveniência, mas parece que, em todas as sociedades, eles são incentivados pelas famílias.

Em seguida, John Appleby tirou o boné de baixo do braço, pôs na cabeça e fez uma medida, antes de se afastar. Allegra ficou observando, meio confusa. Será que não estava exagerando na avaliação do interesse que o capitão demonstrava por ela? Talvez ele estivesse apenas sendo cortês e a procurasse mais interessado em comprar tortas. O inexplicável era aquele pensamento deixá-la aborrecida.

Na próxima vez em que ela foi ao cais, o capitão Appleby estava ausente. No dia anterior, Odile já dissera que não o tinha visto. À tarde, em sua visita diária à igreja do padre Aristide, Allegra pediu a Deus que a ajudasse a parar de pensar em John Appleby.

Alguns dias mais tarde, ela estava no cais não muito longe do *Liberdade Risonha*, quando reparou na aproximação do capitão. Ele vinha do lado da cidade, numa belíssima carruagem aberta, acompanhado por outro cavaleiro e por duas damas. Galantemente, ajudou as damas a descerem do veículo e, pelo menos aos olhos de Allegra, demorou-se um pouco além do necessário segurando a mão de uma delas.

Em seguida, os quatro, todos elegantemente vestidos, embarcaram numa canoa e seguiram para o *Liberdade Risonha*. Allegra ouvia apenas os ecos das vozes e dos risos deles. Quinze minutos mais tarde, mal conseguia prestar atenção no que pediam os fregueses, concentrada que estava em observar o navio.

Não demorou para que o capitão aparecesse no convés, ao lado da

mulher com quem certamente estava flertando. De onde estava Allegra não podia ver muito bem, mas não tinha dúvidas de que a mulher olhava embevecida para o capitão.

Não podendo mais suportar aquilo, ela se esforçou para vender rapidamente o resto do sortimento de tortas e saiu empurrando o carrinho ladeira acima. Em casa, tomou a filha do colo de Odile e abraçou-a com força. Odile sabia que por trás daquela melancolia da amiga estava o capitão John Appleby.

— Como está quente! — comentou Allegra, sentando-se para descansar.

— Também acho. Por isso, você não vai recusar o sorvete que eu fiz. Tem pedaços de morango e está uma delícia.

— Sorvete? Então você saiu nesse sol para comprar gelo e teve um trabalho enorme só para fazer sorvete para nós duas!

Odile não deu importância à repreensão.

— Juntei um pouco de caramelo líquido e algumas amêndoas. *Formidable!* Mas não adianta ficar com água na boca porque só vamos tomar o sorvete depois do jantar. Também não precisa se aborrecer, porque fiz uma limonada gelada que você pode tomar agora.

Allegra sorveu o líquido gelado e aquilo teve o poder de acalmar a irritação provocada pela situação em que ela vira o capitão.

— Você é tão bondosa comigo, Odile... e eu atrapalhei tanto a sua vida.

Outra vez com Allegrina no colo, Odile fez uma careta.

— Não diga bobagens, menina! Gosto de me sentir útil outra vez. Agora, vou dar comida a esta esfomeada e fazê-la dormir. Quanto a você, *ma chérie*, precisa descansar. Mais tarde, quero, que me ajude a receber o charmoso capitão Appleby para o jantar.

Allegra engasgou com a limonada ao ouvir aquilo.

— Mas... você devia ter me avisado!

Odile fingiu uma expressão de inocência.

— Sabia que ele estava querendo ser convidado e apenas lhe fiz a vontade. É um homem, *petite*, merecedor de confiança, o que não se pode dizer de muita gente. Procure ser gentil com ele e recebê-lo com cortesia. Agora vá descansar.

Não adiantaria discutir e Allegra seguiu para o sótão, mordendo-se de raiva. Resolveu que não se faria bonita para o capitão e pôs um vestido violeta de algodão que Odile havia costurado. Era uma cor que as viúvas costumavam usar logo que passava o período de luto. Além disso, o vestido era leve e próprio para a época de calor.

Num impulso, ela pegou na caixa de Byron o colar de ouro e conta de coral e o pôs no pescoço. A mecha de cabelo do poeta continuava ali e Allegra a tocou com a ponta dos dedos, sentindo um arrepio. Aquela mecha seria um talismã que não a deixaria fraquejar perante a envolvente presença do capitão John Appleby.

Quando desceu, o convidado já havia chegado. Confortavelmente instalado numa poltrona perto da janela, ele saboreava um aperitivo avermelhado oferecido por Odile. Galantemente, o americano se ergueu e beijou a mão de Allegra. Mesmo não querendo parecer descortês, ela não

deixou a mão entre as dele além do tempo absolutamente necessário.

Pouco mais tarde, Odile saiu da cozinha carregando uma terrina florida que pôs sobre a mesa, já forrada por uma toalha de linho branca. Na mesa, estava arrumada a louça que Odile guardava para ocasiões especiais.

Sentindo o cheiro bom da comida, o capitão deixou escapar uma exclamação e fez uma expressão aprovadora.

— Será que mereço tanta sorte? — ele perguntou, olhando o rosto risonho de Odile. — Estou na companhia de duas adoráveis damas e ainda participarei de um delicioso jantar.

Enquanto falava, ele enfiou a mão num dos bolsos da comprida casaca e tirou dois pequenos volumes embrulhados em papel de seda.

— Mas não vim de mãos abanando — disse John Appleby, entregando um dos embrulhos a Odile e o outro a Allegra.

Rindo muito, Odile abriu o presente e pôs os olhos num gracioso enfeite de porcelana, em forma de sapatilha, decorado por florzinhas de ouro. Allegra sorriu ao ver o contentamento da amiga.

— Não vai abrir o seu, *petite*? — perguntou a francesa, curiosa.

Devagar, Allegra foi abrindo o pacote e segurou a estatueta de uma figura feminina com um manto branco nos ombros e um véu emoldurando a doce expressão do rosto. No pescoço da estatueta havia um delicado cordão de ouro.

Allegra prendeu a respiração. Evidentemente aquela era uma imagem de Santa Clara! Sem saber o que dizer, ela olhou nos olhos do capitão, que a observava com interesse.

— Espero que tenha gostado, *ma'am* — ele falou, sorrindo. — Lembrei-me de você logo que vi essa imagem. Havia muitas outras coisas interessantes, lá onde comprei mas quando vi essa não tive dúvidas. Achei que deveria pertencer a você.

Procurando controlar a emoção de que se via presa, Allegra se perguntava por que ele havia escolhido aquele presente. Não tinha revelado a devoção que tinha por Santa Clara e evidentemente John Appleby não era católico. Será que a própria santa estava querendo mandar uma mensagem?

— Gostei muito do presente, *sir* — Allegra conseguiu dizer.

— Isso me deixa contente. Às vezes, penso que não estou agindo corretamente no sentido de conquistar a sua amizade.

Havia um duplo sentido naquelas palavras e Allegra ficou encabulada.

"Santa Clara está querendo me lembrar a promessa que fiz", ela pensou.

Como o capitão havia previsto, o jantar estava uma delícia. A conversa se concentrou nele e na curiosa dona da casa, que queria saber tudo sobre os Estados Unidos. O americano não se fez de rogado e falou demoradamente sobre o Novo Mundo. Era um homem culto, mas sem afetação, bem diferente dos que Allegra conhecera na casa do pai ou na Ca' d'Argenti.

John contou também interessantes histórias sobre os nativos de seu país, os índios. Aquele assunto mudou por completo o estado de ânimo de

Allegra. Ela até se via na nova terra, no meio de um povo que, com determinação e segurança, dava os primeiros passos em busca do seu destino, após haver conquistado a independência.

— Somos livres — proclamava o capitão, orgulhoso. — A liberdade é o princípio fundamental da nossa Constituição e, se Deus quiser, um dia poremos um fim na escravidão. Não acho que o ser humano tenha o direito de escravizar um semelhante. As leis que garantem esse direito são retrógradas e... idiotas!

Terminado o discurso, ele pôs os olhos em Allegra, que ouvia atentamente. Mais que emocionante, era delicioso ouvi-lo defender os direitos humanos com tanta convicção e ardor. Desde a experiência que tivera com Abou Besim, ela se preocupava com o que podia estar acontecendo fora do pequeno mundo em que vivia. Até sentiu vontade de participar da conversa, de incentivar o capitão a falar mais sobre aquele jovem país que prezava a liberdade acima de tudo.

À sobremesa, John Appleby elogiou muito o sorvete preparado por Odile e pediu para repetir. A boa mulher mal cabia em si de contentamento. Após tomá-lo, sem dar atenção aos protestos de Odile, o capitão ajudou as duas a tirar a mesa. Depois, tirou do bolso um comprido cachimbo, que ajeitou entre os dentes.

— Posso fumar, senhoras? Comprei este cachimbo na Holanda e gosto muito dele.

Minutos mais tarde, sentado na mesma poltrona de antes e fazendo sair do cachimbo uma perfumada fumaça, John era a própria imagem do homem satisfeito. Allegra pensava num jeito de se desculpar e retirar-se para o sótão. A presença daquele homem já havia produzido sensações deliciosas demais nos nervos dela.

Nesse momento, Odile apareceu na sala com uma cesta pendurada no braço.

— Madame Lefèbvre, minha boa amiga, está adoentada e vou levar um pouco de sorvete para ela — falou a velhota, dirigindo-se ao visitante. — Não é muito longe e logo estarei de volta. Enquanto isso, Francesca ficará conversando com o senhor.

— Não — apressou-se em dizer Allegra. — Você deve estar cansada e eu irei em seu lugar.

Em vão ela tentou tomar a cesta de Odile, que a olhou com determinação e logo saiu, fechando a porta.

— Está aí uma pessoa que sabe o que quer — comentou o capitão, quando os dois ficaram a sós. — Além disso, e em seu jeito simples, é uma mulher muito fina.

Allegra sentou-se numa cadeira perto da mesa e pediu que ele falasse mais sobre os Estados Unidos. O capitão respondia falando rapidamente e em poucas palavras, como se quisesse tratar de outro assunto. A certa altura, os olhos dele passaram a brilhar com tanta intensidade que Allegra conteve a nova pergunta que tinha para fazer.

No instante seguinte, John Appleby se ergueu e, em poucos passos, chegou perto de onde ela estava, apoiando em seguida um dos joelhos no chão. Espantada, Allegra não sabia como reagir, mas não retirou a mão que ele segurou, num gesto de carinho e proteção.

— Francesca... suplico que me escute.

Allegra se mantinha estática, hipnotizada por aquele olhar magnético.

— Gostaria de cortejá-la durante um longo período, mas a urgência me obriga a falar tudo agora. Partirei para Boston dentro de uma semana e... Eu amo você... Nunca me casei porque não encontrei uma mulher que despertasse em mim o desejo de partilhar uma vida. Tenho tido uma boa vida, é verdade, mas agora quero ter um lar, uma mulher, filhos. E quero tomar conta de você, Francesca. Adotarei sua filhinha e a amarei como se fosse minha. Darei a você uma boa vida, meu amor. Por favor, Francesca, confie em mim.

Apesar da evidente sinceridade daquelas palavras, Allegra estava em dúvida. Será que aquele homem era realmente merecedor de confiança? O capitão inclinou a cabeça e, encostando os lábios na mão dela, beijou-a várias vezes, com muita ternura. Depois, quando ele ergueu outra vez a cabeça, Allegra viu muita honestidade naqueles olhos azuis. Sim, ele merecia confiança.

John Appleby retomou a palavra, sempre falando de esperança e amor:

— Sei que você passou por muitos sofrimentos, minha querida, mas farei com que esqueça tudo.

Allegra se lembrou de ter ouvido uma promessa parecida com aquela e sentiu um aperto no coração.

— Mas não vou pressioná-la — prometeu o americano. — Só contará do seu passado o que quiser. Minha vida nunca será completa se você não estiver ao meu lado, Francesca. Sua doçura encheu o meu coração de amor desde o primeiro momento em que olhei nos seus lindos olhos. Peço que aceite ser minha esposa.

O rosto dele estava muito perto e Allegra quase cedeu à tentação de beijá-lo. No entanto, a razão mandava resistir aos impulsos do coração. Se ao menos não houvesse na sua memória o eco de tantas vozes... os gritos de Barretto, o choro de Renaldo e, acima de tudo, a voz envolvente do homem que a fizera nascer para o amor: Byron.

Com os olhos cheios de lágrimas, ela cobriu o rosto com as mãos. John tentou abraçá-la, murmurando palavras doces, mas foi mantido a distância por um gesto firme de recusa.

Quando a jovem descobriu o rosto e ergueu a cabeça, depois de um longo minuto de silêncio, o capitão estava outra vez de pé. Havia tanta pena, doçura e amor nos olhos dele que Allegra desejou cair naqueles braços protetores, mas outra vez resistiu. Tinha feito uma promessa a Santa Clara e não podia aceitar o amor que ele oferecia com tanta generosidade.

John Appleby estendeu a mão e ajudou-a a se erguer. Allegra queria dizer alguma coisa, mas não tinha palavras. Percebendo o desconforto da jovem, ele se apressou em tranquilizá-la:

— Não se aflija, Francesca, que eu compreendo perfeitamente. Pelo que via nos seus olhos, achei que era correspondido no meu amor. Para ser franco... ainda acho que não estava inteiramente errado. Por favor, pense bem no que acabei de lhe falar. O *Liberdade Risonha* partirá daqui a

sete dias. Não a perturbarei mais, mas ficarei esperando por uma resposta. Quero ficar sabendo da sua decisão, mesmo que ela não me seja favorável. De uma forma ou de outra, minha doce senhora, quero que saiba que sempre terá em mim um servo. Sempre que precisar de alguma coisa, estarei ao seu dispor.

Em seguida ele beijou a mão da jovem, pegou o chapéu e, fazendo uma reverência, encaminhou-se à porta. Já segurando a maçaneta, o capitão se voltou para um último pedido.

— Por favor, diga a Mme. Berrier que muito poucas vezes eu participei de um jantar tão delicioso e agradável como o desta noite.

Por um breve momento, eles ficaram se olhando fixamente.

— Eu... sinto muito — murmurou Allegra.

O capitão fez uma expressão que era um misto de desagrado e frustração. Foi uma das raras vezes em que ela o viu inteiramente sério. Em seguida ele partiu.

Allegra deixou-se ficar na cadeira, imóvel. Um cheiro bom de tabaco ainda enchia a sala e era como se permanecesse a vitalidade daquele americano. Ela não sabia o que fazer. Sentia um vazio na mente, o que a impedia de entender claramente o que estava acontecendo.

As coisas não melhoraram quando Odile voltou. Entrando na sala como um furacão, a francesa jogou a cesta vazia num canto e lançou a Allegra um olhar de curiosidade. Ao ver a desolação da jovem, mudou por completo a expressão do rosto.

— Deus do céu! Você o mandou embora? Mas por quê? Eu esperava que...

— Esperava o quê, Odile? Como podia esperar alguma coisa? Eu sou uma mulher casada.

— Tolice! Aquilo não foi casamento, Allegra, porque estupro não é casamento. Duvido que a própria Virgem Santíssima, em sua infinita bondade, dissesse que Barretto di Rienzi algum dia tenha agido como deve agir um marido de verdade. Ele apenas a usou, Allegra, e isso é coisa do passado. Agora você tem a chance de partilhar a vida com um homem de verdade. Eu colocaria a mão no fogo pelo capitão John Appleby, porque ele merece confiança... E que homem, meu Deus!

As lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Allegra.

— E não adianta chorar — falou Odile, severa. — Quando você chegou aqui, fiquei contente ao constatar que, finalmente, a minha pequena Allegra havia resolvido fazer alguma coisa por si mesma. Pelo menos, teve a coragem de fugir do velho e sádico Di Rienzi. Não pense que a culpo por ter se casado com ele. Você tinha de fazer alguma coisa para ajudar seu pai, mesmo submetendo-se àquele...

Odile parou de falar e franziu a testa, coçando a cabeça.

— O homem com quem você teve um caso, *chérie*... Acho que ele não era uma pessoa comum. Estou certa?

Allegra não esperava uma pergunta como aquela e apenas balançou afirmativamente a cabeça.

— Foi o que pensei — continuou Odile. — Nunca perguntei a identidade do seu ex-amante, mas tirei algumas conclusões após observar os traços de Allegrina. Se ele é quem estou pensando, não há dúvida de

que você achou que valeu a pena.

Durante algum tempo, Odile permaneceu em silêncio. Sabia o que tinha a dizer, mas queria encontrar as palavras certas.

— Você foi capaz de se afastar do pequeno Renaldo... — falou a francesa, impedindo com um gesto que Allegra externasse um protesto. — Eu sei, eu sei. Foi melhor para ele permanecer lá, onde herdará a fortuna e o título de nobreza do pai. Só que tudo isso já passou...

De pé no centro da sala, Odile fez um gesto largo com o braço, indicando o que as cercava.

— Você tem de olhar para o que tem agora, minha pequena. Eu sou uma mulher velha. Tinha planejado ir morar com duas amigas de infância, as irmãs Marie e Emma Christophe, na fazenda que elas possuem em Aries. Lá eu trabalharia enquanto fosse capaz e morreria em paz. Seríamos três mulheres velhas, talvez rabugentas, mas nos entenderíamos perfeitamente.

Allegra ficou com sentimento de culpa por ter atrapalhado os planos da amiga, mas Odile a tranqüilizou:

— O que fiz por você não foi muito, Allegra. Teria feito dez vezes mais, se fosse necessário. Apenas lhe dei abrigo num momento difícil. Mas você não pode passar os melhores anos da sua juventude vendendo tortas a marinheiros famintos. Certamente não foi esse o destino que Deus lhe traçou. Precisa ter um homem... alguém que lhe dê carinho e ajude a criar sua filha, que lhe dê uma família. Agora você tem um novo nome... Francesca. John Appleby pode fazê-la feliz, minha filha, e você pode fazê-lo feliz. Ir para o Novo Mundo poderia ser um bom começo... Ninguém por lá saberia de nada.

— Mas Deus saberia — ponderou Allegra.

Odile jogou a cabeça para trás e soltou uma risada.

— É claro que Deus saberia! Use a cabeça, menina. Você é devota de Santa Clara e sabe que ela foi uma mulher que amou muito. Acha que a condenaria por amar o homem que Deus pôs no seu caminho para lhe ensinar o que é o amor? Agora, responda: não acha que o bom Deus lhe mandou o homem perfeito para as suas necessidades?

Allegra fez um gesto de desespero.

— Por favor, Odile... por favor! Eu já cometi o adultério e não posso acrescentar a bigamia à lista dos meus pecados.

— Pecados! E quem pode dizer o que é ou não pecado? Por acaso a insignificante figura de um bispo? O que ele pode saber sobre a dolorosa vida de uma mulher enredada na lei dos homens? Conheço você desde quando era uma garotinha e sei o quanto é doce e bondosa. Entregue os seus pecados à Virgem Santíssima. Ela saberá compreender.

— Estou confusa demais... Só sei que fiz uma promessa a Santa Clara e devo cumprir. Não poderia me tornar esposa de John Appleby, a não ser apenas no nome, o que não seria justo para com ele.

— Pois sim. Ele está apaixonado, menina, e aceitaria qualquer condição. Além disso... acho que você também está muito perto de se apaixonar por ele.

Allegra pôs-se de pé. Não podia ficar escutando os persuasivos argumentos de Odile.

— Vou cuidar de Allegrina.

Enquanto alimentava a filha, Allegra ouvia martelarem na cabeça as palavras de Odile. Mais tarde, recolhendo-se ao sótão, levou consigo a estatueta presenteada por John.

CAPÍTULO XVI

Por três dias seguidos Allegra se recusou a ir às docas.

— Esperarei até que ele tenha partido — ela dizia a uma exasperada Odile.

Todos os dias, logo que acordava, Allegra olhava em direção ao porto e via o *Liberdade Risonha* placidamente ancorado. O capitão continuava esperando. Horas mais tarde, Odile voltava para casa com o carrinho vazio, sem dizer nada, e ela não tinha coragem para fazer perguntas.

À tarde, Allegra ficava na igreja mais tempo que o de costume. Enquanto Allegrina dormia na cesta ou engatinhava pelo chão de pedra, ela rezava aos pés de Santa Clara. Pedia que lhe desse forças para afastar da mente a imagem do homem que, cheio de esperanças, aguardava uma resposta. Talvez a santa estivesse ocupada demais com os pedidos de outros devotos, porque não estava ajudando muito. Allegra simplesmente não conseguia parar de pensar em John Appleby.

Depois das preces, ela sempre acendia velas por Renaldo, Barretto, Gina, Odile, Byron, Teresa, Abou Besim, pelo pai e pelas irmãs. Por John, apenas murmurava um pedido:

— Faça-o feliz.

Na manhã do quarto dia Odile foi acordá-la com uma xícara de café quente e um pedido.

— Gostaria que você levasse o carrinho ao cais hoje, *petite*. Estou cansada e... o capitão já se fez ao mar.

Allegra correu para a janela. Como de costume, havia muitos navios ancorados no porto, com suas velas arriadas, mas o *Liberdade Risonha* já não estava entre eles.

Meia hora mais tarde, sem ter dito uma só palavra até então, Allegra amarrou um lenço na cabeça, pronta para sair.

— Deixe a menina — falou Odile, em tom gentil. — Tomarei conta dela.

Enquanto descia a ladeira, Allegra sentia uma espécie de peso, uma dor no coração. No cais, alguns estivadores perguntaram se estava bem de saúde. Tinham sentido a falta da bonita vendedora de tortas. Queriam também saber de Allegrina.

Toda aquela solidariedade enterneceu o coração de Allegra. Ela sorriu e conversou com os homens. Às vezes, voltava os olhos para o mar na esperança de ver ali a figura feminina esculpida na proa do *Liberdade Risonha*.

Só que o capitão não estava mais ali. Havia prometido esperar uma semana, mas partira antes de vencer o prazo. O pior é que se apresentara como um homem digno de confiança.

Allegra sabia que não estava sendo justa. Afinal de contas, se esperasse uma semana inteira, provavelmente o americano não receberia resposta. Talvez ela estivesse esperando que ele voltasse a procurá-la. Só que John Appleby tinha amor-próprio e não se sujeitaria a repetir um pedido já feito.

As horas foram passando e, já perto do meio-dia, o movimento no

porto diminuiu. Os estivadores descansavam, depois de horas de trabalho intenso sob um sol inclemente. Allegra tinha apenas três pedaços de torta para vender e resolveu voltar para casa. Já se preparava para partir quando um homem se aproximou do carrinho. Erguendo a cabeça para atender o freguês retardatário, a jovem deu com Luciano Antonino, que sorria com sarcasmo.

— *Buon giorno, contessa* — ele saudou, pronunciando pausadamente as palavras. — Finalmente, voltamos a nos encontrar.

Em desespero, Allegra tentou se fazer passar por francesa.

— Deve estar enganado, *monsieur*.

— Você não me engana, Allegra! Não pense que me esqueceria assim tão depressa. E pensar que a encontraria fingindo ser uma vendedora de tortas, empurrando um carrinho... Meu Deus! Mas que decadência, freirinha! Mas... aposto que não é só tortas que você anda vendendo. Fale a verdade. Quanto está cobrando por uma noite de amor?

Todo o corpo de Allegra tremia. Luciano fingia uma expressão de pena, mas nos olhos dele só havia raiva e ódio.

— Não tem nada a dizer, condessa?

Sem saber o que fazer, Allegra achou que deveria continuar fingindo que não o conhecia.

— Não! O senhor está me confundindo com outra pessoa. Por favor, saia do meu caminho que preciso ir embora.

— Calminha. Deve estar sabendo, sua idiotazinha, que Barretto di Rienzi jurou encontrá-la. Ele a fará pagar muito caro pela ofensa que fez. Você lamentará o dia em que nasceu. O conde a dobrará, condessa, na forma como sabe fazer tão bem, até que você diga apenas sim a tudo o que ele mandar. Não há dúvida de que Barretto di Rienzi sentirá um enorme prazer em tratá-la como um animal. A propósito, o que aconteceu com a sua cria?

Allegra procurou não escutar, pensando numa forma de escapar dali. Tentou pôr o carrinho em movimento, mas Luciano obstruiu o caminho. Para onde ela poderia ir? Não para a casa de Odile...

— Mas existe uma alternativa, *madonna* Allegra — continuou Luciano, apertando os olhos e torcendo a boca num meio sorriso. — Não preciso revelar ao conde que sei do seu paradeiro, como, já lhe disse quando estávamos numa certa casa de fazenda perto de Ravena... mas o preço é você. Terá de ir comigo para Roma e ser minha mulher. Tenho amigos lá que tomarão conta de você enquanto eu estiver ausente... a serviço do seu nobre marido. Sua vida me pertencerá e sua única preocupação será me proporcionar prazer e conforto. Será também uma maravilhosa vingança contra o velho Di Rienzi, porque o dinheiro dele nos sustentará!

Dizendo isso, ele soltou uma gargalhada que a deixou ainda mais assustada. Em seguida, Luciano passou a falar com voz baixa e rouca:

— Se você se comportar direitinho, Allegra, eu lhe ensinarei coisas que nem pode imaginar, os prazeres mais deliciosos. Viverá com conforto, não no meio de marinheiros e estivadores.

Chegando bem perto dela, Luciano prendeu-a pela cintura e, com uma das mãos, obrigou-a a erguer a cabeça. Allegra quis gritar por

socorro, mas, no mesmo instante, teve a boca tapada pela mão do agressor.

— Fique quieta! Posso dizer às pessoas que vim a mando do conde...

Nesse momento, a mão forte de um estivador segurou-o pelo braço e jogou-o de lado como se fosse um saco de batatas.

— Esse homem a está molestando, madame? — perguntou Pierre Dalquoit, um velho amigo de Odile.

Outros homens se aproximaram olhando feio para o italiano.

Percebendo a situação desfavorável em que se encontrava, Luciano tentou escapar, mas foi imediatamente agarrado.

— Ele me ameaçou! — acusou Allegra, com a voz trêmula. — Não conheço esse homem e não quero nada com ele!

— Ora, ora... — falou Pierre, balançando a cabeça e lançando um olhar significativo aos companheiros. — Mas não se preocupe, madame. Nós resolveremos o problema.

— Vocês vão se arrepender — esperneou Luciano, fortemente preso pelos braços. — Eu sou um cavalheiro... Essa mulher é uma adúltera fujona! Vocês não podem...

O protesto foi interrompido por um potente soco no estômago. Allegra sentiu as pernas bambas e pensou que ia desmaiar. Solícito, Pierre segurou-a pelo braço e levou-a para alguns passos longe da cena.

— Procure se acalmar, madame — ele aconselhou, chamando em seguida dois dos companheiros. — Claude, André, acompanhem a Sra. Gardoni até em casa.

Allegra sentiu pena de Luciano, que a essa altura estava com as roupas elegantes manchadas em várias partes pela lama do cais.

— O que vão fazer com ele?

— Esse homem pretendia lhe fazer algum mal, não é verdade? — interrogou Pierre, e ela confirmou com um gesto de cabeça. — Então, cara senhora, o assunto agora é conosco. Não tenha medo que ele não vai perturbá-la outra vez.

— Vocês... não vão matá-lo, não é?

Pierre deixou escapar uma risadinha e olhou para os outros homens, que também riram.

— É claro que não. Apenas vamos... aplicar nele um corretivo, para que, de hoje em diante, pense um pouco antes de atacar uma senhora. Depois disso, talvez ele até queira... fazer uma viagem para o Marrocos. O que acham, amigos?

A aprovação dos estivadores foi geral.

— O barco do velho Ben Hassan partirá hoje e está precisando de ajudantes — lembrou um deles, chutando em seguida o traseiro de Luciano. — Vamos alistar o italiano!

Allegra ainda quis interceder, mas a sentença já estava decretada. André e Claude a seguraram pelo braço e praticamente a carregaram em direção à casa de Odile. Um terceiro ia atrás deles, empurrando o carrinho.

Odile abriu a porta com uma expressão de espanto.

— O que aconteceu, *chérie*? Meu Deus, como você está pálida! Os

estivadores se despediram, repetindo que não havia motivos para preocupação. Allegra agradeceu e entrou.

— Mas o que houve, minha filha? — insistiu Odile. Allegra respirou fundo e se sentiu cheia de coragem. Agora, tinha certeza de que Luciano e Barretto não venceriam. Em poucas palavras ela pôs a amiga a par do que havia acontecido. Odile, porém, não estava assim tão calma.

— Mas esse homem deve ter trazido outros com ele... agentes do seu marido. Você precisa fugir daqui, Allegra! Arrumaremos tudo esta noite e você partirá amanhã... Mas para onde? Se ao menos o capitão ainda não houvesse partido! Aquele, sim, poderia lhe dar segurança. Você deveria ter aceitado a oferta, porque ele a ama. Foi como um presente de Deus, que você, simplesmente... recusou.

Allegra deixou-se cair pesadamente na poltrona da sala.

— Não vamos mais falar nisso. O que está feito não pode ser mudado. Agora, preciso pensar.

Na mente dela formou-se a imagem do capitão John Appleby, de pé na proa do *Liberdade Risonha*, que cortava as águas de um mar sereno.

— Existe um convento nas montanhas perto de Nimes — falou Odile, chamando-a de volta à realidade. — Conheço algumas das freiras de lá, que fizeram o curso primário junto comigo. Vou lhe dar uma carta de apresentação. A madre superiora é uma mulher bondosa e certamente acolherá você e Allegrina durante algum tempo. Depois, entrarei em contato com as minhas boas amigas de Aries... Você poderá trabalhar na fazenda e estou certa de que gostará delas, *chérie*. Além disso, só nos resta rezar para que os homens de Barretto não a encontrem. Talvez seja bom você e Allegrina mudarem de nome... usando desta vez nomes franceses. O seu francês está quase perfeito, o que ajudará muito. E agora vamos arrumar tudo.

Naquela noite, Allegra foi para a cama com um estado de ânimo diferente, dominada por uma sensação de derrota.

"Talvez seja melhor eu entrar para o convento", ela pensava. "Acho até que deveria ter permanecido no convento de Santa Clara, anos atrás..."

No dia seguinte, bem cedo, Allegra foi acordada por sons vindos do andar térreo. Vestindo-se rapidamente, ela deixou a filha adormecida e desceu. Na cozinha, reparou sobre a mesa xícaras recentemente usadas.

— Pierre e Claude estiveram aqui — informou Odile. — Disseram que o italiano está a caminho do Marrocos... onde será vendido no mercado de escravos. Se quer saber, acho um castigo mais do que justo, porque os meus amigos descobriram que o italiano pretendia fazer o mesmo com você.

Enquanto falava, Odile foi pondo sobre a mesa uma reforçada refeição matinal.

— Você precisa se alimentar bem para suportar o que tem pela frente. Os homens me prometeram que ficarão em silêncio. É como se não houvessem visto nada, e portanto não se lembrarão de nada.

Allegra segurou a mão da amiga e beijou-a várias vezes.

— Oh, minha querida Odile... O que seria de mim sem você?

— Eu bem que gostaria que tudo fosse diferente, *petite*, mas verá

que as coisas acabarão se ajeitando. Já pedi por você numa oração especial a Santa Marta... Ela veio ter no litoral desta região juntamente com o beato José de Arimatéia, fugindo dos romanos. Mas... estou perdendo tempo!

Apressada, Odile foi até a sala e voltou com uma folha de papel, onde já havia desenhado um mapa. Minutos mais tarde, ela explicava o caminho para o convento quando foi interrompida por leves batidas na porta da rua. Passado o primeiro momento de apreensão, as duas concluíram que não podia haver perigo e se levantaram para atender.

De pé na porta estava um menino de cerca de doze anos. Vestindo um elegante casacão azul-marinho e calças muito brancas, ele segurava um buquê de flores numa das mãos.

— Bom dia, *ma'am!* — saudou o recém-chegado, com sua voz de adolescente e mostrando um largo sorriso. — Estou falando com Mme. Berrier e Mme. Gardoni?

Espantadas, Odile e Allegra responderam afirmativamente, apenas balançando a cabeça. O garoto ficou sério e estufou o peito, antes de se apresentar:

— Sou Nathaniel Thompson, do navio *Liberdade Risonha*, e estou aqui para trazer os cumprimentos do capitão Appleby.

Odile e Allegra se entreolharam, boquiabertas. O juvenzinho falava um francês perfeito, mas com um carregado sotaque americano. Parecia preocupado em transmitir corretamente a mensagem de que era portador.

— O capitão manda dizer que estará aqui dentro de uma hora, a menos que as senhoras declarem que ele não deve vir.

Dado o recado, os olhos do menino se fixaram, brilhando muito, num prato de doces que havia sobre a mesa da sala. Logo, porém, deu-se conta de que ainda não havia cumprido a missão e entregou as flores a Allegra.

— São para a senhora, *ma'am*.

Odile apressou-se em convidá-lo a entrar e ofereceu o prato de doces.

— Agora sente-se, Nathaniel, e coma. Logo você terá uma resposta para levar ao seu capitão.

Enquanto o garoto se entregava à deliciosa tarefa de consumir os doces, Odile segurou no braço de Allegra e levou-a para a cozinha.

— Santa Marta ouviu minha prece! — cochichou a velhota. — Prometi que custearia a internação de uma órfã no convento se ela trouxesse de volta o capitão! Você precisa ver, *chérie*, que está recebendo um verdadeiro presente dos céus. Ele a ama e tomará conta de você e de sua filha. Não pode querer nada melhor do que isso, minha filha!

"Não pode ser verdade!", duvidou Allegra, olhando o buquê que tinha nas mãos.

No entanto, aquelas flores provavam que John Appleby estava outra vez por perto, pronto para protegê-la. Incapaz de definir o que estava sentindo, a confusa Allegra não sabia também que atitude tomar.

Alguém mais bateu à porta e Odile foi atender. Pierre Dalquoit rodava o boné nas mãos, com a preocupação estampada no rosto.

— O que houve, amigo? — perguntou a dona da casa.

— Há mais gente procurando por Mme. Gardoni — informou o estivador. — São pelo menos outros dois italianos.

Odile não pensou mais que um segundo antes de se voltar para Nathaniel, que naquele momento enfiava na boca o último pedaço de rocambole.

— Vá dizer ao seu capitão para vir imediatamente — ela instruiu, só então se lembrando de olhar para Allegra. — Você... concorda?

A jovem não via alternativa e balançou afirmativamente a cabeça. Odile deixou escapar um suspiro de alívio.

— Muito bem! Então, Nathaniel, vá buscar o capitão Appleby.

O garoto se pôs de pé e ajeitou as abas do casaco, fazendo depois uma reverência. Já se preparava para apresentar as despedidas, com toda cerimônia, quando levou uma palmada no traseiro.

— Chispe daqui, menino! — bradou Odile.

Pierre abriu passagem para Nathaniel, que passou como um raio, e entrou, sorrindo para Allegra.

— Os italianos andaram fazendo perguntas pelo cais, mas ninguém vai falar nada. De qualquer forma, madame, acho prudente a senhora partir, e logo.

— O capitão Appleby acaba de voltar, Pierre — falou Odile, indicando uma cadeira ao amigo. — Ele pediu a nossa Francesca em casamento e vai levá-la para os Estados Unidos. Lá ela estará em segurança e poderá começar uma nova vida.

O enorme estivador bateu palmas e abriu um largo sorriso, numa expressão de genuína alegria.

— Ora, viva! Eu bem que disse ao pessoal que o capitão Appleby é um homem honrado e de bons propósitos. Não há dúvida de que será feliz com ele, doce senhora. Bem, vou dar a notícia aos outros. Na certa, todos vão querer se despedir. É... aquilo é que é uma beleza de navio...

Pierre saiu, apressado, e Allegra sentiu as pernas trêmulas.

— Odile... Odile! — ela falou, apoiando-se no braço da amiga. — Veja só o que você fez!

— Fiz apenas o que devia ser feito — ponderou a outra, calmamente. — Você teria coragem de dizer, olhando nos meus olhos, que não quer ir com ele?

— Mas... e a minha promessa? Você sabe que...

— O que eu sei é que os próprios santos o trouxeram de volta. Case-se com ele, *ma chérie*. Será como se estivesse se casando pela primeira vez, e com um homem de verdade. Só assim poderei viver com tranquilidade o resto da minha velhice, porque saberei que você e Allegrina estarão em segurança e felizes. Confio plenamente em John Appleby.

Ouvindo novas batidas na porta, as duas se voltaram e puseram os olhos no rosto sorridente do capitão. Um calor gostoso inundou o peito de Allegra e ela teve certeza de que queria ir com ele. Não podia perdê-lo outra vez.

CAPITULO XVII

John Appleby atravessou a sala, abraçou Allegra e depositou nos lábios dela um beijo que era a promessa de um amor sincero.

Ela mal teve tempo para olhar outra vez a casa onde passara momentos tão agradáveis, especialmente o sótão. Meia hora mais tarde, o grupo descia a ladeira em direção ao porto. John ia na frente, levando nos braços a assustada Allegrina. Atrás dele, um numeroso grupo de estivadores disputavam a honra de carregar a reduzida bagagem de Allegra. Mal cabendo em si de contentamento, Odile levava uma cesta cheia de guloseimas com que pretendia presentear os homens do *Liberdade Risonha*.

A essa altura, já não havia tempo para dúvidas ou ponderações. Era como se Allegra estivesse sendo levada num turbilhão. Mesmo assim, não havia dúvidas de que seguia o caminho certo.

No cais, Pierre esperava por ela com um buquê de rosas na mão, à frente de um numeroso grupo de estivadores. Aqueles rostos duros estavam iluminados por sorrisos e Allegra beijou cada um deles, emocionada.

— Já não precisa se preocupar, madame — garantiu Pierre, tomando cuidado para que John não ouvisse. — Agora, tudo estará bem.

Depois de se despedir dos estivadores, Allegra parou para pensar se não havia esquecido nada, alguma coisa de Allegrina. Será que estava levando a caixa de Byron? Odile percebeu aquela preocupação e fez um gesto em direção a uma sacola já posta num dos dois botes que levariam o grupo até o navio.

— Está tudo ali, *petite*, inclusive aquela sua... preciosidade. Se quer saber, acho que ela ficaria bem melhor se fosse jogada no fundo dessa baía. Mas vamos logo, antes que o navio parta sem você.

Odile foi com eles até o navio. John levou as duas ao camarote que seria ocupado por Allegra e, depois de deixar Allegrina no berço que mandara pôr ali, discretamente se retirou para que as amigas se despedissem.

Allegra e Odile se abraçaram demoradamente.

— Seja feliz, minha pequena.

— Um dia você irá nos visitar, Odile. Insisto nisso. A boa Odile sorriu.

— Se Deus quiser. Quero que me escreva sempre, Allegra. Mandarei a você as cartas que chegarem de Gina. Um dia, o velho Di Rienzi morrerá e você não precisará ter nenhum peso na consciência. Mas... se é o amor que conta no casamento, não haverá um mais autêntico que o seu com John Appleby.

De volta ao convés, Allegra foi apresentada aos oficiais de bordo, muito garbosos em seus uniformes.

— Onde está o reverendo Jarret? — perguntou John.

— Está vindo para cá, juntamente com a esposa — respondeu *Mr. Nichols*, o imediato.

John percebeu a curiosidade de Allegra e apressou-se em explicar:

— O reverendo Jarret é um pastor protestante de Boston. Ele e a

mulher fizeram uma peregrinação pela Terra Santa e, agora, estão de volta aos Estados Unidos. Não são jovens, mas têm muita energia. Foi para recolhê-los que eu fui até Leghorn... e também para testar se o *Liberdade* estava em condições de cruzar o Atlântico. Afinal, o navio passou por muitos reparos. Espero que a minha curta ausência não tenha causado problemas.

Olhando por cima do ombro de Allegra, ele abriu um sorriso.

— Ah, aí estão eles! Senhor, *ma'am*...

Allegra girou o corpo e pôs os olhos num risonho casal de velhos. John fez a apresentação e sorriu para Allegra.

— Ele oficiará a cerimônia para nós, querida, e você terá a companhia da Sra. Jarret durante a viagem.

De imediato, Allegra gostou daquele simpático casal de velhinhos.

— Meu Deus! — exclamou Odile, levando as mãos à cabeça. — Mas o que é que ainda estou fazendo aqui? Preciso ir logo, ou vocês acabarão me levando para os Estados Unidos.

Carinhosamente, John Appleby abraçou a pequenina francesa e deu um beijo estalado na bochecha dela. Como não podia deixar de ser, Odile retribuiu o beijo.

— Cuide bem da minha pequena, capitão.

— Pode contar com isso — ele garantiu.

Depois de abraçar e beijar a protegida, Odile foi levada pelo capitão até o bote e se afastou em direção ao cais, acenando para o *Liberdade Risonha*.

— Ao mar, *Mr. Nichols*! — ordenou John, com evidente satisfação na voz.

O imediato transmitiu a ordem e ouviu-se o barulho da âncora sendo recolhida. Toda a tripulação se pôs em movimento e logo a enorme vela foi aberta no mastro central. Vagarosamente o navio foi se afastando do porto.

John ficou ao lado de Allegra, observando o trabalho da tripulação, até ser chamado por *Mr. Nichols* para rever o curso da viagem. Antes de atender ao chamado, ele beijou a mão da noiva e olhou-a bem nos olhos.

— Não vou demorar, meu bem. Não tenha medo que nunca mais ficará sozinha.

Numa confusão de alegria e expectativa, Allegra ficou olhando as colinas de Marselha que se afastavam. Finalmente, ela estava indo para longe do perigo.

Meia hora mais tarde, a Sra. Jarret acompanhou-a até o camarote, ansiosa por conhecer Allegrina. Aparentemente, a menina estava gostando do balanço do navio, porque dormia profundamente.

— Estamos contentes por causa da felicidade de John, querida — falou a americana, num francês de sotaque carregado. — Desde que nos apanhou em Leghorn, o capitão só fala nas suas qualidades e na sua beleza. Agora posso ver que ele não estava exagerando. É bom ver que, finalmente, o homem resolveu arranjar uma esposa, e estou certa de que fez uma boa escolha. Por favor, minha filha, chame-me de *Patience*. Afinal de contas, somos velhos amigos de John e vamos passar quase três meses juntos no navio dele.

A mulherzinha era uma boa conversadora e às vezes nem esperava pelas respostas de Allegra.

— Nem imagina quantas coisas ele comprou para você — ela disse, abrindo um armário no qual estavam pendurados vários vestidos.

A Sra. Jarret parecia particularmente interessada num magnífico casaco de pele.

— Vai precisar disto aqui, minha filha, porque às vezes faz muito frio em alto-mar. Bem... devo confessar que o ajudei a escolher as roupas, numa rápida passagem por Ravena. Mas não se preocupe que as roupas servirão em você. Aquela francesa, sua boa amiga, deu suas medidas a John.

Um dos vestidos era azul-claro e tinha graciosas aplicações brancas na gola, no peito e nas mangas.

— Este é o seu vestido de noiva — falou a americana, sorrindo. — Oh, minha filha! Espero que você seja tão feliz quanto eu tenho sido com o meu Adam.

Havia muitos outros presentes para ela naquele camarote. Abrindo as gavetas do armário, Allegra encontrou sapatos, roupas de baixo, camisolas, tudo de finíssima qualidade. John Appleby havia pensado em tudo... evidentemente com a conivência de Odile. O estranho era um homem oferecer tanto amor, agir com tanta generosidade, mesmo sem ter certeza de que seria correspondido.

Patience percebeu a preocupação da jovem e resolveu se retirar.

— Acho que falo demais, minha filha — ela se acusou, beijando o rosto de Allegra. — Adam estará pronto para casar vocês dois ao pôr-do-sol, de acordo com as instruções de John. Agora deve descansar e se fazer bonita para o homem que vai ser seu marido.

Uma vez sozinha, Allegra suspirou profundamente e deixou cair o corpo na pequena mas confortável cama. No convés, um andar acima de onde ela estava, os homens trabalhavam intensamente. A todo instante ouviam-se as ordens gritadas pelo imediato e pelos outros oficiais. No entanto, aquilo não a perturbava, porque dormir era a última coisa em que pensava.

"Se ao menos eu tivesse uma alma limpa como a da minha filha", ela pensou, olhando o rosto de Allegrina, que dormia no berço.

Será que Veneza era um lugar real, onde viviam Barretto e o filho dela? Como poderia ter forças para simplesmente apagar da memória tudo o que se passara naquela cidade? Talvez um dia fosse possível pensar que Byron era apenas fruto da imaginação.

Allegra suspirou novamente. Tudo estava arranjado para que ela se casasse naquela noite. Mas como podia...

Seria difícil prever a reação de John se ela se recusasse. Além disso, nenhuma pessoa, em sã consciência, entenderia uma recusa, porque o amor que ele estava oferecendo honraria qualquer mulher. Com os olhos cheios de lágrimas, Allegra procurou relaxar todos os músculos do corpo e afastar da mente qualquer pensamento.

— O sol já vai se pôr e está na hora de você se vestir, minha filha — falou a Sra. Jarret, entrando no camarote e reparando nos olhos avermelhados de Allegra. — Vou lhe arranjar um colírio. Agora, procure

não se preocupar com nada. Acho melhor levar sua filhinha para o nosso camarote. Fique tranqüila que eu darei a mamadeira e, mais tarde, o jovem Nathaniel tomará conta da menina.

A americana saiu levando Allegrina e, por um breve momento, Allegra pensou em mandar um recado a John dizendo que não podia se casar com ele. Pediria que apenas a levasse para os Estados Unidos, como uma passageira comum... Por outro lado, sempre que estava ao lado daquele homem ela se sentia em casa, como se estivesse ao pé da lareira numa noite fria de inverno.

— Não, eu não posso perdê-lo — ela murmurou para si mesma.

Devagar, Allegra foi enfiando o corpo no vestido azul-claro.

Patience estava certa, porque a roupa serviu perfeitamente. Havia um espelho grande atrás da porta e Allegra sorriu para a imagem ali refletida. Estava realmente bonita. Já havia penteado os cabelos e aquele vestido lhe dava um ar etéreo, uma sensação de leveza.

Havia um relógio numa das paredes e Allegra reparou que estava se aproximando a hora. Suas pernas começaram a tremer e as mãos ficaram geladas. Como podia estar diante de um espelho, admirando a própria imagem, pronta para se casar?

Patience bateu de leve na porta e foi entrando.

— Você está linda! — cumprimentou a americana, sinceramente admirada.

Por trás do franzino corpo da mulher apareceu o rosto de *Mr. Nichols*. O imediato estava impecável em seu uniforme de gala, no qual brilhavam os botões dourados.

— Devo escoltá-la até o camarote do capitão, *ma'am*.

— Nesse caso, também eu preciso me apressar — concluiu Patience, beijando maternalmente o rosto de Allegra e escapulindo do camarote.

Allegra e o imediato riram juntos do jeito serelepe da velhota, que, apesar da idade, era bastante ágil. Em seguida, *Mr. Nichols* entregou um buquê de rosas brancas amarrado por uma fita prateada.

— O capitão lhe manda isto, *ma'am*.

Allegra sorveu o perfume daquele buquê, fechando os olhos, e sentiu um aperto no coração. Na caixa de Byron havia um botão de rosa, murcho e seco mas ainda perfumado. Por que John Appleby havia escolhido rosas brancas?

— A senhora está pronta? — perguntou *Mr. Nichols*, olhando-a com curiosidade.

Allegra forçou um sorriso e aceitou o braço que ele oferecia.

O camarote de John estava iluminado apenas pelos raios que ainda atravessavam as pequenas janelas arredondadas. De pé ao lado dele, Allegra respondeu maquinalmente às perguntas do pastor, sentindo um vazio por dentro. A cerimônia foi simples e rápida.

— Agora você já pode beijá-la, John — permitiu o Sr. Jarret, com um largo sorriso.

Depois disso, foram todos para o convés, onde os esperavam um bolo de casamento e toda a tripulação reunida. A uma só voz, os homens gritaram vivas aos noivos e fizeram fila para apertar a mão do capitão e beijar a noiva.

O sol já ia se pondo, espalhando um clarão avermelhado no horizonte. Durante mais de uma hora, a tripulação e os poucos passageiros do *Liberdade Risonha* festejaram o casamento do capitão com a encantadora italiana. Encorajados pelo rum, os marinheiros se atreviam a fazer brincadeiras com John, que respondia no mesmo tom.

Finalmente, a voz potente do capitão se sobrepôs ao barulho:

— Acerte o curso, *Mr. Nichols*. Vamos para casa!

Como resposta, ouviram-se assobios e gritos de aprovação. No jantar daquela noite, muitos brindes foram levantados por Adam Jarret e pelo imediato. Allegra sentia o olhar quente de John, que espalhava calor pelo corpo dela. Logo lhe caberia a tarefa de saciar o desejo do... marido. Finalmente os Jarret se recolheram e *Mr. Nichols* desejou boa-noite, indo cuidar de seus afazeres. Nathaniel retirou a mesa e deixou a sós os recém-casados.

John abraçou-a e beijou-a ternamente nos lábios. Logo os beijos foram se tornando mais e mais quentes, assim como as carícias que ele fazia. Sem dúvida, estava ali um amante que entendia da arte de amar, mas Allegra apenas permitia a ação dele, sem retribuir. Sentindo aquela reação, John afastou-se um pouco e olhou nos olhos dela.

— O que houve, Francesca? Está com medo de mim? Sabe que eu a amo e... não vou machucá-la.

Vendo o amor que havia naqueles olhos azuis, Allegra não pôde mais conter as lágrimas e encostou a cabeça no peito dele, soluçando. John tomou-a nos braços e levou-a até a cama.

— O que está acontecendo, meu bem? Eu preciso saber.

Allegra aceitou o lenço que ele ofereceu e enxugou as lágrimas, procurando se controlar.

— Por favor, John, me perdoe — ela pediu, num murmúrio. — Não posso me entregar a você esta noite. Talvez não possa durante um bom tempo.

John parecia não entender o que estava acontecendo.

— Posso saber por quê?

— Eu lhe falei que o meu primeiro casamento foi arranjado. Meu marido era um homem bastante idoso. A minha noite de núpcias foi... um estupro. Fiz uma promessa de não me casar outra vez depois que ele morresse, mas... você apareceu... Mesmo assim, achei que não seria capaz de lhe dar a felicidade que você merece. Perdoe-me.

John olhava fixamente para ela.

— Continue.

— Tenho uma terrível sensação de... repugnância pelo ato sexual. Não é que você me desgoste... Por favor, procure entender. Odile tentou me convencer de que me sentiria segura com você, que acabaria agindo com... naturalidade. Só Deus sabe o quanto eu gostaria que fosse realmente assim. Não deveria ter deixado as coisas chegarem ao ponto em que estão. Não é justo para com você. Não queria jamais fazê-lo sofrer.

Outra vez ela passou o lenço de linho no rosto, limpando as lágrimas. John ficou em silêncio durante um bom tempo. Depois, segurou no queixo da esposa e eles se olharam nos olhos.

— Ouça bem — ele falou, com emoção na voz. — Amo você, minha querida. Tentarei compreender. O fato de estar ao meu lado já é um presente. Se permitir que eu a abrace e beije, serei grato por isso. Não há o que perdoar, meu bem. Quando sentir que pode dar um pouco mais, faça com que eu perceba isso. Esperarei o tempo que for necessário, desde que você esteja comigo.

Por incrível que aquilo pudesse parecer, Allegra teve certeza de que ele estava sendo sincero. Não poderia haver uma prova de amor maior que aquela. Cedendo a um impulso, ela ergueu um pouco o corpo e beijou-o com doçura.

— Eu lhe sou muito grata, John, muito! Seja paciente comigo. Quero que você seja feliz, muito mais do que pode imaginar.

— Você me ama, Francesca?

— Sim — ela respondeu, sem hesitar.

O capitão levantou-se e aprumou o corpo.

— Vá até o seu camarote, ponha uma camisola e volte aqui. Passará a noite na minha cama e eu dormirei no chão... Não se preocupe com isso. Já tive de dormir em lugares bem piores. Amanhã, diremos que você ficará dormindo em seu camarote por causa da menina. À noite, ficarei lá com você durante algum tempo e depois retornarei para cá.

— Oh, John... Obrigada!

— Estamos unidos pela força do amor e pela bênção de Deus. Agora, precisamos encontrar uma forma de dar expressão a essa força. Esperei a vida inteira por você e de bom grado esperarei mais algum tempo.

Antes que ela saísse para seguir as instruções que recebera, eles trocaram um longo e carinhoso abraço.

Para Allegra, atravessar o oceano Atlântico foi como nascer outra vez. O espaço e o tempo pareciam ter novas dimensões, o que lhe provocava as sensações mais estranhas. Havia um mar sem fim, o balanço do enorme navio, o sol, vez por outra uma tempestade... Era um mundo completamente novo.

John também lhe mostrou um novo sentimento. A inesgotável paciência, o bom humor e a firmeza de caráter faziam dele um homem bem diferente dos que ela conhecera até então. Naquele navio, por obra do capitão, a liberdade não estava só no nome, mas era algo que se respirava por todos os cantos. As normas de conduta eram estabelecidas por John e, não raras vezes, diferiam das adotadas nas sociedades constituídas, mas sempre eram bem recebidas por todos. Allegra precisou de várias semanas para começar a entender o homem com quem, de uma hora para outra, se viu casada.

Acima de tudo, o querido, o honesto, o bondoso John prezava o cumprimento da palavra empenhada. Muitas vezes ele a abraçava, mas não havia naquilo nenhuma tentativa de descumprir o que prometera. Allegra sentia o calor e o desejo que animavam aquelas carícias, mas não temia por nada. Só não entendia como podia ter se ligado a um homem de tantas qualidades, logo ela, uma mulher tão inexperiente quanto pecadora.

A viagem foi longa e cansativa, o que se agravou com a mudança de

estação, que trouxe ondas de ventos polares. Mesmo assim, os bons momentos superavam tudo. Allegrina deu-se surpreendentemente bem com o ar marinho e os homens da tripulação disputavam o privilégio de brincar com ela. Os Jarret eram companhias extremamente agradáveis. Adoravam falar da vida que levavam e das viagens que faziam. Allegra até sentia remorsos quando tinha de dar respostas evasivas às perguntas que eles faziam sobre o passado dela.

Patience Jarret estava determinada a ensinar à nova amiga o inglês que se falava na Nova Inglaterra, para que ela pudesse começar sem muitas dificuldades a vida nos Estados Unidos. A professora era tão dedicada quanto rigorosa. Allegra se aplicava, procurando seguir à risca as instruções da mulher, mas John estava sempre caçoando dela. Por mais que a aluna praticasse, falava inglês com um carregado sotaque italiano, o que o divertia enormemente.

No último mês da viagem, Allegrina passou a comer a mesma comida dos marinheiros. Quase sempre era um guisado feito de peixe, cebola, pão e batata. Quando a despensa de bordo foi esvaziando, aquele prato passou a ser servido todos os dias. Mesmo assim, ninguém reclamava. A água potável era repostada pelas constantes chuvas. Estava tudo indo muito bem e a vida no mar era adorável.

Uma noite, depois do jantar, Allegra pôs a filha para dormir e foi para o convés conversar com John. Já haviam entrado pelo mês de outubro. Didaticamente, o capitão explicou como um marinheiro conseguia se orientar pelas estrelas. A certa altura, ela reparou numa minúscula luz no horizonte e ouviu o murmúrio que se ergueu entre os tripulantes.

— São as luzes de Boston — falou John, com um brilho diferente nos olhos. — É sempre emocionante para um marinheiro ver o primeiro sinal de que está chegando em casa.

Em seguida ele passou o braço por cima do ombro dela e os dois ficaram assim durante um longo tempo, até divisarem com clareza as luzes da cidade.

Aos poucos, o murmúrio da tripulação foi se transformando em risos e exclamações de alegria. John fez um sinal ao imediato e um dos canhões foi disparado, em meio a palmas e gritos de aprovação.

— Estamos atirando para avisar da nossa presença e pedir um práctico — explicou John. — Pela manhã, um virá aqui e levará o navio por entre as ilhas até o porto de Boston.

Naquela noite, os homens do *Liberdade Risonha* foram brindados com uma dose extra de rum. Allegra procurou se convencer de que nada, nem mesmo uma terra distante ou uma gente estranha, poderia ameaçá-la desde que John estivesse por perto.

Pela manhã, vários homens subiram a bordo para preencher as formalidades necessárias à entrada do navio no porto. Além do práctico, havia os fiscais da alfândega, que conferiram cuidadosamente a carga. Finalmente, o *Liberdade Risonha* foi habilmente conduzido entre as ilhas e atracou no porto de Boston.

Mal pôs os pés em terra firme, Allegra reparou numa mulher que descia de uma carruagem perto do local de desembarque.

— É Hannah — falou John, afastando-se para cumprimentar a recém-chegada.

Com a filha no colo, Allegra ficou observando enquanto ele caminhava pelo cais e, por um momento, achou que ia entrar em pânico.

"Por favor, John, não me deixe!", ela quis gritar.

No instante seguinte, sentiu a cabeça leve, como se tudo em volta estivesse girando. Por sorte, o braço forte de um marinheiro amparou-a antes que desabasse ao chão, sem sentidos.

— Pobrezinha — falou a voz preocupada de uma das pessoas que acudiram. — E o bebê... segurem o bebê!

Allegra não saberia dizer quanto tempo esteve desmaiada. Ouvindo vagamente a voz de John, ela foi aos poucos despertando, até que o chamado se tornou claro:

— Francesca! Olhe para mim, Francesca, olhe para mim!

Abrindo os olhos, Allegra verificou que estava nos braços dele, em segurança. Ao lado de John, uma mulher de meia-idade mostrava preocupação nos olhos arregalados. Estavam todos numa bonita carruagem preta, na certa a mesma que ela vira no cais.

— Não quero nem pensar nas privações que esta pobre criancinha deve ter passado naquele seu navio, John — ralhou a desconhecida, que embalava nos braços a espantada Allegrina. — Levar um bebê numa viagem dessa...

Constatada a recuperação de Allegra, John respirou aliviado e até se dispôs a se justificar.

— Foi para o bem dela, Hannah, você vai ver — ele garantiu, beijando em seguida a testa da esposa. — Querida, quero que conheça minha irmã, Hannah Appleby.

Allegra conseguiu sorrir e quis dizer alguma coisa, mas a irmã de John falou antes:

— John sabe que eu detesto surpresas, mas desta vez vou perdoá-lo. Já estava me conformando com a perspectiva de viver sozinha o resto dos meus dias quando, de uma hora para outra, descobri que... tenho uma família. Isso me deixa muito feliz, cunhadinha.

John deixou escapar uma exclamação de alegria.

— Graças a Deus! Que você seja abençoada, Hannah, por receber bem Francesca e a menina. Eu não estava tão certo...

— Bobagem! Nem sempre eu aprovei mulheres com quem você andou, mas, desta vez, certamente não é o caso, não é mesmo?

O riso dos irmãos contagiou os outros passageiros da carruagem e não demorou para que até Allegrina risse às gargalhadas.

A casa de John parecia bem mais espaçosa do que ele havia descrito. Ao mesmo tempo, tinha um charme todo particular, diferente de tudo o que Allegra vira nos palácios de Veneza. Era toda pintada de branco e ficava no alto de uma colina, não muito longe das margens de um rio que atravessava a cidade.

A mobília era simples, bem de acordo, com o espírito que dominava o Novo Mundo. Ao mesmo tempo, havia bonitas peças provenientes da Inglaterra e de outros lugares por onde John passara. O pai do capitão também havia pertencido à marinha mercante e a casa estava cheia de

lembranças dos quatro cantos do mundo.

Allegra estava um pouco temerosa, mas logo viu que, com cautela e a generosa ajuda de Hannah, assumiria sem grandes dificuldades o papel de dona daquela casa.

A primeira noite ali foi a mais surpreendente. O quarto onde Allegra dormiria era dominado por uma enorme cama, perfeita para um casal apaixonado. Ela já estava com a pesada camisola de inverno quando John entrou no quarto. Sem dizer nada, ele foi para trás de um biombo e trocou de roupa, também se preparando para dormir. Espantada, Allegra permaneceu de pé ao lado da cama, sem saber o que fazer. Não queria mandar John embora, mas não sabia como deixá-lo dormir ali sem exercer seus direitos de marido.

John olhou para ela e abaixou a chama da lanterna acesa no criado-mudo.

— Deixe-me pôr o cobertor em você, Francesca. De pé aí, parece tão frágil... como uma garotinha.

John disse aquilo rindo baixinho.

— Mas...

— Será que vou ter de chamar Hannah para pôr você na cama de forma correta? — ele atçou.

Allegra imaginou a figura da empinada irmã de John atravessando a casa para servir de camareira e riu.

— Não, não vai ser necessário, mas... quero lhe pedir uma coisa.

— O quê, meu amor?

— Quero que fique comigo, pelo menos esta noite.

— Nos Estados Unidos, os casais dormem juntos, mas não se preocupe que eu ficarei no meu lado da cama, sem molestá-la. Fiz uma promessa que pretendo cumprir e continuarei a amá-la do mesmo jeito, aconteça o que acontecer.

Eles se deitaram e, antes de se virar para o lado, John beijou-a ternamente. Allegra ficou horas sem conseguir dormir. Será que encontraria um jeito de apagar as lembranças do passado e esquecer a promessa que fizera? Se aceitasse o amor de John e sucumbisse ao desejo que começava a sentir, como poderia viver em paz consigo mesma?

A energia, a ânsia de viver que se verificava no Novo Mundo era algo completamente diferente do ar de decadência que se respirava na sociedade de Veneza. Napoleão não havia posto os pés ali para tirar o sangue e a energia das pessoas. Os americanos tinham conquistado a independência lutando contra os ingleses e se orgulhavam disso.

Rapidamente Allegra se deixou envolver por aquele clima de liberdade, uma crença generalizada no respeito aos direitos individuais e à dignidade do ser humano. Com determinação, ela resolveu que só falaria inglês, mesmo descobrindo que o francês era o idioma nativo de muitos dos colonos da Nova Inglaterra. Faria aquilo por John e também pela filha, porque aquela terra representava segurança para todos.

Hannah era como a encarnação da firmeza de espírito da jovem nação. Tanto nas conversas como na forma de agir da cunhada, Allegra encontrou uma enorme ajuda ao esforço que estava fazendo para se

adaptar.

A princípio, alguns dos amigos de John se mostraram frios. Pareciam querer conhecê-la melhor, testá-la. Com esses, John demonstrava pouca paciência. Outros, porém, aceitaram-na sem restrições, especialmente Acton Lewes e a linda jovem com quem estava para se casar, Ellen Jeffers. Várias vezes, Allegra e John foram convidados para jantar na casa de Acton, que, juntamente com a noiva, retribuía a visita.

Hannah morava num pequeno chalé perto da casa de John, mas era raro o dia em que não ia visitar a cunhada. Um dia, as duas especulavam sobre quanto tempo Allegrina levaria para aprender a falar quando duas mulheres desceram de uma carruagem e bateram na porta.

Pelas cortinas entreabertas Allegra havia observado a aproximação das visitantes. A mais jovem era loiríssima e tinha olhos muito azuis. Envergava um vestido cor-de-rosa com lacinhos vermelhos, um tanto espalhafatoso para o gosto de uma européia.

— Ah! — exclamou Hannah. — Então, os Peyster já voltaram da Inglaterra. Aí estão a jovem Melissa e a mãe, Harriett. São um bocado pedantes, como você verá. Melissa fez tudo para conquistar o coração de John. Houve época em que eu até temi que ela conseguisse. É claro que essas duas já ouviram falar de você, querida, e vieram fazer uma avaliação. Só quero ver a cara que vão fazer quando virem a linda esposa que John arranjou! Meu Deus! Será que nunca vou conseguir controlar essa língua? Seja como for, Francesca, não se aborreça com o que elas disserem. Não valeria a pena.

Em seguida, Hannah abriu um sorriso e foi atender à porta. As duas mulheres entraram e dirigiram a Allegra um olhar frio. Aquela atitude dizia mais que mil palavras.

Foi Melissa quem primeiro falou, entremeando as palavras com risinhos:

— John e eu nos conhecemos muito bem, Francesca... Não é esse o seu nome? Mas que nome bonitinho! Antes que ele partisse, tivemos uma brigazinha à toa. Eu jamais imaginaria que John ficaria tão ressentido...

Allegra procurou aparentar calma, mas aos poucos foi sentindo a raiva queimar por dentro. John chegou quando elas já haviam tomado chá e a aparentemente interminável visita ia, finalmente, chegando ao fim. Melissa correu para abraçá-lo.

— Que coisa mais feia você fez, casando-se às escondidas — ela ralhou, fazendo biquinho.

John tratou-a com indulgência, como se lidasse com uma criança. Minutos mais tarde, alegou que tinha assuntos urgentes a despachar e se retirou para o escritório.

— Você se portou muito bem — elogiou Hannah, depois que as visitantes se retiraram. — Eu diria que ganhou a primeira batalha. Basta que mantenha John satisfeito e não terá por que se preocupar com Melissa.

Naquela noite, John parecia impaciente. Depois de caminhar pelo quarto durante vários minutos, ele parou e sentou-se na borda da cama, onde Allegra já estava deitada.

— Sabia que eu nasci nesta cama, Francesca? Bem que gostaria que

um filho meu também nascesse aqui. Será que, um dia... você vai se dispor a satisfazer esse meu desejo? Oh, Francesca! Não sei quanto tempo ainda vou suportar dormir ao seu lado, sentir o cheiro do seu corpo... Quando poderei...

— Eu acho que... não vai demorar — ela previu, tirando as palavras do fundo do coração.

O rosto de John se iluminou.

— Isso é uma promessa?

Allegra se lembrou dos olhos azuis e devoradores de Melissa e da recomendação de Hannah.

— É, sim. Será... muito em breve. Não esta noite, mas muito em breve.

CAPÍTULO XVIII

Dois dias mais tarde Allegra recebeu um convite para jantar na casa dos Peyster. No mesmo instante ela inventou uma desculpa e recusou o convite. Sabia que não suportaria ver Melissa e John juntos num momento em que ele certamente estaria sensível demais a investidas femininas. E tudo era culpa sua, por não ser capaz de conceder o que era um direito dele.

Havia ainda outro perigo. E se John estivesse planejando outra viagem no *Liberdade Risonha*? Será que, com toda aquela indecisão, ela não o estava incentivando a partir? Não haviam conversado sobre o assunto, mas Allegra sabia que, todas as manhãs, ele ia ao porto e passava horas conversando com mercadores e donos de navios. Aquilo, sim, era a essência da vida de John, e não o dia-a-dia enfadonho de um marido caseiro, ainda mais ao lado de uma esposa que demorava tanto para se transformar em amante.

Nessas horas de dúvida, só uma pessoa era capaz de acalmar o espírito de Allegra: padre Liam. Num dos passeios matinais pelas redondezas da casa, ela havia descoberto uma pequena igreja católica. Desde então, era raro o dia em que não parava ali para conversar com padre Liam, o jovem e simpático pároco.

Padre Liam não forçava o tom da conversa, deixando que a jovem falasse apenas o que achava necessário e prudente. Era só com ele que Allegra se sentia segura para falar na preocupação que tinha sobre os possíveis rumos do casamento. O prelado percebia que ela precisava de conselhos e não os regateava, sempre com muita diplomacia. Um dia, porém, no meio de uma conversa, ele soltou uma pergunta direta:

— Você ama seu marido?

Allegra respondeu sem pestanejar:

— Sim!

Aquilo pareceu encerrar o assunto, pelo mesmo por um tempo.

De volta à casa, Allegra tinha uma dúvida decorrente da inesperada pergunta do padre: será que, aos olhos de Deus, o casamento sem amor teria algum valor? O que ele pensaria dos casamentos arranjados, uma prática tão comum na Europa? Uma promessa feita sob coação tinha de ser cumprida?

Allegra achou que não teria coragem de fazer todas aquelas perguntas ao padre e passou vários dias sem visitá-lo, só retornando na tarde do dia em que recebeu o convite dos Peyster.

Quando ela chegou à capela, padre Liam se preparava para sair em visita a um paroquiano e convidou-a a caminhar com ele. A jovem aceitou e os dois saíram pela alameda. Ela só pensava em John, mas não conseguia falar nele, nas preocupações que a assaltavam.

— Sou muito devota de Santa Clara — comentou Allegra, apenas para alimentar a conversa. — Em Veneza, tinha um bonito santuário com a imagem dela, mas...

— Espere por mim aqui — falou o padre, interrompendo a caminhada. — Logo estarei de volta.

Em passos rápidos ele retornou à capela e, minutos mais tarde,

voltava com um camafeu de madeira onde estava pintada a imagem da santa.

— Quero que aceite este presente, Francesca. Acho até que foi feito na Itália, o que deve significar ainda mais para você.

Allegra pegou o camafeu e se encheu de coragem para falar no que realmente a preocupava:

— Quando eu era mais jovem, padre, rezava muito para ter a graça de me casar com um homem a quem amasse. Como aconteceu exatamente o contrário, sofri muito... Agora, finalmente encontrei o amor, mas...

Com os olhos cheios de lágrimas, ela não conseguiu concluir a frase. Padre Liam percebeu que talvez a jovem estivesse prestes a dizer alguma coisa de que se arrependeria depois e tomou a palavra:

— O amor trazido pelas mãos de uma santa só pode ser uma coisa boa. Não se esqueça, Francesca, que Deus escreve certo por linhas tortas. Às vezes não conseguimos entender o que ele está querendo, mas devemos nos submeter, sem interferir em seus desígnios. Só temos a ganhar com isso.

Padre Liam era um bom pároco, mas certamente seria um excelente diplomata. Percebendo a confusão da jovem paroquiana, ele mostrou o melhor exemplo que havia para o argumento que estava querendo expor:

— John Appleby é um bom homem, minha filha, e tem muita sorte por ter se casado com você. Mas vamos falar de outra coisa... do tempo, por exemplo.

Allegra sorriu, agradecida, mas achou que já era hora de se despedir. Afinal de contas, não havia muitos padres católicos nos Estados Unidos e padre Liam era responsável por um rebanho de razoável tamanho. Além disso, em poucas palavras o prelado havia resolvido todas as dúvidas dela.

De volta a casa, Allegra pôs o camafeu com o retrato de Santa Clara sobre a cômoda do quarto e, com o coração cheio de alegria, esperou pelo retorno de John. Depois do jantar, teve coragem para convidá-lo a ir logo para o quarto, argumentando que tinham muito o que conversar.

Durante um bom tempo, ela falou do pai, das irmãs, da época de estudante no convento. Chegou mesmo a falar em Barretto, apesar de não citar os verdadeiros nomes. Finalmente, chegou ao que realmente importava.

— Quando eu era juvenzinha, John, rezava muito para que Santa Clara me concedesse a graça de encontrar o verdadeiro amor. Agora, vejo que ela atendeu às minhas preces.

John abraçou-a, cheio de desejo. Finalmente, havia chegado o tão esperado momento.

Naquela noite, a entrega se completou. John se mostrou um amante ao mesmo tempo gentil e exigente, exatamente o que qualquer mulher desejaria. No entanto, acontecia algo que ela não entendia: desejava-o ardentemente, mas não conseguia tirar prazer do sexo.

Allegra fez tudo para camuflar aquela frigidez, mas sem sucesso. Pela forma como John se afastou dela, um minuto após atingir o orgasmo, ficou claro que ele percebera tudo. Depois de obrigá-lo a esperar

pacientemente durante meses, ela simplesmente falhava.

Imaginando a langorosa figura de Melissa Peyster pronta a atender aos menores desejos de John, Allegra sentiu um aperto no coração e começou a soluçar. John apenas a abraçou, sem perguntar a razão daquele pranto.

Mas por que aquela frieza, se ela amava cada minúscula parte daquele corpo másculo? John tinha o corpo forte, a pele tostada e bonita, uma intensa energia que emanava dos poros. Era o exemplo do homem com quem toda a mulher sonhava e que raramente encontrava. De fato, ele era bem mais atraente que... Byron...

John beijou-a docemente na testa.

— Cada coisa acontecerá ao seu tempo, minha pombinha.

"Minha pombinha." Allegra se lembrava de ter ouvido aquelas palavras pronunciadas por outra voz. Estava aí o centro do problema: ela não conseguia esquecer o passado.

Na manhã seguinte, depois que John foi para o porto, Allegra abriu a caixa de Byron e ficou segurando a tampa. Onde estariam ele e Teresa? Como estaria Renaldo e o que sentiria quando se desse conta de que havia sido abandonado pela mãe? Em Barretto ela se recusava a pensar. Há muito que não recebia notícias de Gina porque o serviço de correio entre a Europa e os Estados Unidos era demoradíssimo.

De Byron ela ouvia falar com frequência, por pessoas que retornavam da Europa. Pelo visto, o poeta estava fazendo mais sucesso do que nunca, sendo mesmo chamado de gênio. Também continuava a ser o alvo predileto dos mexericos da alta sociedade européia. Só se falava no amor pecaminoso do escritor maldito por uma jovem condessa italiana.

Tudo aquilo parecia não só distante no tempo, mas também longe da realidade.

John voltou a fazer amor com Allegra outras vezes depois daquela primeira noite, mas chegou uma hora em que achou melhor não insistir.

— Um dia você sentirá prazer comigo, meu bem — ele profetizou, sério. — Quero que me diga quando esse dia chegar.

Mesmo assim, continuou a ser o companheiro dedicado de sempre. Quando Allegra anunciou que estava grávida, a alegria que ele demonstrou parecia não ter limites. Não havia um só dia em que não chegasse em casa com um presente para ela ou para a criança que estava por vir.

Como era diferente das reações frias de Barretto! John amaria a criança que estava para nascer, fosse ela menina ou menino. Allegra também não se importava que fosse um ou outro, mas pensando no marido desejava ter um menino. Poria nele o nome de John Jr. e se sentiria menos culpada por reagir com frieza aos carinhos do marido.

Às vezes, à noite, ela sentia vontade de acariciar o corpo de John, fazer despertar nele o desejo, mas não tinha coragem. E se a frigidez que demonstrara até então fosse irreversível? Precisava agir com cautela, para não decepcionar John outra vez.

Talvez tudo não passasse de medo. Sempre que se aproximava do marido, Allegra sentia arrepios, uma deliciosa onda de calor. Só não sabia

quanto tempo ainda duraria a paciência de John.

Felizmente, a boa e sensível Hannah estava sempre pronta a fazê-la pensar em outras coisas. A americana era uma mulher de ação e dificilmente deixava passar um dia sem realizar algo. Àquela altura, o inverno se espalhava pelos campos da Nova Inglaterra. Hannah resolveu que Allegra precisava conhecer o que era o "espírito do Natal" nos Estados Unidos.

— John é um homem que preza as tradições, Allegra. Já é tempo de você aprender a receita de alguns pratos apreciados pela nossa família, não acha?

Allegra concordava e decidiu que faria daquele primeiro Natal ao lado dele um momento de felicidade e alegria. Antecipadamente, John havia levado a ela um presente, um belíssimo e luxuoso carrinho de bebê, digno de um príncipe.

— Por enquanto, Allegrina poderá usá-lo, até que chegue o bebê — ele permitiu.

A prática Hannah achou que talvez um bebê não precisasse de um carrinho tão luxuoso, mas John não aceitou a crítica.

— Não me venha com sermões, Hannah, porque é a primeira vez que serei pai.

— Calminha, John Appleby. O que estou querendo dizer é que, a partir de agora, talvez fique difícil você ver sua esposa antes do Natal.

John não entendeu de onde vinha aquela ameaça.

— Ah, é? Mas por quê?

— Com um veículo luxuoso como esse para transportar Allegrina, ela não vai parar em casa, preferindo circular pelos locais frívolos de Boston — explicou Hannah, piscando para a cunhada. — E eu vou achar isso ótimo!

Faltavam duas semanas para o Natal e Allegra resolveu fazer cumprir, pelo menos em parte, a ameaça da cunhada. Quase todos os dias ela saía para percorrer as lojas, em busca de enfeites para a casa, presentes e, o mais difícil de encontrar, algo que pudesse oferecer a John como prova do profundo amor que sentia por ele.

Normalmente, Hannah ia com ela nessas peregrinações. Um dia, porém, alegando dores pelo corpo, a irmã de John desculpou-se por não acompanhá-la. Allegra pôs a filha no carrinho e saiu. A essa altura, as ruas estavam cobertas por uma fina camada de neve, que já começava a cair sobre Boston.

Sentada no carrinho, no meio de mantas coloridas, Allegrina parecia uma princesinha. Estava agora com um ano e balbuciava as poucas palavras que já conseguira aprender, provocando sorrisos nos passantes.

— Vamos nos encontrar com John — disse Allegra à filha, como se ela pudesse entender. — Depois, veremos se ele nos leva para casa.

Quando chegou perto do local onde esperava encontrar o marido, ela sentiu um frio no coração. Melissa estava com John. Sem preocupações com o decoro, a americana jogava sobre o capitão todo o veneno dos lindos olhos azuis. Ele parecia cativado, porque sorria para ela.

Num impulso de raiva, Allegra deu meia-volta no carrinho e se

afastou dali.

— *Una gaita sporca!*— ela xingou, em italiano, aumentando o espanto de Allegrina. — É isso mesmo! Aquela sem-vergonha não passa de uma gata suja!

Não! Melissa já estava passando das medidas! Num instante de clareza e determinação, Allegra decidiu que, naquela noite, John experimentaria prazeres que jamais pudesse imaginar possíveis. Ela nem pensava mais se seria capaz ou não. Era uma mulher perfeita e com fogo nas entranhas.

Tomada a decisão, Allegra sorriu. No final das contas, talvez houvesse sido bom surpreender Melissa tentando reconquistar o antigo namorado. Aquela americana não sabia com quem estava mexendo!

Antes de voltar para casa, Allegra resolveu passar pelo centro da cidade para visitar uma loja que vendia cristais e porcelana chinesa. Tinha pensado em procurar mais pelo presente que daria a John, mas agora não tinha mais dúvida. Dois dias antes, vira naquela loja o que seria o presente perfeito: um finíssimo coração de cristal, absolutamente puro e transparente.

Seria um presente bem pouco prático, mas era exatamente o que ela queria dar a ele: um coração puro, sem sombras do passado. Pediria a John que o levasse sempre consigo, no bolso. Assim, bastaria tocar a pequenina peça para se lembrar de que ela o amava.

Soprava um vento frio e ela buscou refúgio numa casa de chá perto de onde estava, mais para proteger a filha. Era difícil acreditar que já estava naquela cidade fazia mais de dois meses. O passado estava sendo enterrado e, daquele dia em diante, faria tudo para enterrá-lo ainda mais fundo. Oh, o amado John! Daria a ele um filho, toda a alegria e todo o amor do mundo.

Uma hora mais tarde, já com o presente de John dentro da bolsa, Allegra resolveu voltar para casa. A noite ia caindo e os homens da prefeitura já se preparavam para acender as luzes dos postes de iluminação.

Aquela hora, John já deveria estar em casa, sentado perto da lareira e tirando baforadas do cachimbo. Como era bom estar ao lado daquele homem!

A certa altura do caminho, Allegrina deixou cair uma bonequinha com que brincava. A mãe se abaixou para apanhar o brinquedo, mas alguém se antecipou. Quando aprumou o corpo e ensaiou um sorriso de agradecimento, ela pôs os olhos em quem menos esperava encontrar naquele momento: Luciano Antonino.

Luciano pôs o brinquedo de volta no carrinho e seguiu andando ao lado dela. Allegra estava pálida e sem fala, transtornada pelo inesperado daquele encontro. Quem poderia prever o que aquele homem seria capaz de fazer?

Eles percorreram em silêncio mais de cinqüenta metros. Na certa Luciano estava querendo deixá-la ainda mais aterrorizada, antes de partir para o ataque. Vez por outra Allegra olhava para ele, com o canto do olho. Luciano parecia mais velho embora houvessem passado apenas seis meses desde que tinham se encontrado pela última vez. Tinha rugas pelo

rosto e as têmporas grisalhas. Por outro lado, vestia-se com elegância e adotava a mesma postura auto-suficiente de antes.

— Você não tornou as coisas fáceis para mim, Allegra — ele recriminou, finalmente, continuando a olhar para a frente. — O engraçado é que parece estar sempre cercada de proteção. Na última vez os seus... protetores quase acabaram comigo. Era isso que você queria? Allegra respondeu negativamente, balançando a cabeça.

— Foi o que pensei. Você já deve ter percebido que não é tão fácil assim se livrar de mim. Além disso, o tempo não significa nada para um homem apaixonado. Então, essa é a criança? E... valeu a pena?

Allegra não deu resposta e procurou não prestar atenção no que ele falava. O que mais temia era pela segurança de Allegrina. No entanto, como uma fera acuada, estava firmemente determinada a impedir que aquele desalmado fizesse qualquer mal à menina.

Logo Allegra se convenceu de que Luciano estava agindo por conta própria, por algum motivo que ela não conseguia entender. A presença dele em Boston nada tinha a ver com Barretto. Será que estava buscando vingança por ela ter conseguido escapar, tanto tempo antes? Seria difícil saber, porque Luciano nunca mostrava nos olhos ou na expressão do rosto o que tinha em mente.

Fosse o que fosse, ela precisava fazer alguma coisa. Num momento de decisão, resolveu arriscar tudo. Ou se arruinaria de vez ou faria com que aquele homem se afastasse para sempre. Parando na calçada, Allegra olhou bem para Luciano.

— *Signore*, gostaria que me acompanhasse até minha casa, onde lhe oferecerei uma xícara de chá. Quero lhe mostrar como estou vivendo.

Dessa vez foi Luciano quem demonstrou surpresa, mas aceitou o convite. No curto trajeto que ainda faltava até a casa, Allegra rezou desesperadamente a Santa Clara.

Como ela previra, John estava ao pé do fogo, com o cachimbo na boca. Imediatamente ele tirou Allegrina do carrinho e beijou-a paternalmente. Em seguida, beijou a esposa e ralhou com ela por ficar até tão tarde com a criança na rua. Finalmente, estendeu a mão ao homem que Allegra apresentou como um amigo da família que acabara de chegar da Itália.

— Acabamos de nos encontrar, absolutamente por acaso — falou Allegra, com a maior naturalidade.

— Estou muito contente em recebê-lo, senhor — disse John, com sinceridade. — Dificilmente Francesca tem a oportunidade de reencontrar amigos da Itália. Eu até planejava levá-la até lá, para rever os parentes... quando Allegrina estiver mais crescida, é claro.

Luciano lançou a Allegra um olhar atrevido.

— Seria maravilhoso, porque todos nós sentimos enormemente a falta de... Francesca.

John percebeu que havia alguma coisa no ar, mas não disse nada. Allegra olhou o rosto honesto do marido e concluiu que seria melhor morrer do que perder o amor daquele homem maravilhoso. Arrependia-se de ter convidado Luciano, mas agora era tarde demais. Com a desculpa de que precisava preparar o chá, ela escapou para a cozinha. No caminho,

rezou baixinho:

— Oh, meu Deus! Farei o que me ordenar, mas, por favor, me ajude!

Minutos mais tarde ela estava outra vez na companhia dos dois homens, que brincavam com Allegrina. Certamente Luciano percebia que uma menina tão parecida com Byron não podia ser filha de John Appleby.

Allegra procurou conduzir uma conversa amena, falando da terra natal. Disse também que estava adorando morar em Boston e que esperava com ansiedade a chegada do novo filho. Era com verdadeiro heroísmo que mantinha aquela aparência, porque não conseguia prever qual seria o passo seguinte de Luciano. Apesar de plebeu, ele agia como um genuíno aristocrata italiano.

— Falarei aos parentes de Francesca sobre a casa maravilhosa que vocês têm aqui — ele disse a John, com cortesia. — Só que terei de dar explicações, porque a arquitetura americana é bem diferente da que se emprega na Itália. Mas, mudando de assunto, esta é a primeira vez que venho aos Estados Unidos, capitão. Estou aqui apenas como um turista curioso, mas já percebi que a terra apresenta múltiplos desafios.

Em seguida ele se voltou para a dona da casa com um sorriso que não alcançava os olhos.

— Imagino que você gostaria de ouvir as novidades de Veneza... De quem gostaria que eu falasse primeiro?

Allegra não respondeu, sentindo o sangue gelar nas veias.

— Vejamos... — continuou Luciano, com frieza — Ah, sim! As filhas do conde Lamberti! Você deve se lembrar da mais velha, chamada Allegra, aquela que se casou com o conde Di Rienzi. Nem imagina o escândalo que aconteceu, sobre o qual todos em Veneza falaram durante muito tempo. Acho que você partiu pouco antes de tudo acontecer, Francesca. O conde tinha uma verdadeira obsessão por ter um filho homem e se casou com a filha de Lamberti, uma jovem aristocrática mas... digamos... arruinada. O pai praticamente a vendeu, em troca do pagamento das dívidas que havia contraído. Pobrezinha! Allegra deu ao conde um filho homem, como era o desejo dele, mas logo em seguida escapou. O conde ofereceu verdadeiras fortunas a quem indicasse o paradeiro da jovem fujona, mas foi impossível encontrá-la. Ah, o velho e rabugento conde Di Rienzi... Agora, ele não tem mais interesse em encontrar a esposa, porque está morto. Morreu há pouco mais de seis meses, de um colapso cardíaco.

Feito o relato, Luciano ficou olhando para Allegra durante alguns instantes. Depois voltou a falar, em tom cordial:

— Mas por onde você andou depois que saiu de Veneza, Francesca? Como conheceu o capitão?

Allegra estava pálida, mal podendo acreditar no que acabara de ouvir. Então, Barretto estava morto! Havia morrido antes mesmo de Luciano encontrá-la em Marselha. Tentando se controlar, ela apertou com força os braços da poltrona. Enquanto isso, ouviu a voz calma de John, que respondia às perguntas do visitante:

— Foi um namoro muito rápido... se é que houve tempo para isso. Francesca estava morando em Marselha, com a antiga babá. Foi lá que

nos conhecemos. Eu precisava voltar logo para os Estados Unidos e o casamento foi feito a bordo do meu navio, no mesmo dia da partida.

Allegra mal prestava atenção nas palavras do marido, sentindo um turbilhão na mente. Barretto morrera antes que ela se casasse com John... Nesse caso, não havia cometido nenhum pecado! Mas... e se Luciano estivesse mentindo?

— E como está se sentindo aqui, Francesca? — quis saber Luciano.

Dessa vez, ela fez questão de responder:

— Para mim, não pode haver felicidade maior do que viver aqui com a minha filha, ao lado do meu querido John.

— Para mim é a mesma coisa, meu amor — falou John, com aquele jeito encantador de sorrir com os olhos.

Durante algum tempo, Luciano ficou olhando as achas de lenha que ardiam na lareira. Allegra, então, reuniu coragem para fazer uma pergunta:

— Como estão os meus bons amigos, os Lamberti, e o filho do conde Di Rienzi?

Luciano parou de contemplar o fogo e ergueu os olhos para ela.

— Ah, si! Já que o conde não tinha nenhum parente próximo vivo, os Lamberti tomaram conta do garoto, que evidentemente herdou o título de nobreza do pai. Pelo que sei, as outras filhas do conde Lamberti ainda não se casaram. Estão todos morando na Ca' d'Argenti, já que assumiram a tutela do menino. Sem dúvida, foi um passo adiante para os Lamberti.

O italiano continuou a dar notícias de Veneza até tocar num assunto que parecia interessá-lo em particular.

— Lembra-se do Orfanato Redentor, Francesca? O que você não sabe é que uma daquelas garotas era filha minha... Filha ilegítima, é claro. Custeei os estudos dela ali e a visitava com frequência enquanto esteve internada. Agora, minha filha está casada com um jovem violinista da Orquestra Sinfônica de Viena. Nada mal para uma bastarda, filha de um bastardo.

Pouco depois, era de Byron que ele falava:

— Nunca mais o poeta inglês voltou a Veneza. Correram rumores de que ele era parte dos problemas da condessa Di Rienzi. Ouvi dizer que Byron continua em Ravena com a jovem condessa Guiccioli. A moça é esperta e arranjou um jeito de controlar o irrequieto amante e o velho marido. Traz os dois em rédeas curtas.

Luciano soltou uma risadinha, mas na certa ria menos do comentário malicioso que do olhar curioso da dona da casa. A essa altura, Allegra concluiu que ele havia falado a verdade sobre Barretto.

— Acho que o seu marido não está interessado em continuar ouvindo mexericos de Veneza — falou o visitante, levantando-se. — Tenho um compromisso com um amigo, daqui a pouco, e amanhã partirei para Nova York, a caminho da Itália. Tenho viajado bastante e passei algumas semanas no Marrocos... Se há um lugar ao qual não quero voltar é aquele, apesar de ter feito um bom dinheiro por lá.

Luciano apertou a mão de John, e Allegra se dispôs a levá-lo até a porta.

— Talvez você queira mandar algum recado para os seus amigos de

Veneza — ele se prontificou, com um sorriso de ironia.

Eles ainda estavam ao alcance dos ouvidos de John e Allegra apenas mordeu os lábios, sem responder. Quando Luciano pisou na neve da calçada e se voltou para se despedir, havia súplica nos olhos dela. Queria pedir clemência, prontificando-se a fazer qualquer coisa desde que John, Allegrina e a criança que estava para nascer ficassem fora daquilo. Mas foi Luciano quem falou primeiro e, para surpresa da ex-condessa, não havia raiva ou ironia na voz dele:

— Você parece feliz aqui, Allegra.

— É verdade, sou muito feliz — ela confirmou, com coragem e convicção. — Não trocaria por nada no mundo a família que tenho agora. Mas... você já sabia que Barretto havia morrido quando me encontrou em Marselha?

Luciano balançou a cabeça.

— Ele morreu pouco depois de eu partir de Veneza. Só fiquei sabendo quando retornei da minha... agradável estada no Marrocos.

Allegra soltou um profundo suspiro e Luciano ficou alguns instantes em silêncio, olhando-a nos olhos. Em seguida ele sorriu.

— Sua filha se transformará numa linda jovem, tão linda quanto a mãe.

Depois daquele cumprimento, a voz dele se encheu de amargura.

— Os bastardos costumam ter uma vida difícil. Por isso, não pretendo ter mais filhos. Sabe de uma coisa, Allegra? Acho que você nunca foi muito justa nos julgamentos que fez de mim. Mesmo um bastardo ambicioso pode ter bondade no coração. Não quer saber por que vim até aqui? Não conseguiria apagar você da minha memória sem antes fazer um desabafo. Há muito tempo, na Ca' d'Argenti, tentei me aproximar de você, mas fui repellido como alguém que pretendia mais do que merecia sua condição de subalterno. Eu podia tê-la ajudado, mas... Se você me olhasse com outros olhos, teria visto que minha atitude era sincera, desinteressada. Naquele momento eu a odiei profundamente e desejei poder vê-la, um dia, depois que você houvesse passado por dificuldades iguais às que eu já sofri. Mesmo assim, gostava de você e sofria por não receber a afeição que desejava. Tenho um coração complicado, Allegra. Ele ama e odeia ao mesmo tempo. Hoje, porém, percebo que o ódio nunca me proporcionou alegria. Por outro lado, fico contente ao constatar que você vive cercada de amor.

Era a primeira vez que Allegra conseguia ver algum sentimento nos olhos de Luciano e não havia dúvida de que ele estava sendo sincero.

— Não vou perturbá-la mais — ele prometeu, beijando a mão trêmula da compatriota. — Adeus, *Mrs. Appleby*.

Allegra ficou olhando a figura solitária de Luciano, que saiu caminhando pela calçada coberta de neve, e sentiu pena. Na próxima vez em que fosse à igreja de padre Liam, acenderia uma vela e rezaria por ele.

Saber que o perigo havia passado e que Barretto estava morto provocava nela um alívio enorme. Atravessando outra vez a porta, Allegra achou que jamais conseguiria agradecer a Santa Clara pela graça concedida. Perante Deus e perante os homens, ela estava casada com o

homem que amava e que a amava também.

Durante o jantar, John fez poucos comentários sobre Luciano. Apenas disse que o achara um homem inteligente e que certamente não teria dificuldade para fazer fortuna.

À noite, na enorme cama, Allegra mal podia esperar para pôr em prática o que havia planejado. Ao beijar o pescoço do marido, porém, percebeu que ele estava enormemente tenso.

— Não brinque comigo, Francesca — advertiu John, com surpreendente dureza na voz. — Não estou muito disposto a bancar o cavalheiro, depois de ver o jeito como aquele italiano olhava para você.

Allegra ergueu um pouco o corpo e beijou-o na boca. Aquilo provocou nela uma onda de calor por dentro e... a certeza de que não havia mais frigidez. Não podia existir nada no mundo que desejasse mais do que ser amada, possuída por John. Todo o seu corpo tremia e ele a abraçou com tanta força que a fez soltar um gemido.

— Você terá de pedir, Francesca — lembrou John, apertando os seios dela. — Foi o que combinamos.

Allegra beijou-o outra vez e riu. Depois, encostou os lábios no ouvido dele, sussurrou o pedido, com voz quente e cheia de sensualidade:

— Eu o amo demais, John, e quero ser sua, somente sua... Por favor, me possua.

— Eu a amarei para sempre — ele prometeu.

No instante seguinte, eles perderam toda a noção de espaço ou tempo, confundindo os corpos numa ânsia de posse e entrega. O melhor de tudo era estarem unidos não só nos corpos, mas também no espírito. Ao ver a enorme alegria que havia no rosto de John, Allegra teve certeza de que não precisaria se preocupar mais com Melissa ou com qualquer outra mulher.

EPÍLOGO

Finalmente chegou uma carta de Gina, mandada por Odile, que agora vivia feliz na fazenda das amigas, perto de Aries. Na carta, Gina informava que Barretto havia morrido e sugeria que Allegra voltasse para Veneza. Assim, poderia assumir a guarda do filho e muito pouca gente a censuraria por ter abandonado o marido.

Allegra queria responder, mas achou melhor fazer isso por intermédio de Odile.

Diga a Gina que eu a amo e que serei eternamente grata. Não lhe escrevo diretamente para que ela não saiba onde estou. Diga também que nunca me esqueço dela nas minhas preces. No entanto, é melhor que outras pessoas não se lembrem de mim em Veneza. Aquela vida acabou para mim, é uma página passada. Você estava certa, Odile, porque John é tudo de bom que eu podia querer na vida. É uma vida nova, de uma nova mulher que se chama Francesca Appleby.

O filho de Allegra nasceu no final do verão, para alegria e orgulho de John. Allegrina crescia rapidamente, transformando-se numa menina ao mesmo tempo teimosa e alegre. Allegra sentia nas reações da filha a influência do sangue de Byron. Via o intenso fogo que havia naqueles grandes e belos olhos e ficava imaginando... Quando se tornasse adulta, em que Allegrina empregaria toda aquela energia? A amargura dominava os olhos de Allegra sempre que o rosto da filha refletia as expressões de Byron.

Em 1824, chegou uma notícia que a entristeceu: lorde Byron havia sido morto em combate, lutando ao lado dos gregos na guerra de independência contra os turcos. Allegra lembrava-se das vezes em que Byron falava no direito do ser humano à liberdade, sempre com muita emoção. Lembrava-se também de quando ele previra uma morte prematura, se não optasse por uma vida tranqüila. Finalmente, o poeta encontrara uma forma de se afirmar como homem.

Pobre Teresa... Nenhuma mulher conseguiria mesmo atender a todas as necessidades daquele homem. O jornal que trazia a notícia mostrava também uma ilustração com o rosto do poeta sobre o fundo de um céu tempestuoso. O belo rosto tinha um ar de determinação. Allegra recortou a ilustração e o texto e guardou-os na caixa de Byron.

Em seguida, ela se sentou e escreveu uma longa carta dirigida à filha Allegrina e a todas as meninas que certamente nasceriam anos mais tarde, carregando o sangue de Byron. Contou a história do amor que houvera entre uma condessa veneziana e um excêntrico, escandaloso e fascinante poeta inglês. Também a carta foi guardada na caixa, para ser lida no dia em que pudesse ser compreendida.

Em outra carta, menor que a primeira, Allegra deu instruções no sentido de que os segredos da caixa só poderiam ser conhecidos pelas mulheres da família. Nem mesmo John poderia ter acesso a eles.

Talvez um dia, quando não houvesse mais ressentimentos envolvendo a questão, aquela caixa pudesse ser levada de volta a Veneza

e os Di Rienzi ficassem sabendo da verdade.

Juntamente com a segunda carta envelopada, a caixa foi posta de volta no fundo da gaveta da escrivaninha. Diferentemente do que ocorria em Veneza, agora não havia o temor de que alguém vasculhasse a gaveta.

Allegra sorriu, lembrando-se dos momentos difíceis por que passara logo que chegara a Boston. Naquela época, John queria ter informações mais precisas sobre a vida dela na Itália.

— Não quero que me ache um intrometido, meu bem — ele havia pedido. — Apenas preciso saber se você ainda corre algum perigo. Em Marselha eu sei que isso acontecia. Aliás, segundo Odile me fez ver, o perigo era bem grande. Aquela doce mulherzinha ama você, Francesca... e eu também. Quando voltei de Leghorn com os Jarret, estava mesmo disposto a raptá-la se você não concordasse em me acompanhar de bom grado.

Os dois haviam rido muito daquela ameaça.

— Pois saiba, Francesca, que eu seria muito capaz de executar um ato de pura pirataria. Por isso, meu amor, conte-me apenas o necessário para acalmar meus nervos. Percebi muito bem o quanto a visita daquele italiano a deixou perturbada...

Com um pouco de jeito e muita imaginação, Allegra procurou contar uma história em que ele pudesse acreditar. Esforçou-se também para mentir o menos possível. Disse que havia fugido de casa por causa dos maus-tratos que recebia do marido italiano, o pai de Allegrina. O homem queria recuperar a filha de qualquer forma, e por isso ela corria perigo em Marselha. Temia também que ele quisesse alguma vingança além da volta da filha. A morte do marido abandonado ocorrera pouco antes de ela se casar com John... ainda sem saber que estava viúva.

Allegra não se arrependeu da história que contou, ainda mais porque não havia assim tanta invenção. John acreditou e se sentiu lisonjeado.

— Quer dizer que, mesmo sem saber ainda que o seu marido havia morrido, você concordou em se casar comigo. Oh, meu bem! Nem imagina o quanto isso me deixa contente!

Allegra não entendeu muito bem.

— Como assim?

— Será que não está percebendo, querida? Você já me amava... e não me deixou partir, não quis correr o risco de me perder. Mas conte o resto.

— Eu estava com medo porque um dos agentes do meu marido havia me encontrado nas docas de Marselha. Não queria perturbar você com os meus problemas e resolvi fugir para um convento que Odile conhecia. Pensava que você havia ido embora... perdido a paciência. Nem imagina o quanto foi terrível olhar para o porto e ver que o *Liberdade Risonha* não estava mais lá!

— E quando você soube que o seu marido havia morrido?

— Luciano me contou, quando estive aqui em Boston.

— Ah, isso explica uma porção de coisas. Gostaria de ter sabido antes. Agora, minha querida, só haverá confiança entre nós dois... além

de muito amor, é claro!

Ele não fez mais perguntas. Se sabia da existência da caixa de Byron, não tocou no assunto, e Allegra era grata por isso.

Agora, tantos anos já passados, Allegra fazia um balanço e contabilizava um saldo positivo. Allegrina havia encontrado um pai amoroso e John Jr. crescia saudável e feliz, no seio de uma família solidamente construída. Acima de tudo, ela se sentia amada por John e tinha certeza de que ele estava satisfeito com o amor que recebia.

Sobre a escrivanhinha, a imagem de Santa Clara parecia sorrir para ela.

— Amar e saber perdoar — murmurou Allegra. — Tirei muitos ensinamentos da minha vida, Santa Clara. Estou certa de que era exatamente isso o que a senhora queria. A graça que me concedeu não foi a companhia de pessoas ou de coisas... foi me ensinar a amar.

A noite já ia caindo sobre Boston. Ouvindo o barulho da porta da rua que se abria e o som de passos firmes na escada, Allegra girou o corpo na cadeira e ficou olhando para a porta do quarto, com um sorriso nos lábios. Estava ansiosa para rever aquele rosto querido, cujos olhos ternos sorriam...